ROCIO
PRODUÇÕES

CAROL PITZER

DEOCLÉCIO DAMASCENO DE FREITAS

um maestro negro na cidade imperial

LIVRO DIGITAL

do Rio ao Rj
#cultura presente
Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO

DEOCLÉCIO DAMASCENO DE FREITAS
UM MAESTRO NEGRO NA CIDADE IMPERIAL

DEOCLÉCIO DAMASCENO DE FREITAS
UM MAESTRO NEGRO NA CIDADE IMPERIAL

uma narrativa ficcional
baseada na história de
uma pessoal real

por Carol Pitzer

© Rocio Produções, 2026
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação ou transmitida, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem autorização prévia dos detentores dos direitos.
Este livro foi revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

CONSELHO EDITORIAL
Barbara Iung
Carol Pitzer
Pedro Henrique Jerônimo

PRODUÇÃO EDITORIAL
Barbara Iung

PESQUISA
Carol Pitzer
Lilian Regina Marcilio Nogueira

REVISÃO HISTORIOGRÁFICA
Lucas Ventura da Silva

PREPARAÇÃO E REVISÃO
Barbara Iung

MUSICOGRAFIA
Diogo Pereira

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Pedro Henrique Jerônimo

CAPA E ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Design: Pedro Henrique Jerônimo
Ilustração: Joaquim Eloy Duarte dos Santos
Fotografias: Acervo da Escola de Música Santa Cecília

FOTO DA AUTORA
Yoshinori Fugita

AUDIOBOOK
Narração: Igor Oggy, com participação especial de Carol Pitzer
Produção e revisão: Diego Bacellar
ISBN 978-65-02-12550-2

1ª edição — Petrópolis, 2026

Obra contemplada pelo Edital de Chamada Pública nº 02/2025 – Literatura do Rio ao RJ, da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro.

DEDICATÓRIA

Dedico este livro aos meus ancestrais historiadores que desde pequena me ensinaram a olhar para a história individual como reflexo imagético da macro-história do país, especialmente ao meu pai Renato Rocha Pitzer, primeiro historiador a investigar a história da população negra em Petrópolis. À minha mãe Marília Lopes de Campos, artista e educadora sensível que ajudou a moldar minha visão de mundo entre a realidade e a poesia. Às minhas avós Maria e Zuleide, meu tio Reinaldo e minha bisavó dona Clara, responsáveis pelas minhas melhores memórias de Petrópolis e por estimular minha imaginação desde sempre.

Ao meu companheiro de vida, criação e profissão Yoshinori Fugita por acreditar nos momentos em que a dúvida e a ansiedade imperavam na minha mente ariana. À Barbara Iung (minha editora), Pedro Henrique Jerônimo (nosso designer gráfico), equipe que acompanhou de perto as angústias e alegrias de produzir um livro como este. Este livro não existiria sem o apoio constante de vocês.

E, claro, à Lilian Regina Marcilio Nogueira, a tia Lili, na sua incansável missão de recontar a história de seu avô para todos que cruzaram seu caminho ao longo das últimas décadas. Agora temos um filme e um livro para que a memória de Deoclécio se perpetue por mais tempo e além das fronteiras de Petrópolis. Que muitos possam conhecer e estudar o legado produzido por Deoclécio Damasceno de Freitas.

P692

Pitzer, Carol.

Deoclécio Damasceno de Freitas: um maestro negro na cidade imperial / Carol Pitzer. Petrópolis: Rócio Produções, 2026.

1 e-book.: il..
ISBN 978-65-02-12550-2

1. Freitas, Deoclécio Damasceno de - Biografia. 2. Músicos negros-Petrópolis (RJ) - Biografia. 3. Regentes (Música) – Petrópolis (RJ) - Biografia. 4. Música - Partituras. I. Nogueira, Lilian Regina Marcílio. II. Silva, Lucas Ventura da. III. Título.

CDD 784.2092

Bibliotecário responsável pela elaboração da ficha catalográfica:
Mayara das Dores Alves - CRB-7233

SUMÁRIO

PEQUENO GRANDE MÚSICO	11
CARTA À MINHA MÃE 1	19
COM A JOVEM HERCÍLIA NO TREM PARA BARBACENA	21
O VELHO MAESTRO E A ESCOLA DE MÚSICA	33
CARTA À MINHA MÃE 2	39
CARTA À MINHA MÃE 3	40
CARTA À MINHA MÃE 4	41
QUAL O MELHOR DE NOSSOS JAZZ BANDS?	43
CARTA À MINHA MÃE 5	58
O ÚLTIMO ANIVERSÁRIO	61
HISTÓRICO DO LIVRO E DOSSIÊ DE PESQUISA	77
PARTITURAS	88
POSFÁCIO	196
LISTA DE IMAGENS	199

Esta é uma obra de ficção baseada na vida de uma pessoa real. Deoclécio Damasceno de Freitas foi um homem negro que viveu no estado do Rio de Janeiro entre 1888 e 1942. Apesar de seu relativo sucesso durante a vida, não foi preservada documentação suficiente para traçar sua trajetória completa de forma detalhada e aprofundada. Os documentos encontrados sobre sua vida são esparsos e, em sua maioria, provenientes de fontes públicas: notícias de jornal, documentos de cartório e fotografias preservadas em acervos como o do Museu Imperial e da Escola de Música Santa Cecília. As histórias de sua vida privada são fruto da tradição oral, passada de geração em geração, preservadas e compartilhadas na cidade de Petrópolis por Lilian Regina Marcílio Nogueira, neta do maestro, que se dedica a manter viva sua memória pública desde o início dos anos 2000. Dessa forma, optamos por escrever esta obra biográfica de maneira fragmentária, criando pequenos contos e crônicas a partir dos fatos conhecidos de sua vida. Todas as lacunas documentais foram preenchidas pela imaginação. Talvez essa fosse a solução que deixaria Deoclécio feliz.

PEQUENO GRANDE MÚSICO

I

1893, Sant'Anna de Sebollas, distrito do município de Paraíba do Sul, estado do Rio de Janeiro. Sant'anna de Sebollas é um distrito de Paraíba do Sul com forte movimento abolicionista. Já em meados do século XIX, ser proprietário de pessoas escravizadas é bastante mal visto em determinados círculos daquela região, e pega bem para os donos de terras e profissionais liberais a contratação de pessoas negras para todos os tipos de serviço. Ainda assim, não são muitos os homens negros que frequentam os eventos sociais promovidos pelos brancos e as crianças negras são ensinadas desde muito cedo a respeitar linhas imaginárias que os separam do mundo dos brancos. Na cozinha de um casarão colonial, mulheres negras de várias idades preparam uma refeição quando a cozinha é invadida por uma melodia animada de piano. O menino descalço sai de trás das pernas de sua mãe e corre até o limiar entre a cozinha e o corredor que dá na sala. Ele olha encantado, mas não ousa cruzar o portal invisível que separa a área reservada aos criados da dos donos da casa e seus convidados.

Uma das mulheres na cozinha é Zulmira, negra retinta cuja idade não sabemos distinguir ao certo. Por ter um bebê pendurado a tiracolo e os seios cheios de leite, presumimos que ainda esteja em idade fértil e não passe dos 40 anos. Ela coordena com agilidade as outras criadas na cozinha e observa o menino parado como hipnotizado, olhando em direção ao salão de festas. Os olhos do menino estão fixados nas mãos negras de seu pai, que toca o piano com destreza e habilidade. O menino então levanta uma das mãos e depois a outra e inicia, no ritmo tocado por seu pai na sala, um gesto de regência com as mãos. A mãe o observa, divertida, entre as panelas fumegantes. O menino é Deoclécio Damasceno de Freitas, o quarto filho do casal Zulmira de Jesus Damasceno de Freitas e João Damasceno de Freitas.

João é um homem de cerca de 60 anos, negro retinto, de corpo forte, embora não muito alto. É o único na cidade capaz de tocar o órgão da igreja de Sant'anna de Sebollas. Foi alfaiate no passado, mas com o avançar da idade já não enxerga tão bem e foi obrigado

a deixar o ofício, passando a dedicar-se apenas ao cuidado da terra e à música. João é muito católico e todos tendem a acreditar que aprendeu música na Igreja quando ainda vivia na Bahia, mas essa informação não pode ser confirmada, uma vez que seu passado é um assunto que o deixa instantaneamente calado e distante. Conheceu e casou-se com Zulmira depois de uma promessa feita a Nossa Senhora de Lourdes, tendo doado à igreja a quantia de 2 mil réis pela graça concedida.

Os dois vivem em uma pequena casa de dois cômodos com seus sete filhos. Luiza, a mais velha, tem 14 anos e trabalha como empregada doméstica, além de ajudar a mãe no cuidado das duas irmãs menores, Maria (2 anos) e Emília, que ainda não completou seu primeiro ano de vida. João (11 anos), José (8 anos), Francisca (7 anos) e Deoclécio (6 anos) já trabalham na terra junto aos pais, plantando feijão, mandioca, milho e banana. Desde muito pequenos, todos os filhos de seu João possuem um traje formal para ir à missa aos domingos. Dona Zulmira costuma repetir que essa é a primeira obrigação de um menino negro: estar limpo e bem vestido. João, apesar da pouca visão, produz um conjunto de roupas para dar de presente para cada filho no dia de seus aniversários: para as meninas, manda vir tecidos do Rio de Janeiro e faz saia, blusa e vestido; e os meninos, a partir dos 6 anos, recebem seu primeiro traje completo com calça, camisa, colete e blazer. Naquela noite de festa, porém, Zulmira e as crianças vestem roupas simples. Apenas João está trajado de maneira elegante e frequenta o salão social.

Uma panela cheia de caldo de legumes transborda, causando certo alvoroço entre as mulheres da cozinha. O menino aproveita a distração para correr em direção ao salão de festas. Desvia das pessoas com agilidade para chegar ao lado do piano. João, ao ver Deoclécio com um sorriso sapeca, olha em direção à cozinha e percebe que a fuga do menino passou despercebida. Para de tocar por um instante, apenas para levantar Deoclécio e sentá-lo no banco do piano, ao seu lado. Deoclécio permanece no salão de festas até o fim do sarau: pézinhos balançando, olhinhos negros brilhantes e batendo palminhas ao ritmo das músicas que seu pai toca. Mantém os olhos fixos nas mãos do pai, muito ágeis sobre as teclas do piano.

João o incentiva, colocando seu pequeno dedo sobre uma tecla branca e dando um sinal para o filho a cada vez que a nota entra na música. O menino se enche de alegria a cada toque e sua alegria transborda para o salão, encantando a dona da casa, que se oferece para lhe dar aulas de piano.

No dia seguinte, quando chega de mãos dadas com sua mãe à casa onde teria sua primeira aula de piano, Deoclécio traja seu primeiro blazer, herdado de seu irmão João, arrancando uma gostosa gargalhada de sua professora ao vê-lo tão pequenino e elegante. Ao ver a moça branca, Deoclécio se esconde atrás das pernas da mãe. Ela se abaixa para falar com ele, mas o menino está irredutível em sua vergonha. A mãe sugere que ela se sente ao piano e toque algo. Deoclécio observa a moça desaparecer do seu campo de visão e logo escuta a música vindo de dentro da casa. O menino então sai de trás das pernas da mãe e percorre o espaçoso salão com o olhar, buscando a origem da música. Encontra o piano e vê a moça tocando e sorrindo de forma convidativa para ele. Deoclécio olha para a mãe, pedindo autorização para entrar na casa. A mãe consente com um aceno de cabeça, e o pequeno corre até a moça e escala o banco para sentar-se ao seu lado. A moça convida Zulmira para entrar. Zulmira entra na sala e senta-se na pontinha de uma das cadeiras ao lado do piano. A moça faz perguntas simples a Deoclécio, tentando estabelecer algum tipo de relação.

– Qual é o seu nome? – Ele olha para a mãe antes de responder.

– Responde a dona, meu filho.

– Deoclécio – ele diz, muito baixinho, olhando para baixo.

– Quantos anos você tem? – Ele mostra seis dedos com as duas mãos.

– Seis? Nossa! Você já é um menino grande. Você gosta do piano? – Ele confirma com a cabeça, ainda sem olhar para a moça.

Ela toca uma nota no piano e pede para Deoclécio repetir. Ele se anima e toca essa e depois outra nota. Eles se comunicam pela música. Quando vão embora, uma hora depois, Deoclécio tem um sorriso de orelha a orelha. Daquele dia em diante, passa a frequentar o casarão para aprender a tocar o piano. Assim como

o pai, Deoclécio tem talento para a música. Aprende o piano com facilidade, apesar das mãos pequeninas e dos pés ainda alcançarem os pedais com dificuldade. Durante os anos seguintes, Deoclécio frequenta as aulas de piano com diligência e, aos 9 anos de idade, já é capaz de ler partituras perfeitamente e tocar peças de Chopin e Beethoven. Quando João Damasceno de Freitas morre subitamente, em uma madrugada de 1898, a senhora que dava aulas de música para Deoclécio, ao perceber as dificuldades que a família poderia enfrentar com a morte do patriarca, sugere que o menino dê continuidade à sua formação musical na cidade vizinha. Ela envia uma carta para o capitão Castro recomendando Deoclécio.

II

Petrópolis é uma cidade vizinha a Paraíba do Sul e, no início do século XX, ambas as localidades são ligadas pelo Caminho Novo da Estrada Real, que atravessa o interior de Minas Gerais em direção ao porto da Estrela em Magé, Rio de Janeiro, desde a época do Império. A cidade, que havia sido o destino de férias do imperador D. Pedro II e de seu séquito, temia perder sua relevância depois da proclamação da República, em 1889. Após servir como capital do estado do Rio de Janeiro, entre 1894 e 1903, continua sendo o destino de férias de todos os presidentes da República Federativa do Brasil.

Deoclécio fica aos cuidados da família Castro em Petrópolis, frequentando um colégio de prestígio durante o dia e aprendendo teoria musical durante a noite. Logo, passa a integrar a banda Leopoldo Miguez, uma das mais populares da cidade naquela primeira década do século XX. Ao perceber o bom estabelecimento de Deoclécio na Cidade Imperial, a família toda se muda para lá. Zulmira consegue emprego como doméstica em casa de família por indicação dos Castro. João e José, irmãos mais velhos de Deoclécio, decidem seguir carreira militar após passarem pelo Tiro Petropolitano, instituição militar criada na primeira década do século XX, que viria a se tornar o serviço militar obrigatório. Deoclécio, que também toca trompete na banda do Tiro Petropolitano, começa a receber convites para tocar em outras bandas da cidade, mas se sente incerto quanto a abandonar a segurança que uma carreira

militar poderia proporcionar para ganhar a vida como músico. Afasta-se definitivamente da carreira militar ao conhecer Paulo Carneiro, fundador da Escola de Música Santa Cecília. Maestro negro originário de Pernambuco, Paulo tornou-se mestre de Deoclécio, apontando caminhos, abrindo portas e reafirmando o talento do pupilo para que ele fosse capaz de aceitar a música como ofício. Aos 21 anos, Deoclécio já é reconhecido em Petrópolis como músico profissional. Na certidão do primeiro casamento, a palavra “músico” consta no campo referente à profissão.

Deoclécio e a banda do Cinema Rio Branco

Fonte: Museu Imperial/IBRAM/MinC

CARTA À MINHA MÃE 1

Petrópolis, 22 de junho de 1912

Mamãe,

parece que tudo na minha vida desandou desde que a senhora se foi. Hoje faz três anos da sua partida, e não posso visitar seu túmulo nem deixar uma flor, como fiz nos últimos anos, porque estou preso. Estou encarcerado desde dezembro. Meu julgamento foi hoje e admito que tinha uma pontinha de esperança de ser absolvido por ser o aniversário da sua morte. Esperava que a senhora intercedesse por mim. Mas Deus é justo e eu devo pagar pelos erros que cometi. Nesses seis meses em que estive preso, entendi que fui muito injusto com a minha esposa. Mas a senhora entende que um homem tem necessidades e Magdalena ainda estava amamentando nossa filha... Sim, mamãe, a senhora seria avó de uma linda menina chamada Nair. Ela é tão esperta... e precisava tanto da senhora para ensinar as coisas importantes da vida. Eu não fui capaz de ser um bom pai. Eu me perdi. Agora, rezo todas as noites para que eu possa retomar minha vida como músico quando sair daqui. Rezo para que a senhora esteja bem junto aos seus anjos da guarda. Rezo para que a minha menina cresça bem e saudável e para que eu possa voltar logo para o meu lar. Rezo muito. Isso ainda levo da senhora em mim: a fé.

Com amor, seu filho,

Deoclécio Damasceno de Freitas

COM A JOVEM HERCÍLIA NO TREM PARA BARBACENA

I

O céu está azul e sem nenhuma nuvem naquela tarde de setembro na cidade de Petrópolis. O ano é 1911. Deoclécio veste um terno elegante, carrega na mão esquerda o estojo de seu trompete e na mão direita uma flor. Tem 24 anos e vive de música. Naquele fim de tarde, volta do cinema Rio Branco após executar o acompanhamento musical em uma sessão de matinée. Sabe que, àquela hora, a jovem Hercília Maria da Conceição, de 18 anos, está sozinha em casa, pois sua mãe, dona Mathilde, trabalha como cozinheira em uma casa no centro da cidade e só retorna após escurecer. Deoclécio para em frente à casa de número 133 e Hercília está costurando na varanda. A moça, de pele negra clara e corpo violão, sorri e cumprimenta o rapaz, comentando que a luz externa é melhor para costurar àquela hora do dia. Ambos sabem que essa é apenas uma desculpa para que ela o veja passar, já que ele vinha fazendo visitas regulares à moça desde que se reencontraram em uma das sessões de cinema em que ele tocava.

No passado, a mãe de Deoclécio, dona Zulmira, às vezes cuidava da filha de sua amiga Mathilde. Ele, na época com seus 17 anos, era muito atencioso com a menina – sempre teve jeito com crianças e já começava a auxiliar Paulo Carneiro nas aulas da Escola de Música Santa Cecília. Alegrou-se quando a menina, transformada em mulher, veio falar com ele após a sessão de cinema e ofereceu-se para acompanhá-la à sua casa naquela tarde. Hercília aceitou a companhia e dona Mathilde alegrou-se em rever o filho de Zulmira, que não via desde o enterro da amiga, dois anos antes. Logo, porém, começou a se incomodar com as visitas constantes de Deoclécio à sua filha e proibiu que a jovem o encontrasse em sua ausência. Ele, porém, já conhecia a rotina da casa, sabia os horários em que dona Mathilde trabalhava e resolveu arriscar uma visita a sós com Hercília naquela tarde de setembro.

Ela o convida para entrar e ambos aproveitam a ausência de dona Mathilde para trocar beijos e abraços. Deoclécio entra na sala e deixa o estojo de seu trompete sobre a mesa de refeições. Hercília coloca a flor recebida de seu amado em um vasinho no centro da mesa. Eles se beijam com paixão. Uma hora mais tarde, após a partida de Deoclécio, Hercília corre para lavar-se e esfregar o sangue das roupas íntimas. Se

sua mãe descobrisse o que acabou de acontecer entre os dois, com certeza iria se zangar. Para dona Mathilde, a honra da filha é a coisa mais importante de sua vida e faria de tudo para preservá-la intacta até o casamento.

Daquela tarde em diante, o casal passa a ter relações íntimas com frequência. Deoclécio conhece os horários da mãe de Hercília e visita a moça sempre que a mãe não está. Hercília se vê cada vez mais apreensiva, com medo de que sua mãe descubra que perdeu sua honra e mande tomar providências contra seu amado. Começam, então, a juntar dinheiro para fugir juntos e, no dia 16 de novembro, pegam o trem em direção à cidade de Barbacena, em Minas Gerais, onde Deoclécio tem amigos músicos que podem ajudá-lo a recomeçar a vida.

Na noite do dia 18 de dezembro, alguém bate à porta do quartinho de pensão onde Hercília e Deoclécio estão vivendo como casados há mais de um mês. Faz calor e Deoclécio está apenas de camiseta e calça, recostado na cama, ensaiando uma música no seu trompete. Hercília abre a porta e dá de cara com um policial, que pergunta se naquele cômodo vivia um sujeito chamado Deoclécio. A música cessa quando ele deixa o trompete sobre a cama e se apresenta. Havia mais de um mês que ambos eram procurados, a mando do patrão de dona Mathilde. Hercília foi finalmente encontrada, e Deoclécio é levado preso, acusado de defloramento e sequestro de menor. Ambos são levados para a Delegacia de Niterói, então capital do estado do Rio de Janeiro, onde prestam depoimentos.

II

– Prometo dizer a verdade, somente a verdade e nada mais que a verdade.

– Nome completo?

– Edwiges Maria da Conceição.

– Edwiges? Não é Hercília?

– Em Petrópolis me conhecem pelo nome de Hercília, mas meu nome de batismo é Edwiges.

– Pois bem, dona Edwiges. Nascida em Petrópolis?

– Não, aqui em Niterói.
– Idade?
– Dezoito anos.
– Estado civil?
– Solteira.
– Profissão?
– Costureira.
– Endereço?
– Rua Casemiro de Abreu, número 133.
– Sabe ler e escrever?
– Sim, senhor.
– Vive sozinha?
– Vivo com a minha mãe, dona Mathilde, senhor.
– A senhora sua mãe trabalha?
– Sim, senhor. Ela é cozinheira em casas de famílias.
– Há quanto tempo a senhora conhece o acusado?
– Faz uns sete anos que a gente se conhece, senhor.
– E que tipo de relação existe entre vocês?

Hercília hesita. Olha para os lados em busca de um olhar amigo. Não encontra.

– Dona Edwiges? Não se esqueça do juramento.
– Ele é meu... namorado, senhor.
– A senhorita sabia que o acusado era casado?
– Sim, senhor.
– E ainda assim manteve um relacionamento com ele?

Hercília não responde.

– O acusado deflorou a senhorita, dona Edwiges?

Hercília olha para o chão, os olhos cheios de lágrimas.

– O acusado deflorou a senhorita, dona Edwiges?
– A gente se ama, tá bom?
– O acusado deflorou a senhorita?

Hercília confirma com a cabeça. Uma lágrima escorre grossa pela sua bochecha.

– Quando isso aconteceu?
– Em setembro.
– Sua mãe estava em casa?
– Não, senhor.
– Onde o ato aconteceu?
– Na sala.
– No sofá?

Ela faz que não com a cabeça, envergonhada.

– Onde, então?
– Em um canto da sala.
– De pé?

Ela confirma com a cabeça.

– A senhora sentiu dor?

Ela confirma novamente.

– A senhora sangrou?
– Minha roupa ficou manchada de sangue.
– O acusado fez alguma promessa à senhorita?
– Não, senhor. Cedi porque gosto dele. Amo.
– Vocês tiveram outras relações de intimidade depois dessa?
– Muitas.
– De quem foi a ideia de ir para Barbacena?
– Minha. Minha mãe já estava desconfiada, e eu sabia que ela não ia aceitar que eu me relacionasse com um homem casado. Aí decidimos fugir. Pegamos o trem para Barbacena no dia dezesseis de novembro e ficamos vivendo juntos lá, até a polícia nos encontrar.
– Se o advogado da acusação não tiver mais nenhuma pergunta, declaramos encerrado o depoimento da vítima, anexando pedido de exame de corpo de delito.

A jovem Edwiges/Hercília é submetida, então, a um exame de corpo de delito, no qual dois médicos examinam detalhadamente suas partes íntimas para concluir que ela não havia sofrido violência. Deoclécio é condenado a um ano e dois meses de prisão por “sedução e defloramento de menor”.

Ao sair da prisão no dia 24 de fevereiro de 1913, quem o espera do lado de fora é sua esposa, Maria Magdalena de Freitas. A pequena Nair, de apenas 3 anos, se esconde atrás das pernas da mãe, que insiste que ela vá dar um abraço no papai. Deoclécio chora ao ver a menina correr a passos firmes em sua direção. Quando foi preso, 14 meses antes, a menina ainda estava aprendendo a andar. Nove meses depois, nasce Edgar Damasceno de Freitas, segundo filho do casal.

Notícia da prisão de Deoclécio

esquina, sob esta loura luz que do céo cáe e que parece feita duma geada de topazios que se evaporassem.»

Nos vinte e sete capitulos deste volumo de trezentas paginas, são relembrados os tempos idos e descriptos os monumentos antigos, as ruinas logares esquecidos, costumes de outr'ora, festas e até os serões, tudo do Porto ou dos seus arredores, e com uma linguagem tão sentida e melancolica, que torna ás vezes o livro fatigante, para quem o lê de um jacto.

Entretanto, no estylo fluente e sonoro em que está escripto, e lido com vagar, bem se comprehende quanta razão tem o auctor em declarar que —"recordar esses mortos dias de ideal e de sonho, de poesia e d'amor, faz bem ao espirito." Parece que estamos vendo esses logares e apreciando esses singelos costumes dos nossos avoengos, tão bem contados como foram por Camillo e Julio Dinis; nós mesmo, que nunca fomos ao Porto, que deliciosa saudade sentimos ao ler tão bellas paginas!

Do auctor, João Grave, nada ha que dizer; é nome feito e já tão conhecido na hodierna literatura portugueza, que dispensa quaesquer elogios.

Tem publicado varios e apreciadissimos trabalhos, recebidos todos com enthusiasmo, até mesmo pela critica a mais exigente, e muito lidos aqui no Brasil. Entre elles sobresahe o "Ultimo fanco", de que dizem maravilhas, e que infelizmente não conhecemos ainda.

Finalmente, é com prazer que declaramos ter "O passado" nos deixado, com a sua leitura a maior impressão de suaves e gratos momentos.

A.

Tosse? • BROMIL

O sr. Joaquim Dias requereu licença á Camara para construir um grupo de 60 casas para operarios no bairro da Tapera.

A Camara approvou, ante-hontem, a emenda do sr. Lindolpho Camara que determina não sejam admittidos a despacho, nas alfandegas, os cognacs, armagnacs, whiskys, rhums, genebras e outras bebidas alcoolicas que contiverem mais de cinco grammas de impurezas toxicas (etheres da serie graxa, furfurol, alcools superiores, etc.), de que trata o art. 11 da lei n. 559, de 31 de dezembro de 1898, por 1.000 grammas de alcool a 100 gráos, ou duas grammas e 50 centigrammas por 1.000 grammas de alcool a 50 gráos.

TELEGRAMMAS

Prisão

BELLO HORIZONTE, 19

A' requisição da policia do Rio foi preso em Barbacena o individuo Deocleclo Damasceno Freitas, casado, rapter de Edviges, da casa do dr. João Barcellos, em Petropolis. Seguiu para ali o agente Telles, afim de conduzir Edviges para o Rio.

Partida

BELLO HORIZONTE, 19

Seguiu para ahi o sr. dr. Oscar Vidal.

Direcção do "Diario de Minas"

BELLO HORIZONTE, 18. (Retardado).—O sr. dr. Augusto de Lima reassumirá a redacção effectiva do "Diario de Minas."

Reunião de professores

BELLO HORIZONTE, 18. (Retardado) —Não se effectuou a annunciada reunião de professores convocada pelo sr. Honorio Guimarães, no Hotel do Globo, e na qual seriam tratados assumptos referentes ao Congresso de Professores, a reunir-se brevemente

Tostes Malta e José Tavares Paes; plenamente, 9: Odette Pitta, Elsa Mattos, Zaira Magalhães, Marietta Campos, Clotilde Dutra, Maria Joaquina Seixas, Nosmo Weiss e Clovis Campos; plenamente, 8: Maria Esteves dos Reis, Maria Clara da Gama, Sady Brandão, Adelino Pontes, José Laborão e Danton Tavares Paes; Plenamente 9: Maria Correia Pinto, Orlando Paiva e Juventino Morins; plenamente, 6: Mario Barreiros, Antonio Fernandes e Osvaldo Ladeira; plenamente, 5: Luiz Rocha; plenamente, 2: Jayme Bulcão.

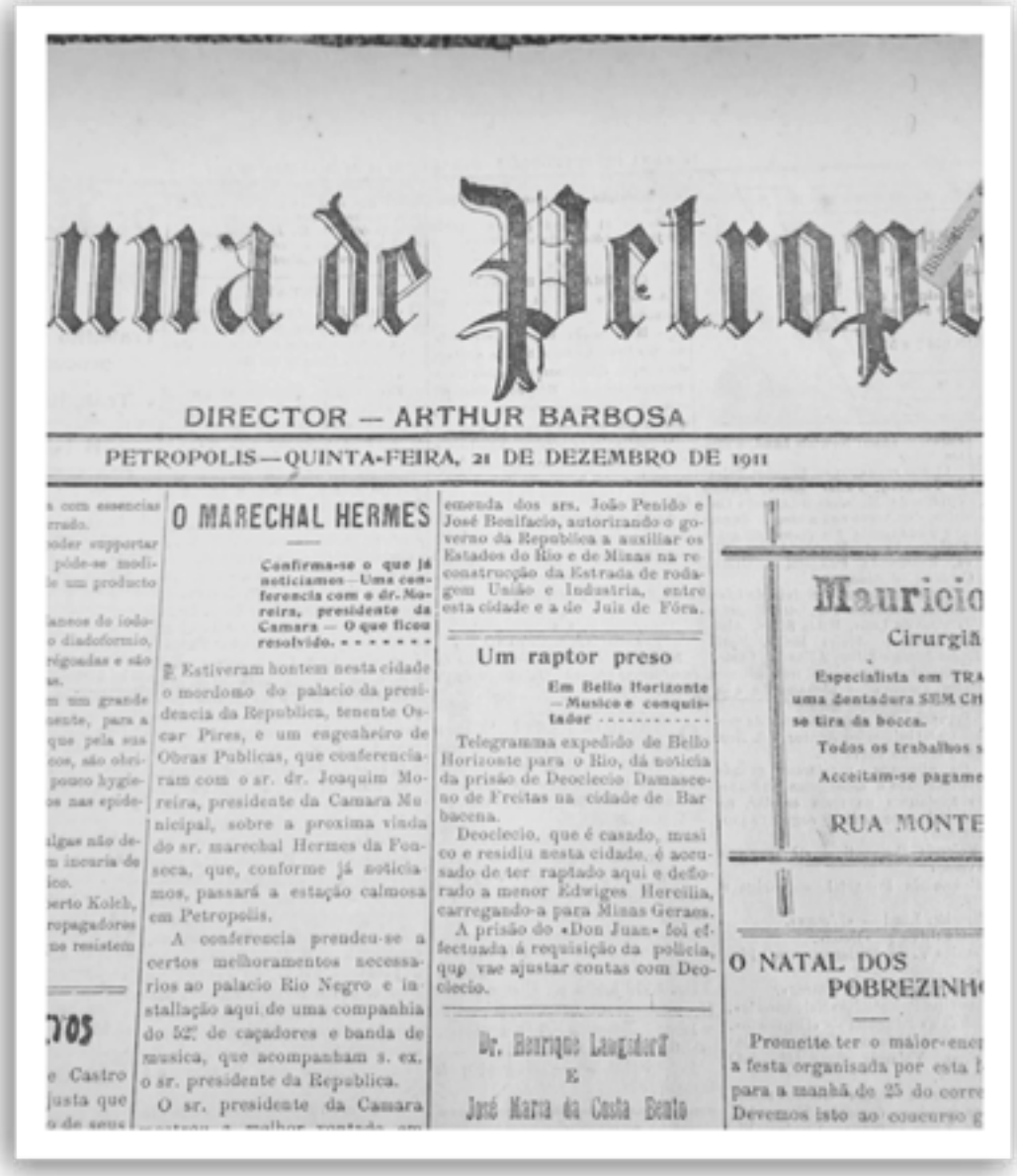
Geographia. — Approvados com distincção: Moema de Carvalho, Maria da Conceição Almeida, José Tavares Paes e Olgerio Tostes Malta; plenamente, 9: Maria Esteves dos Reis, Marietta Campos, Ambrosina Dutra, Odette Pitta, Noemi Weiss, Elsa Mattos, Margarida Bastos, Maria Clara da Gama, Clotilde Dutra, Antonio T. Ferreira e Clovis Campos; plenamente, 8: Antonia Braga, Maria J. Seixas, Maria Correia Pinto e Zaira Magalhães; plenamente, 6: Francisco Brandão e, Osvaldo Ladeira; simplesmente, 5: Mario Barreiros; simplesmente 4: Orlando Paiva, Juventino Marins, Sady Brandão, Jayme Bulcão e Luiz Brandão.

Arithmetica—Approvados: plenamente, 9: Clovis Campos e Antonio T. Ferreira; plenamente, 8: Maria da Conceição Almeida, Maria Esteves dos Reis, Moema Carvalho, Ambrosina Dutra, Antonia Braga e Marietta Campos; plenamente, 7: Zaira Magalhães, Clotilde Dutra, Odette Pitta, Margarida Bastos, Olgerio Tostes Malta, José Tavares Paes e Sady Brandão; simplesmente, 5: Maria Clara da Gama e Elsa Mattos; simplesmente, 3: Osvaldo Ladeira; simplesmente, 2: Orlando Paiva; simplesmente, 1: Jayme Bulcão.

Desenho—Approvados: com distincção, Ambrosina Dutra e Clotilde Dutra; plenamente, 9: Maria da Conceição Almeida, Moema de Carvalho, Maria Clara da Gama, Maria Esteves dos Reis, Marietta Campos;

Fonte: O Pharol, 20 de dezembro de 1911. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Notícia da prisão de Deoclécio



uma de Petropo

DIRECTOR — ARTHUR BARBOSA

PETROPOLIS — QUINTA-FEIRA, 21 DE DEZEMBRO DE 1911

O MARECHAL HERMES

Confirma-se o que já noticiamos — Uma conferencia com o dr. Moreira, presidente da Camara — O que ficou resolvido.

Estiveram hontem nesta cidade o mordomo do palacio da presidencia da Republica, tenente Oscar Pires, e um engenheiro de Obras Publicas, que conferenciaram com o sr. dr. Joaquim Moreira, presidente da Camara Municipal, sobre a proxima vinda do sr. marechal Hermes da Fonseca, que, conforme já noticiamos, passará a estação calmosa em Petropolis.

A conferencia prendeu-se a certos melhoramentos necessarios ao palacio Rio Negro e installação aqui de uma companhia do 52º de caçadores e banda de musica, que acompanham s. ex. o sr. presidente da Republica.

O sr. presidente da Camara

emenda dos srs. João Penido e José Bonifacio, autorizando o governo da Republica a auxiliar os Estados do Rio e de Minas na reconstrucção da Estrada de rodagem União e Industria, entre esta cidade e a de Juiz de Fóra.

Um raptor preso

Em Bello Horizonte — Musico e conquistador

Telegramma expedido de Bello Horizonte para o Rio, dá noticia da prisão de Deocleciio Damasceno de Freitas na cidade de Barbacena.

Deocleciio, que é casado, musico e residiu nesta cidade, é accusado de ter raptado aqui e deflorado a menor Edwiges Hercilia, carregando-a para Minas Geraes.

A prisão do «Don Juan» foi effectuada á requisição da policia, que vae ajustar contas com Deocleciio.

Dr. Henrique Laugaard
E
José Maria da Costa Bento

Mauricio
Cirurgiã
Especialista em TRA
uma dentadura SEM CH
se tira da bocca.
Todos os trabalhos
Acceitam-se pagame
RUA MONTE

O NATAL DOS POBREZINH

Promette ter o maior enc
a festa organisada por esta
para a manhã de 25 do corr
Devemos isto ao concurso

Fonte: Tribuna de Petrópolis, 21 de dezembro de 1911. Arquivo histórico de Petrópolis.

Notícia do julgamento de Deoclécio

DIRECTOR — ARTHUR BARBOSA

PETROPOLIS — SEXTA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 1912

ANNO XI

O DESPERTAR DA NATUREZA

ECHOS E FACTOS

Tribunal do Jury

Reuniu-se hontem novamente o Tribunal do Jury, tendo sido julgado o processo em que é réo Deoclecio Damasceno de Freitas.

O conselho ficou composto dos srs. Matheus Homem de Menezes Filho, Francisco Martins Falleiro, Adolpho Gomes Guilherme Frederico Spangenberg, João Baptista Martins, Henrique Monken Sobrinho, Mario Corrêa da Silva, Vicente Brandão, José de Carvalho Villa Real, José Vieira Christo, Narciso José de Castro e Manoel Faria Maia.

A accusação foi feita pelo dr Ramos Valladão e a defesa pelo dr. Mario de Paula Fonseca.

O réo foi condemnado a um anno e dois mezes de prisão.

O defensor appellou para novo jury.

—

Hoje será julgado Affonso de

Mauricio Bicalho

Cirurgião-dentista

Especialista em TRABALHO DE PONTE, que é uma dentadura SEM CHAPA, muito forte e que não se tira da bocca.

Todos os trabalhos são garantidos.

Acceitam-se pagamentos em prestações.

RUA MONTECASEROS N. 150

Conflicto em Pedro do Rio

Dr. Gonçalves da Cunha

CIRURGIÃO-DENTISTA

AV. 15 DE NOVEMBRO, 50

Telephone 19

Fonte: Tribuna de Petrópolis, 21 de junho de 1912. Arquivo histórico de Petrópolis.

Notícia da soltura de Deoclécio

PETROPOLIS

O sr. presidente da República passou hontem, durante o dia, de *chauvette*, e a tarde de carro.

S. ex. desce hoje, afim de dar recepção solemne em homenagem á data da promulgação da Constituição Federal.

* * *

Os correligionarios e amigos do dr. Horacio de Magalhães Gomes pretendem offerecer-lhe, ainda esta semana, um banquete em signal de regosijo pela sua recente nomeação para secretario geral do Estado.

* * *

Hontem realisou-se na residencia do dr. Horacio Guimarães, na Cascatinha, uma *matinée* e que compareceram numerosas familias relacionadas com aquelle cavalheiro.

A bella reunião terminou somente á tarde, tendo deixado excellente impressão a todas as pessoas que nella tomaram parte.

* * *

Realiza-se hoje á noite, no Centro Catholico, a segunda conferencia do eloquente padre Delber, que se occupará do «Problema do bem.»

* * *

Estivemos hontem em visita ao Matadouro Municipal, e tivemos occasião de observar o estado de abandono em que se acha o mesmo. Urgentes reformas se fazem necessarias, para que o Matadouro possa preencher o fim para que é destinado.

Com vistas ao presidente da Camara.

* * *

Decididamente, a Companhia Brasileira de Energia Electrica deve tomar rigorosas medidas contra os conductores dos bondes, principalmente da linha da Cascatinha, os quaes, pela imprudencia que lhes é propria põem em constante risco a vida dos passageiros, dando o signal de movimento do carro quando bem entendem.

Esta reclamação foi por não ouvida de um passageiro, homem doente, e que por isso mesmo não póde descer do bonde estando este em movimento, mas que hontem foi a isso forçado, com risco de cair e ferir-se, somente porque o conductor não o attendeu.

* * *

Subio para esta cidade, onde passará o verão, o senador Nilo Peçanha, que foi residir á rua Chile.

* * *

Foi expedido alvará de soltura a favor de Deoclecio Damasceno de Freitas, por ter cumprido a pena de 14 mezes de prisão, a que foi condemnado pelo Tribunal de Jury desta comarca.

(*Do correspondente especial*)

Fonte: O Século, 24 de fevereiro de 1913.

O VELHO MAESTRO E A ESCOLA DE MÚSICA

Há uma pequena aglomeração em frente ao Sanatório São José quando Deoclécio chega na madrugada do dia dez de setembro de 1923. O músico sai de uma apresentação com a banda do Clube Euterpe e segue direto para o sanatório ao ouvir que o estado de saúde do maestro Paulo Carneiro havia piorado. Paulo Carneiro chegou a Petrópolis como professor de música das filhas de um barão que, como todo o decadente séquito do ex-imperador D. Pedro II, veraneava na cidade serrana. Lá, decidiu fundar uma escola de música para jovens talentosos de baixa renda, que era subvencionada pelo poder público e por empresários da cidade. Em 1923, Deoclécio já havia passado de pupilo a colaborador da Escola de Música Santa Cecília, dando aulas de teoria musical e solfejo. Era o braço direito de Paulo Carneiro e o que recebia pelas aulas que ministrava no Grande Hotel Bragança, onde estava sediada a escola de música, garantia o sustento para a família de Deoclécio, que, à época, já tinha seis filhos e a esposa para cuidar.

Em frente ao sanatório, Deoclécio encontra dois amigos de longa data que também possuem forte relação com Paulo Carneiro e a Escola de Música Santa Cecília: Eugênio Libonatti e Reynaldo Chaves. Libonatti tem 21 anos e é diretor do jornal quinzenal “O beija-flor” e do Centro da Boa Imprensa. Alguns meses antes, havia convidado Deoclécio para musicar um poema seu chamado “As segadeiras e as respigadeiras”, que foi apresentado em festa promovida pela Associação Petropolitana de Sciencias e Letras (futura Acadêmia de Letras de Petrópolis). É por causa dessa ocasião que o nome de Deoclécio aparece, pela primeira vez, nos jornais locais associado à sua carreira como músico. Reynaldo, assim como Libonatti, é mais jovem que Deoclécio e a amizade entre ambos data de 1909, época em que participaram da banda do Tiro Petropolitano. Reynaldo tornou-se um parceiro artístico frequente de Deoclécio ao longo da vida, ora escrevendo letras para as músicas do amigo, ora convidando-o para musicar suas peças.

Na porta do sanatório, os três amigos esperam pela autorização para dar um último adeus ao mestre de tantos anos. Uma enfermeira vem ao seu encontro e pede para que a acompanhem. Eles cruzam os corredores vazios em silêncio e chegam ao quarto onde Paulo Carneiro está internado. A enfermeira abre a porta do quarto e pede para que sejam breves em sua despedida. Reynaldo Chaves entra na frente,

seguido por Libonatti e Deoclécio. Os três amigos se posicionam na penumbra ao redor da maca onde repousa o moribundo. Paulo Carneiro, ao sentir suas presenças, entreabre os olhos e encara os três amigos, um por um: de Reynaldo a Eugênio, de Eugênio a Deoclécio. Respira com dificuldade. Deoclécio busca pela mão do mestre estendida na cama. Paulo Carneiro responde a seu gesto dizendo com um fiapo de voz: “Não deixem minha escola morrer.”

No dia seguinte, durante os preparativos para o enterro, Reynaldo se reúne com Sanctino Carneiro, filho de Paulo, e conta o que seu pai lhes pediu na noite anterior. Sanctino abre mão dos bens do pai – que eram basicamente instrumentos musicais – em prol da Escola de Música. Deoclécio tem dificuldades para expressar em palavras o que sente. Nair e Edgar, filhos mais velhos de Deoclécio, acordam com a canção que o pai toca pela manhã ao piano. Nair tem 13 anos e Edgar, 10. Ao entrar na sala, naquela manhã cinzenta de setembro, encontram o pai chorando ao piano.

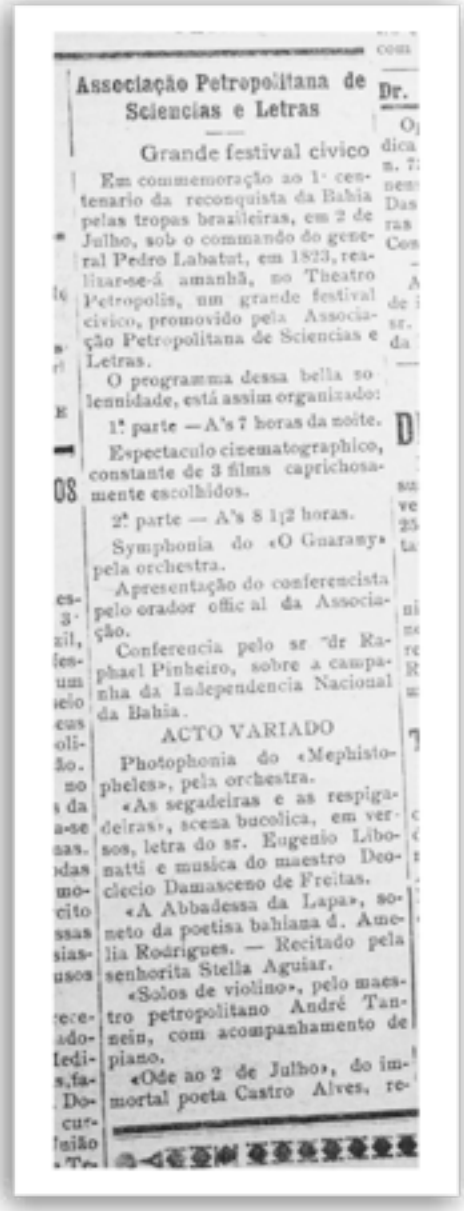
O enterro do maestro Paulo Carneiro é um acontecimento na cidade, com uma multidão acompanhando o caixão até o cemitério municipal e a presença de importantes nomes do meio artístico e político de Petrópolis. Todos os que discursam no enterro do maestro sublinham sua generosidade e ressaltam a importância da escola fundada por ele há 30 anos. Nenhum deles menciona a cor da pele de Paulo Carneiro. Afinal, há democracia racial em Petrópolis! A presença de um mestre como Paulo Carneiro na cidade demonstra que os petropolitanos acolhem seus “irmãos de cor” e permitem que eles ocupem espaços relevantes na sociedade. Dessa forma, parece evidente que Deoclécio deveria ocupar um papel de relevância na refundação da Escola de Música Santa Cecília como sociedade civil.

A primeira reunião para definir o futuro da escola de música foi marcada para o dia 23 de setembro. Deoclécio senta-se ao piano encostado em uma das laterais da sala da Associação Petropolitana de Sciencias e Letras. Estão presentes muitos alunos e colaboradores de Paulo Carneiro, em sua maioria homens brancos entre 20 e 30 anos. Distraído, Deoclécio dedilha algumas notas ao piano. Reynaldo Chaves coloca-se à frente de todos na sala e propõe que a escola

seja refundada como Sociedade Civil. Deoclécio coloca a partitura de Berceuse no apoio do piano. São nomeados presidente, vice-presidente, secretários, tesoureiros, diretor técnico e vice-diretor da Escola de Música. Alheio aos debates políticos que acontecem na sala, Deoclécio toca a canção que compôs em homenagem ao maestro Paulo Carneiro. Junto de Reynaldo, do presidente e do 1º secretário eleitos, Deoclécio é convocado para integrar a comissão responsável pela escrita do estatuto da Escola de Música Santa Cecília como sociedade civil.

Três anos se passaram entre a formação da comissão e a aprovação do estatuto, registrado em novembro de 1928. A escola de música segue em funcionamento ocupando diferentes espaços da cidade, uma vez que o Grande Hotel Bragança fechou pouco tempo depois da morte de Paulo Carneiro. No primeiro estatuto da Escola de Música Santa Cecília, o nome de Deoclécio consta como subdiretor ao lado de Maria da Glória Carvalho, a única mulher incluída no grupo responsável pela reabertura da escola. Deoclécio trabalhou na Escola de Música Santa Cecília até a sua morte, sem jamais ocupar um cargo no conselho ou na presidência da instituição.

Notícias de “As segadeiras e as respigadeiras” no evento da Sociedade Petropolitana de Ciências e Letras



Associação Petropolitana de Sciencias e Letras

Grande festival civico

Em commemoração ao 1º centenario da reconquista da Bahia pelas tropas brasileiras, em 2 de Julho, sob o commando do general Pedro Labatut, em 1823, realisar-se-á amanhã, no Theatro Petropolis, um grande festival civico, promovido pela Associação Petropolitana de Sciencias e Letras.

O programma dessa bella solennidade, está assim organizado:

1ª parte — A's 7 horas da noite.

Espectaculo cinematographico, constante de 3 films caprichosamente escolhidos.

2ª parte — A's 8 1|2 horas.

Symphonia do «O Guarany» pela orchestra.

Apresentação do conferencista pelo orador official da Associação.

Conferencia pelo sr. dr Raphael Pinheiro, sobre a campanha da Independencia Nacional da Bahia.

ACTO VARIADO

Photophonia do «Mephistopheles», pela orchestra.

«As segadeiras e as respigadeiras», scena bucolica, em versos, letra do sr. Eugenio Libonatti e musica do maestro Deocleciо Damasceno de Freitas.

«A Abbadessa da Lapa», soneto da poetisa bahiana d. Amelia Rodrigues. — Recitado pela senhorita Stella Aguiar.

«Solos de violino», pelo maestro petropolitano André Tannein, com acompanhamento de piano.

«Ode ao 2 de Julho», do immortal poeta Castro Alves, re-

Fonte: Tribuna de Petrópolis, 07 de março de 1923. Arquivo histórico de Petrópolis.

Notícia da reunião para reestruturação da E.M. Santa Cecília

ESCOLA SANTA CECILIA

Com a presença de muitos alumnos e alguns amigos do finado maestro Paulo Carneiro, realisou se domingo a reunião convocada para tratar da continuação da obra daquelle saudoso educador.

Aberta a sessão sob a presidencia do sr. Oscar Monteiro, o sr. Reynaldo Chaves expoz os fins da reunião, prestando contas de sua gestão como depositario dos bens do maestro Paulo Carneiro e que seu digno filho sr. Santino Alves Carneiro entrega para o patrimonio da Escola como foi desejo de seu finado pae. Communicou tambem que o sr. Manoel Gomes de Carvalho, offerecia gratuitamente a Escola, os salões da mesma, emquanto fosse o arrendatario da casa, conferindo-lhe a Assembléa o titulo de bemfeitor.

A Directoria da Escola ficou constituida dos senhores Oscar Monteiro, presidente; André Tannein, vice-presidente; Joaquim Gomes dos Santos, 1º secretario; José de Castro Wendling, 2º secretario; Reynaldo A. S. Chaves, 1º thesoureiro; Oswaldo Eckhardt, 2º thesoureiro; Salvador Pastore, procurador; Arnaldo Eckhardt, director technico e Walter Eckhardt, vice-director.

Foi nomeada uma commissão para organisar os Estatutos da Escola que ficou composta dos srs. José de Castro Wendling, Reynaldo Chaves, Deocleciо Damasceno de Freitas e Joaquim Gomes dos Santos.

A 1ª reunião da Directoria está marcada para amanhã, quarta-feira, ás 5 horas, no salão da Escola. Antes de iniciar os trabalhos, por proposta do sr. dr. J. R. d'Escragnolle, os assistentes se puseram de pé, e durante 3 minutos elevaram seu pensamento a mansão dos justos, onde certamente se acha o maestro Paulo Carneiro, como que lhe pedindo luzes para o que iam deliberar.

Fonte: Tribuna de Petrópolis, 25 de setembro de 1923. Arquivo histórico de Petrópolis.

Primeira página do estatuto da E. M. Santa Cecília

ESCOLA DE MUSICA SANTA CECILIA

Fundada em 1893, pelo Maestro Paulo Carneiro

Reorganizada como Sociedade Civil, em 23 de Setembro de 1923.

Direcção de Paulo Carneiro, desde a sua fundação até 10 de Setembro de 1923 (data de seu fallecimento)

Administração que realizou a compra de um edificio para a sua séde:

Presidente : Oscar Monteiro
Vice-Presidente : Luiz Francisco Pereira (em exercicio, desde 5 de Maio de 1928.
1° Secretario : Joaquim Gomes dos Santos
2° dito : José dos Santos Salgueiro
1° Thesoureiro : Reynaldo Antonio da Silva Chaves
2° dito : José de Castro Wendling
Procurador : Deoclecio Damasceno de Freitas
Conselho : Manoel Alves de Seabra, Prof. Eugenio Libonatti, Alfredo Alexandre Wendling, Henrique Reynaud Junior.
Director Technico : Maestro Henrique Harre
Sub-Directores : Professores Deoclecio Damasceno de Freitas e Maria da Gloria Carvalho.
Fiscal : Walter Eckhardt

ESTATUTOS

Approvados em Assembléa Geral extraordinaria, realizada em 18 de Novembro de 1928 e registrados no Cartorio do Registro Especial de Titulos e Documentos, em 4 de Dezembro de 1928, sob o numero de ordem 2632.

Fonte: Acervo Escola de Música Santa Cecília.

CARTA À MINHA MÃE 2

Petrópolis, 22 de junho de 1926

Mamãe,
me sinto perdido novamente. No último ano, minha amada esposa partiu em seu encontro e eu fiquei sozinho com as crianças. Me dói ver que Nair e Edgar se sintam responsáveis pelos irmãos e pela casa quando ainda são apenas crianças. Agora entendo como a senhora deve ter se sentido quando papai partiu e precisou ficar sozinha, cuidando de nós. Entendo por que me mandou pra Petrópolis logo que pôde e só veio depois. Garantir a sobrevivência e o bem-estar de cada filho é o que mais importa. Edgar tem ouvido musical, puxou a mim e ao papai. Logo que tenha idade suficiente, farei sua matrícula na Escola de Música Santa Cecília para receber estudo formal. Mas em casa, sempre que posso, sento-me ao piano ao lado dele e lhe ensino a tocar algo, a ler um trechinho de uma partitura. Assim, quando chegar na escola, já terá algum conhecimento e não passará de bobo diante das crianças de pele mais clara. Sentar-me para escrever pra senhora sempre me traz paz de espírito, como se eu pudesse sentir sua presença ao meu lado e ter a certeza de que tudo acabará se encaminhando. Que Deus te abençoe no paraíso, mamãe.

Com amor, seu filho,
Deoclécio Damasceno de Freitas

Petrópolis, 22 de junho de 1930

Mamãe,
minha vida finalmente está entrando nos trilhos. Este mês nasceu a pequena Ila, a primeira filha do meu casamento com Maria José. Estou tão feliz! Ela é linda, saudável, sorridente e trouxe muita alegria à casa. Edgar está quase formado na Escola de Música Santa Cecília e enche meu coração de orgulho. Recentemente, uma banda italiana esteve em Petrópolis para sonorizar um filme no Festival de Cinema, e o maestro me perguntou se eu conhecia alguém para substituir o baterista que havia ficado doente. Levei o Edgar para conhecê-lo. O maestro não estava convencido, mas, depois do primeiro ensaio, ficou tão fascinado com o talento do garoto que ele seguiu tocando mesmo quando o baterista italiano se recuperou. O maestro chegou a propor levar Edgar com ele para a Itália, mas o menino ainda não completou 21 anos. Quando for maior de idade, pode ir pro estrangeiro. Por ora, fica aqui, estudando e trabalhando sob a minha tutela. A senhora e papai ficariam muito orgulhosos dele. Eu fui convidado para participar de uma banda de jazz. Depois que uns músicos americanos vieram tocar aqui em Petrópolis, só se fala de jazz nessa cidade. O ritmo é muito animado e as pessoas dançam muito nos bailes. Se a banda der certo, entra mais dinheiro com os bailes. Que os anjos sigam nos abençoando.

Com todo amor do seu filho, que não te esquece,
Deoclécio Damasceno de Freitas

Petrópolis, 22 de junho de 1933

Mamãe,
o último ano foi realmente abençoado, e estou certo de que a senhora acompanhou tudo de perto. Todas as vezes em que estive à frente do coro da Liga Católica Jesus Maria José, eu os regi com a senhora no coração. E temos sido convidados para muitos eventos importantes na cidade! No ano passado, foi erguida uma nova cruz no local onde foi celebrada a primeira missa de Petrópolis, em 1846, no jardim do Palácio de Cristal. O coro da Liga foi convidado para cantar na missa campal de inauguração da cruz. Também estivemos na festa do padroeiro da cidade, na Catedral, onde regi o coro da J.M.J. acompanhado pela orquestra da Escola de Música Santa Cecília. Senti como se estivesse cumprindo uma missão divina ao receber a oportunidade de reger dentro da Catedral. Muito emocionante. Também tive a honra de receber bênçãos diretas do Bispo D. José Pereira Alves em duas ocasiões: no ano passado, quando ele esteve em Petrópolis por razão das festas jubilares episcopais, e este ano, quando estive em Niterói com o coro da Schola Cantorum, em visita que prestamos aos templos daquela cidade. Continuo sentindo essas bênçãos reverberando em mim. Obrigado, mamãe, por me iniciar na fé católica, que segue me proporcionando alegrias inomináveis, mesmo tantos anos após sua partida.

Com amor eterno, seu filho
Deoclécio Damasceno de Freitas

QUAL O MELHOR DE NOSSOS JAZZ BANDS?

I

Dezembro de 1933. Fim de expediente. Armando e Alberto estão sentados na redação do semanário Pequena Ilustração após enviarem a penúltima edição do ano para a gráfica. Armando é um homem branco, elegante, com cerca de quarenta anos, ar cansado. É editor e diretor da revista desde sua fundação, em setembro de 1931. O jornal tem uma edição semanal de oito páginas e tem se mantido com dificuldade, o que tem tirado as noites de sono de Armando.

– A gente precisa de novas estratégias para trazer mais anunciantes pro jornal. Sem mais dinheiro entrando, vou ter que fechar tudo no ano que vem. Com o que temos em caixa, a gente só se sustenta até o meio do ano.

– Companheiro, a crise econômica pegou todo mundo. Os comerciantes acham que investir em propaganda é jogar dinheiro fora.

– Besteira! No ano passado, no Japão, os comerciantes investiram mais do que nunca em anúncios de jornal. Por causa disso, os jornais japoneses conseguiram diminuir o preço e aumentar a tiragem, fazendo com que os anúncios alcançassem ainda mais gente.

– O Brasil não é o Japão!

Alberto caminha até a porta, com a intenção de se despedir do chefe.

– O senhor vai passar o ano novo no Club Petrópolis?

– Muito provavelmente.

– Sabe quem vai tocar?

– O Jazz Rio-Petrópolis.

– Não é o Kolling?

– Não. Eu soube, por fonte segura, que será o Jazz Rio-Petrópolis.

– Eles são excelentes, mas achei que o Kolling fosse mais requisitado para eventos desse porte.

– Que nada! A banda do Deoclécio não para. Quando eles tocam, é impossível sair da pista de dança. A agenda deles está lotada. O Club Petrópolis teve que aumentar o cachê deles para mantê-los na programação. Parece que o Petropolitano queria pagar mais, e eles tiveram que dobrar a aposta.

Alberto, que já estava quase do lado de fora da sala, volta, fecha a porta e encara o chefe.

– Acho que tive uma ideia, Armando.
– Pra quê?
– Pra aumentar as vendas do jornal.
– Fala logo, criatura.
– A gente podia anunciar um concurso entre as Jazz Bands da cidade. Cada jornal viria com um cupom, e os leitores que quiserem votar precisariam comprar mais exemplares para acumular votos.
– Vou pensar sobre o assunto.

Nota sobre o concurso de melhor Jazz Band

SOCIEDADES

A entrée da "Ala Direita"

O PYRAMIDAL BAILE DE HOJE NO BRASIL A. C.

QUAL O MELHOR DE NOSSOS JAZZ?

A homenagem do Rosario a seus campeões

"Um sonho que viveu"

Fonte: Pequena Ilustração, 31 de dezembro de 1933. Museu Imperial/IBRAM/MinC.

II

18 de fevereiro de 1934, oito e meia da noite, salão do Club Petrópolis. O time acabou de vencer uma partida disputada, e os sócios do clube comemoram na tradicional domingueira, animada pelo som da banda Jazz Rio-Petrópolis, comandada pelo maestro Deoclécio Damasceno de Freitas. A banda se formou em 1930 e começa a dominar as noites petropolitanas em 1933, quando Deoclécio assume a regência. A partir de junho daquele ano, a banda pode ser vista todos os finais de semana tocando nos bailes de diversos clubes da cidade. Ter a banda Jazz Rio-Petrópolis na programação era garantia de sucesso absoluto. Naquela domingueira no Club Petrópolis, moças coradas se abanam com leques enquanto esperam ser chamadas para dançar. Os rapazes mais corajosos, que já haviam tirado suas pretendidas das cadeiras ao redor da pista de dança, aproveitam a pausa da banda para convidá-las pra tomar um sorvete, e o mestre de cerimônias assume o microfone:

— Boa noite, senhoras e senhores. É um prazer recebê-los nesse domingo tão feliz para o nosso clube. Vejo que estão se divertindo ao som dessa banda de talento ímpar, que está concorrendo ao título de melhor Jazz Band da cidade no concurso da Revista Pequena Ilustração. Então, quem é fã da Jazz Rio-Petrópolis pode votar na banda comprando a revista e recortando o cupom. Cada cupom dá direito a cinco votos, e os votantes também concorrem a prêmios exclusivos.

Na semana seguinte, sai a primeira parcial da votação. Após mais de um mês de cupons publicados na revista, o número de votos é decepcionante: 46 votos no total, divididos entre 6 Jazz Bands. O Rio-Petrópolis está liderança, com 18 votos, seguida pelo Jazz Kolling, que possui metade dos votos da banda de Deoclécio. Será necessária uma intensificação da campanha. Armando passa a estimular uma rivalidade entre as bandas no topo da competição.

Na semana seguinte, o número de votos cresce de maneira expressiva: o Jazz Kolling chega aos 70 votos, mas ainda falta bastante para alcançar o Rio-Petrópolis Jazz Band, que segue na liderança, agora com 280 votos. O líder do Jazz Kolling, rapaz nascido em berço mais rico que o de Deoclécio, compra naquela semana, uma pilha de

exemplares da revista e distribui cupons para seus amigos votarem na sua banda. A ação é bem-sucedida: na parcial do dia 11 de março, o Jazz Rio-Petrópolis aparece com 265 votos, apenas 25 a mais que na semana anterior. Já o Jazz Kolling finalmente supera seu rival, alcançando a marca de 280 votos. As outras bandas concorrentes não chegam aos 100 votos e a disputa entre o Jazz Rio-Petrópolis e o Jazz Kolling se acirra.

No dia 18 de março, o placar apresenta uma reviravolta: o Jazz Rio-Petrópolis volta a ocupar a liderança, com 365 votos. Mas o segundo lugar não é do Jazz Kolling, e sim do Jazz Petropolitano, com 285 votos, 5 a mais que o Jazz Kolling. Nesse mesmo dia, o Jazz Rio Petrópolis toca em um magnífico piquenique promovido pelo Club Petrópolis na Fazenda Fagundes, localizada no 4º distrito do município. A diversão promovida por Deoclécio nesse evento garante a posição de sua banda no topo na semana seguinte, acumulando 400 votos.

Durante o mês de abril, o número de votantes mantém certa regularidade e o Jazz Rio-Petrópolis está na liderança até o dia 22, quando é ultrapassado pelo Jazz Kolling. Na última edição de abril, o Jazz Rio-Petrópolis soma 665 votos, contra o adversário, que já se aproxima da marca dos mil. Na reta final do concurso, que termina na última semana do mês de maio, as campanhas das duas bandas se acirram e o número de votos dispara.

Notícia sobre o baile de aniversário do Club Petrópolis

A festa commemorativa de seu anniversario e a vesperal em homenagem á imprensa

Na noite de 12 para 13 do corrente, a directoria do Club Petropolis offereceu aos associados e convidados especiaes uma festa dansante, intitulada "Soirée Blanche", assim commemorando o 6º anniversario da fundação do distincto centro recreativo. Foi uma reunião esplendorosa, sob todos os titulos, cheia de belleza, de graça e de poesia, tendo-se feito representar o que a sociedade petropolitana tem de mais fino, numa confirmação do eloquente prestigio do elegante centro recreativo que vem sendo dirigido pelo major Alberto Silva e pela presidencia do qual já passaram os srs. dr. Carvalho Leite, coronel Queiroz Sayão, dr. Guilherme Epinghaus Filho e dr. Paulo Rudge.

Iniciaram-se as dansas ás 22 horas, ao som do electrizante Jazz Rio-Petropolis, e á meia houve uma sessão solemne commemorativa da ephemeride, presidida pelo dr. Epinghaus, que teve palavras de louvor para com a actual direcção. Tambem falaram o major Alberto Silva, nosso collaborador Alvaro Machado, em nome da imprensa e os associados do club; o secretario deste, dr. Arlindo Carvalho de Souza.

Depois, ao mesmo tempo que se dava recomeço ás dansas, cuidou-se dos diversos concursos e eleições, que deram o seguinte resultado:

Rainha da festa — Srta. Stella Nogueira, coroada por mme. Sá Freires.

Rei da festa — Luiz Jannuzzi, como tal acclamado unanimemente.

Melhor toilette — Sra. Carmelia Machado Ramos.

Tango argentino — O par Mario Antedonio - Judice Ramos.

Valsa — Murillo Silva - Maria Helena Villar.

Samba — Heitor Nogueira - Stella Nogueira.

Foz — Alvaro Cantanheda Filho - Carmelia M. Ramos.

Tanchem — João Pedro Jorge - Lily Soupiquet.

Vibrantes palmas receberam os vencedores, aos quaes foram offerecidos lindos e valiosos premios. Sob o mesmo enthusiasmo e indizivel encanto, a soirée se prolongou até além das 6 horas de domingo. Aos presentes a directoria serviu finos doces e bebidas.

★

Tambem foi farto o *buffet* dirigido pelo esforçado gerente Dario Nogueira.

★

Para este mesmo dia, que relembrava a abolição da escravatura, fôra annunciada uma vesperal dansante do Club Petropolis, em homenagem á imprensa local e do Rio. Tivemos como que uma continuação da deslumbrante "Soirée Blanche". A imprensa esteve representada por Costa Junior, da «Vida Domestica»; representantes da «Noite» e do «Itamaraty»; Alvaro Machado, da «Tribuna»; dr. Alfredo Rudge, do «Jornal de Petropolis»; e mlle. Sylvia Rabello, de PEQUENA ILLUSTRAÇÃO.

A's 18 horas, distinctas senhoras, lidimos ornamentos de nosso meio social, conduziram os jornalistas á mesa de doces, que ellas lhes serviram. Ao champagne, o major Alberto Silva saudou a imprensa, e o dr. Rudge fez o agradecimento em seu nome e no de seus collegas, fazendo ainda uso da palavra Alvaro Machado, brindando a illustrada sra. Cecy Silva; Costa Junior e prof. Cardoso de Miranda, saudando o Club Petropolis, o que o presidente agradeceu.

As dansas, que o Jazz Rio-Petropolis tanta animação deu, tiveram fim ás 21 horas. Nessa selecta reunião, como na anterior, o photographo da "Vida Domestica" colheu varios aspectos.

"Pequena Illustração" felicita o Club Petropolis e agradece, na parte que lhe tocou, dada a fidalguia com que foi cumulada sua distincta representante, a homenagem prestada á imprensa, que mereceu do major Alberto Silva palavras de alto carinho.

Fonte: Pequena Ilustração, 20 de maio de 1934. Museu Imperial/IBRAM/MinC.

III

Segunda-feira, 30 de abril de 1934. O prestigiado Club Petrópolis oferece a seus associados um elegante baile na véspera do feriado do Dia do Trabalhador, aproveitando a presença dos veranistas na cidade. A elegante festa conta com a presença do Jazz Rio-Petrópolis. Em uma das pausas da banda, Deoclécio pede a palavra e, com seu carisma inigualável, dirige-se ao público presente:

— Boa noite a todos e todas! Vejo que estão se divertindo muito na noite de hoje. Por isso mesmo, na qualidade de regente da Banda Jazz Rio-Petrópolis, gostaria de pedir a cada um de vocês que está com um sorriso no rosto esta noite, que teve a oportunidade de ter a pessoa amada nos braços durante o baile, peço o obséquio de amanhã, ao acordar, passar em uma banca de jornal e comprar um exemplar da *Pequena Ilustração*. Aos que vieram do Rio de Janeiro apenas para passar o feriado em Petrópolis, comunico que esta humilde banda está concorrendo ao título de melhor Jazz Band da cidade. Então, se puderem comprar a revista e utilizar os cupons para votar em nosso favor, ficaremos eternamente gratos.

A plateia aplaude efusivamente. O clamor é bem-sucedido, já que na primeira semana de maio o Jazz Rio-Petrópolis praticamente dobra o número de votos alcançados até então, chegando à admirável marca de 1.135 votos a seu favor. O Jazz Kolling, porém, segue na liderança da votação, com 1.200 votos acumulados. Agora faltam apenas três semanas para o fim da votação.

Na parcial de 13 de maio, a banda de Deoclécio soma mais de 100 votos ao total acumulado, mas o Jazz Kolling segue na frente com impressionantes 1.595 votos. A distância de 345 votos parece impossível de ultrapassar, agora faltando tão pouco para o fim da votação. No sábado 12 de maio de 1934, o Club Petrópolis promove um Baile Blanche para comemorar o aniversário de sua fundação. Às 22 horas, aglomeram-se na porta do clube homens e mulheres vestidos de branco dos pés à cabeça, como pedia a temática da noite. Todas as pessoas importantes da sociedade petropolitana estão presentes. No palco, o Jazz Rio-Petrópolis recebe os convidados que já chegam animados para

dançar. À meia-noite, a música é interrompida para uma sessão solene em homenagem ao aniversário do clube, onde o major Alberto Silva, diretor do clube, é celebrado e outras tantas pessoas elogiam a história do Club Petrópolis. Entre elas está Alvaro Machado, colaborador da Pequena Ilustração, que aproveita a oportunidade para incentivar o público a votar no Jazz Rio-Petrópolis. O jornalista conta aos presentes que, há três semanas, a banda amargura o segundo lugar no concurso de melhor Jazz Band da cidade, após arrancar no topo da competição. O público vaia a posição em que a banda se encontra na votação, e Álvaro aproveita para convidá-los a mudar essa situação comprando a revista e votando nessas duas últimas semanas do concurso. A sala explode em aplausos e, após a solenidade, o Jazz Rio-Petrópolis e Deoclécio voltam a tocar, sendo os intérpretes musicais dos concursos de tango, valsa, samba, fox e ranchera, provando sua versatilidade musical. O baile continua até depois das seis da manhã de domingo, e o público aproveita para passar nas bancas de jornal para comprar a nova edição da Pequena Ilustração e garantir mais votos à banda que os manteve dançando durante toda a madrugada.

Naquele domingo, dia 13 de maio, às seis da tarde, o Jazz Rio-Petrópolis volta ao palco que deixou menos de 12 horas antes para mais uma domingueira, que vai durar até nove horas da noite. Após esse fim de semana de trabalho intenso, Deoclécio tem esperanças de ultrapassar o Jazz Kolling na semana seguinte, depois de o Rio-Petrópolis passar um mês acumulando votos sem conseguir sair do 2º lugar.

No domingo seguinte, Deoclécio entrega umas moedas ao filho para comprar a Pequena Ilustração na banca da esquina. O jovem Hélio, de 15 anos, luta contra sua curiosidade e leva a revista fechada para casa. Desde fevereiro, é sua missão comprar o jornal aos domingos para acompanhar a posição da banda do pai no concurso de melhor Jazz Band de Petrópolis, grupo no qual seu irmão Edgar também toca ocasionalmente. Toda a família se reúne em volta da mesa. Deoclécio toma seu café com leite enquanto as crianças procuram no jornal o anúncio do concurso com a parcial dos votos. Na página 4, a menina Jacy lê em voz alta uma nota de meia página sobre o Baile Blanche, que destacava a presença do

“eletrizante Jazz Rio-Petrópolis”. Na página seguinte, finalmente encontram o resultado daquela semana da votação: a banda Jazz Rio-Petrópolis ultrapassou o Jazz Kolling em 50 votos, alcançando a marca de 1.690 votos. Todos comemoram. Deoclécio sorri e comenta que agora resta à banda manter a primeira posição durante as duas próximas semanas.

No domingo seguinte, o ritual se repete: Deoclécio entrega o dinheiro a Hélio, que compra a revista, e a família se reúne em volta da mesa para descobrir se o Jazz Rio-Petrópolis está mais próximo de vencer o concurso da Pequena Ilustração. Na última parcial publicada antes da premiação oficial, o Jazz Rio-Petrópolis está em primeiro lugar, com inacreditáveis 2.085 votos. Maria José, esposa de Deoclécio, cuidadosamente recorta o cupom para trocá-lo, no dia seguinte, pelo vale de cinco votos na sapataria Mastrangelo. Lá mesmo, preenche os cinco vales com o nome da banda do marido, os coloca em um envelope que entrega na redação da Pequena Ilustração.

IV

São seis da tarde do domingo, 3 de junho, quando o público começa ao chegar no Atlético Clube Brasil para o baile em que será revelado o resultado do concurso que agitou a cena musical de Petrópolis durante o primeiro semestre do ano de 1934. O baile fazia parte da programação da Festa de Outono, promovida pela Vida Doméstica, revista recém-lançada voltada ao público feminino. O festival começou com uma parada escolar pela manhã, contou com atividades espalhadas pela cidade durante o dia e será encerrado, naquela noite, com dois bailes: um baile popular no Atlético Clube Brasil e um baile de gala no Tennis Club Petrópolis.

Os votos para o concurso da Revista Pequena Ilustração para eleger o melhor Jazz Band da cidade foram somados até sexta-feira. Na última parcial, publicada no domingo anterior, o Jazz Rio-Petrópolis encontrava-se mais de 400 votos à frente do segundo colocado, o Jazz Kolling. Embora nenhuma banda tivesse aberto, em qualquer momento do concurso, uma vantagem tão grande sobre a concorrência, os músicos estão apreensivos. Todas as bandas concorrentes estão

representadas no baile. Além dos Jazz Rio-Petrópolis e Kolling, estão presentes na festa membros dos Jazz Petropolitano, Rio Branco, Ideal, Poder da vontade, Lyra do amor, Olive e Bola Branca. Antes da premiação de melhor jazz band da cidade, é coroada a Princesa do Outono. Todos cumprimentam Deoclécio com enorme respeito logo que o veem no local. Deoclécio está sentado à mesa de honra com sua esposa, os filhos mais velhos, Nair e Edgar, e seus respectivos cônjuges, todos vestidos com seus trajes mais elegantes. Edgar, que toca no Jazz Rio-Petrópolis com alguma frequência, está tão apreensivo quanto o pai. Os outros membros da banda estão sentados na mesa ao lado.

Após a coroação da Princesa do Outono, o Mestre de Cerimônias sobe ao palco para apresentar o prêmio mais esperado da noite: o de melhor Jazz Band da cidade. Antes, porém, realiza os sorteios dos prêmios oferecidos aos votantes: uma linda e custosa colcha, prêmio da Casa Xavier; um chapéu para homem, cortesia d'A Fortaleza; um estojo com taças de cristal, da Casa Americana; uma belíssima fruteira da Casa Brasil; e um par de sapatos para senhoras, da sapataria Mastrangelo.

Após essas premiações, é chegada a hora de descobrir se o Jazz Rio-Petrópolis foi capaz de se manter no topo da competição por mais uma semana. A família toda está apreensiva. Maria José segura a mão de Deoclécio ao ver o Mestre de Cerimônias se aproximar do microfone com um envelope na mão. O marido retribui o gesto sem tirar os olhos do palco. Maria José observa, com carinho, o rosto de Deoclécio enquanto ouvem o Mestre de Cerimônias anunciar que o melhor Jazz Band da cidade, segundo a votação popular realizada ao longo dos últimos quatro meses, é.... o Jazz Rio Petrópolis! Edgar dá um pulo da cadeira para abraçar o pai. Nair segue o irmão e, logo depois, Maria José cumprimenta o marido com orgulho. Deoclécio sustenta com dignidade as lágrimas de alegria que lhe preenchem os olhos. Às vésperas de completar 46 anos, recebe seu primeiro grande reconhecimento público.

Notícia sobre o baile de Réveillon do Club Petrópolis

A captivar, pelos salões, a gente,
Por isso, do "Brasil", já se fizera
Gremista, e por amor, sinceramente.

Seus labios, num sorriso encantador,
Parecem pequenina e bella flor,
Da amarga vida, posta no caminho.

Para levar o homem, supplicante,
A Deus pedir: eu quero um só instante
Ser beija-flor, modesto passarinho.

Zig

★★

O "reveillon" dessa noite no Club Petropolis

Promette ser maravilhosa a noitada que o Club Petropolis leva a effeito hoje. A' sua organização presidiu um carinho immenso, um esforço inexcedivel, de modo que mais uma victoria social ha de registar o elegante centro recreativo da avenida 15 de Novembro.

A noite de S. Sylvestre terá naquelles luxuosos salões commemoração condigna, para o que não se esqueceu o menor detalhe. Luz, flores, disposição das mesas para a ceia, musica, indumentaria (branco a rigor ou *smoking*), etc., tudo agradará, sem duvida, concorrendo para a belleza do ambiente. Quanto á distincção deste, não é preciso falar, tal a sociedade que frequenta o club dirigido pelo major Alberto Silva.

Animará as dansas o Jazz Rio-Petropolis, para o qual o maestro Deoclecio Damasceno organizou um repertorio estupendo.

★★

O Serrano festejará brilhantemente a passagem do anno

O Serrano F. C. abre hoje seus magnificos salões para, com um *reveillon*, festejar a passagem do anno. Póde-se prever a imponencia

MARGARIDAS»

A «Noite das Margaridas», zada a 23 do corrente nos salõ S. C. Rio Branco, foi uma dansante que nada ficou a dev quantas ali se têm effectuado mamente. Apezar de haver desfavoravel o tempo e de se zarem outros bailes, a affluen damas e cavalheiros foi grand da faltou para o encanto da que decorreu sob absoluta co dade.

A Tuna Mambembe esteve sal, simplesmente colossal. (juncto do Malagutti não deu t nos dansarinos, tocando até cinco horas de domingo. mais interessante da festa «dansa da sorte», que reuniu Novarini e a srta. Bauer, pre com os «segredos» que tant ram rir.

Hão de estar satisfeitas as *margaridas*, srtas. Dulce Branco, Mariazinha Kappaun nita Infingardi. Esta ultima, mente, adoeceu e não póde parte em sua *noite*.

★★

Como o Magnolia fe o anno

UM BAILE PRECEDIDO DI TOSA FEIJOADA

Foi com muito enthusias o S. C. Magnolia preparou que hoje effectua na sede d União gen. E thusias tagiou lia alvi sendo que es perder *veillon* que o min da fecha de 193 do o F teremo prezas, muito ta não larmos boas las...

Zilda Martins, vice-presidente do quadro feminino do Magnolia

O Bióco da Estrella Ve parte na festa de hoje. E modo! Offerecendo a elle mesmo, isto é, a seus componentes e a associados do Ma-

Fonte: Pequena Ilustração, 31 de dezembro de 1933. Museu Imperial/IBRAM/MinC.

Notícia sobre o baile de Réveillon do Club Petrópolis

E' exemplo de virtudes, que, de facto,
Nos salões do "Brasil" se implõe e brilha.

Sou, de seu par, "collega" e velho amigo,
Por isso sinto-me feliz commigo,
Deixando o par, neste elogio á filha.

Zig

**

O "reveillon" do Club Petropolis

UMA FESTA QUE SE REVESTIU DE RARA BELLEZA

O *reveillon* que o Club Petropolis offereceu, na noite de 31 de Dezembro, a seus associados, exmas. familias e convidados especiaes, revestiu-se de rara belleza. Não é exagero dizer-se que deslumbrou. Tudo elegancia e fidalguia. Lá se via o que a sociedade petropolitana tem de mais selecto, enchendo os os vastos e luxuosos salões, confundindo-se numa alegria sã, contagiante. Tinha-se a impressão de que se estava no reinado de Momo, tal o estridente barulho das flautas, apitos, matracas, etc. Interminaveis cordões deslisavam pela sala, que estava sob uma orgia de luz.

O Jazz Rio-Petropolis animava as danças e fazia vibrar os pares, executando magnificas marchas carnavalescas. Fazia se applaudir frenèticamente o conjuncto do maestro Deoclecio Damasceno, que tambem deliciou os presentes com a linda valsa *Leonor*, que o mesmo maestro dedicou á sra. Elisabetho P. Mendes, um dos ornamentos do *set* serrano. Nota galante se teve da parte do *Bando da Lua*, que, dirigido pelo Cantanheda Filho, penetrou os salões depois de uma hora, cantando o *Ridi Pagliaci* de Lamartine Babo. Um successo. A turma adheriu logo!

Não concluiremos a nota da apparatosa festa do Club Petropolis sem uma referencia ao serviço da ceia, fornecida pelo Palace Hotel e para a qual se deu esthetica disposição de innumeras mesas, e ao *buffet*, que foi dos mais fartos.

**

A coroação da rainha da S. D. Carnavalescas

Os directores da Sociedade de Diversões Carnavalescas preparam-se para a grandiosa festa de coroação da rainha da conhecida agremiação, srta. Joanninha Sindorf. Como se tem noticiado, essa festa está

bello, Vera e Irene Alberto e Lourdes Gomes. O baile da «Ala Direita», de que são componentes, realizado domingo p. passado, constituiu brilhante triumpho, tendo sido uma das mais imponentes reuniões que em nossa cid se effectuaram na noite de S. S vestre. Não poderia haver m nem mais communicativo ent siasmo. Aquellas jovens, ostent do elegantes *casquetes* pret branco, as cores do Brasil A. imprimiam á festa um cunho j cioso. E além das moças referi muitas outras, acompanhadas suas familias, chiam os sal profusamente namentados flores. Danso animadame emquanto, fór chuva ameaç não passar nu O Magestic - J que pouca trê dava aos pa agradou a mundo e co mou o conc de que no goza e a fama o precedeu.

Lydia Kronemberg da «Ala Direita»

Albertina Menezes, da «Ala Direita»

Em resumo, o baile de estré «Ala Direita» foi triumphal. J fala numa *reprise*.

**

O baile do bloco "N adeanta você chora

Sabbado proximo, dia 13, tere magnifica noite dansante nos s do Rosario F. que hontem intenso movim a soirée «Um nho que viveu ganizada pela nha do club, Julia Stump outras gremi O baile que se nuncia será movido pelo «Não adeanta

Fonte: Pequena Ilustração, 09 de janeiro de 1934. Museu Imperial/IBRAM/MinC.

Primeiro anúncio do concurso de melhor Jazz Band

Pag. 4 — PEQUENA ILLUSTRAÇÃO — 14-1-1934

«Pequena Illustração» nas SOCIEDADES

O PAR CONSTANTE

Qual o melhor de nossos Jazz-Bands ?

Concurso de «Pequena Illustração»

Qual o melhor de nossos Jazz-Bands ?

Este COUPON dá direito a um VALE de CINCO VOTOS (5) em qualquer das casas abaixo indicadas, devendo o Vale ser remettido á Redacção, após destacado do canhoto, que o leitor conservará em seu poder, para habilitar-se ao Sorteio.

Uma linda e custosa colcha — Premio da Casa Xavier — Av. 15 de Novembro, 728

Um chapéo para homem — Premio da A Fortaleza — Av. 15 de Novembro, 1080

Um estojo com taças de crystal — Premio da Casa Americana - Av. 15 de Novembro, 601

Um bellissima fructeira — Premio da Casa Brasil — Av. 15 de Novembro, 1054

Um par de sapatos para senhora — Premio da Sapataria Mastrange - Av. 15 de Nov. 567

Perfis Sportivos Femininos

XIV

N. E.

Um anniversario, hoje, no Brasil A. C.

O Mosellense dará um baile nos salões da Harmonia Brasileira

"Turunas da Orgia" organiza grande baile

A soirée dansante da S. D. Carnavalescas

Uma festa do Jazz do 1º B. C.

IMPRESSOS de toda a classe, executam-se na Typ. Ypiranga, á Av. 15 de Nov. 785-Tel. 9627.

Sabindo «Pequena Illustração» aos domingos, as noticias de bailes e festas para os sabbados devem ser enviadas na semana anterior para poderem ser publicadas.

Fonte: Pequena Ilustração, 14 de janeiro de 1934. Museu Imperial/IBRAM/MinC.

Último anúncio do concurso de melhor Jazz Band

Qual o melhor de nossos Jazz-Bands ?

Concurso da «Pequena Illustração»

Qual o melhor de nossos Jazz-Band ?

Este COUPON dá direito a um VALE de CINCO VOTOS (5) em qualquer das casas abaixo indicadas, devendo o Vale ser remettido á Redacção, após destacado do caulote, que o leitor conservará em seu poder, para habilitar-se ao Sorteio.

PREMIOS AOS VOTANTES

Uma linda e custosa colcha — Premio da Casa Xavier — Av. 15 de Novembro, 728

Um chapéo para homem — Premio da A Fortaleza — Av. 15 de Novembro, 1080

Um estojo com taças de crystal — Premio da Casa Americana - Av. 15 de Novembro, 601

Um bellissima fructeira — Premio da Casa Brasil — Av. 15 de Novembro. 1054

Um par de sapatos para senhora — Premio da Sapataria Mastrangelo - Av. 15 de Nov. 567

Recebemos esta semana outros votos para o interessante concurso dos nossos Jazz Bands, cujos vencedores no 1°, 2° e 3° logares terão uma rica TAÇA, sendo o seguinte o resultado da apuração:

JAZZ RIO-PETROPOLIS	2085 votos
JAZZ KOLLING	1660 votos
JAZZ PETROPOLITANO	800 votos
JAZZ RIO BRANCO	225 votos
JAZZ IDEAL	200 votos
JAZZ 1° bpC	45 votos
JAZZ PODER DA VONTADE	45 votos
JAZZ LYRA DO AMOR	35 votos
JAZZ OLIVE	35 votos
JAZZ BOLA BRANCA	30 votos

As taças, todas valiosas, sendo que a destinada ao 1° logar tem 1,10 m. de altura, estão expostas numa das vitrines da Papelaria Ypiranga.

Fonte: Pequena Ilustração, 27 de maio de 1934. Museu Imperial/IBRAM/MinC.

Jazz Rio Petrópolis

Fonte: Museu Imperial/Ibram/MTur

Petrópolis, 22 de junho de 1939

Mamãe,
hoje fazem 30 anos da sua partida, mas ainda ouço sua voz e sinto seu toque suave em todos os momentos em que meu coração se enche de angústia. Tenho um plano ambicioso, que pretendo colocar em prática ainda neste ano: criar e reger a Orquestra Municipal de Petrópolis, à qual darei o nome do meu saudoso professor Paulo Carneiro. Já convoquei alguns músicos e estou selecionando um repertório, tentando imaginar o que Paulo Carneiro escolheria para sua orquestra. Por enquanto, a pequena orquestra da Escola Santa Cecília tem sido espaço de aprendizado e treino. Fomos convidados a tocar novamente na Catedral de Petrópolis, dessa vez na celebração das bodas de ouro do senhor Arthur Alves Barbosa, diretor da Tribuna de Petrópolis, e de sua esposa, senhora Leonor. Foi uma cerimônia belíssima. A senhora ficaria encantada. Que as bênçãos de Nossa Senhora continuem recaindo sobre nós.

Seu filho, que a leva no coração,
Deoclécio Damasceno de Freitas

Notícia da Orquestra Paulo Carneiro

Orchestra Paulo Carneiro

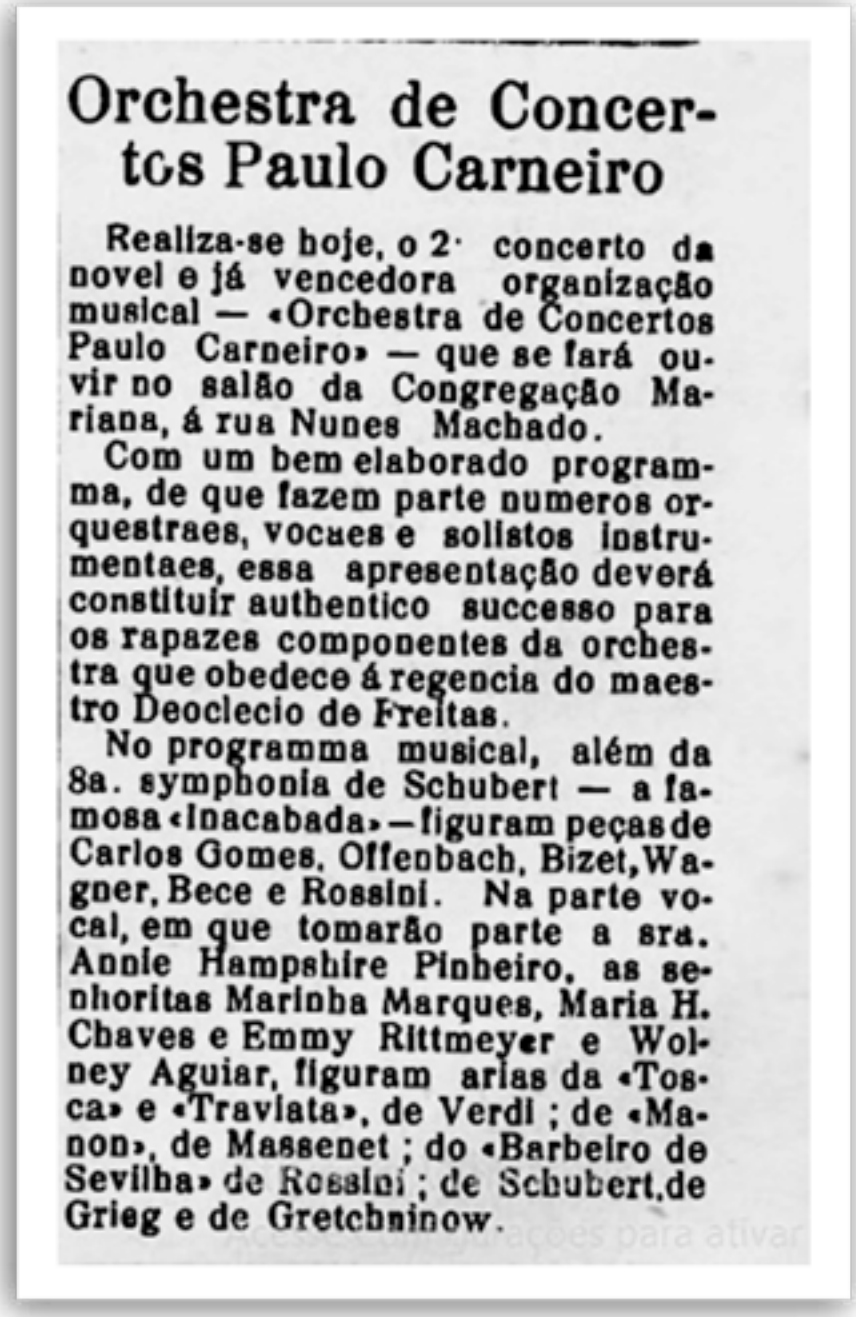
Inaugura-se amanhã, sob o patrocinio da Prefeitura, no Palacio de Crystal, a Orchestra Paulo Carneiro, dirigida pelo prof. Deocleciо Damasceno de Freitas e integrada por aluinnos da Escola de Musica Santa Cecilia, fundada pelo saudoso Paulo Carneiro.

Prof. Deoclecio D. de Freitas

E' de esperar que á audição de amanhã, cujo programma é magnifico, não falte o apoio de numerosa assistencia que prestigie com seu applauso o movimento cultural que se inicia.

Fonte: Pequena Ilustração, 07 de setembro de 1940. Museu Imperial/IBRAM/MinC.

Notícia da Orquestra Paulo Carneiro



Orchestra de Concertos Paulo Carneiro

Realiza-se hoje, o 2· concerto da novel e já vencedora organização musical — «Orchestra de Concertos Paulo Carneiro» — que se fará ouvir no salão da Congregação Mariana, á rua Nunes Machado.

Com um bem elaborado programma, de que fazem parte numeros orquestraes, vocaes e solistos instrumentaes, essa apresentação deverá constituir authentico successo para os rapazes componentes da orchestra que obedece á regencia do maestro Deoclecio de Freitas.

No programma musical, além da 8a. symphonia de Schubert — a famosa «Inacabada» — figuram peças de Carlos Gomes, Offenbach, Bizet, Wagner, Bece e Rossini. Na parte vocal, em que tomarão parte a sra. Annie Hampshire Pinheiro, as senhoritas Marinha Marques, Maria H. Chaves e Emmy Rittmeyer e Wolney Aguiar, figuram arias da «Tosca» e «Traviata», de Verdi; de «Manon», de Massenet; do «Barbeiro de Sevilha» de Rossini; de Schubert, de Grieg e de Gretchninow.

Fonte: Pequena Ilustração, 02 de setembro de 1941. Museu Imperial/IBRAM/MinC.

O ÚLTIMO ANIVERSÁRIO

I

17 de junho de 1942. A família está toda reunida na casa de Deoclécio, localizada na rua Coronel Batista da Silva, número 31. É uma casa simples, de apenas um pavimento, com um quintal onde se plantava o básico para a sobrevivência da família. Deoclécio vive nessa casa com sua segunda esposa, Maria José de Freitas, e seis de seus doze filhos: Jacy, do primeiro casamento, já com 20 anos; Ila, Liz, Délcio, Deoclécio e Alcideia. Maria José está com a gravidez bastante avançada e pede a ajuda de Ila para colocar os biscoitinhos e o licor na mesa. Juracy Celina e Maria Isabel estão na cozinha preparando o jantar. Logo, Nair chega com seu marido, Guilherme, e ajuda a madrasta na organização da casa. Em seguida, vão chegando Hélio e Edgar, com suas esposas e filhos. Depois de deixar as crianças sob os cuidados dos irmãos menores, Edgar convoca o pai para o piano enquanto toca o violino. Com a música, a festa fica animada. Os irmãos tocam instrumentos variados: todos têm alguma formação musical.

Alguém bate à porta e Deoclécio pede a Ila para atender. Chega, de surpresa, um grupo de alunos de Deoclécio para parabenizar o professor tão amado. Uma alegria toma conta da casa e a festa é transferida para o quintal. Os alunos trouxeram seus instrumentos e a música continua do lado de fora. Uma mesa é improvisada com uma tábua de madeira apoiada sobre a mureta. O clima é de descontração. Todos se sentem à vontade na companhia do professor Deoclécio. Mais tarde, depois que todos partem, Deoclécio senta-se, ofegante, na beira da cama. Maria José pergunta se ele está bem, e ele diz que foram muitas emoções naquele dia e só precisa se recuperar para trabalhar no dia seguinte: tem que dar aulas na Escola de Música Santa Cecília, ensaiar com a Banda Primeiro de Setembro e com o coral da Escola de Música, além de preparar o repertório da Jazz Rio-Petrópolis, que toca no fim de semana na festa junina do Bogari Clube.

No dia seguinte, ao chegar à escola, a professora e vice-diretora da Escola de Música Adelaide Carneiro, está esperando, apreensiva, por Deoclécio na entrada.

– Professor, preciso que me acompanhe com urgência.

– O que houve, Adelaide?
– É melhor que o senhor veja com os próprios olhos.

Ela caminha em passos rápidos em direção ao auditório, seguida de perto por um preocupado Deoclécio. Ao abrir a porta, um grupo de alunas está reunido no palco e canta um “parabéns” afinadíssimo em homenagem ao professor. Logo depois, a aluna Zoé Portugal assume o microfone para ler um texto em homenagem ao professor:

– Meus caros professores e meus distintos colegas, para interpretar os sentimentos de todos aqueles que aqui vêm buscar o brilho para sua inteligência, coube-me a grata missão de saudar o nosso inteligente professor, o senhor Deoclécio Damasceno de Freitas, pois, pela atuação eficiente no ensino que ministra a todos nós, bem merece a singela homenagem que ora lhe prestamos. A nossa querida escola e seus alunos muito devem a professores esforçados como o homenageado, que não mede esforços para levar avante a obra extraordinária e edificante de Paulo Carneiro. Não é esta a primeira vez que me coube a tarefa de desempenhar tão grata missão. Seria, para mim, um prazer ainda maior se ouvisse de um outro colega a apologia dos feitos e dos méritos desse professor emérito, porque me faltam conhecimentos especiais para elaborar um elogio completo e satisfatório. Todavia, desejo que essas minhas palavras reflitam suavemente no íntimo de sua alma, assim como suavemente recebe nosso coração a modulação de sua voz. Senhores, não está de parabéns somente o aniversariante de hoje, o professor Damasceno, mas também a nossa escola, pois, sem desejar ofuscar o talento dos demais professores, é figura de destaque entre eles a inteligência, o brilho e o talento desse mestre que ora homenageamos. Meus senhores, devemos sempre fazer votos sinceros para que viva sempre todos aqueles que, como verdadeiros patriotas, procuram instruir a humanidade para o desempenho de funções que enobrecem e elevam as pessoas no conceito de gerações futuras. Muitos patriotas partem para o campo de batalhas a fim de lutar e vencer, trazendo para o seu país os louros da vitória. Mas eu, senhores, também considero patriota todo aquele que, num gesto de altruísmo e abnegação, prepara os homens inteligentemente para que se tornem mais dignos dessa

vitória, apanágio de um povo que procura vencer e colocar bem alto o nome do país que o viu nascer. Entre esses, podemos incluir o nome desse batalhador incansável, amigo de seus alunos. Senhores, sendo a data de hoje um motivo de satisfação para nós, e especialmente para a escola da qual fazemos parte, peço que todos, juntos e unidos num grito uníssono e sincero, vivamos o nosso professor.

– Viva o professor Deoclécio!

A sala explode em vivas e abraços ao querido professor, que também recebe um belo buquê de flores de seus alunos.

Nota sobre o nascimento de Délio Luiz

Nascimento

Com os agradecimentos pela notícia que demos de sua data natalicia, o estimado prof. sr. Deoclecio Damasceno de Freitas comunicou-nos o nascimento de Delio Luiz, que veiu completar a duzia de filhos do bemquisto casal. O festejado maestro e sua digna esposa sra. Maria José Damasceno de Freitas, têm sido muito felicitados.

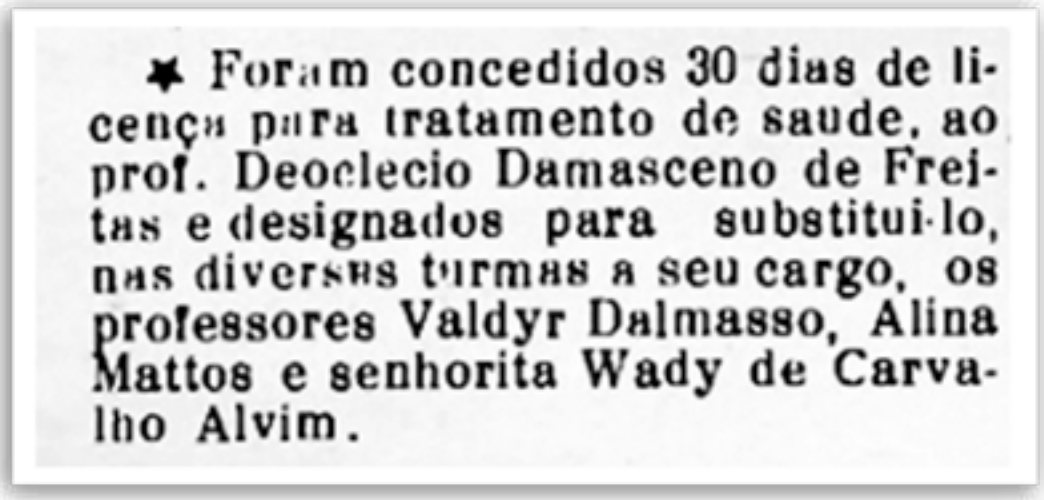
Fonte: Pequena Ilustração, 05 de julho de 1942. Museu Imperial/IBRAM/MinC.

II

Noite de sete de setembro de 1942, novamente no salão principal da Escola de Música Santa Cecília. Há meses, Deoclécio ensaia incansavelmente suas alunas para a audição em homenagem ao Dia da Independência. O professor parece cansado e tem a testa salpicada de suor, apesar do clima ameno daquela noite de setembro. O salão está lotado e as moças se apresentam de maneira impecável, arrancando aplausos da plateia. Adelaide Carneiro parece preocupada com Deoclécio e pede que ele vá ver um médico no dia seguinte. Deoclécio assente com a cabeça enquanto tira um lenço do bolso para enxugar o suor. A irmã de uma aluna, que trabalha no hospital, se aproxima da professora Adelaide e se oferece para aferir a pressão do professor, se houver no kit de primeiros socorros um aparelho para aferir a pressão. Antes do fim da audição, a moça conduz Deoclécio para fora, em companhia de Adelaide. Na varanda da escola, aferem a pressão do mestre, que se encontra às alturas. Querem mandá-lo imediatamente para o hospital, mas ele se nega. Diz que precisa voltar para casa, que acabaram de ter um bebê e que a família precisa da sua presença. A moça suspira, sem saber o que fazer, e olha para Adelaide, em busca de apoio. A professora recomenda que Deoclécio vá para casa e descanse.

No dia seguinte, um médico de confiança, pai de uma aluna da Escola de Música, chega à casa de Deoclécio logo cedo. Após a audição da noite anterior, a professora Adelaide procurou a moça e pediu o obséquio de levar a questão de saúde do professor a seu pai, para que ele fosse visitá-lo logo que possível. Assim, na manhã daquela terça-feira cinzenta, o doutor bate à porta da casa de Deoclécio e é atendido por Ila, já pronta para sair para a escola. O pequeno Délio Luiz chora e Maria José se retira para a cozinha para amamentar o bebê, que ainda não completou dois meses. Depois de examinar Deoclécio cuidadosamente, o doutor recomenda que o professor peça uma licença na Escola de Música para se tratar. Sua pressão está excessivamente alta, e ele necessita de acompanhamento médico e repouso se quiser se recuperar. O médico começa a escrever uma receita e um atestado para Deoclécio e avisa que ele mesmo levará o atestado à escola e tratará com a vice-diretora de sua licença. Deoclécio quer protestar, mas percebe que o corpo não aguenta, e volta a deitar-se.

Nota sobre a licença médica de Deoclécio.



✱ Foram concedidos 30 dias de licença para tratamento de saude, ao prof. Deoclecio Damasceno de Freitas e designados para substitui-lo, nas diversas turmas a seu cargo, os professores Valdyr Dalmasso, Alina Mattos e senhorita Wady de Carvalho Alvim.

Fonte: Pequena Ilustração, 13 de setembro de 1942. Museu Imperial/IBRAM/MinC.

III

Matéria de capa, Tribuna de Petrópolis, 3 de outubro de 1942:

"Teve larga e dolorosa repercussão em toda a cidade a notícia do falecimento do dedicado e modesto artista que se chamou Deoclécio Damasceno de Freitas, que há muitos anos lecionava na Escola de Música Santa Cecília, com perseverança, competência e zero invulgares. O professor Deoclécio era justamente julgado um dos mais eméritos e apaixonados cultores da música em Petrópolis. Amável, espontâneo, sincero e prestimoso, ele pudera reunir um círculo imenso de boas amizades pessoais à admiração que todos lhe tinham pela sua pujante inteligência, revelada a cada passo em todas as manifestações da divina arte.

Chefe de família numerosa, dedicava-se a ela com extremado carinho, dividindo o seu tempo entre os cuidados com a esposa e os filhos e as aulas que ministrava a seus alunos, que o tinham como um grande mestre e um grande amigo.

Organizador e diretor do Jazz Rio-Petrópolis, o professor Deoclécio Damasceno de Freitas tivera, sob a sua regência, a Banda 1º de Setembro, de Cascatinha. Trabalhou muito e também sofreu imensamente.

Havendo adoecido subitamente, no Rio de Janeiro, há poucos dias, a família, agora enlutada, o transportou para sua residência nesta cidade, à rua Coronel Batista da Silva, onde, na madrugada de ontem, o talentoso músico expirou, realizando-se à tarde o seu sepultamento.

O cortejo fúnebre foi concorridíssimo, vendo-se nele representadas todas as nossas classes sociais, a Escola Santa Cecília, o Clube Euterpe, a Banda Comercial e outras organizações, além da imprensa local e da capital.

Inúmeras foram as corôas e os ramos de flores deixados sobre o túmulo do inesquecível artista.

A Banda de Música do Clube 1º de Setembro compareceu incorporada, fazendo-se ouvir, no cemitério, em marcha fúnebre de

autoria de Firmino Borrajo. Falaram, nessa ocasião, em derradeiro adeus ao maestro, o sr. Joaquim Gomes dos Santos, presidente da Escola de Música Santa Cecília; o nosso confrade Armando Martins, diretor de “Pequena Ilustração”; e o nosso colaborador Luiz Cavalcanti. A diretoria da Banda Comercial de Petrópolis enviou uma corôa com sentida dedicatória, e um telegrama à família do extinto, suspendendo o ensaio marcado para ontem. Resolveu tomar luto por três dias.

Também o Clube Euterpe prestou justas homenagens ao professor Deoclécio, comparecendo ao saimento fúnebre e tomando luto.

A Escola Santa Cecília, em sinal de pesar, suspendeu as aulas por vários dias, tendo deixado também de funcionar, ontem, o cinema que lhe é anexo.”

Notícia sobre a morte de Deoclécio

Deoclecio Damaceno de Freitas

Com muita tristesa soubemos hoje, ás primeiras horas do dia, a noticia da morte do Deoclecio, o sempre amigo, o sempre jovem e, sobretudo, um dos grandes incentivadores da cultura musical de nossa cidade e, como filho do Estado do Rio, tendo a sua vida dedicada a Petropolis.

Professor da Escola de Musica Santa Cecilia, discipulo do inolvidavel e jamais esquecido Paulo Carneiro, mestre da Banda 1°. de Setembro, de Cascatinha, o musico, o maestro e o professor Deoclecio, deixa entre nós, com o seu desaparecimento tão inesperado quão surpreso, uma enorme tristesa a todos nós, os de Petropolis, acostumados a vê-lo sempre afavel e tambem sempre o mestre amigo.

O extinto, no seu primeiro matrimonio, deixou seis filhos e, no segundo, outros seis filhos, sendo dois falecidos e os demais bastante conhecedores da arte a que tanto se dedicou e a que tantos serviços prestou.

O seu sepultamento dar-se-á hoje, ás 16 horas, saindo o feretro da rua Coronel Baptista, na entrada do Morin, n. 31.

Fonte: Tribuna de Petrópolis, 02 de outubro de 1942. Arquivo histórico de Petrópolis.

Notícia de capa sobre a morte de Deoclécio

Tribuna de Petropolis

América do Norte

TENIS CLUBE

JANTARES DANSANTES

10$000

A Primavera

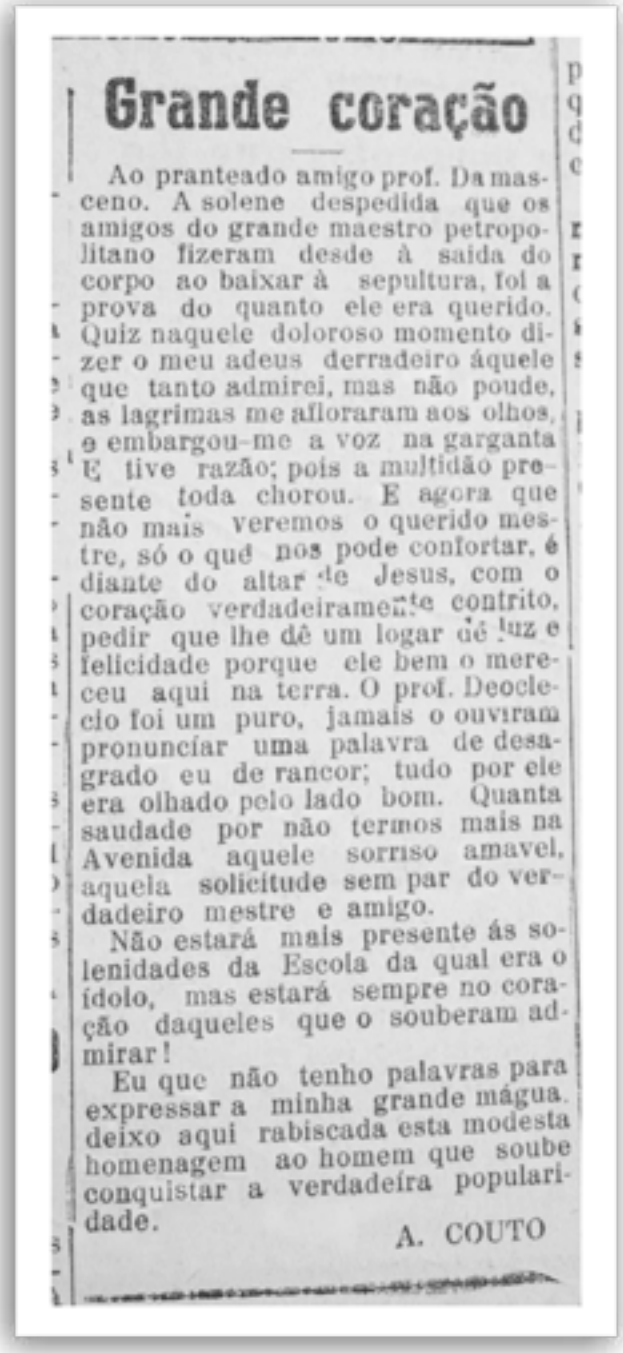
A força da verdadeira democracia

Deoclecio Damasceno de Freitas

O sepultamento do conhecido professor de música

Fonte: Tribuna de Petrópolis, 03 de outubro de 1942. Arquivo histórico de Petrópolis.

Homenagem a Deoclécio



Grande coração

Ao pranteado amigo prof. Da masceno. A solene despedida que os amigos do grande maestro petropolitano fizeram desde à saida do corpo ao baixar à sepultura, foi a prova do quanto ele era querido. Quiz naquele doloroso momento dizer o meu adeus derradeiro áquele que tanto admirei, mas não poude, as lagrimas me afloraram aos olhos, e embargou-me a voz na garganta E tive razão; pois a multidão presente toda chorou. E agora que não mais veremos o querido mestre, só o qué nos pode confortar, é diante do altar de Jesus, com o coração verdadeiramente contrito, pedir que lhe dê um logar de luz e felicidade porque ele bem o mereceu aqui na terra. O prof. Deocleclo foi um puro, jamais o ouviram pronunciar uma palavra de desagrado eu de rancor; tudo por ele era olhado pelo lado bom. Quanta saudade por não termos mais na Avenida aquele sorriso amavel, aquela solicitude sem par do verdadeiro mestre e amigo.

Não estará mais presente ás solenidades da Escola da qual era o ídolo, mas estará sempre no coração daqueles que o souberam admirar!

Eu que não tenho palavras para expressar a minha grande mágua. deixo aqui rabiscada esta modesta homenagem ao homem que soube conquistar a verdadeira popularidade.

A. COUTO

Fonte: Tribuna de Petrópolis, 04 de outubro de 1942. Arquivo histórico de Petrópolis.

NOTÍCIA DE MORTE

Deoclecio Damasceno de Freitas

O passamento do diretor artistico da Escola de Musica Santa Cecilia

Ecoou com profundo pesar, nos meios culturais de Petropolis, no recésso de tantos lares, na Escola de Musica Santa Cecilia, em particular, em toda a cidade, enfim, a morte ocorrida ás primeiras horas de anteontem, do professor Deoclecio Damasceno de Freitas. Foi tão brusca quanto amarga, porque irremediavel, sua separação. Não ha ainda um mez, fazendo parte do nosso convivio, ele dirigiu o orfeon da Escola na audição de 7 de Setembro. Depois, enfermou, obteve uma licença, desceu para o Rio de Janeiro, donde regressou para expirar algumas horas mais tarde, junto a sua esposa e filhos que tanto extremecia.

Deoclecio, cujo talento, aliava-se aos sentimentos de coração, era orgulho de sua raça. Embora modesto, de origem humilde, creára nome na musica, alimentando seus pendores a custa de grandes esforços, talvez com sacrificios. Viéra de Sapucaia, a convite do saudoso capitão Castro, para ingressar no corpo de estante do Clube Leopoldo Miguez, que teve memoravel época. Fez parte de orquestras das casas de diversões locais, até que o atraiu a seu meio a Escola fundada por Paulo Carneiro, passando a servir á mesma com absoluta dedicação. Ai dirigiu diversas cadeiras e ultimamente tomara até a seu encargo o ensino da musica ás crianças que se iniciavam na arte do som e viam no mestre um amigo solicito.

Dotado de espirito de iniciativa organizou o Jazz Rio-Petropolis, no genero um de nossos principais conjuntos, não temendo nenhum confronto. Tentou constituir a Orquestra Sinfonica de Petropolis, chegando a promover audições, a primeira das quais no Palacio de Cristal, sob o patrocinio da Prefeitura, marcou extraordinario sucesso. Por fim, fizeram-n'o regente da banda de musica do Clube 1° de Setembro, de Cascatinha, onde tambem conquistou geral e justa estima. Certo que essa ascenção, em sua carreira de artista, foi custosa, mas por ironia do destino, a descida se fez rapida, ingrata, impressionante. Ele não merecia morrer assim, sem sentir os derradeiros afetos dos que lhe eram caros, sem reconhecer os amigos sem se sensibilizar com as melodias.

O professor Deoclecio, que contava 54 anos, deixa viuva, de segundas nupcias, d. Maria José de Freitas, e uma prole de doze filhos. Seu sepultamento, tão numeroso, uma apoteose de saudade, foi assistido por elementos de todas as classes sociais, tendo pronunciado comovente oração o presidente da Escola de Musica, sr. Joaquim Gomes dos Santos; o nosso diretor Armando Martins e o nosso confrade Luiz A. Cavalcante. A banda 1. de Setembro executou sentida peça.

Entre as organizações já citadas fizeram-se representar o Clube Euterpe, a Banda Comercial e o Bogari-Clube, bem como o Asilo do Amparo, que tambem distingue o querido mestre com sua simpatia.

«Pequena Ilustração», que tanto sente a perda desse amigo, apresenta seus mais sentidos pesames á familia enlutada.

Fonte: Pequena Ilustração, 04 de outubro de 1942. Museu Imperial/IBRAM/MinC.,

IV

03 de novembro de 1942, quatro e meia da tarde, Escola de Música Santa Cecília. Estão reunidos em frente à sala onde Deoclécio dava aula: alunos, professores da escola, filhos e a esposa de Deoclécio, Maria José. Todos estão visivelmente abalados com a morte do professor. Maria José tem no colo o pequeno Délio Luiz. A escola esteve fechada por um mês e, nesse período, os professores se cotizaram para mandar fazer uma ampliação e emoldurar a última foto de Deoclécio, tirada para o quadro de formandos do ano anterior. Alina Mattos, ex-aluna de Deoclécio e uma das professoras que o substituíram quando este entrou em licença médica, pede a palavra. Sua voz é trêmula. Todos estão calados, até as crianças.

— Boa tarde! Estamos aqui reunidos para prestar uma singela homenagem ao dedicado professor Deoclécio Damasceno de Freitas, que seguirá presente nesta escola através de todos os ensinamentos que proporcionou a cada um de nós. Não há outra palavra para definir o que sentimos nesse momento, quando completa um mês desde que o professor nos deixou saudade. Encontramo-nos reunidos nesse corredor para inaugurar a sala Deoclécio Damasceno de Freitas, e o retrato de nosso amado mestre, que tantos anos de sua vida dedicou a essa escola e a ensinar com disciplina e carinho os tantos alunos que por ele passaram. Adentremos agora a sala para admirar o retrato, que ficará pendurado na parede da sala que leva seu nome, eternizando sua presença neste espaço educacional. Para que não se esqueçam de quem foi e o que representou para todos nós que os conhecemos.

Todos entram em silêncio na sala e admiram o retrato com lágrimas nos olhos. Os adultos abraçam as crianças e, nesse abraço, consolam-se mutuamente dessa perda irreparável. Sabem que Deoclécio viverá para sempre em seus corações. Mas será que sua existência ainda será lembrada quando eles não estiverem mais aqui para contar sobre o mestre? Olhar para o retrato materializa a certeza de que ele não será esquecido. Enquanto aqueles olhos gentis estiverem observando os que aprendem música naquela sala que leva seu nome, algo dele segue existindo. À primeira vista, pode parecer apenas uma imagem de um homem negro, vestido de maneira elegante, pendurada em uma

parede, mas, para os olhos atentos, é a certeza de que, em algum lugar do passado, existiu um homem negro de olhar bondoso que foi tão importante naquela instituição que mereceu um retrato emoldurado na parede. E isso não é pouca coisa!

Retrato restaurado de Deoclécio

Fonte: Acervo Escola de Música Santa Cecília

Deoclécio no ensaio do coro na E. M. Santa Cecília

Fonte: Acervo Escola de Música Santa Cecília

Professores da E.M. Santa Cecília

Fonte: Acervo Escola de Música Santa Cecília

HISTÓRICO DO LIVRO E DOSSIÊ DE PESQUISA

Conheci a tia Lili (Lilian Regina Marcilio Nogueira) em março de 2023, em uma reunião de um projeto artístico que acabou não acontecendo. Voltamos juntas de ônibus, e nessa nossa primeira conversa, ela me contou sobre seu avô, um maestro negro que havia vivido em Petrópolis no início do século XX. Fiquei encantada com a história e estava certa de que ela já teria parceiros para fazer um filme sobre seu avô, o maestro Deoclécio Damasceno de Freitas. Fiquei extremamente surpresa quando descobri que ninguém havia se proposto, até aquele momento, a executar um projeto de maior abrangência. Ela havia feito uma pesquisa de documentação e fotografias, que resultou em uma exposição que ficou em alguns espaços da cidade de Petrópolis entre 2006 e 2008. Além disso, seguia nessa missão de vida: espalhar a história de seu avô por onde passasse. Propus a ela que escrevêssemos um projeto de documentário para o edital Paulo Gustavo e iniciei uma rápida pesquisa para escrever o argumento do filme. O projeto foi aprovado e, em 2024, filmamos e lançamos o filme “Canção para Deoclécio”, que acompanha a trajetória de restauração de um retrato de Deoclécio Damasceno de Freitas, pendurado em uma sala da Escola de Música Santa Cecília, para refletir sobre questões ligadas à preservação da memória negra na cidade de Petrópolis.

Durante a produção do filme, fui organizando um pequeno material, compilando as informações e a documentação que encontrei durante o processo de pesquisa. Comecei também a desejar publicar um livro para partilhar a vida de Deoclécio de maneira escrita e ampliar o acesso de músicos e pesquisadores da música brasileira à obra desse importante maestro, invisibilizado pela história ao longo das décadas. Nessa última parte do livro, publicamos o trecho textual do dossiê de pesquisa produzido para o documentário, atualizado com dados de pesquisa encontrados durante o processo de escrita do livro e com partituras localizadas no acervo da Escola de Música Santa Cecília.

Nascimento, família e chegada em Petrópolis

Deoclécio Damasceno de Freitas nasceu em 17 de junho de 1888, em Sant’Anna de Sebollas, distrito do município de Paraíba do Sul, que hoje leva o nome de Inconfidência. É o quarto filho do casal

João Damasceno de Freitas e Zulmira de Jesus Damasceno de Freitas, primeiro dos filhos a nascer após a abolição da escravatura no Brasil. Seu pai morre aos 66 anos, em 1898, quando Deoclécio tinha 10 anos de idade. Em sua certidão de óbito consta a profissão lavrador, dado que, junto com sua idade, a ausência de informações sobre seus pais e a naturalidade do estado da Bahia nos levariam a acreditar que João foi escravizado em uma das fazendas do município, que era um grande produtor de café na segunda metade do século XIX. Com a assinatura da lei Eusébio de Queirós e o consequente fim do tráfico negreiro entre África e Brasil na década de 1850, tornou-se comum o fluxo de negros da Bahia para os Estados do Sudeste com grandes plantações. Porém, o nome de João aparece duas vezes em jornais da Paraíba do Sul durante a década de 1870, dando conta de que ele tinha renda própria e era alfaiate, o que pode indicar que ele já veio da Bahia como negro liberto e com profissão. Uma das filhas de Deoclécio relata que o avô tocava nos saraus da fazenda, e Deoclécio assistia, admirado, junto à sua mãe na cozinha, ao pai tocar.

Pouco se sabe de como Deoclécio chegou a Petrópolis, mas é possível que a família tenha se mudado para a cidade entre a morte do pai e 1905, ano em que o nome de João Damasceno de Freitas, o mais velho dos irmãos, então com 22 anos, consta em uma listagem de alistamento para o voto em Petrópolis. Zulmira de Jesus Damasceno de Freitas, mãe de Deoclécio, morre em Petrópolis, em junho de 1909. Sobre Zulmira, nada mais se sabe além do que foi encontrado nos registros de nascimento e morte, uma vez que mulheres das classes sociais mais baixas não costumavam aparecer com frequência nos jornais da época. Das irmãs de Deoclécio, não foi encontrada nenhuma evidência posterior à morte do pai, em 1898, ainda em Sebollas. Nessa data, a mais velha, Luísa de Jesus de Freitas, tinha 18 anos; Maria Damasceno de Freitas, 6 e Emilia Damasceno de Freitas, 4 anos.

A primeira evidência documental da presença do próprio Deoclécio na cidade é a inclusão de seu nome e dos seus dois irmãos mais velhos, João e José Damasceno de Freitas, na lista de músicos do Tiro de Guerra nº 12 (Petrópolis), no evento de comemoração da Proclamação da República, em 15 de novembro de 1909. A informação de que Deoclécio teria vindo para integrar a banda do Clube de Tiro

Petropolitano é reiterada em uma notícia sobre sua morte, publicada pelo periódico Pequena Ilustração, que declara que o maestro viera para Petrópolis “a convite do saudoso capitão Castro, para ingressar no corpo de estante do Clube Leopoldo Miguez, que teve memorável época.”

Em agosto de 1909, Deoclécio casa-se, aos 21 anos, com Maria Magdalena do Valle, de 16 anos. Uma foto, datada aproximadamente de 1910, mostra Deoclécio junto a André Tanein e a dois dos irmãos Eckhardt – que seriam seus parceiros na Escola de Música Santa Cecília alguns anos mais tarde – como membros de uma orquestra que tocava no cinema Rio Branco.

Em dezembro de 1911, uma nota do jornal O Pharol noticia a prisão de Deoclécio pelo rapto da jovem “Edwiges”. Em pesquisa feita no arquivo do Poder Judiciário do Estado do Rio de Janeiro, foi possível encontrar os autos do processo de prisão de Deoclécio. A jovem, na verdade, se chamava Hercília Maria da Conceição, tinha 18 anos, era costureira e namorava Deoclécio desde setembro daquele mesmo ano. Segundo o depoimento da jovem, eles se conheciam havia cerca de sete anos, ela sabia que Deoclécio era casado e, mesmo assim, manteve um relacionamento com ele. Porém, sabia que sua mãe desaprovava a relação e ambos decidiram, em comum acordo, fugir para Barbacena. Foram encontrados quase um mês após a fuga, e Deoclécio foi julgado e condenado por defloramento e rapto de menor, passando 14 meses na prisão.

Década de 1920

O nome de Deoclécio, associado a sua carreira musical, não começa a aparecer nos jornais de Petrópolis antes de 1923. No dia 04 de julho desse ano, acontece, no Theatro Petrópolis, um evento organizado pela Associação Petropolitana de Sciencias e Letras (futura Academia Petropolitana de Letras) com programação variada, da qual faz parte a cena bucólica “As segadeiras e as respigadeiras”, com letra de Eugênio Libonatti e música de Deoclécio Damasceno de Freitas. A partitura dessa música ainda existe, embora a letra de Libonatti tenha se perdido ao longo do tempo.

Em setembro de 1923, morre o maestro Paulo Carneiro, fundador da Escola de Música Santa Cecília, que oferecia aulas de música em Petrópolis desde 1893. Após a morte de seu fundador, a escola é transformada em Sociedade Civil. Deoclécio é nomeado como parte da comissão que irá escrever o estatuto da escola, junto a José de Castro Wendling, Reynaldo Chaves e Joaquim Gomes dos Santos. Presume-se que Deoclécio e Reynaldo Chaves já se conheciam pelo menos desde 1909, uma vez que os dois estão listados como músicos na banda do Tiro de Guerra petropolitano naquele ano. Em 1928, quando o estatuto fica pronto, Deoclécio aparece duas vezes no documento de fundação da escola como sociedade civil: como procurador e subdiretor e será professor da Escola de Música até sua morte, em 1942.

Em 08 de julho de 1925, morre Maria Magdalena de Freitas, primeira esposa de Deoclécio, deixando sete filhos: Nair, Edgar, Juracy, Celina, Hélio, Maria Isabel e Jaymerina. É possível que tenham perdido ao menos um filho de morte prematura, posto que consta uma nota de batismo de uma criança do casal chamada Mercedes, em agosto de 1915, mas esta não aparece na listagem de filhos vivos da certidão de óbito da mãe. Deoclécio casa-se novamente, em 19 de fevereiro de 1929, aos 40 anos, com Maria José da Silva, de 22 anos.

Década de 1930

É na década de 1930 que Deoclécio começa a ganhar maior visibilidade na cidade de Petrópolis. Além de continuar como professor da Escola de Música Santa Cecília e fundar a Banda *Jazz* Rio-Petrópolis, há registros de que Deoclécio compôs diversos hinos e regeu coros e orquestras importantes na cidade.

Hinos e Músicas Autorais

Foram encontrados nos jornais da época registros de algumas músicas de Deoclécio Damasceno de Freitas: um hino em homenagem ao Barão de Teffé, com letra do padre Lúcio Gambarra, executado em cerimônia feita em homenagem ao barão pela Academia Petropolitana de Letras em maio de 1931. Do mesmo ano, é o hino do Lyceu de Artes e Ofícios de Petrópolis, também

com letra do padre Gambarra e música de Deoclécio, executado pela primeira vez em festa cívica no Palácio de Cristal no dia 07 de setembro. Em 1938, Deoclécio compõe o hino da Associação Cristã de Moços (ACM), com letra do Professor Motta Sobrinho. Foram ainda encontradas, durante a pesquisa, na biblioteca da Escola de Música Santa Cecília, as seguintes partituras: de uma música sem nome; outra de nome “Ila”; das valsas “Mercedes”, “Elvira” e “Aurora”; de um tanguinho chamado “A Telephonista” (com letra de Rey Naldo); de uma polka de nome Bijou (também com letra de Rey Naldo); do tango “Mutt e Jeff”; e de uma música chamada Berceuse, em homenagem ao maestro Paulo Carneiro.

Regências

Entre 1932 e 1934, rege o corpo coral da Schola Cantorum da Liga Católica Jesus Maria José (JMJ), estando com este coro em diversas celebrações religiosas da cidade, como a inauguração do Cruzeiro, no Palácio de Cristal, em junho de 1932; a festa de São Pedro de Alcântara, na Igreja Matriz (Catedral de Petrópolis), de 1932 a 1934; as Festas Jubilares Episcopais, em 1932; e as viagens da JMJ a Mangaratiba e Niterói, em 1933.

Durante a década de 1930, Deoclécio regeu o coro e a orquestra de docentes da Escola de Música Santa Cecília, fundando oficialmente o corpo orfeônico da instituição em outubro de 1937. A presença deste orfeão, regido por Deoclécio, foi aclamada em diversas celebrações oficiais de Petrópolis, como a celebração da fundação da cidade, no salão nobre da prefeitura, em 16 de março de 1939, e a execução do Hino da Proclamação da República no desfile oficial em comemoração aos cinquenta anos da proclamação, em 15 de novembro deste mesmo ano.

Em 1939, é convidado para ser maestro da Banda 1º de Setembro, de Cascatinha, cargo no qual permanece até sua morte em 1942. Ainda nesse ano de estreia na regência da banda, executa, em companhia das bandas Euterpe e Commercial, o Hino Nacional na celebração do Dia da Independência em Petrópolis.

Jazz Rio Petrópolis

Um anúncio publicado no semanário Pequena Ilustração, em novembro de 1942, informa que a banda Jazz Rio-Petrópolis existe há doze anos. Deoclécio faz parte dela desde o início, como maestro e trompetista, mas a banda começa a aparecer semanalmente nos jornais da cidade a partir de 1933. Deoclécio é citado nominalmente em muitos dos anúncios de baile, acompanhado por adjetivos como “aclamado”, “conhecidíssimo”, “famoso” e afins. Em 1934, o *Jazz* Rio-Petrópolis vence o concurso popular de Melhor Banda de Jazz promovido pela Pequena Ilustração. De 1933 até a morte do maestro, em 1942, é fácil encontrar o nome da banda na seção de bailes semanais dos jornais da cidade, inclusive em finais de semana nos quais toca em mais de um baile. Entre os eventos importantes para os quais são convidados ao longo dos anos, estão: o carnaval do Petropolitano FC, o réveillon do Club Petrópolis, o evento de aniversário da Revista Pequena Ilustração, a viagem de barco à Ilha do Governador e a viagem à Paraíba do Sul.

Década de 1940 - 1942

Deoclécio está no auge de sua carreira na década de 1940. Além de ocupar o cargo de professor na Escola de Música Santa Cecília e reger seu corpo orfeônico, fundado em 1937, em 1940 Deoclécio funda a Orchestra Paulo Carneiro, com seu primeiro concerto no Palácio de Cristal, em 15 de setembro daquele ano. Deoclécio segue ainda no comando da Banda 1º de Setembro, de Cascatinha, e da Jazz Rio-Petrópolis, que segue sendo altamente requisitada nos bailes da cidade. Encontramos registro de apenas uma música composta por Deoclécio na década de 1940: uma canção chamada “Petrópolis”, com letra de Lula G. Cavalcanti, executada no evento em homenagem ao Dia da Música na Escola de Música Santa Cecília no dia 22 de novembro de 1941. Essa partitura ainda não foi localizada.

No dia 13 de setembro de 1942, é noticiado no semanário *Pequena Ilustração* a licença-saúde de 30 dias do professor Deoclécio Damasceno de Freitas, que é substituído provisoriamente por três outros docentes da instituição. Deoclécio morre na madrugada do dia 2 de outubro de 1942, deixando a viúva Maria José de Freitas e doze

filhos. Além dos sete filhos do primeiro casamento, Deoclécio teve mais seis filhos com sua segunda esposa, Maria José. O mais novo, Délio Luiz, tinha apenas três meses.

Enterro e Homenagens Póstumas

A morte de Deoclécio é lamentada pelos principais jornais da época, com notícia na capa da Tribuna de Petrópolis, em 03 de outubro de 1942, e notas de pesar ao longo dos dias seguintes em diversos veículos de comunicação da cidade e da capital. Compareceram ao seu enterro representantes da Tribuna de Petrópolis, da Pequena Ilustração, do Jornal de Petrópolis e de diversas instituições com as quais Deoclécio contribuiu ao longo de sua vida, como o Clube Euterpe, a Banda Commercial, a Jazz Rio-Petrópolis, o Bogari-Clube e o Asilo do Amparo. A Banda 1º de Setembro compareceu incorporada e tocou em homenagem ao falecido maestro.

A Escola de Música Santa Cecília ficou um mês fechada em sinal de luto e, ao reabrir, no dia 03 de novembro de 1942, inaugurou uma sala e um retrato em homenagem a Deoclécio. Durante as celebrações de 50 anos da fundação da Escola de Música Santa Cecília, em fevereiro de 1943, acontece uma romaria aos túmulos do fundador da escola, maestro Paulo Carneiro, e de Deoclécio Damasceno de Freitas.

Em 14 de abril de 1961, uma travessa da Rua Teresa é denominada “Travessa Deoclécio de Freitas”. Na comemoração dos cem anos da Escola de Música Santa Cecília, em 1993, Deoclécio é homenageado com um diploma *In Memoriam*.

Em 2008, Lilian Regina Marcilio Nogueira, neta de Deoclécio, organiza a exposição “Deoclécio em pauta”, reunindo fotografias e documentos referentes ao seu avô em exposição que itinerou pelos seguintes espaços no município de Petrópolis: inauguração no saguão da Câmara de Vereadores, temporadas na Sala van Dijk, no Centro de Cultura Raul de Leoni, e no Arcádia Mall, em Itaipava.

Em 2024, é feito um documentário em homenagem à vida e obra de Deoclécio Damasceno de Freitas, acompanhando a restauração do

retrato do maestro ampliado em sua homenagem após a sua morte em 1942. A restauração do retrato é inaugurada em um evento na Escola de Música Santa Cecília, com a presença da Banda 1º de Setembro, executando ao vivo partituras recém-encontradas pela pesquisa realizada para o filme. Em 2025, Lilian Regina Marcílio Nogueira inaugura na Vila Rica, bairro periférico localizado no 4º distrito do município de Petrópolis, o Espaço Cultural Comunitário Deoclécio Damasceno de Freitas, dedicado à memória de seu avô.

FOTO DE FAMÍLIA

Fonte: Acervo de família

PARTITURAS

Nesta seção do livro, encontram-se transcrições de seis partituras escritas pelo Maestro Deoclécio Damasceno de Freitas, além do fac-símile de uma sétima partitura. Essas partituras foram encontradas no acervo da Escola de Música Santa Cecília (Petrópolis, RJ), no ano de 2024, durante a pesquisa feita para o filme "Canção para Deoclécio". Alguns dados acerca dessas partituras:

"As segadeiras e as respigadeiras" é originalmente uma cena bucólica em versos com letra de Eugênio Libonatti e música de Deoclécio Damasceno de Freitas. A cena foi apresentada como parte da programação do festival cívico organizado pela Associação Petropolitana de Ciências e Letras (que viria a se tornar a Academia Petropolitana de Letras), em comemoração ao 1º centenário da reconquista da Bahia pelas tropas brasileiras. O festival aconteceu no Theatro Petrópolis, no dia 04 de julho de 1923, sob o comando do general Pedro Labatut, segundo noticiado pelos jornais Tribuna de Petrópolis e Jornal do Brasil.

"Berceuse" foi uma música feita por Deoclécio em homenagem ao maestro Paulo Carneiro, músico negro que fundou a Escola de Música Santa Cecília. Não encontramos registros da data desta partitura, mas podemos afirmar que ela é posterior a 10 de setembro de 1923, data da morte de Paulo Carneiro, uma vez que a inscrição inicial da partitura indica que a música foi feita em homenagem ao saudoso maestro Paulo Carneiro, e "berceuse" é uma palavra francesa, que significa "canção de ninar".

Sobre as músicas "Ila" e "Elvira", não encontramos dados adicionais em notícias de jornal ou anotados nas próprias partituras. Sabe-se que Ila foi uma das filhas do segundo casamento de Deoclécio, nascida no ano de 1930, e pode-se supor que a música com esse título tenha sido escrita para essa filha. Deoclécio possui também uma partitura intitulada "Mercedes", e foi encontrada uma nota em jornal, de agosto de 1915, do batismo de uma filha com esse nome. Podemos imaginar que o maestro escrevia músicas para suas filhas.

"Mutt e Jeff" eram os nomes de dois personagens populares oriundos de uma série de quadrinhos cômicos criada pelo cartunista

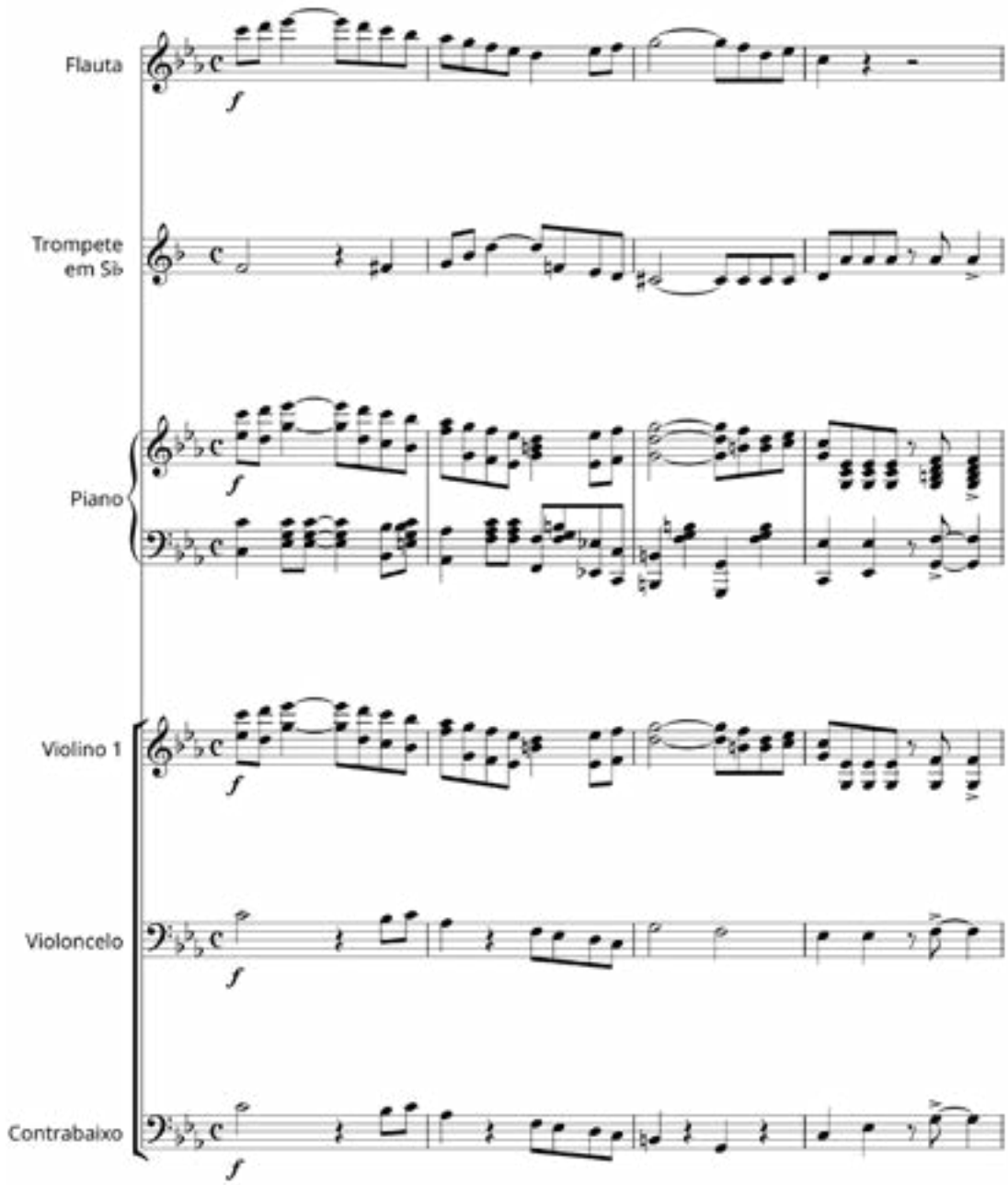
estadunidense Harry Conway Fisher. Não há documentação acerca dessa partitura. A música pode ter sido inspirada pelas tirinhas ou composta para acompanhar os filmes curtos dos personagens populares na década de 1910, mesmo período em que Deoclécio tocava na Orquestra do Cinema Rio Branco.

Embora a partitura da polka “Bijou” indique letra de Rey Naldo, a letra correspondente a essa música não foi localizada pela pesquisa. “Rey Naldo” trata-se de Reynaldo Chaves, dramaturgo e poeta petropolitano, que também participou da fundação da Escola de Música Santa Cecília como Sociedade Civil e era amigo próximo de Deoclécio, que musicou peças de teatro escritas por ele. Rey Naldo também é o letrista de “A Telephonista”.

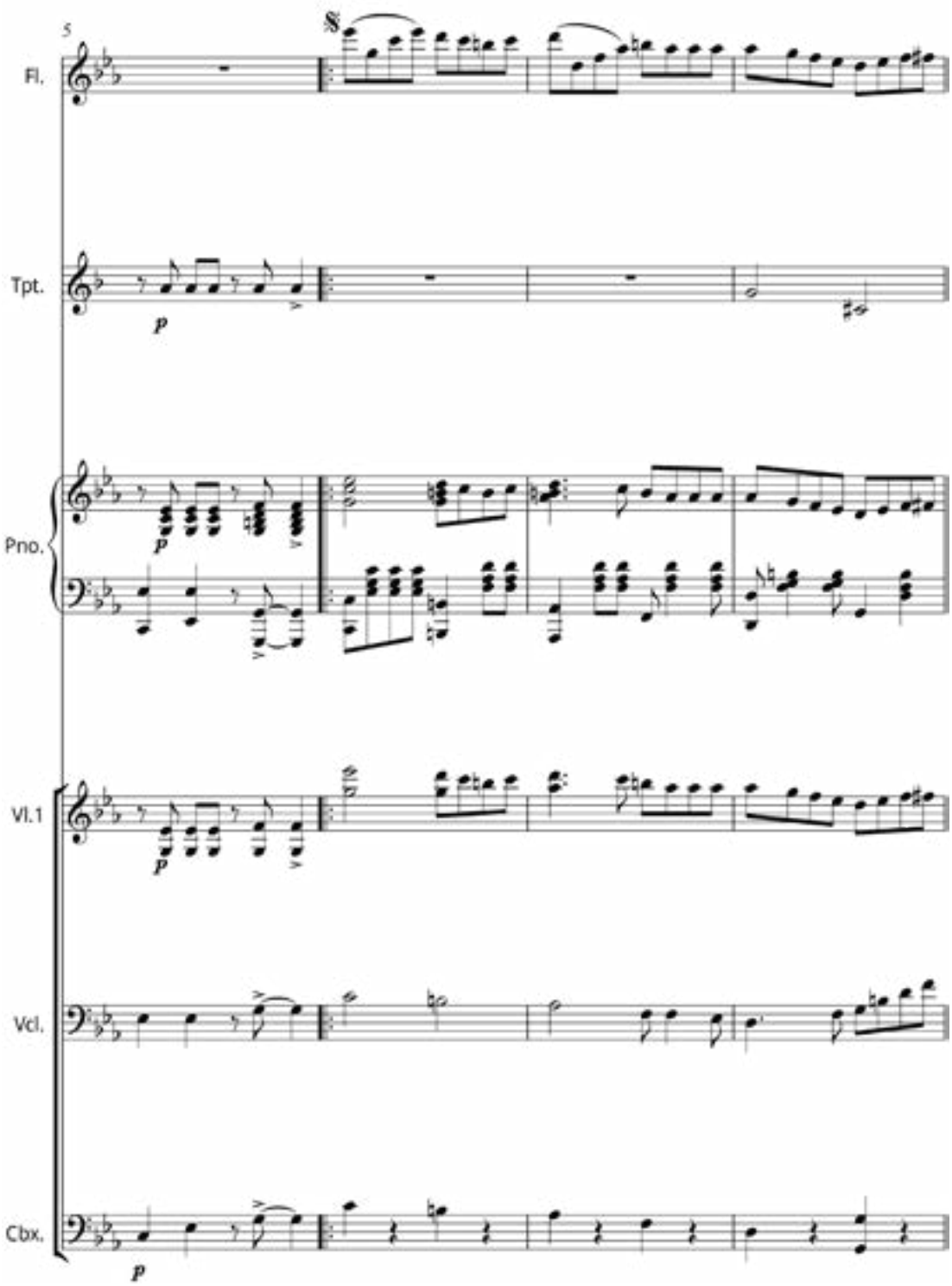
A decisão por reproduzir no livro a partitura da música “A Telephonista” em fac-símile se deu por se tratar de uma partitura formatada para venda na Loja de Música Vieira Machado & CA, localizada na Rua do Ouvidor, 179, no Centro do Rio de Janeiro. Essa foi a única partitura nesse formato encontrada durante a pesquisa. Na parte inferior direita da segunda página, estão impressos os números 7-1922, que assumimos corresponder à data da partitura em questão, o que coincide com a época em que a Loja de Música ficava no número 179 da Rua do Ouvidor. Apesar de as três primeiras páginas da partitura (compostas pela capa, pela letra da canção e pela partitura para piano) serem impressas, as partituras individuais de outros instrumentos (1º e 2º violino, baixo, violoncelo, trombone, piston, clarineta, flauta) estão escritas à mão, presumivelmente pelo próprio Deoclécio.

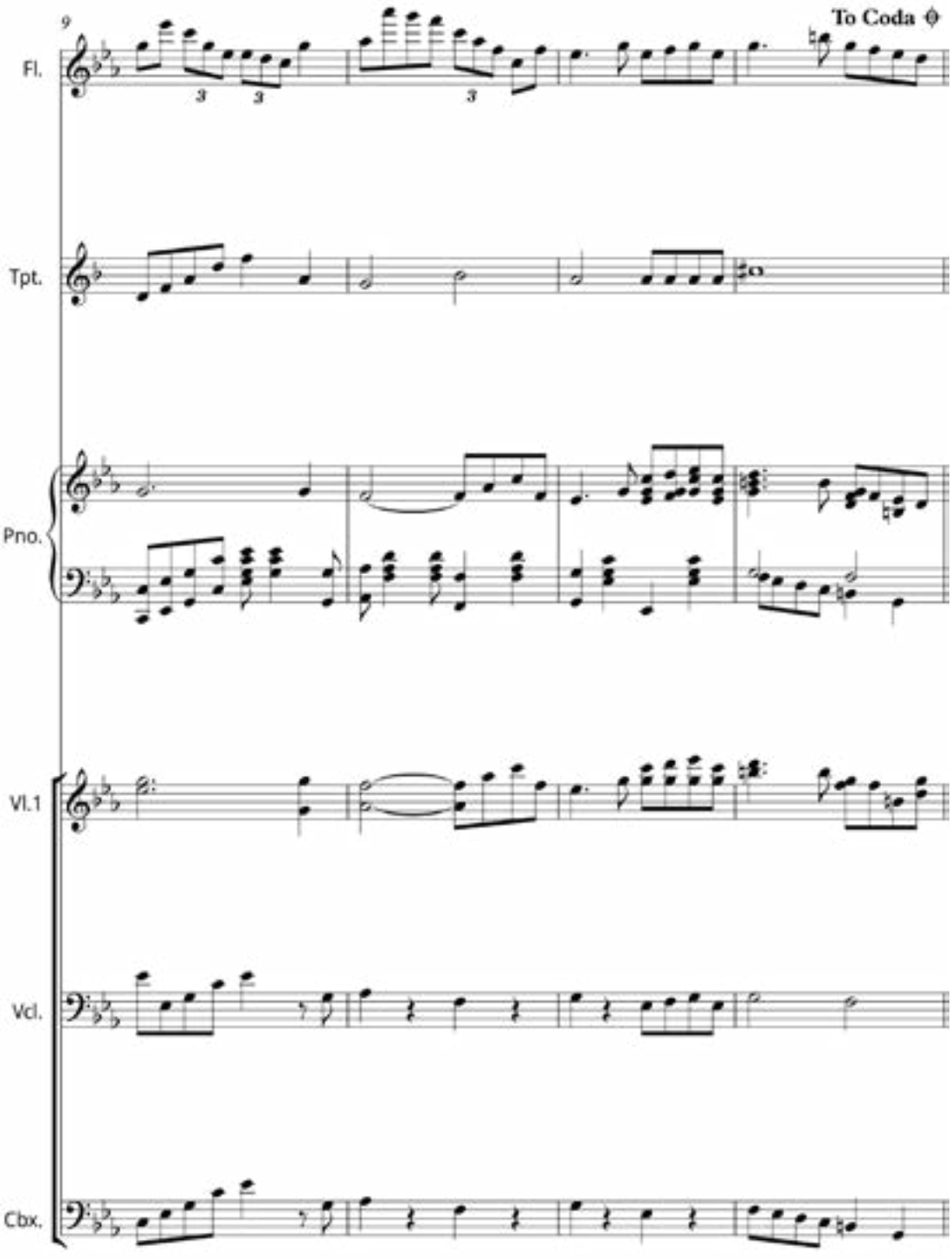
As segadeiras e as respigadeiras

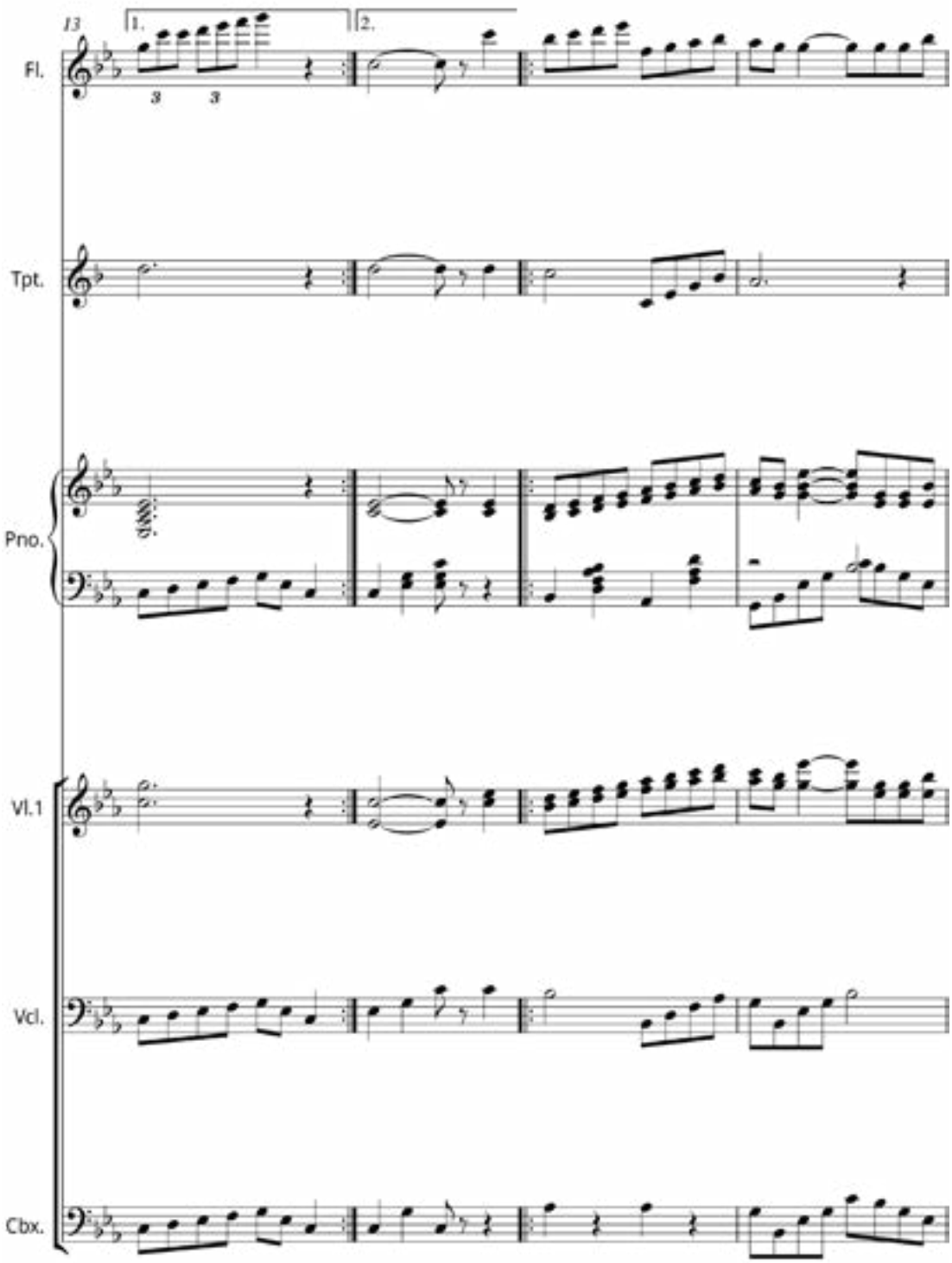
Deoclécio Damasceno de Freitas

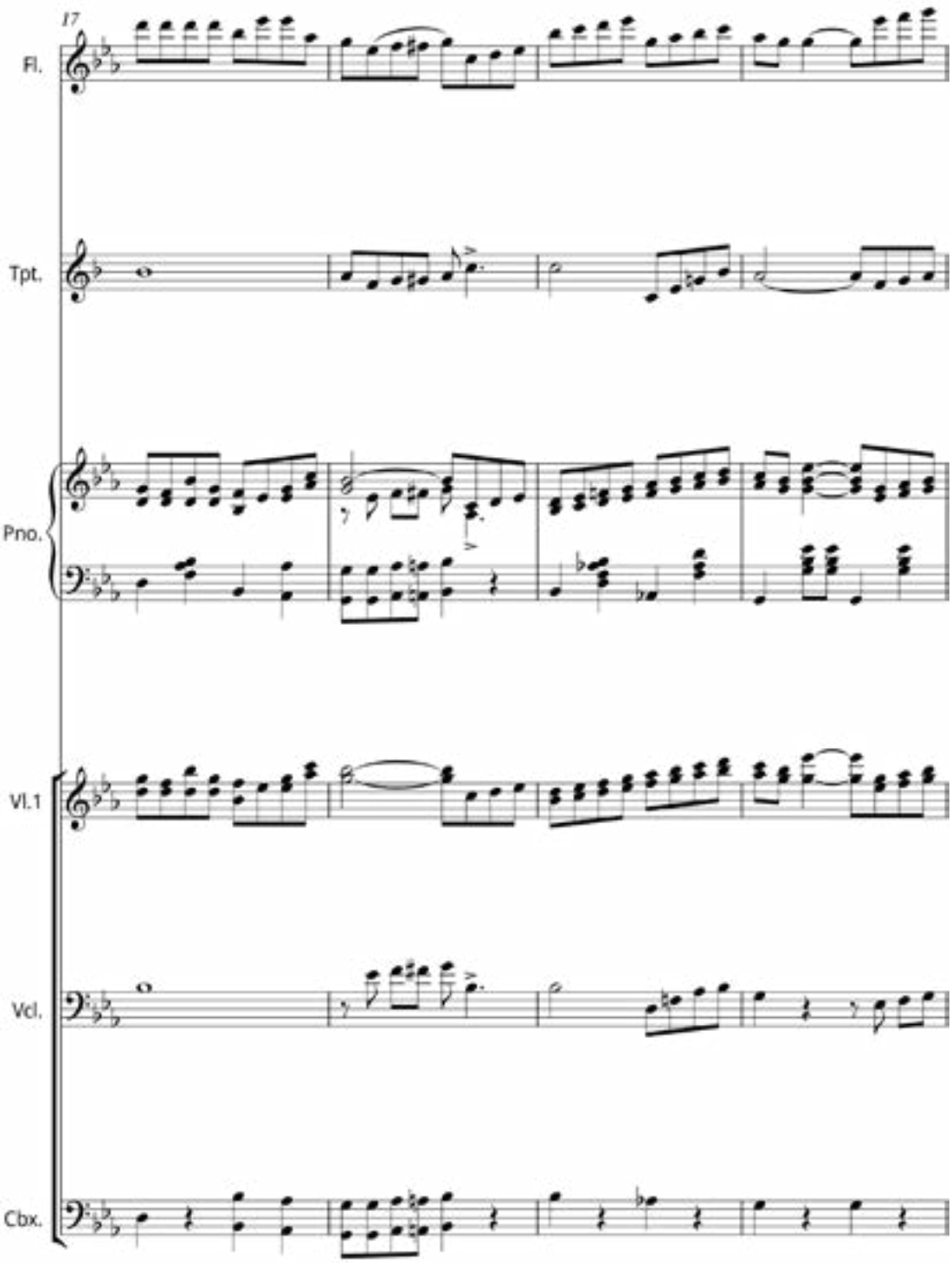


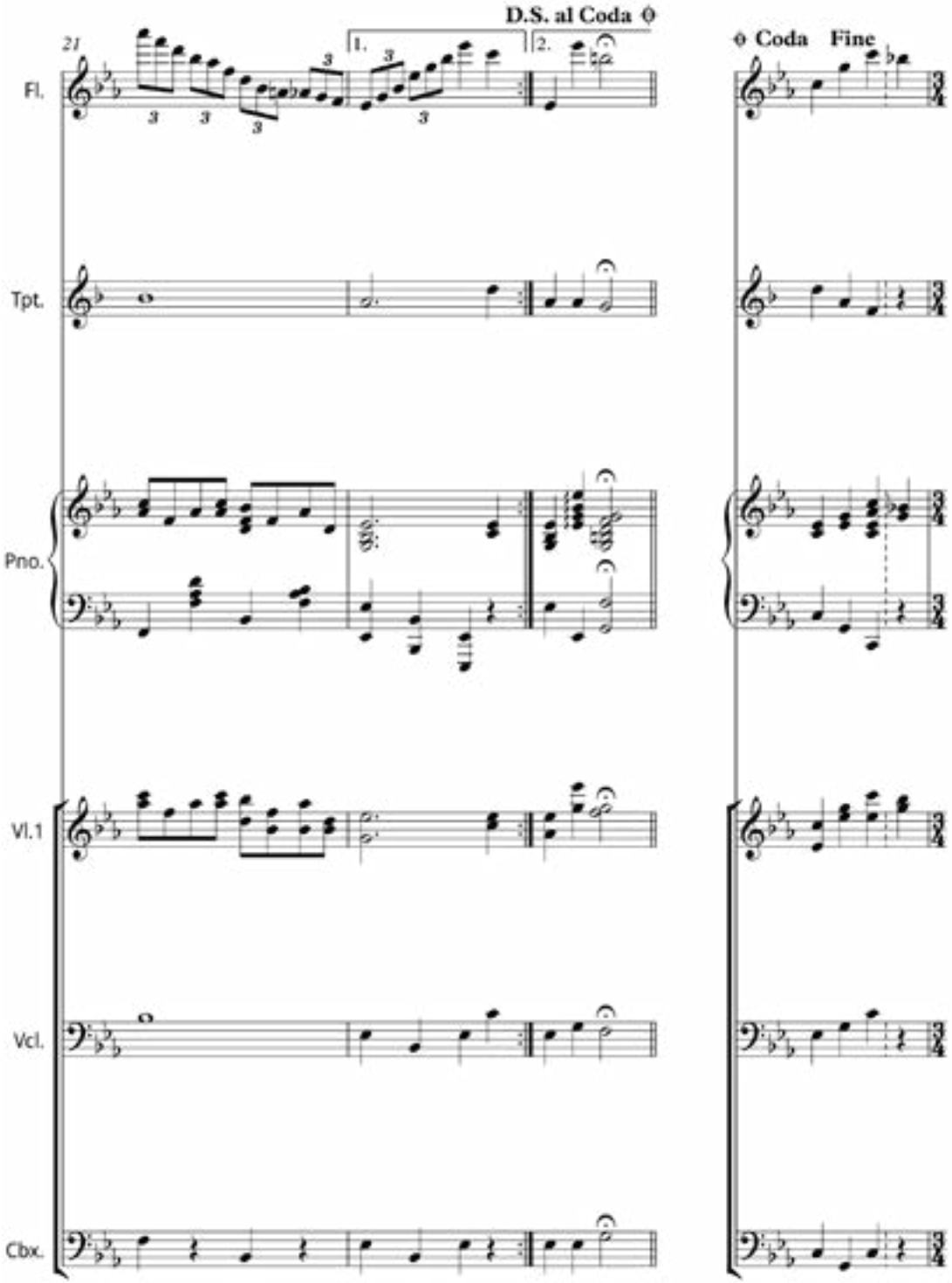
* Assumimos que a parte de violino 2 perdeu-se ao longo dos anos, uma vez que não houve cuidado e atenção especifica relativos a guarda do acervo criativo de Deoclécio Damasceno de Freitas.

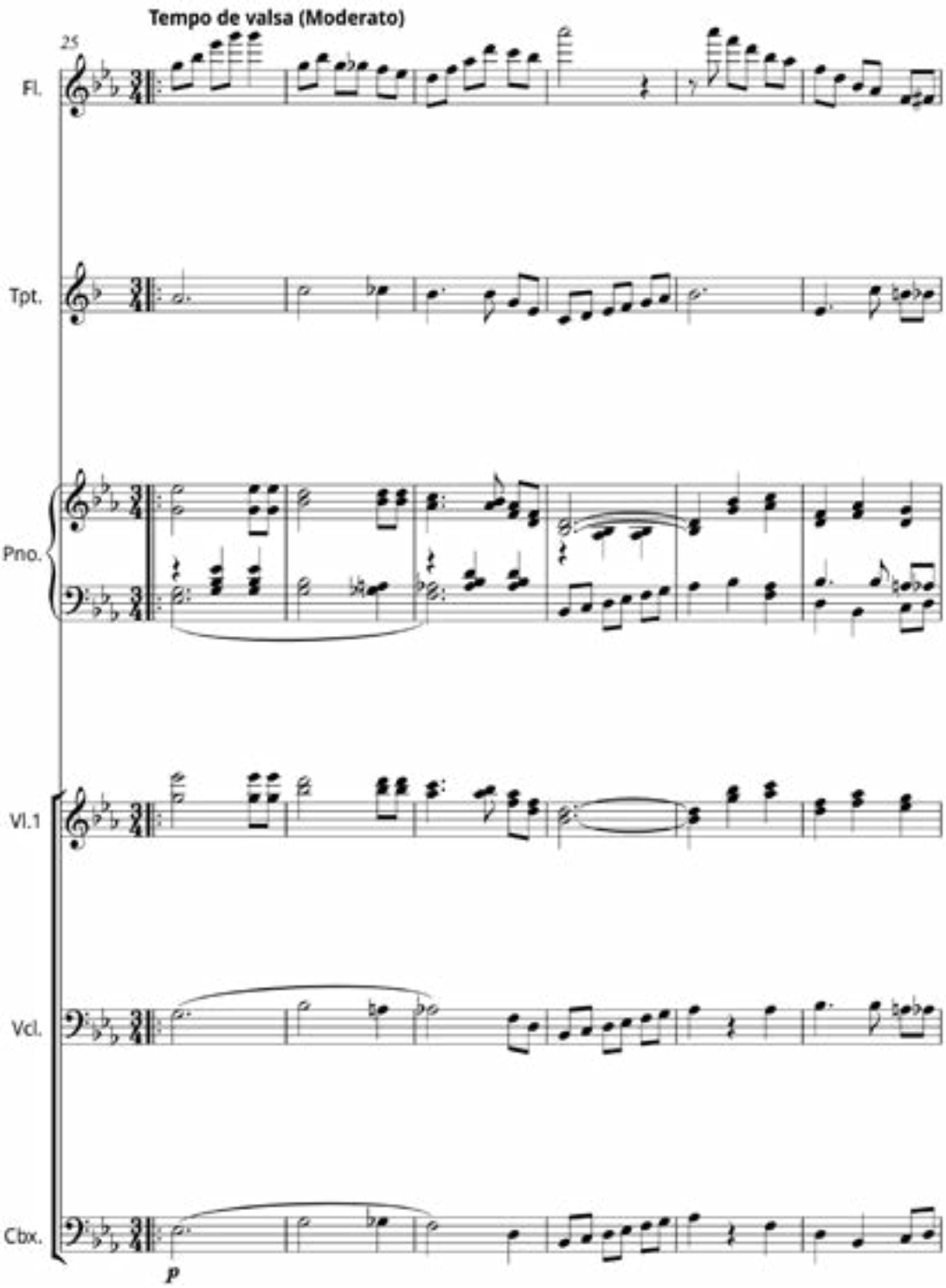

5
Fl.
Tpt.
Pno.
Vl.1
Vcl.
Cbx.
p

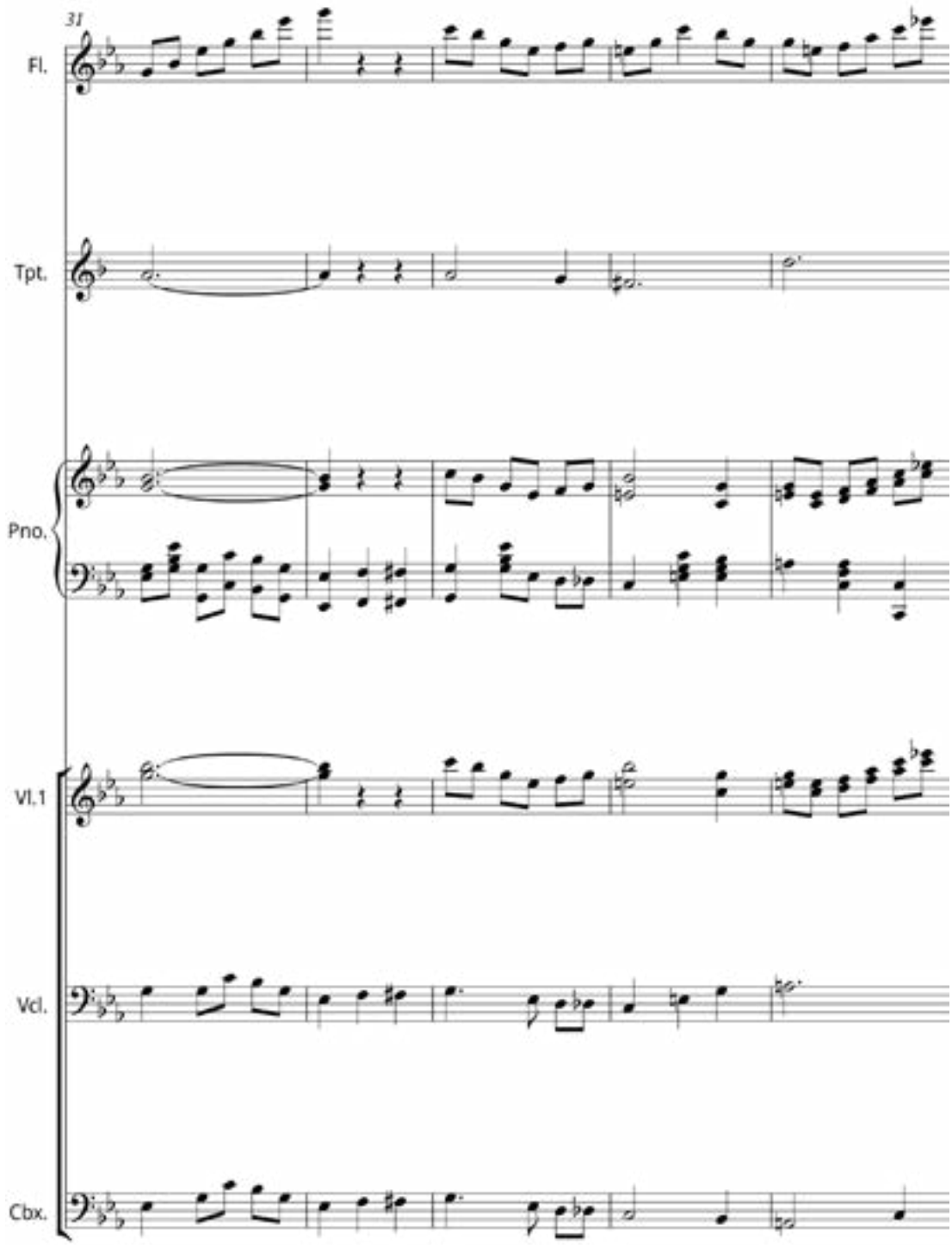

9
To Coda
Fl.
Tpt.
Pno.
Vl.1
Vcl.
Cbx.

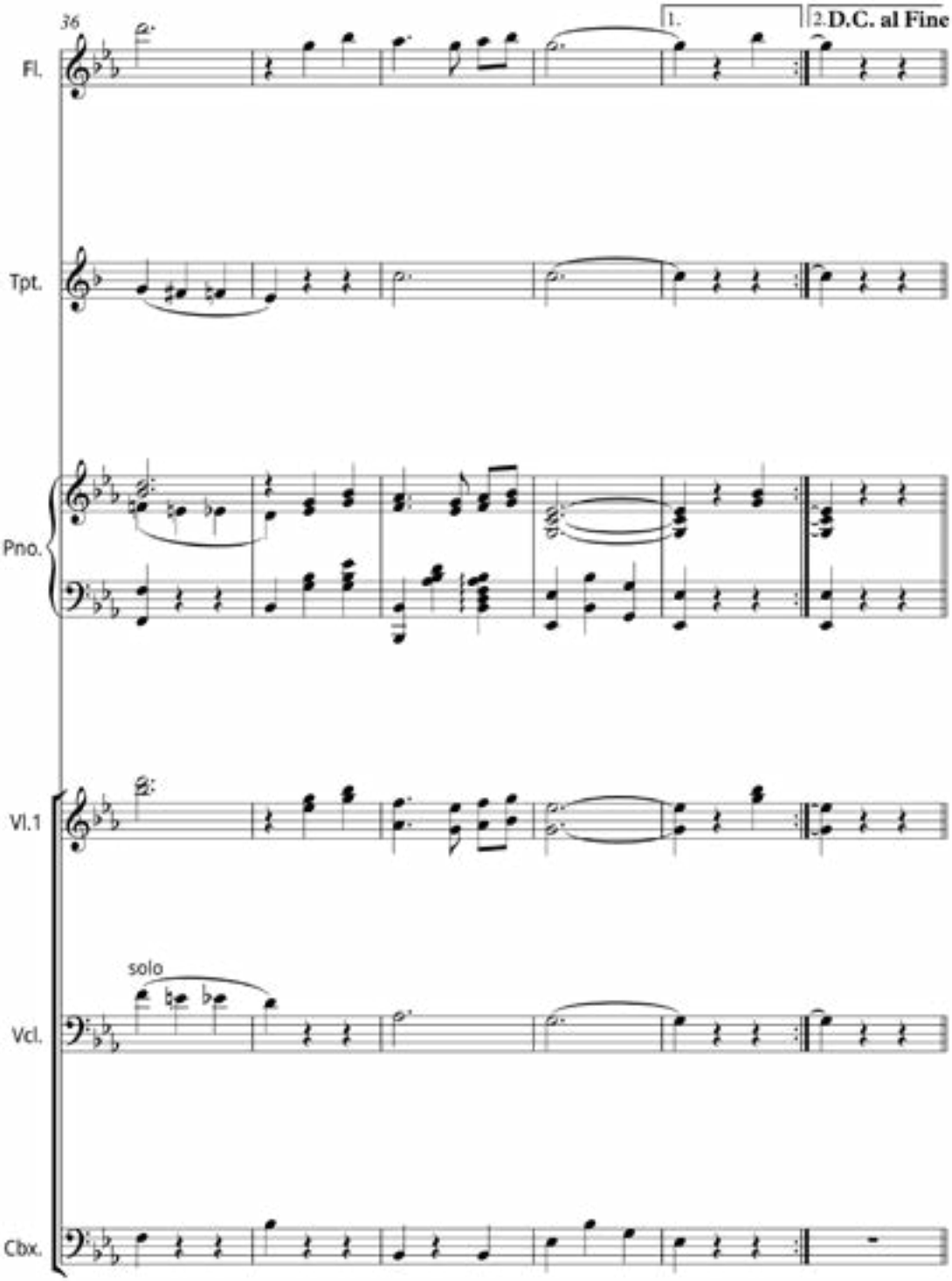

13
1.
2.
Fl.
Tpt.
Pno.
Vl.1
Vcl.
Cbx.


17
Fl.
Tpt.
Pno.
Vl.1
Vcl.
Cbx.


D.S. al Coda
21
1.
2.
Coda
Fine
Fl.
Tpt.
Pno.
Vl.1
Vcl.
Cbx.


Tempo de valsa (Moderato)
25
Fl.
Tpt.
Pno.
Vl.1
Vcl.
Cbx.
p

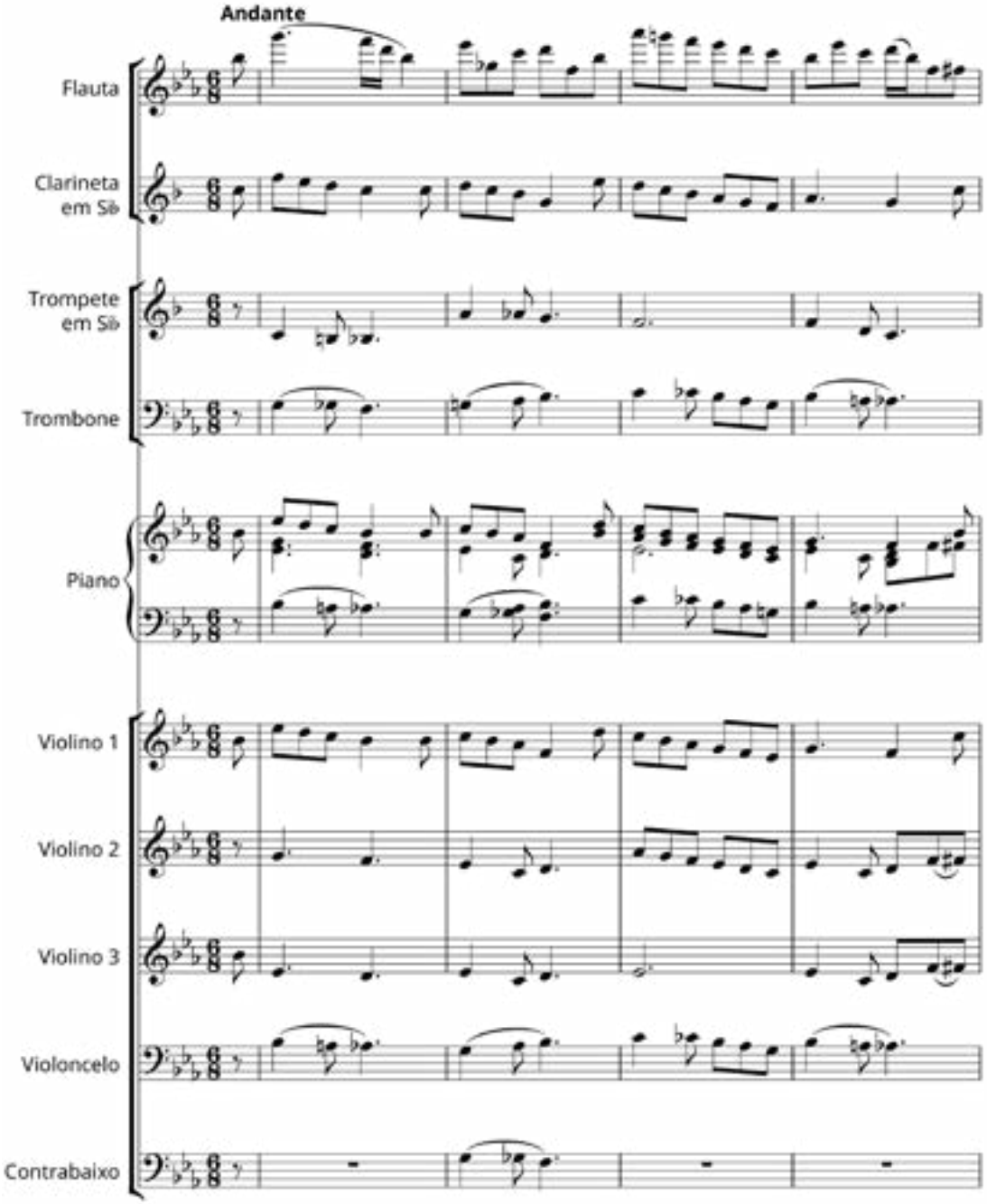

31
Fl.
Tpt.
Pno.
Vl.1
Vcl.
Cbx.

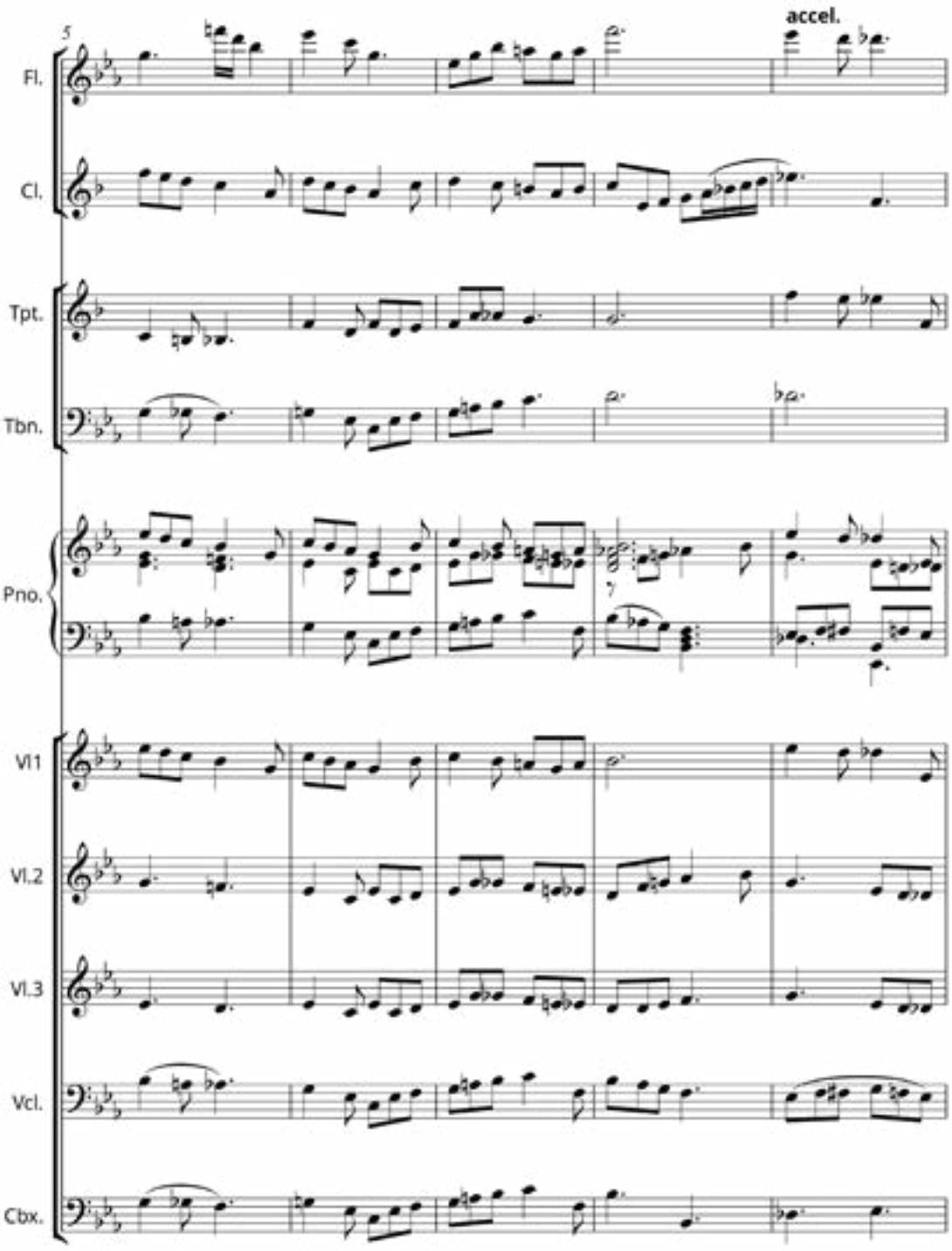

36
1.
2. D.C. al Fine
Fl.
Tpt.
Pno.
Vl.1
solo
Vcl.
Cbx.

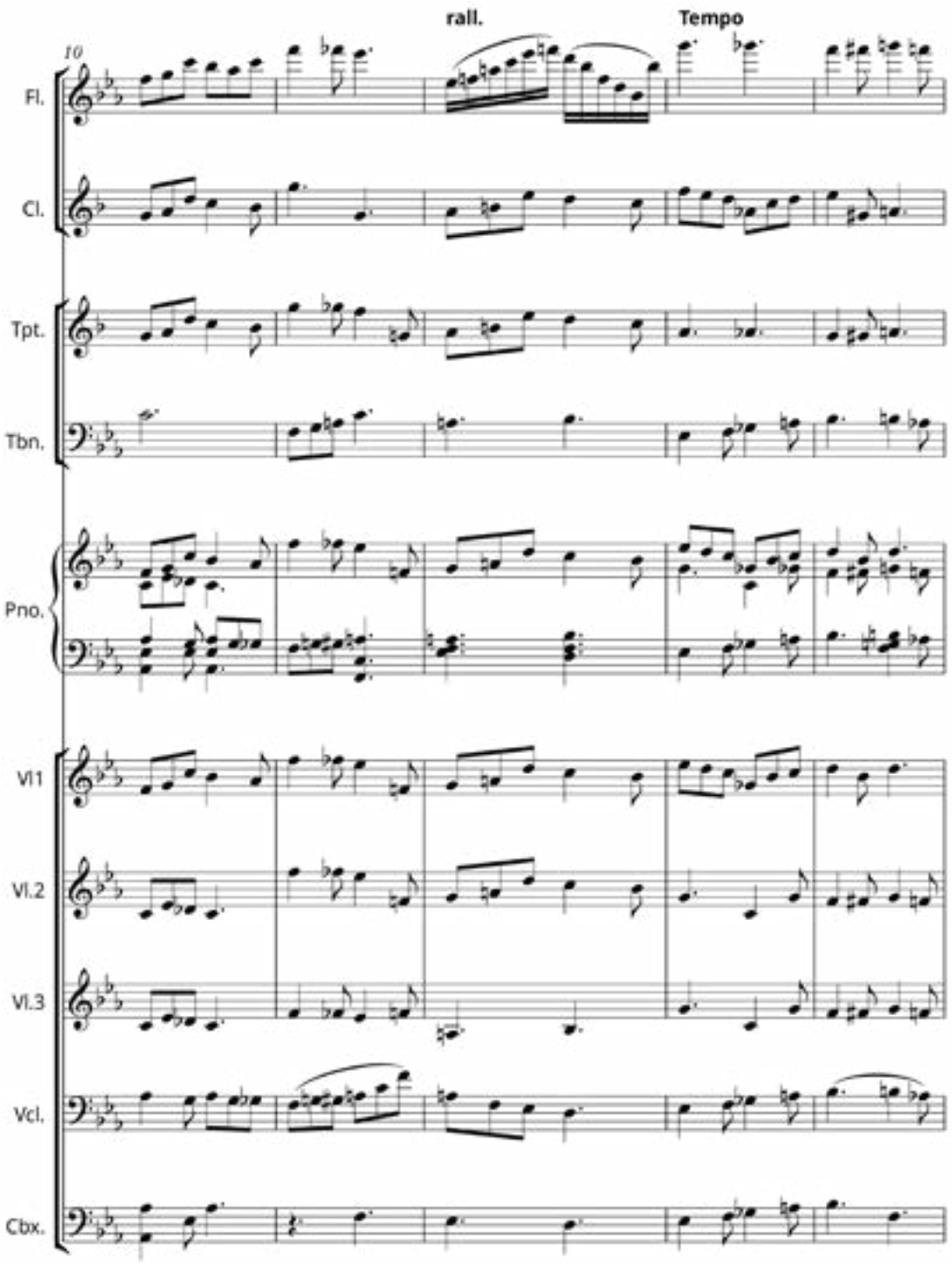
Em homenagem ao saudoso Maestro Paulo Carneiro

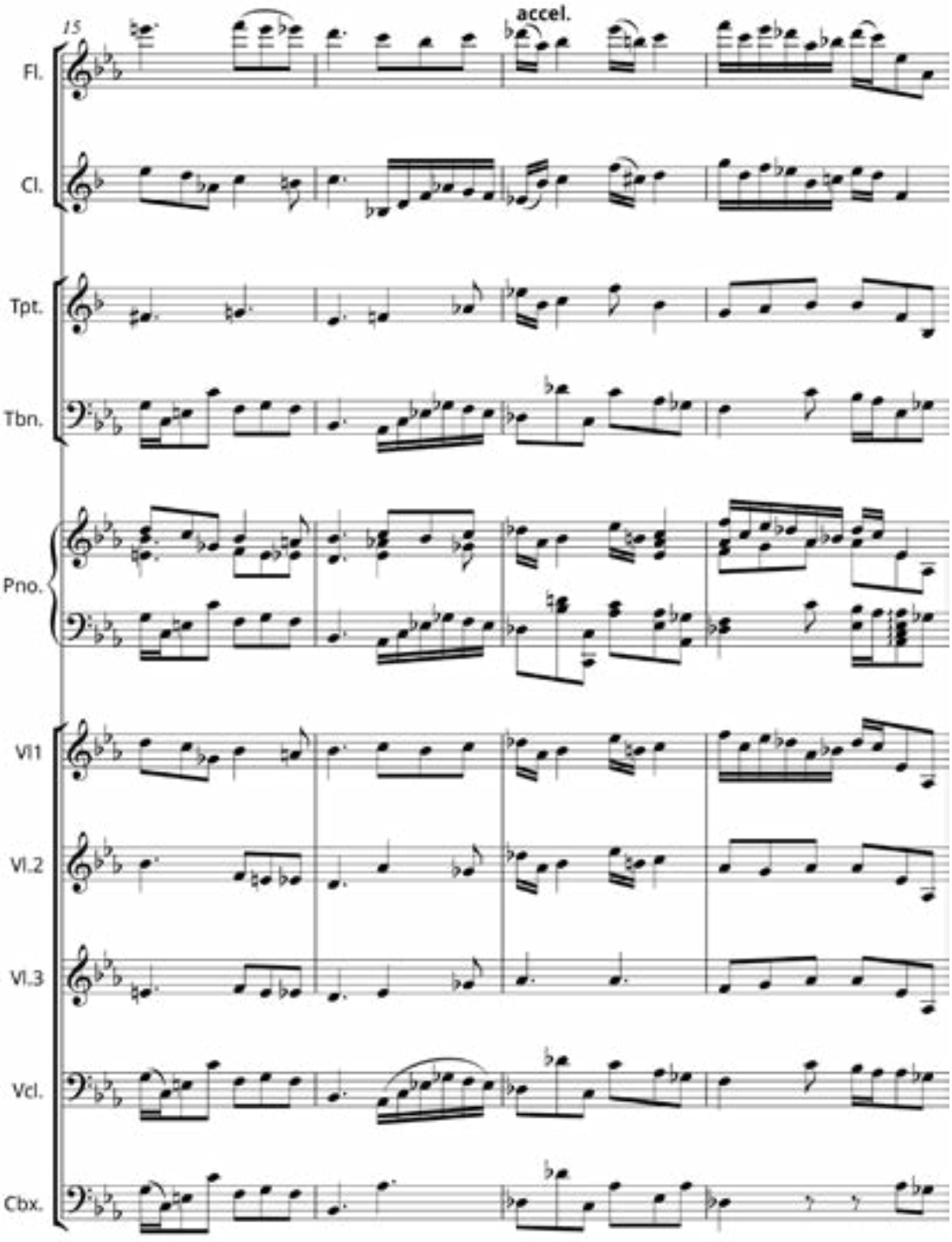
Berceuse

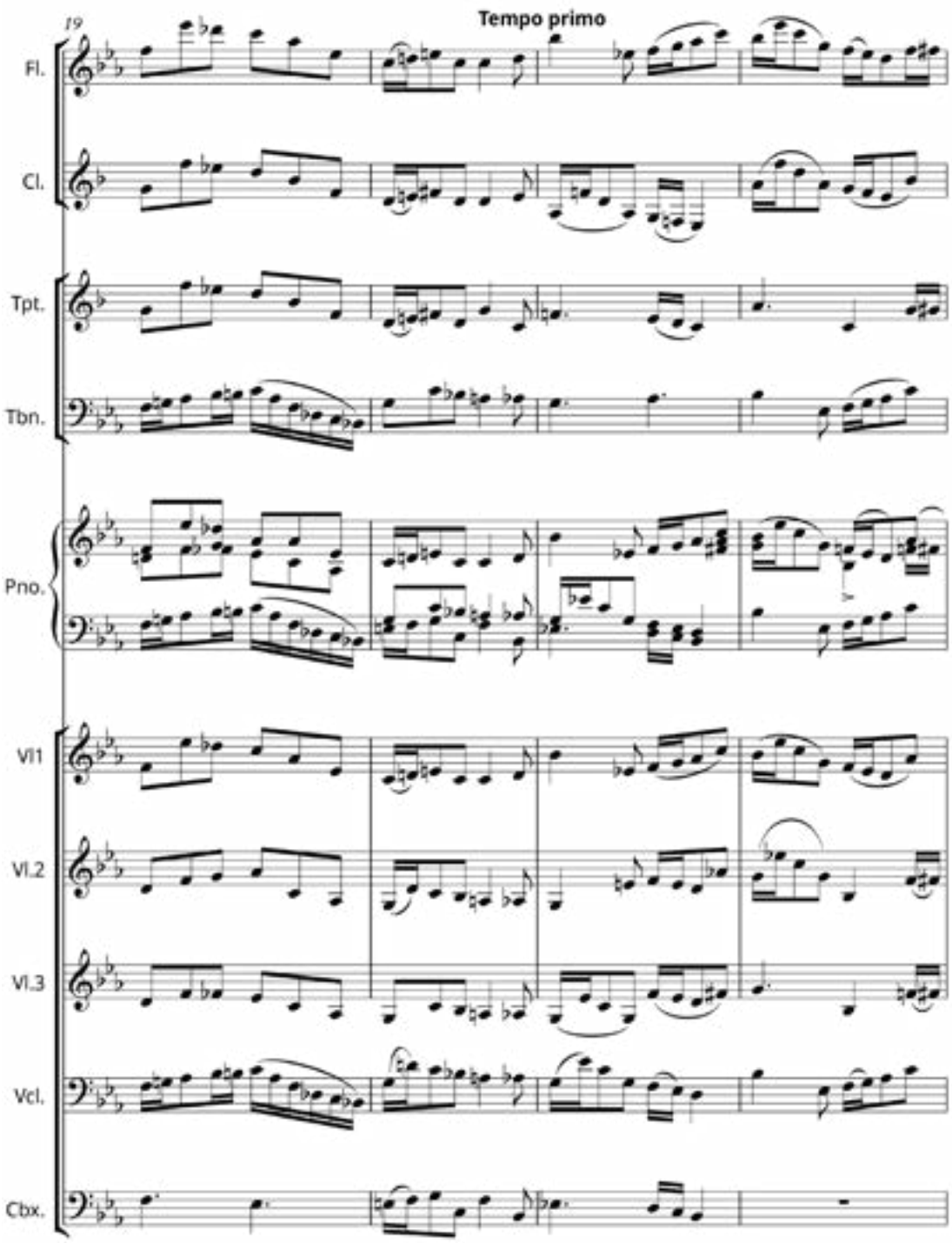
Deoclécio Damasceno de Freitas

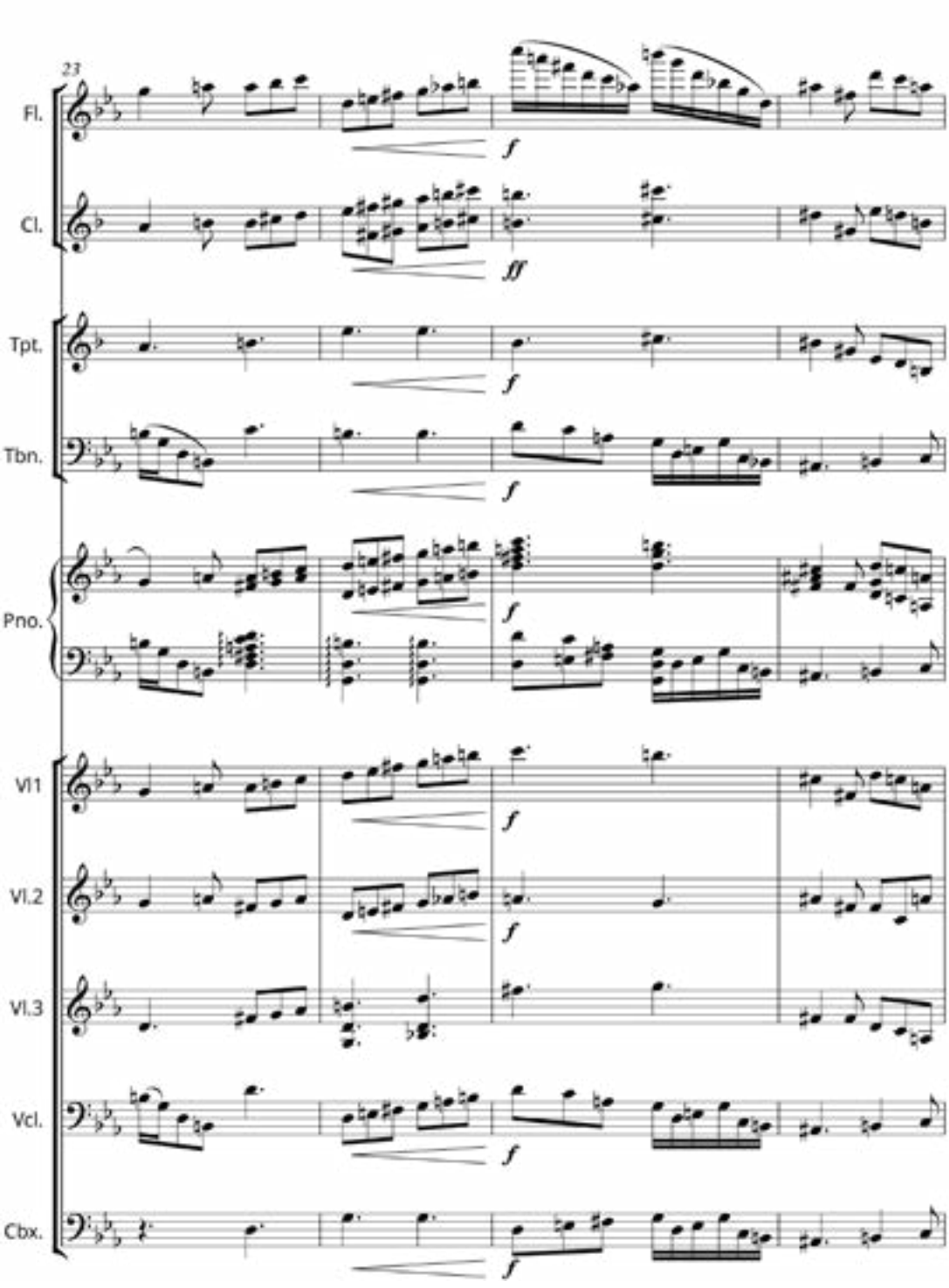


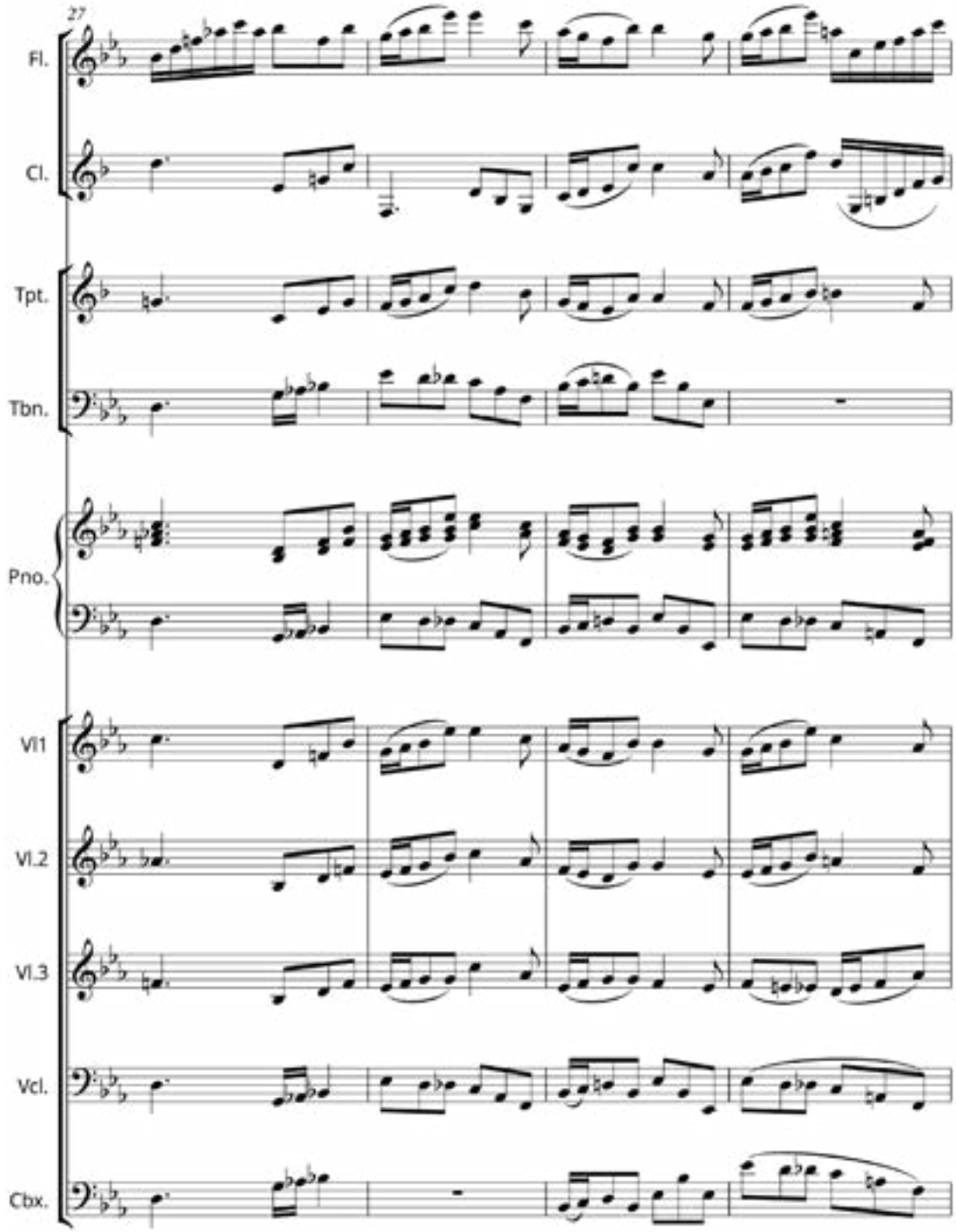

5
accel.
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Pno.
Vl1
Vl.2
Vl.3
Vcl.
Cbx.

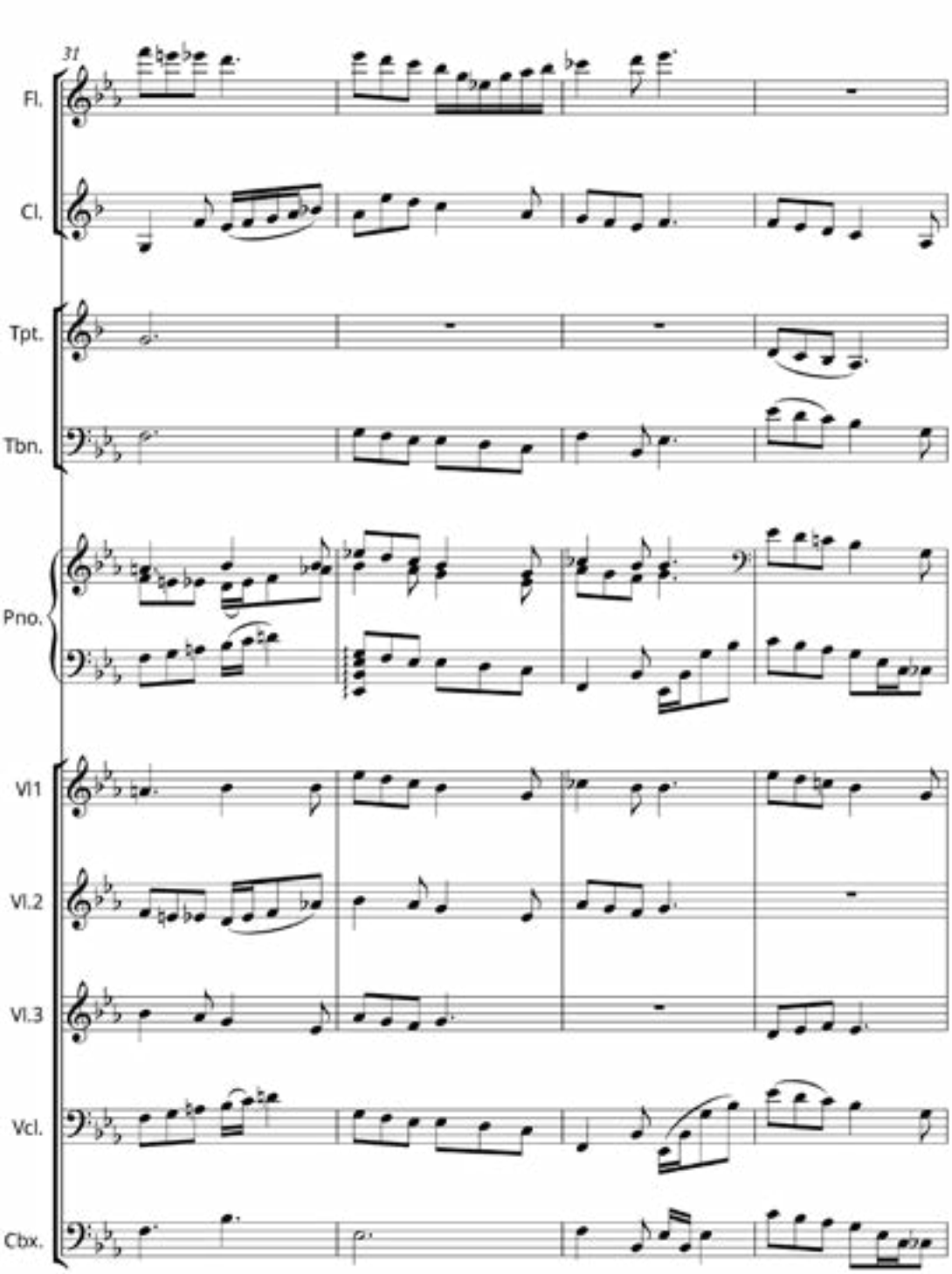

rall.
Tempo
10
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Pno.
Vl1
Vl.2
Vl.3
Vcl.
Cbx.

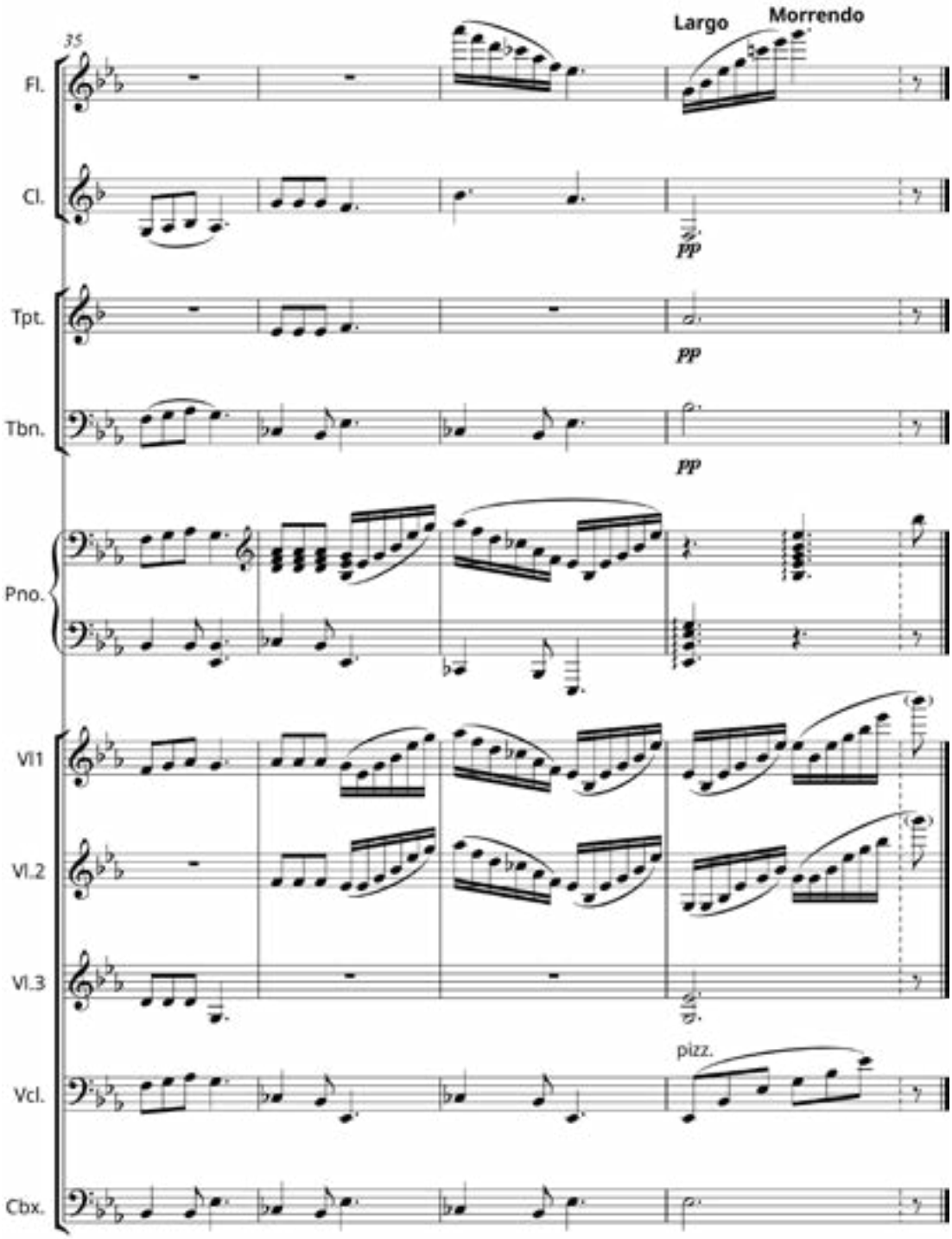

15
accel.
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Pno.
Vl1
Vl.2
Vl.3
Vcl.
Cbx.


19
Tempo primo
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Pno.
Vl1
Vl.2
Vl.3
Vcl.
Cbx.


23
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Pno.
Vl1
Vl.2
Vl.3
Vcl.
Cbx.
f
fff


27
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Pno.
Vl1
Vl.2
Vl.3
Vcl.
Cbx.

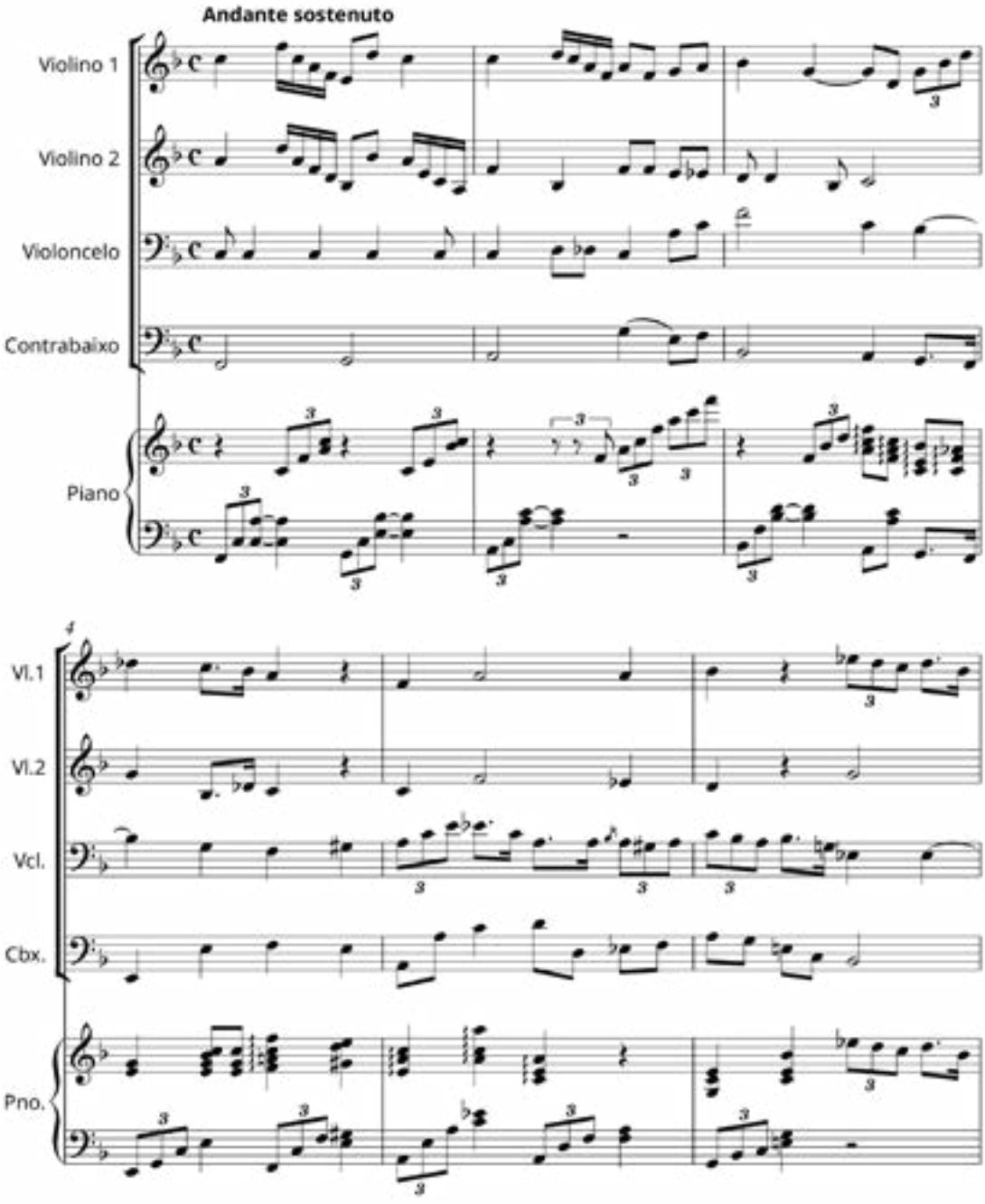

31
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Pno.
Vl1
Vl.2
Vl.3
Vcl.
Cbx.

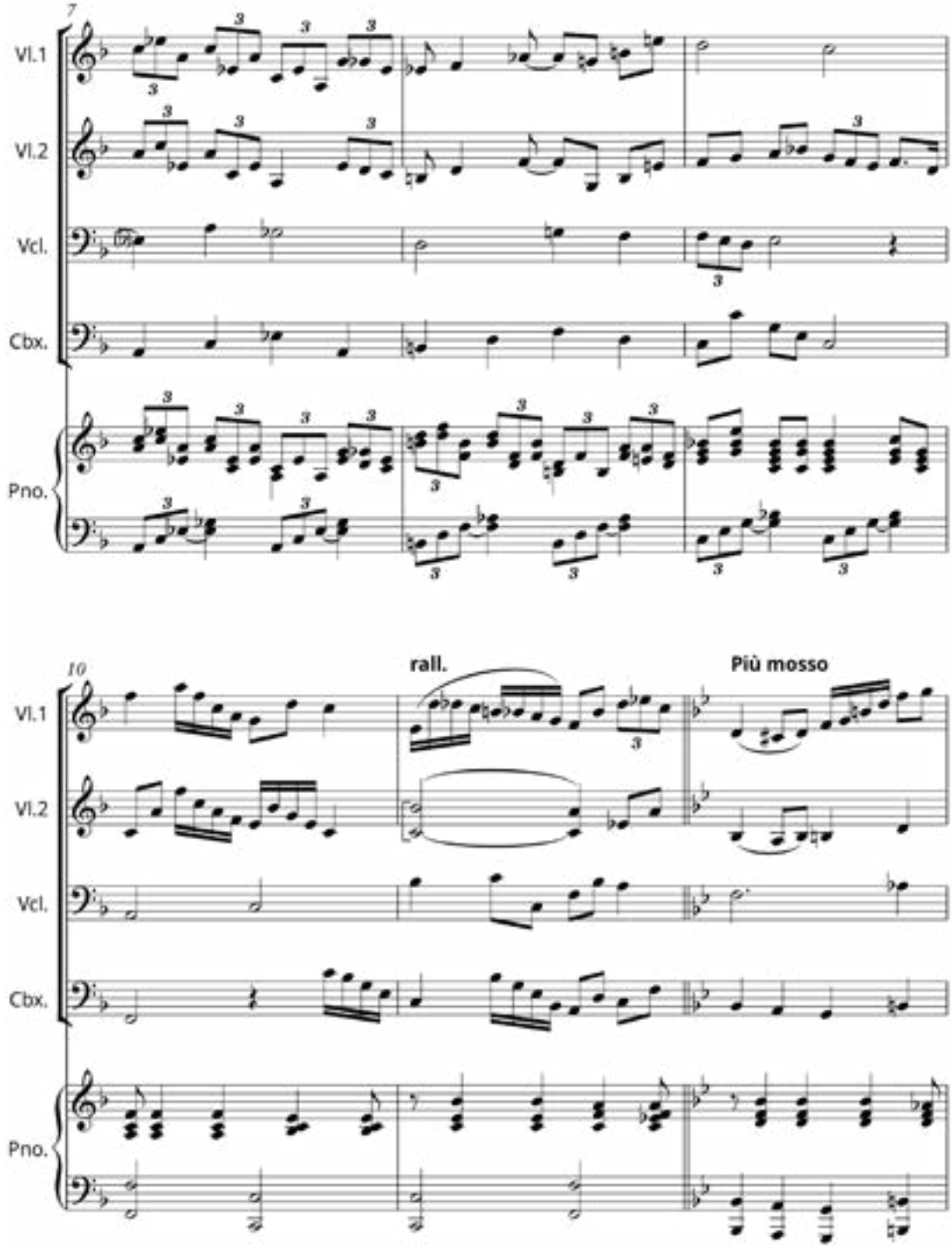

35
Largo
Morrendo
Fl.
Cl.
pp
Tpt.
pp
Tbn.
pp
Pno.
Vl1
Vl.2
Vl.3
pizz.
Vcl.
Cbx.

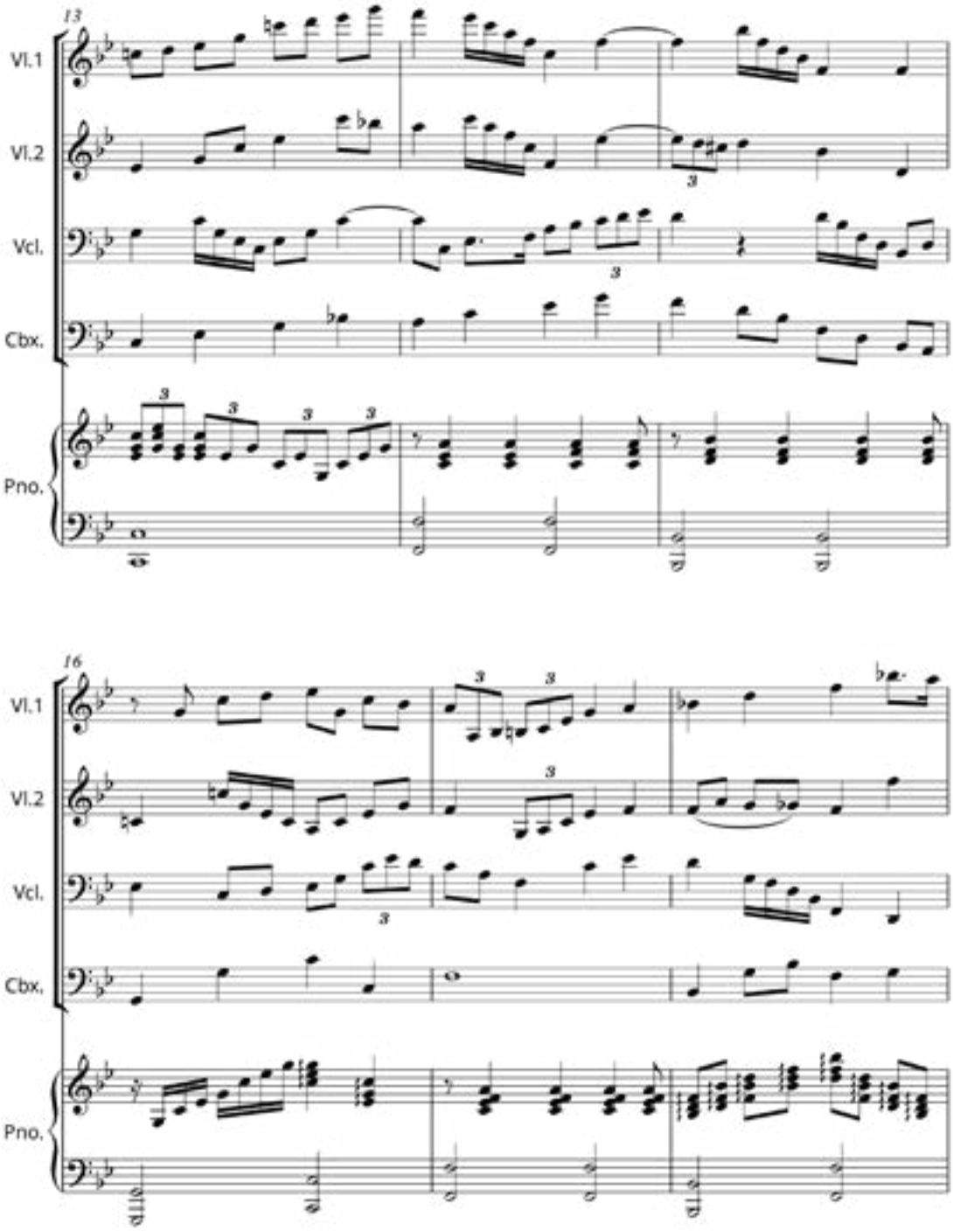
Ila

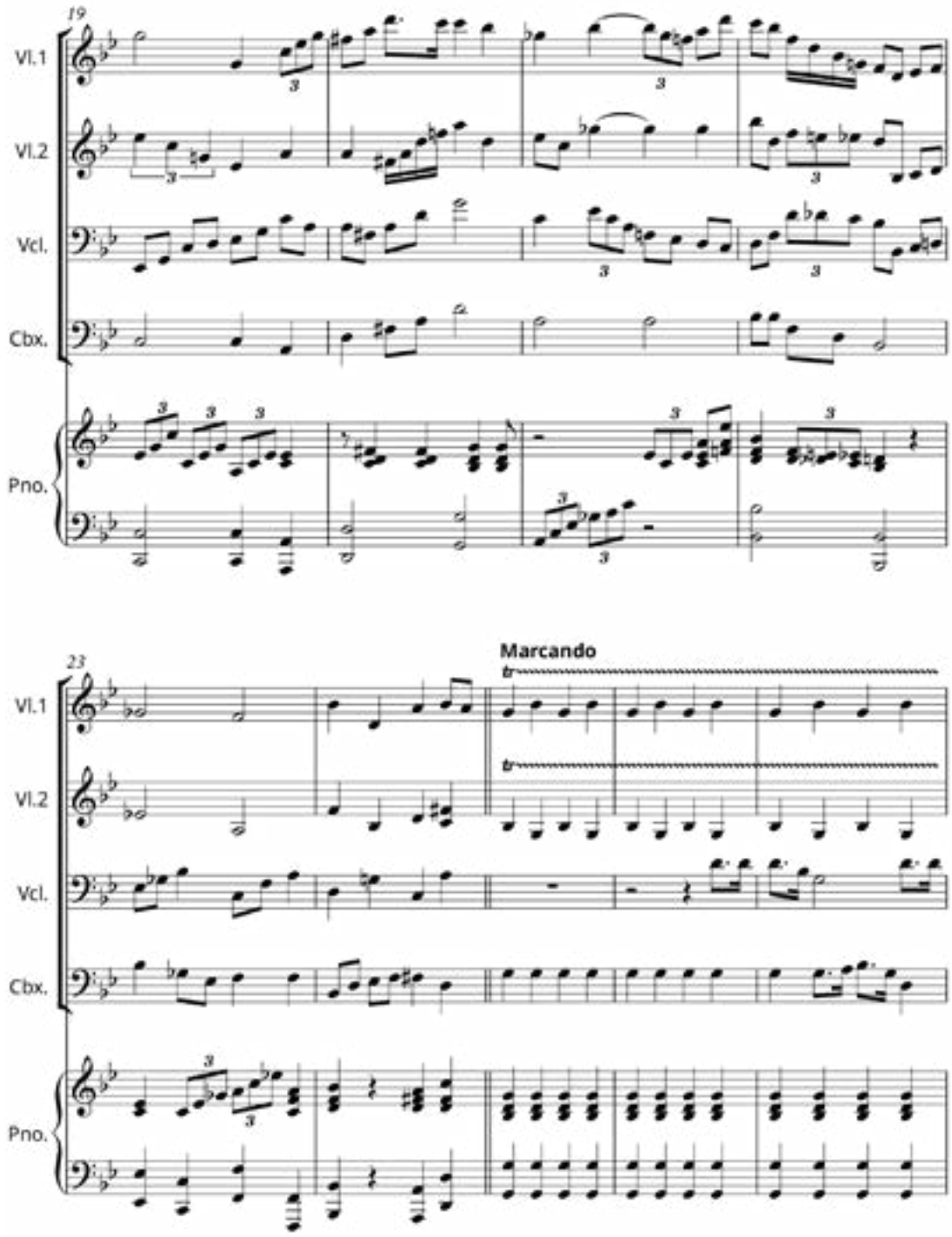
- Melodia -

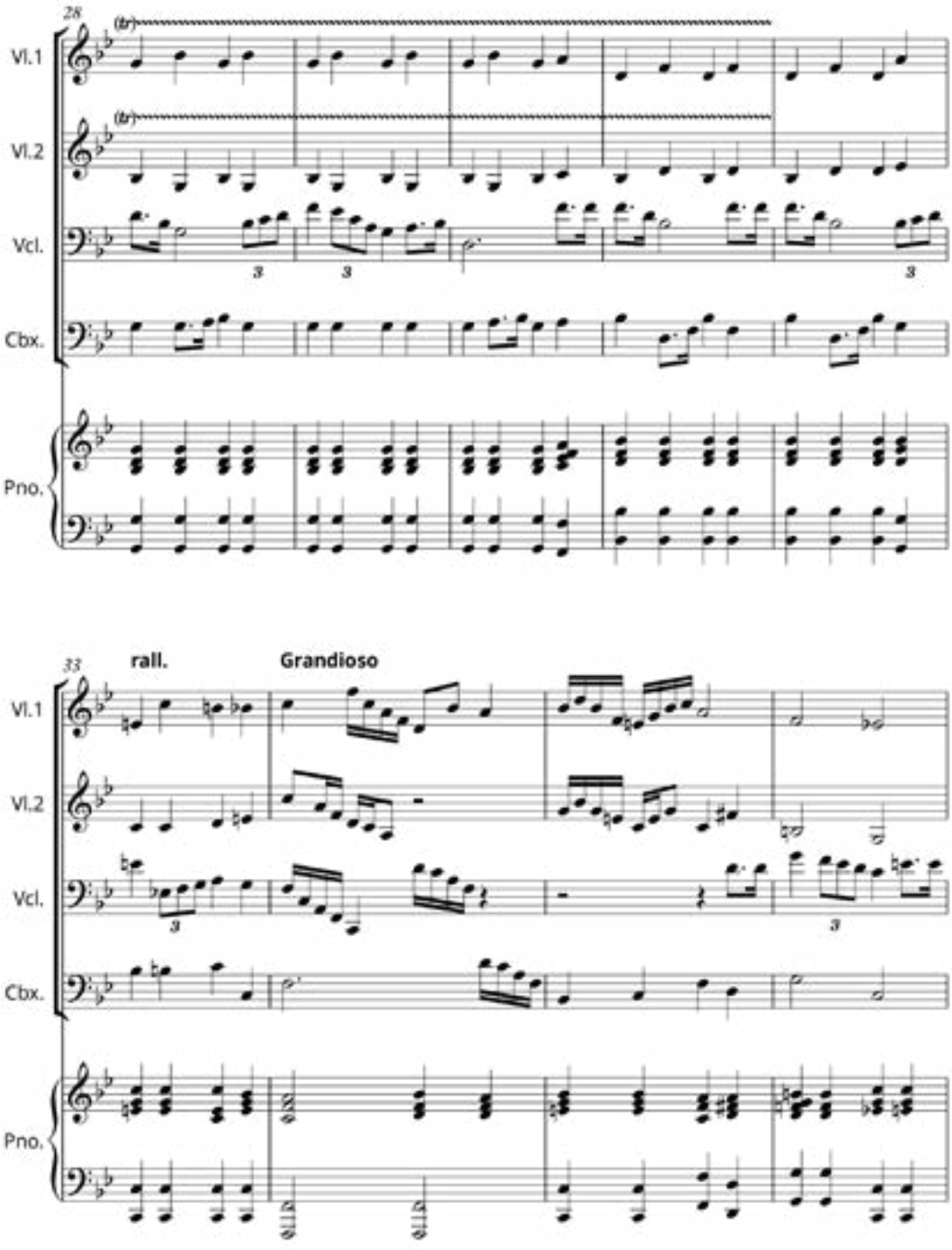
Deoclécio Damasceno de Freitas

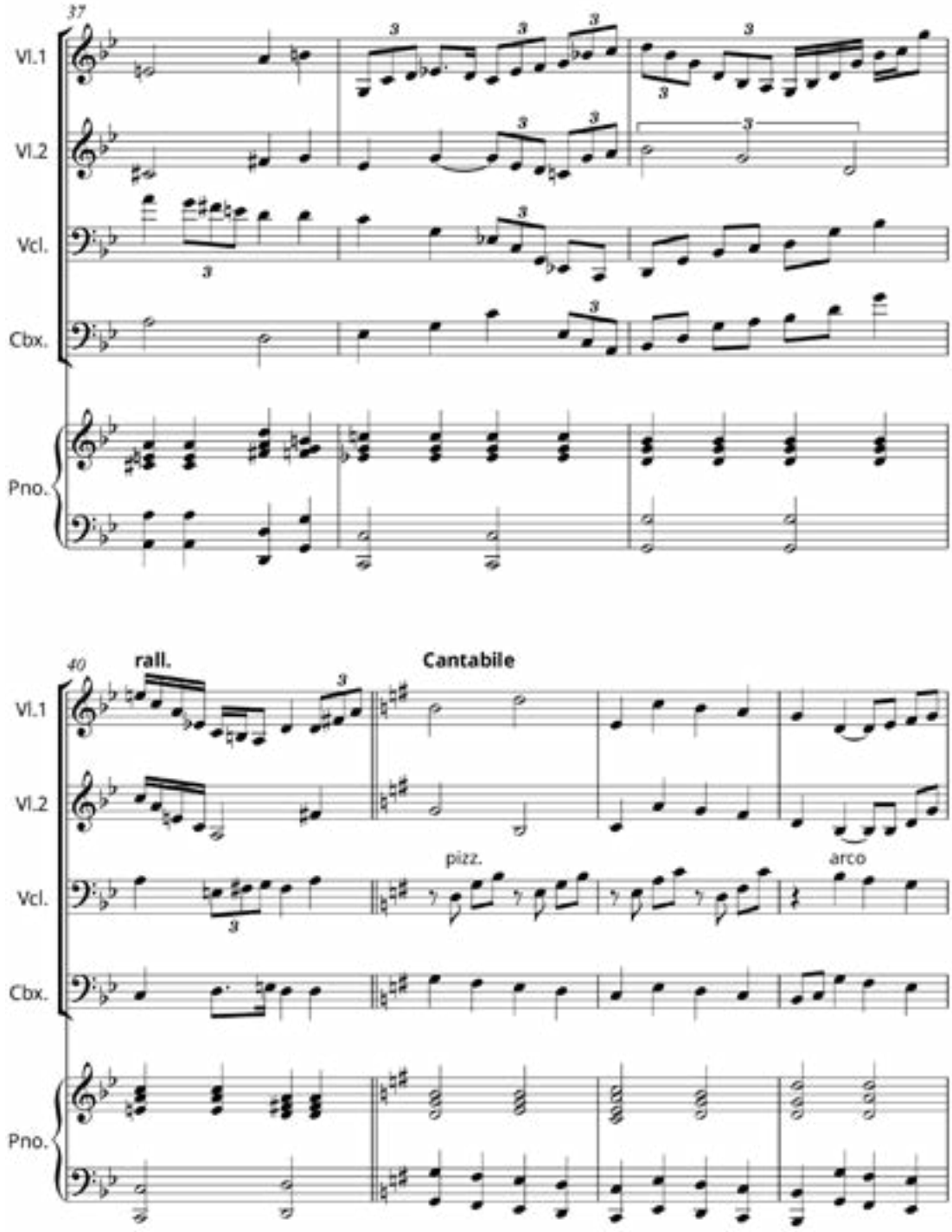


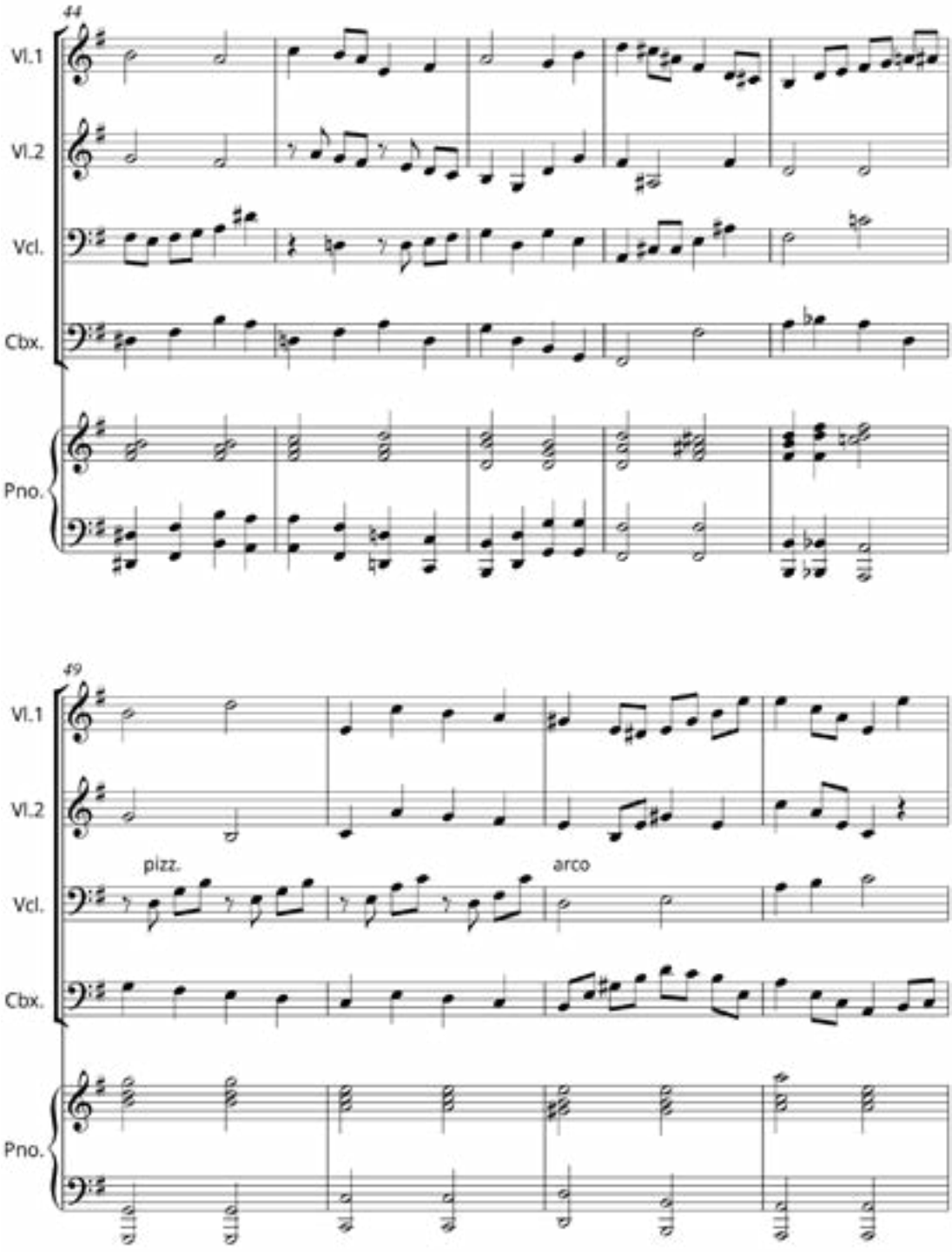

7
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
Pno.
10
rall.
Più mosso
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
Pno.

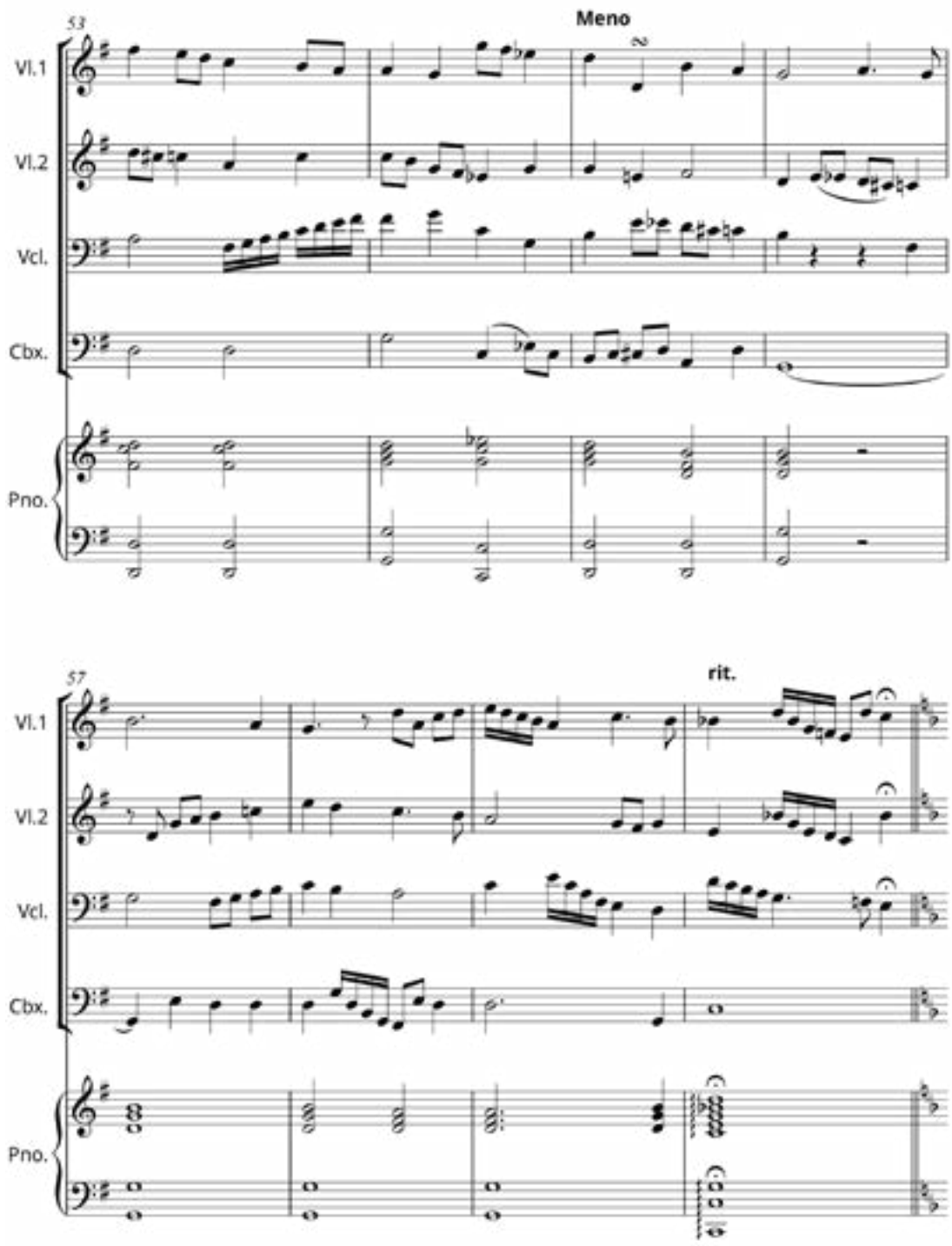

13
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
Pno.
16
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
Pno.

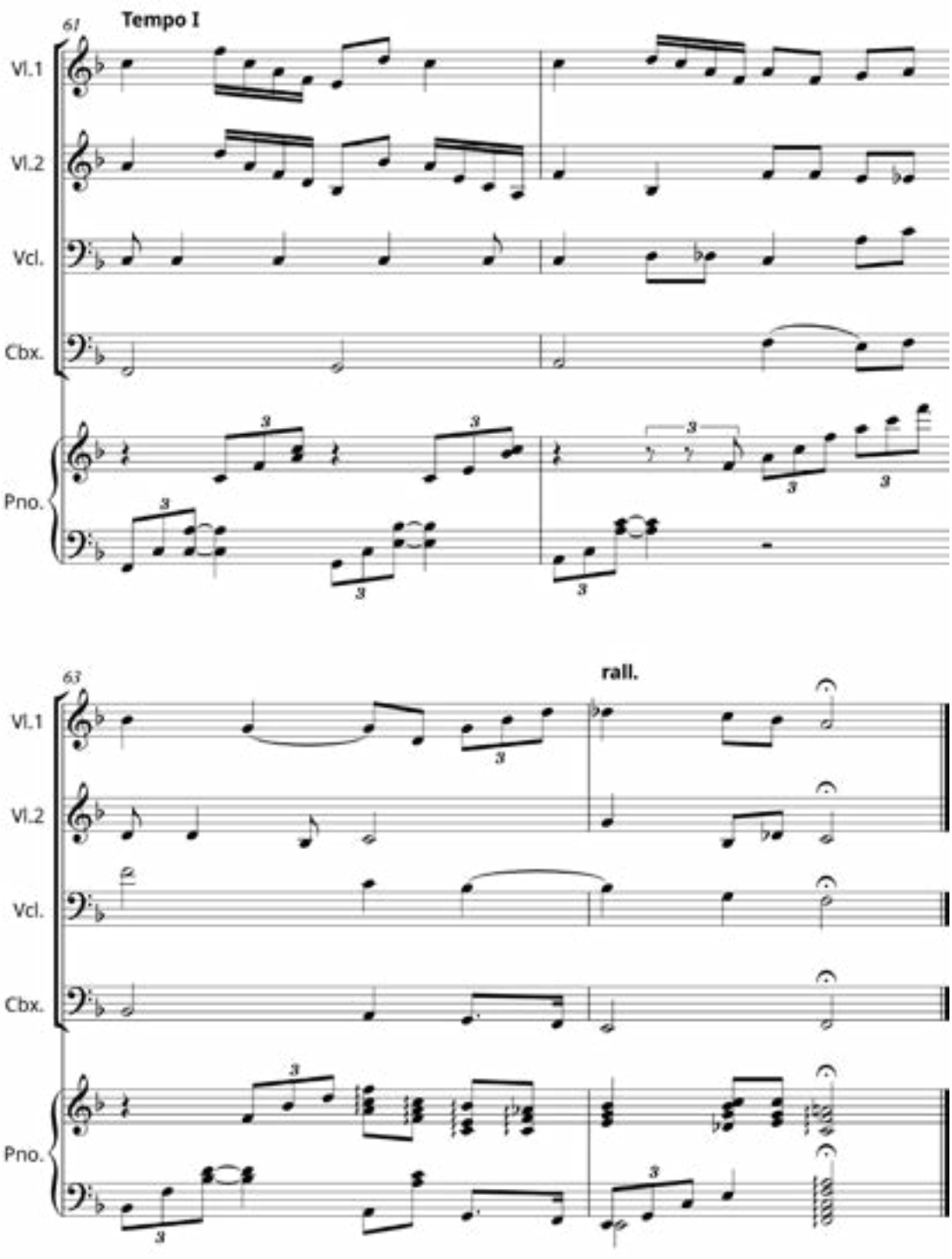

19
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
Pno.
23
Marcando
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
Pno.

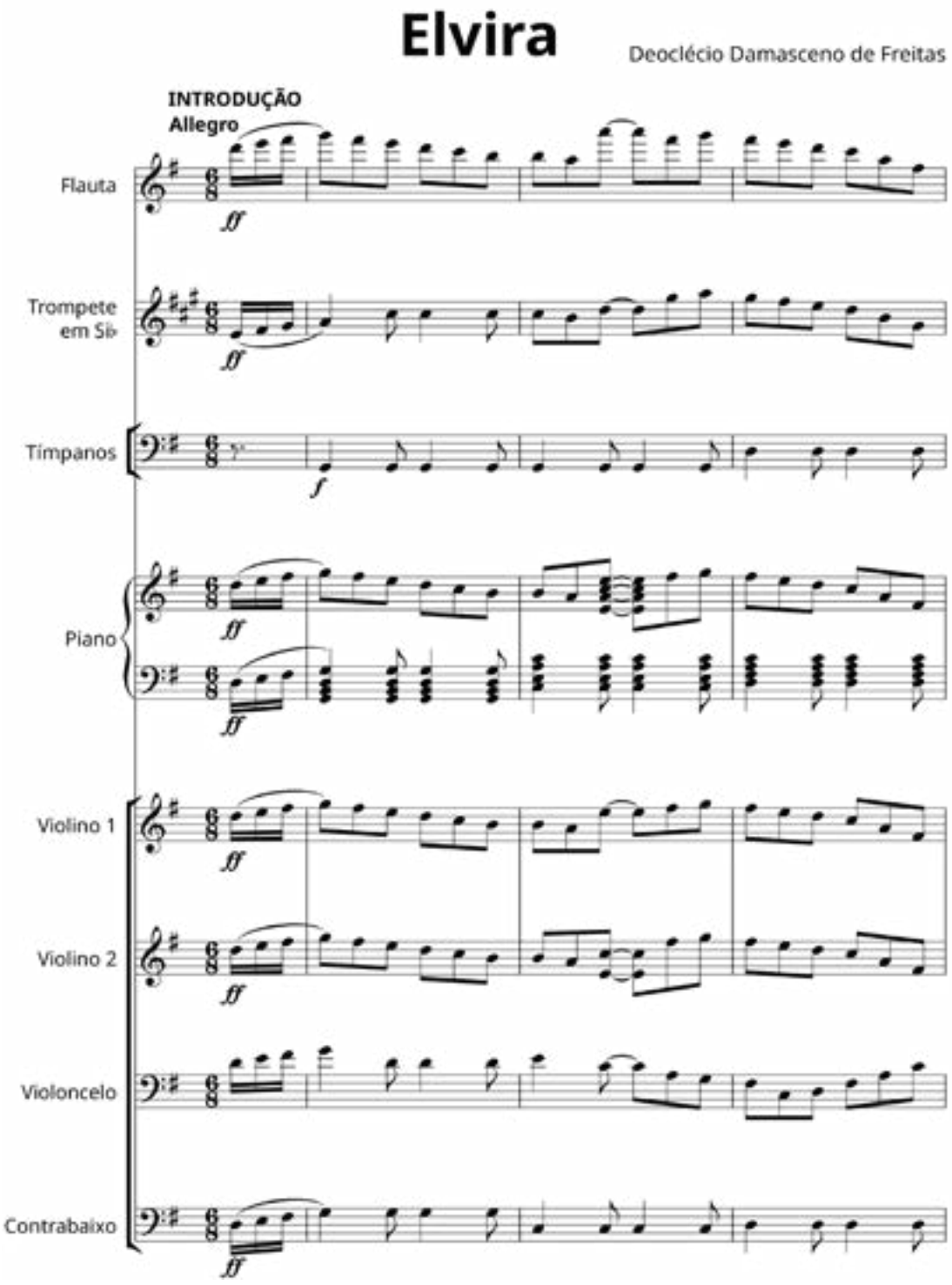

28
(tr)
(tr)
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
Pno.
3
3
3
33
rall.
Grandioso
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
Pno.
3
3

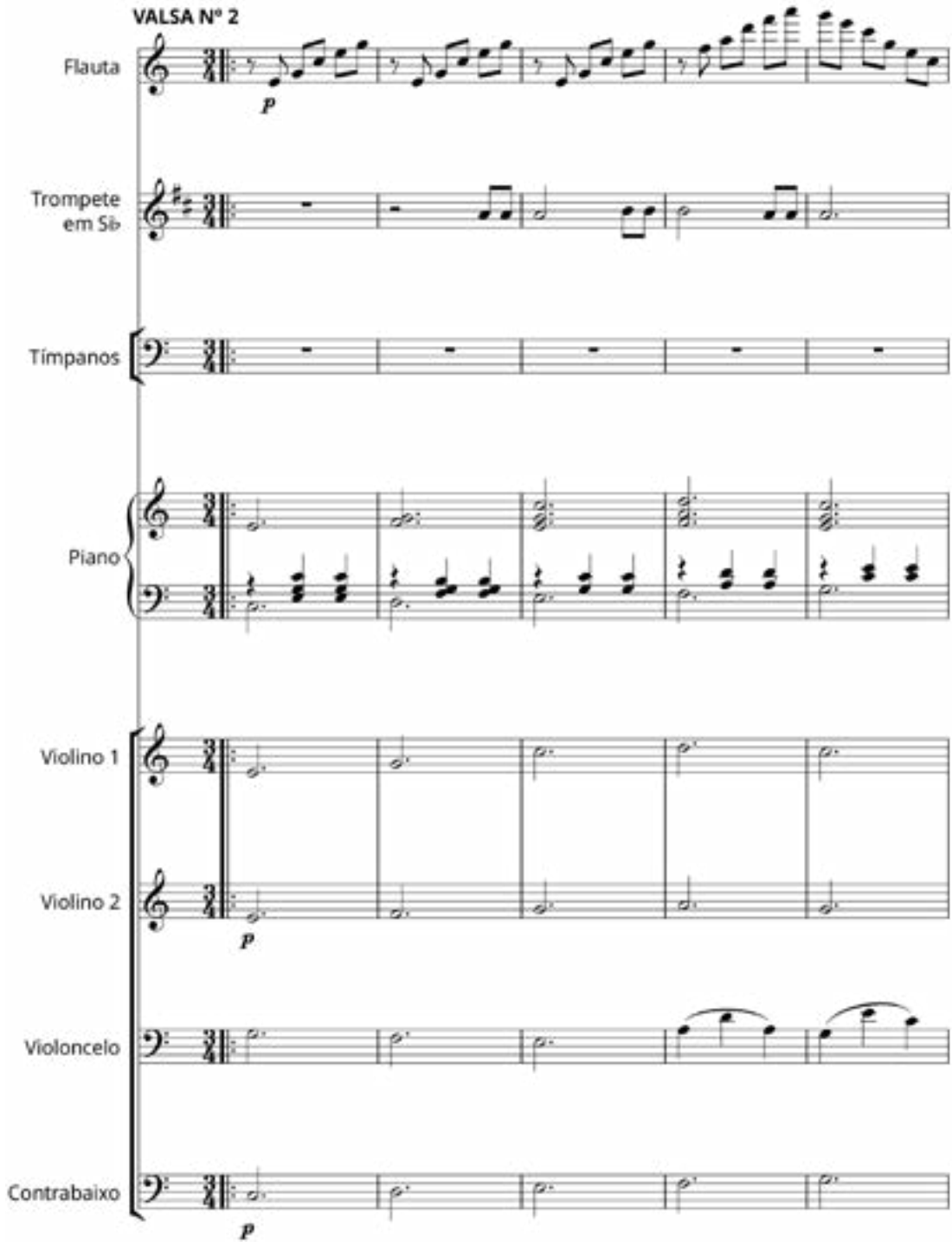

37
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
Pno.
40
rall.
Cantabile
pizz.
arco

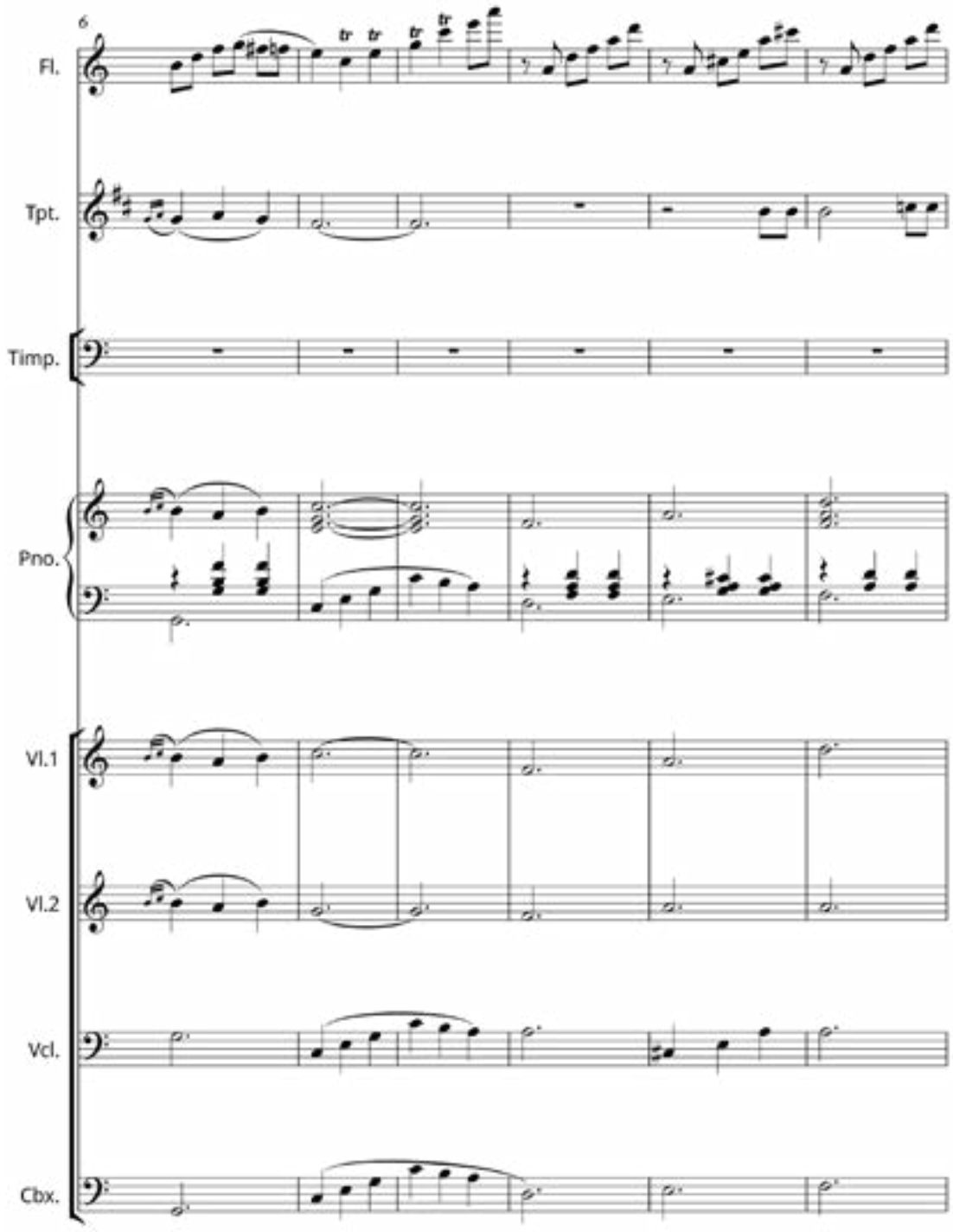

44
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
Pno.
49
Vl.1
Vl.2
pizz.
arco
Vcl.
Cbx.
Pno.

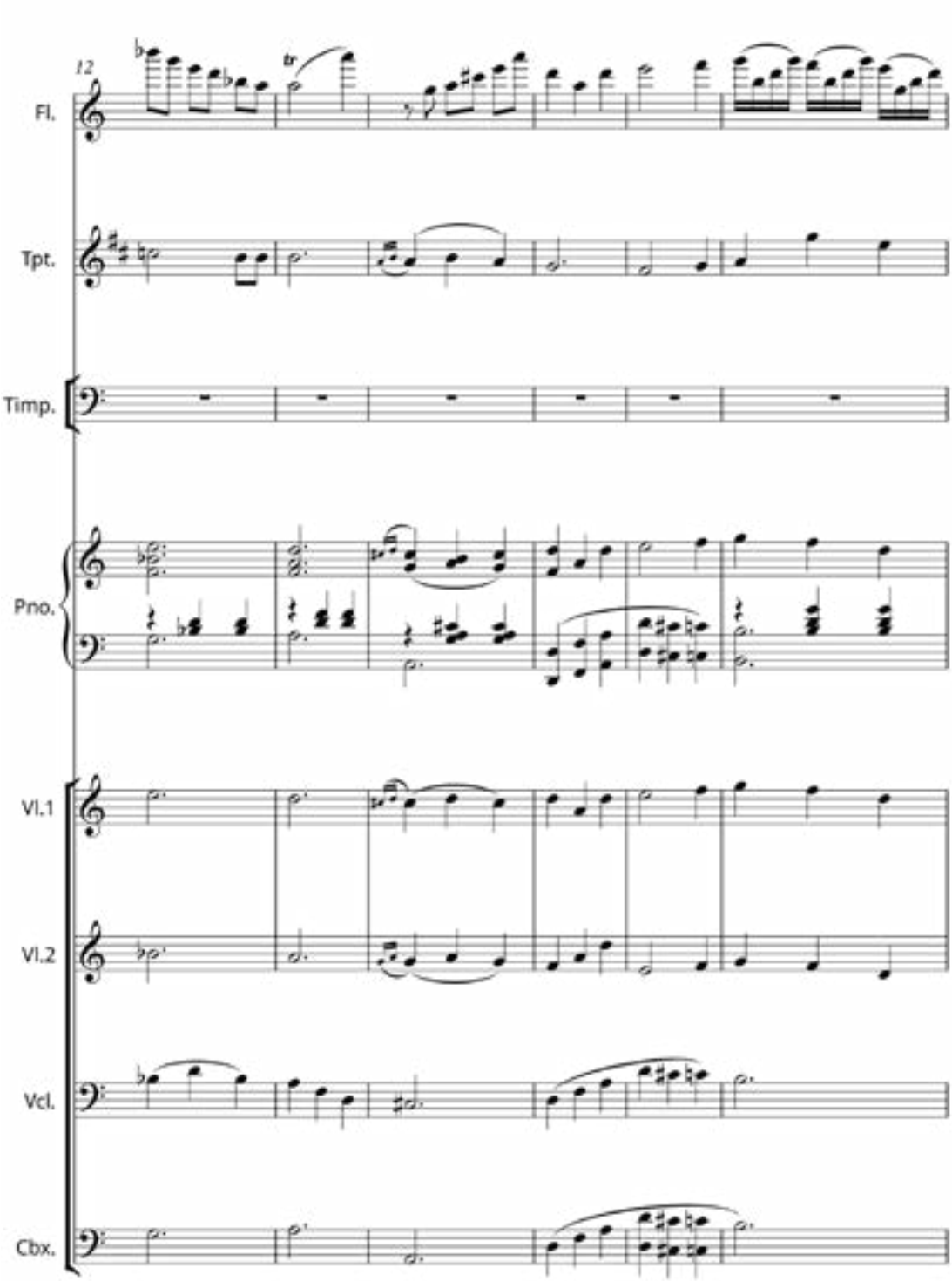

53
Meno
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
Pno.
57
rit.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
Pno.

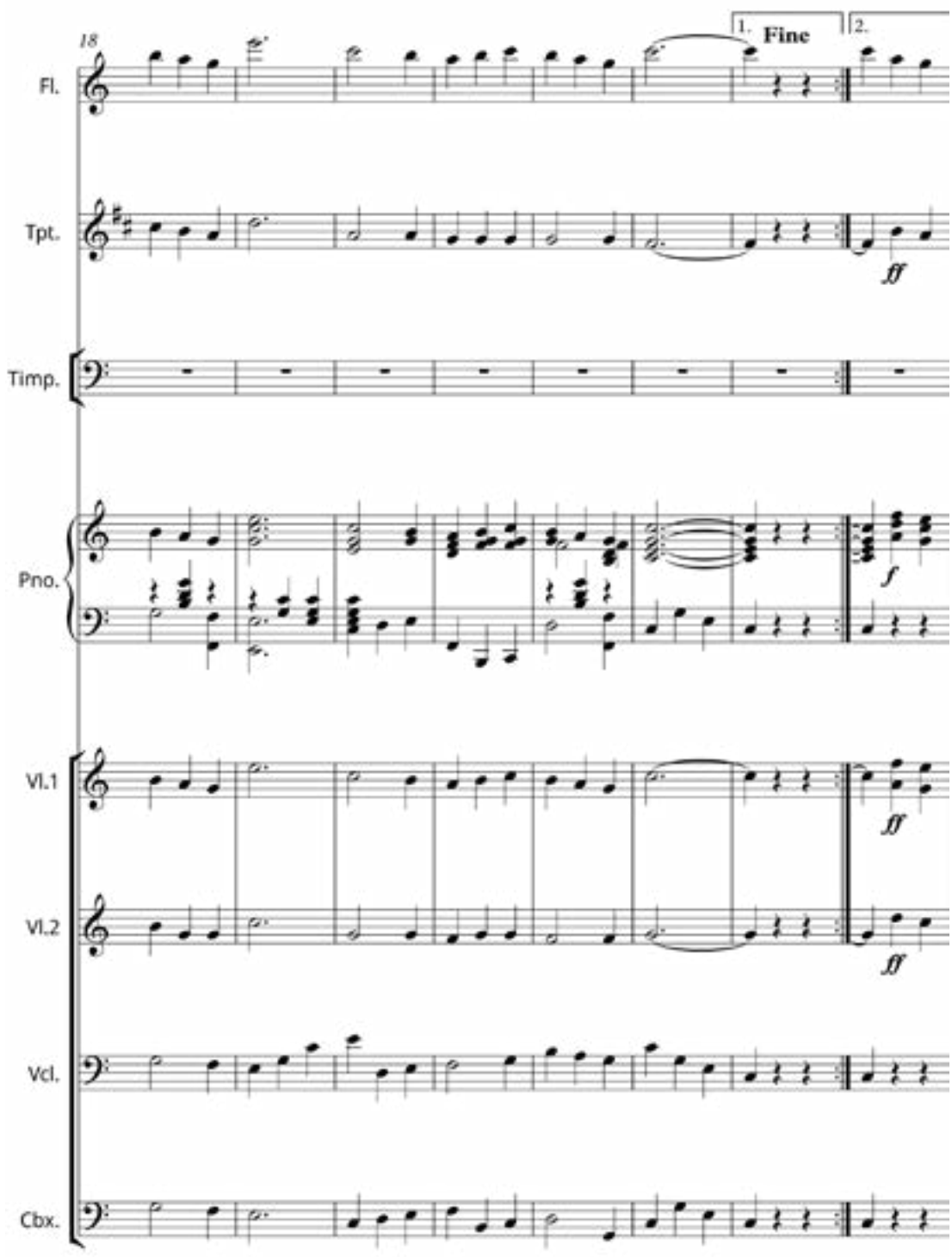

61
Tempo I
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
Pno.
63
rall.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
Pno.

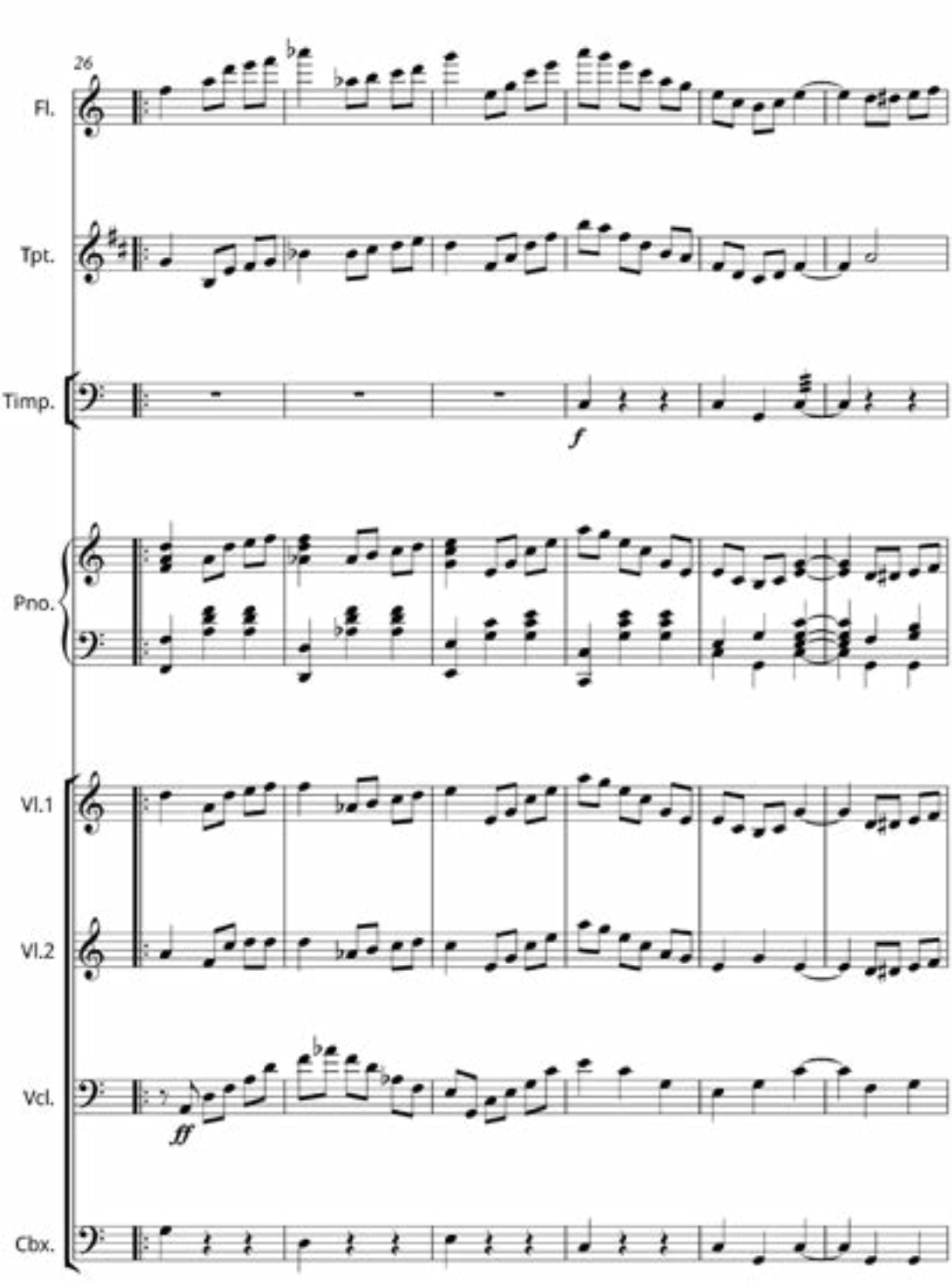

Elvira
Deoclécio Damasceno de Freitas
INTRODUÇÃO
Allegro
Flauta
Trompete em Sib
Timpanos
Piano
Violino 1
Violino 2
Violoncelo
Contrabaixo

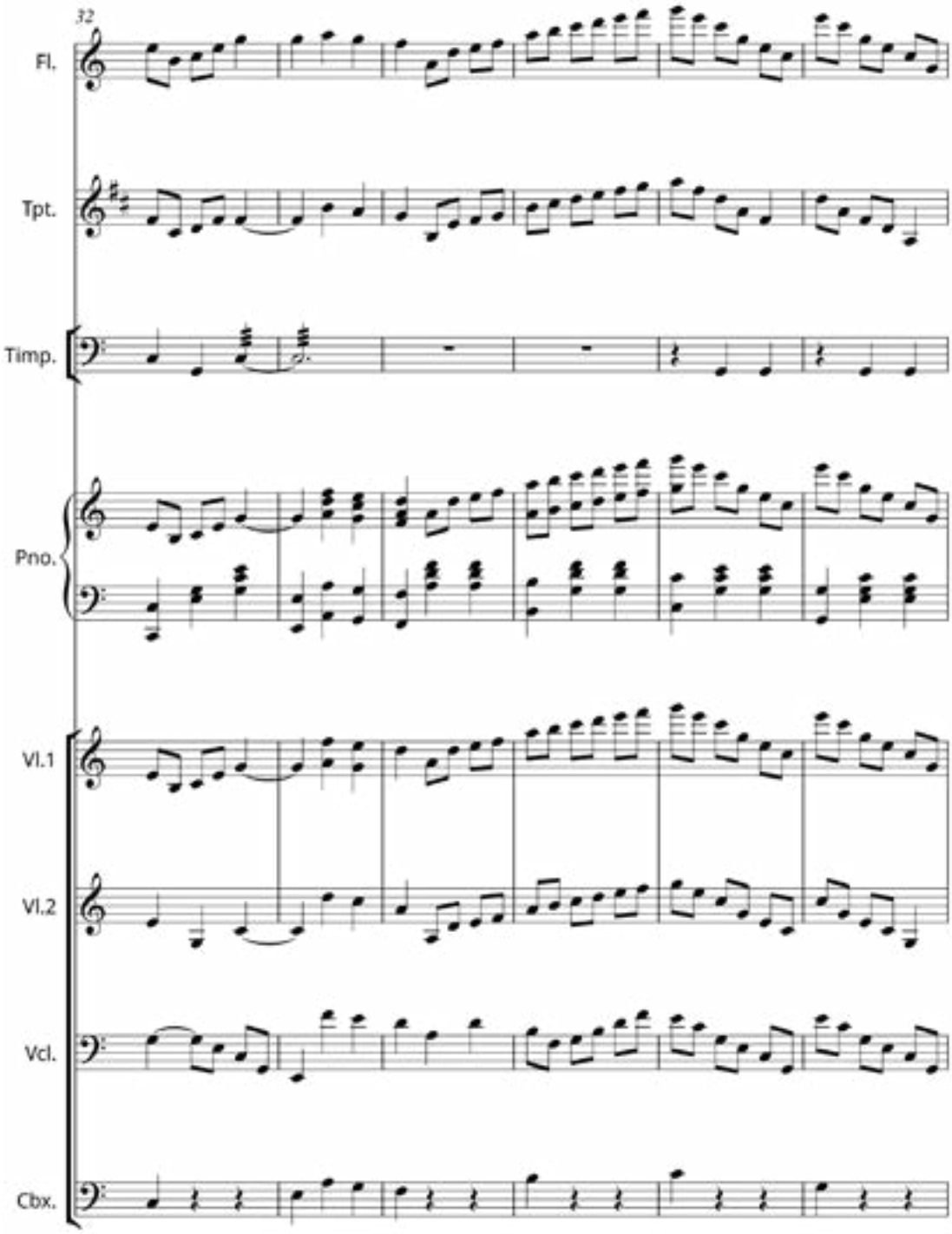

VALSA Nº 2
Flauta
p
Trompete em Sib
Tímpanos
Piano
Violino 1
Violino 2
p
Violoncelo
Contrabaixo
p

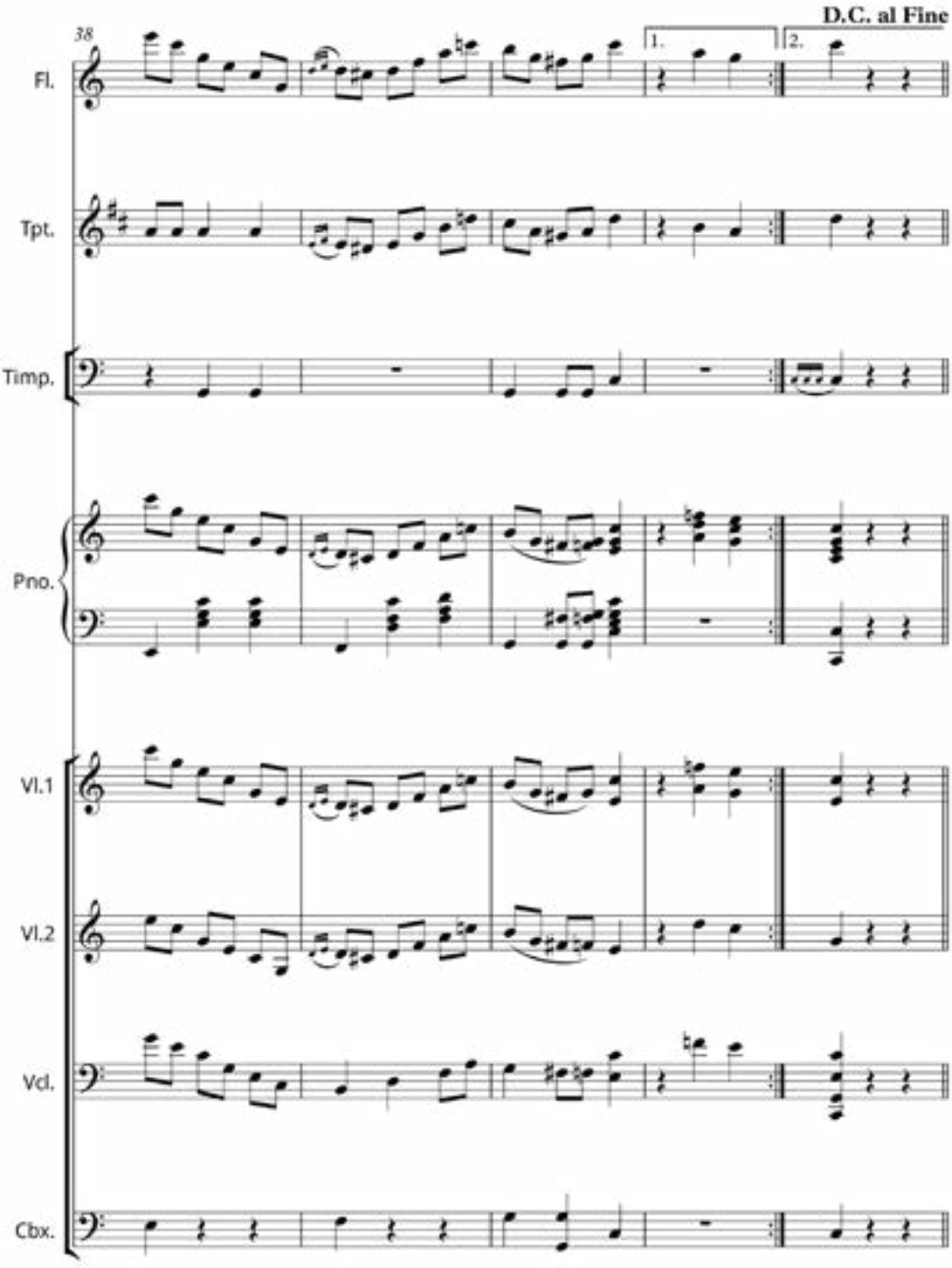

6
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

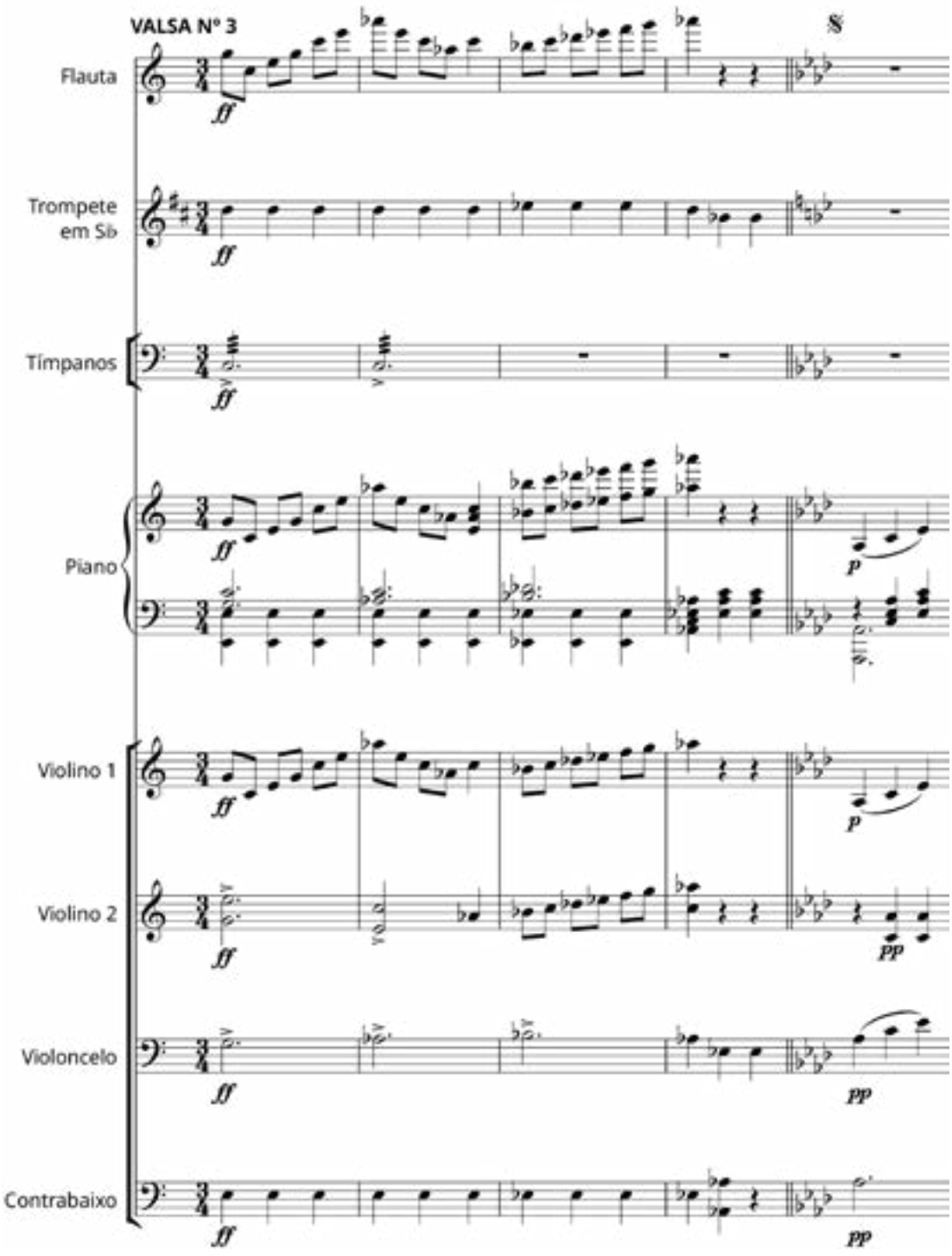

12
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

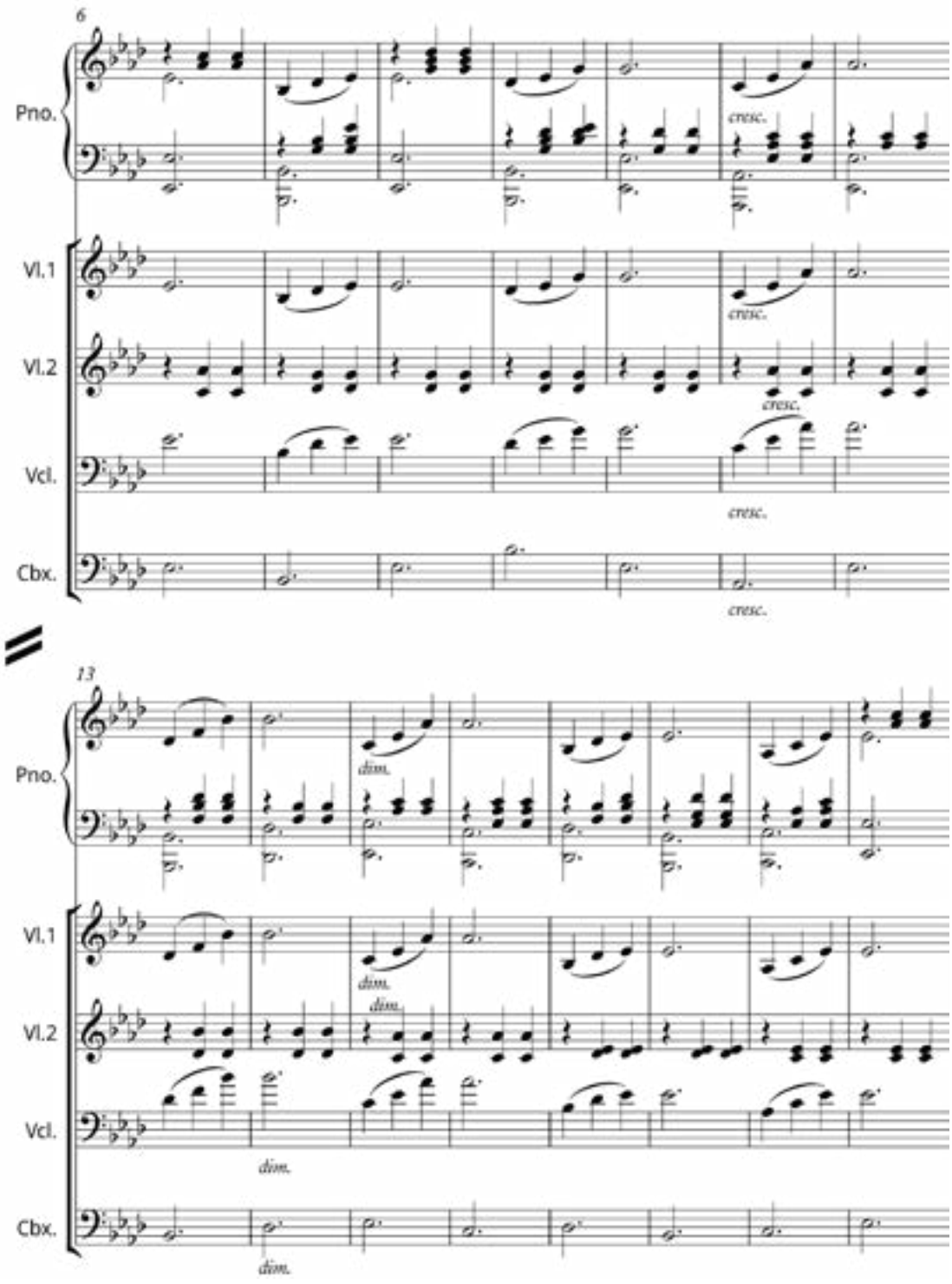

18
1.
Fine
2.
Fl.
Tpt.
ff
Timp.
Pno.
f
Vl.1
ff
Vl.2
ff
Vcl.
Cbx.

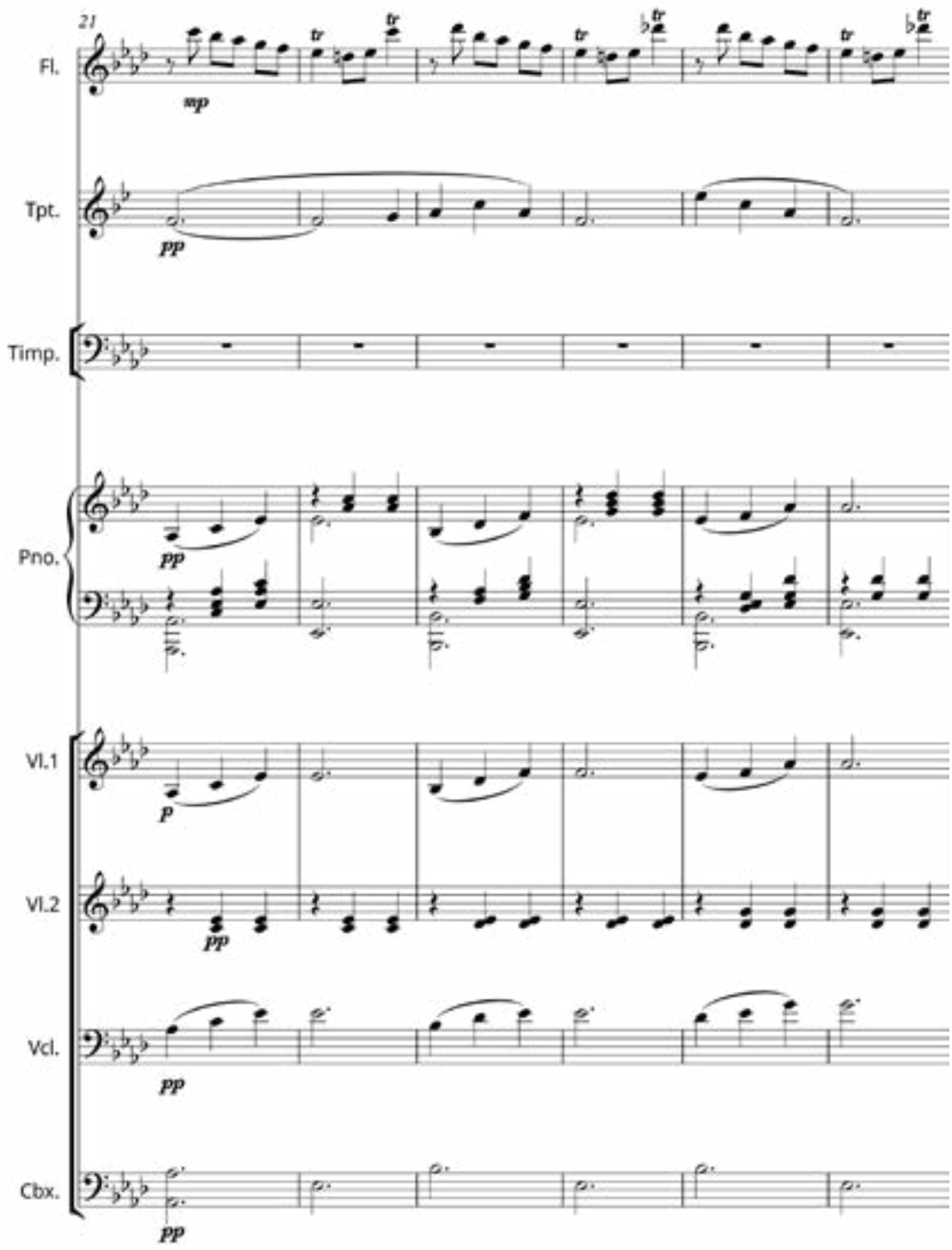

26
Fl.
Tpt.
Timp.
f
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
ff
Cbx.

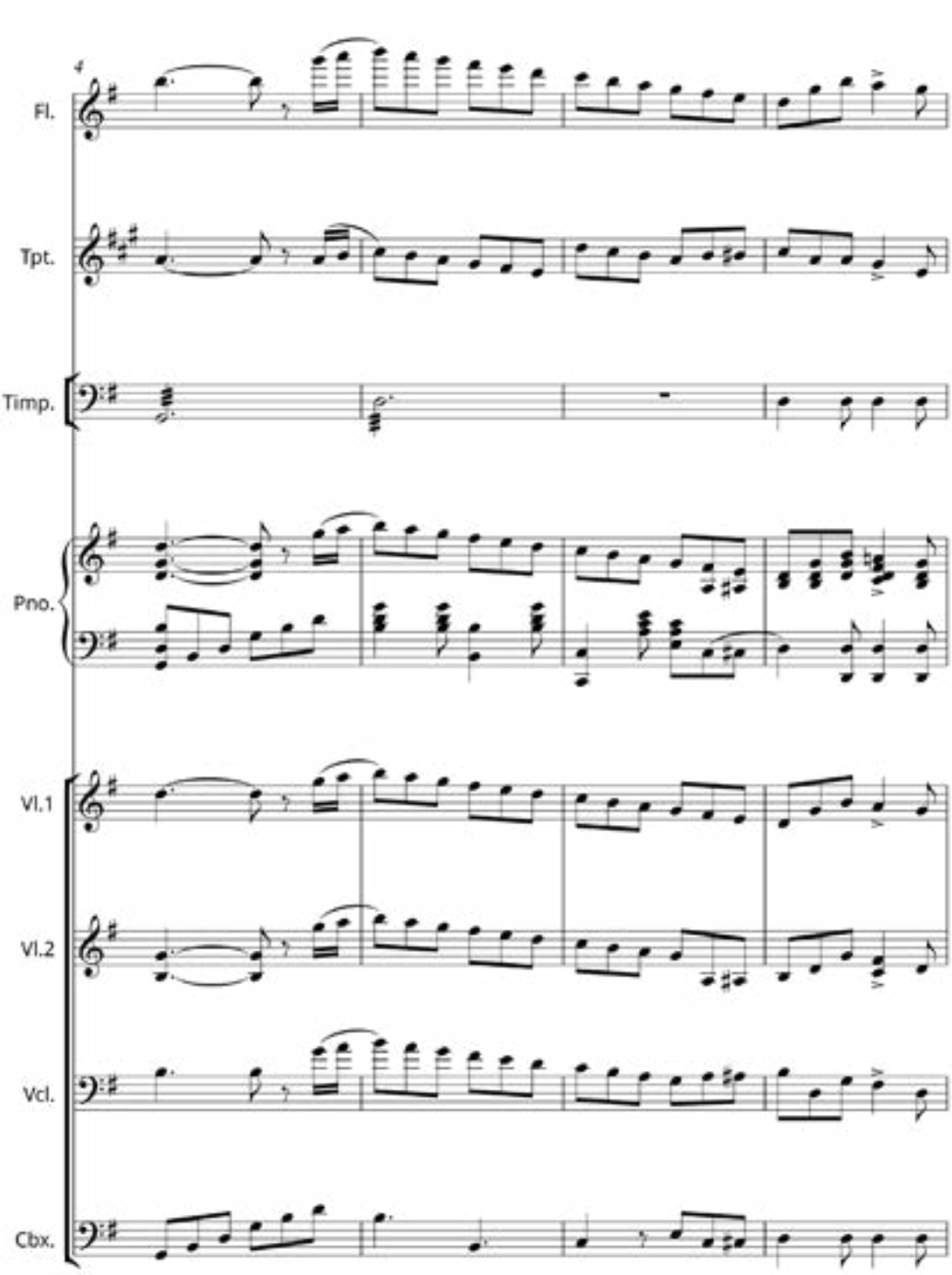

32
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

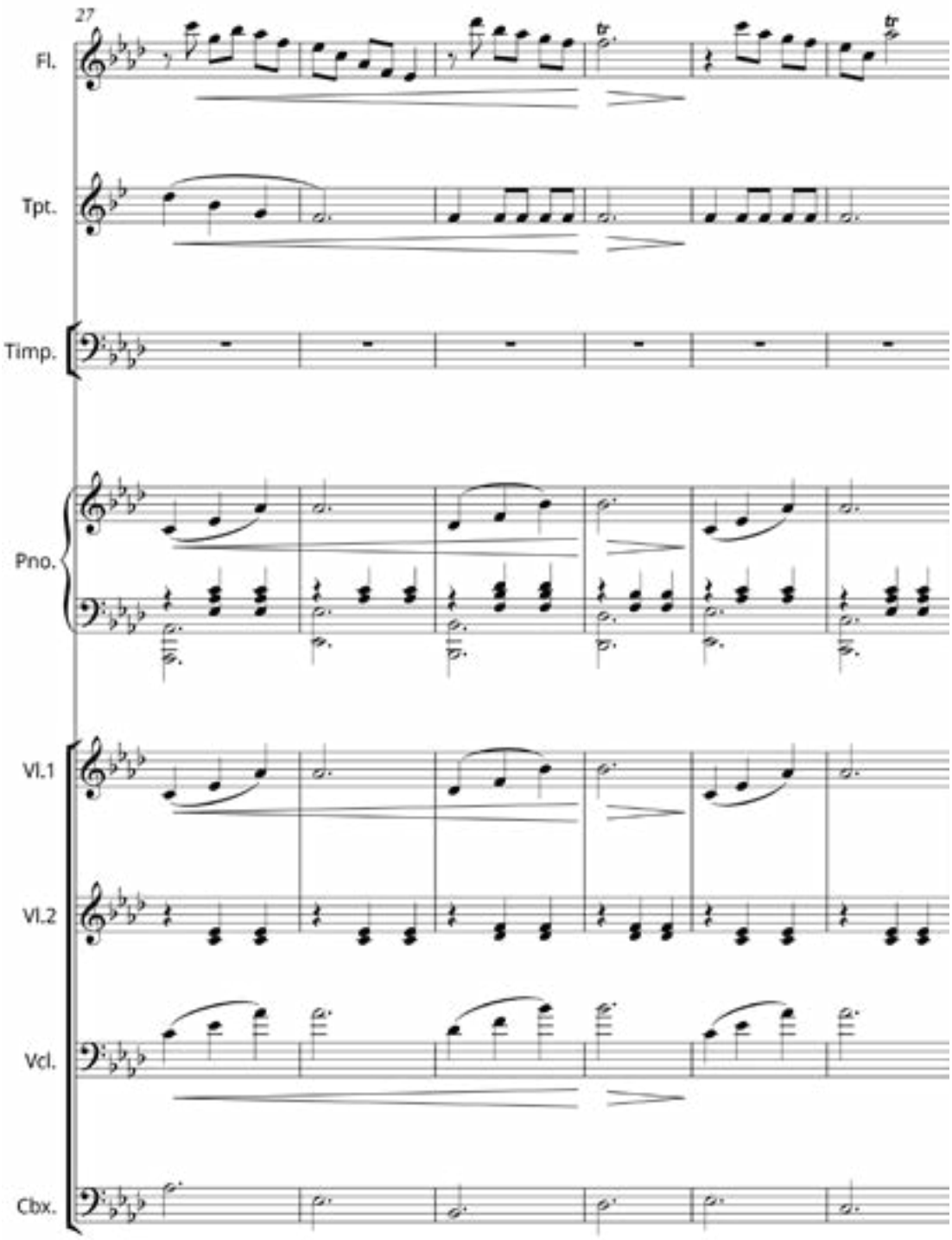

D.C. al Fine
38
1.
2.
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

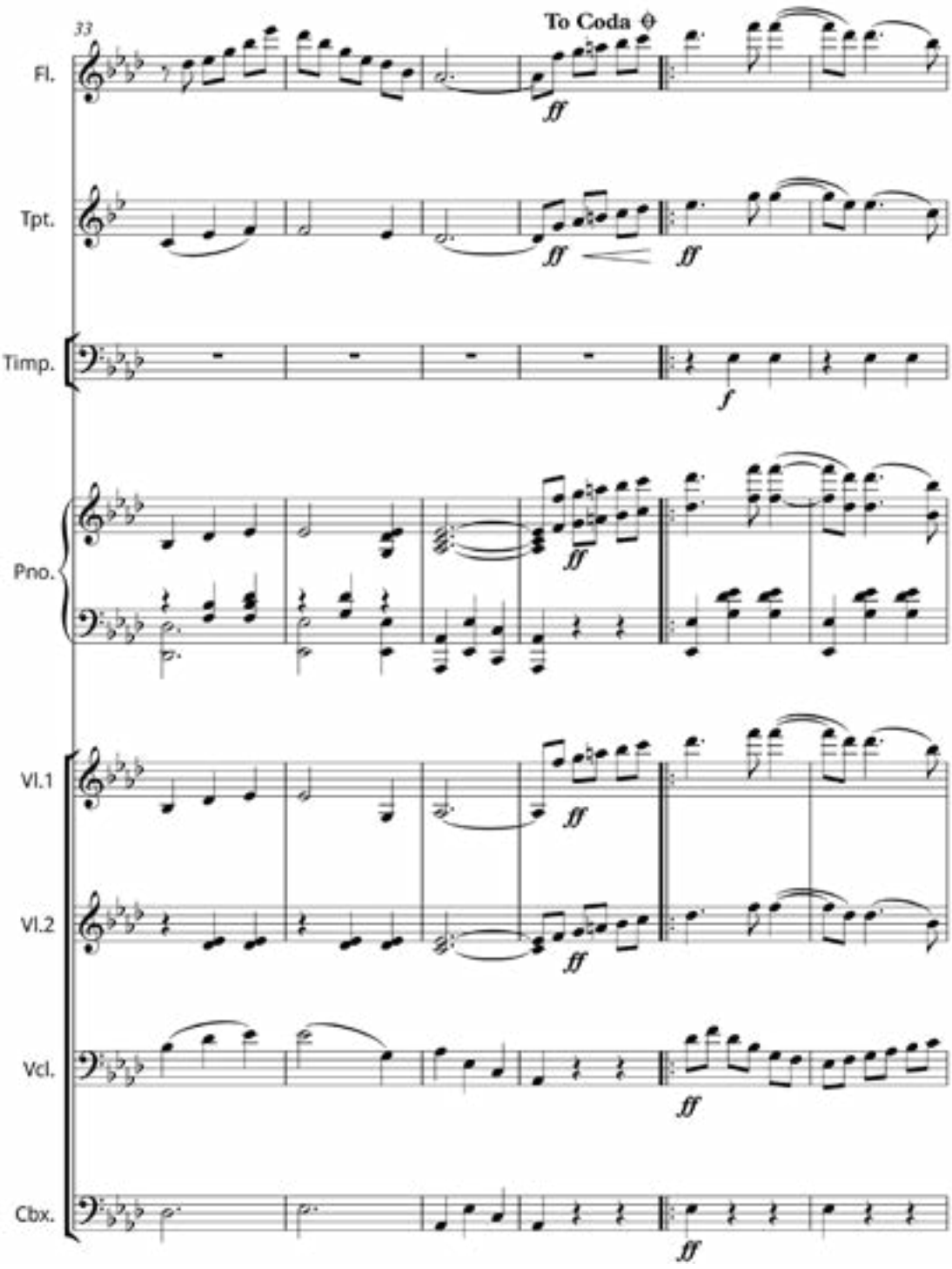

VALSA Nº 3
8
Flauta
Trompete em Sib
Tímpanos
Piano
Violino 1
Violino 2
Violoncelo
Contrabaixo
ff
p
pp

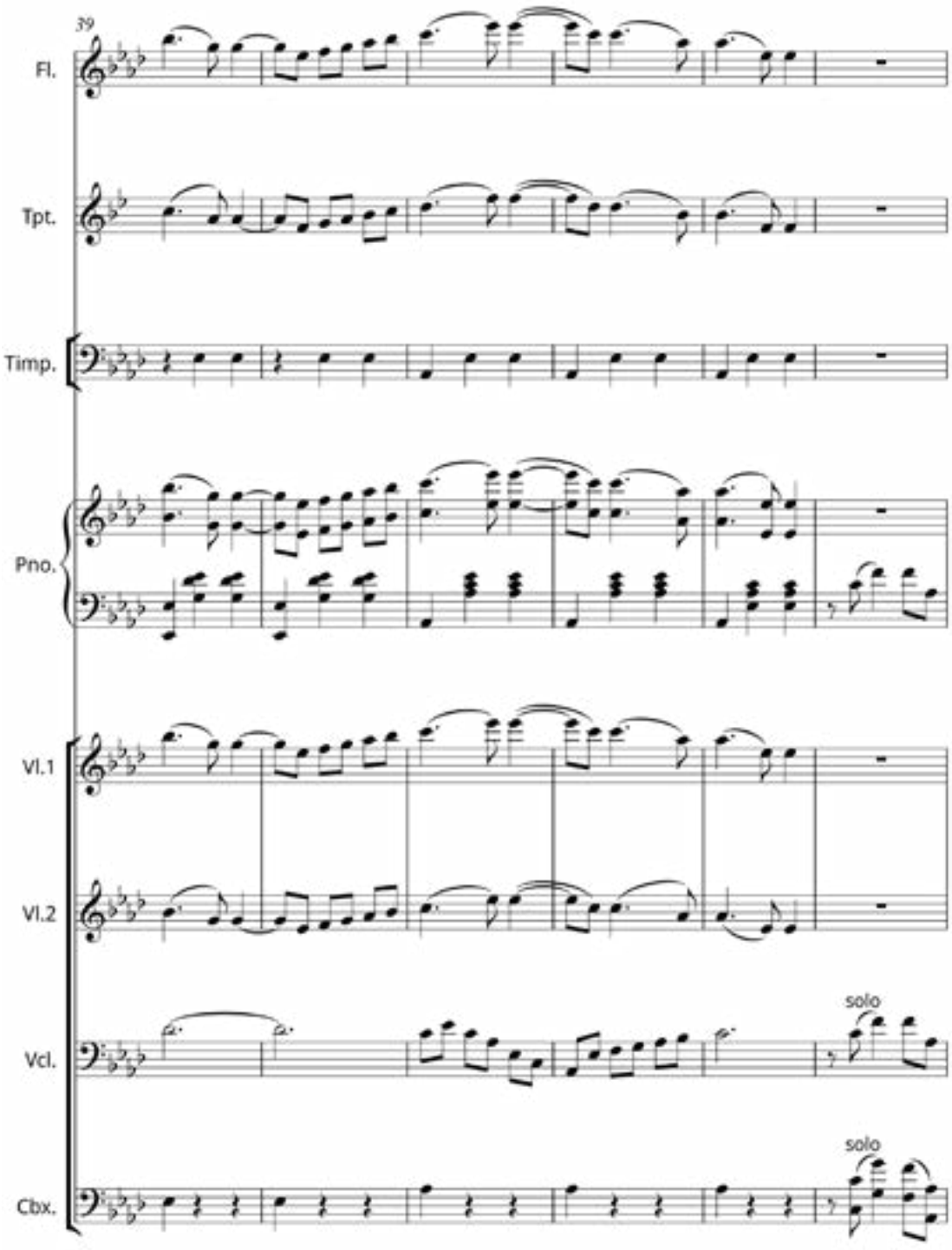

6
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
cresc.
13
dim.

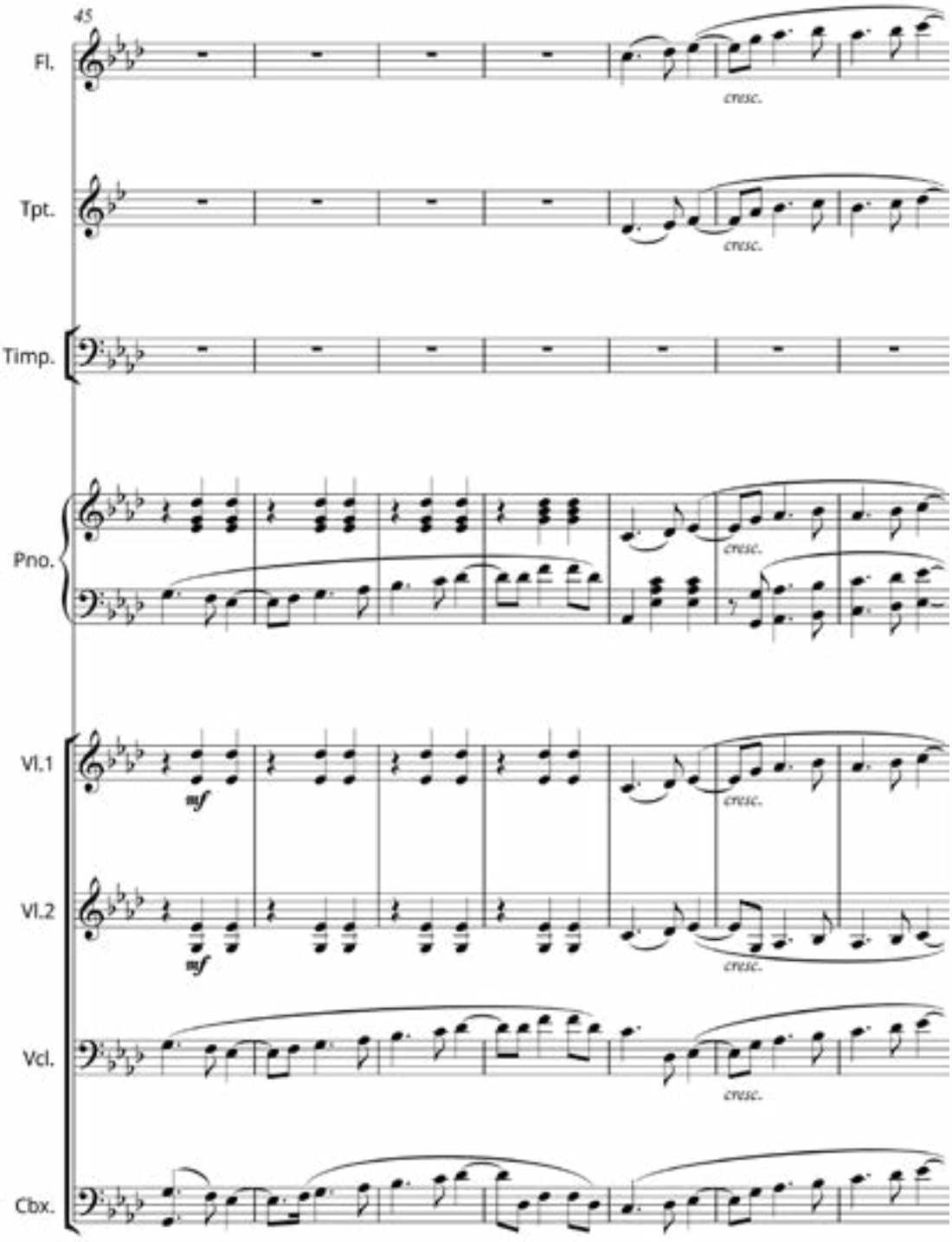

21
Fl.
mp
Tpt.
pp
Timp.
Pno.
pp
Vl.1
p
Vl.2
pp
Vcl.
pp
Cbx.
pp

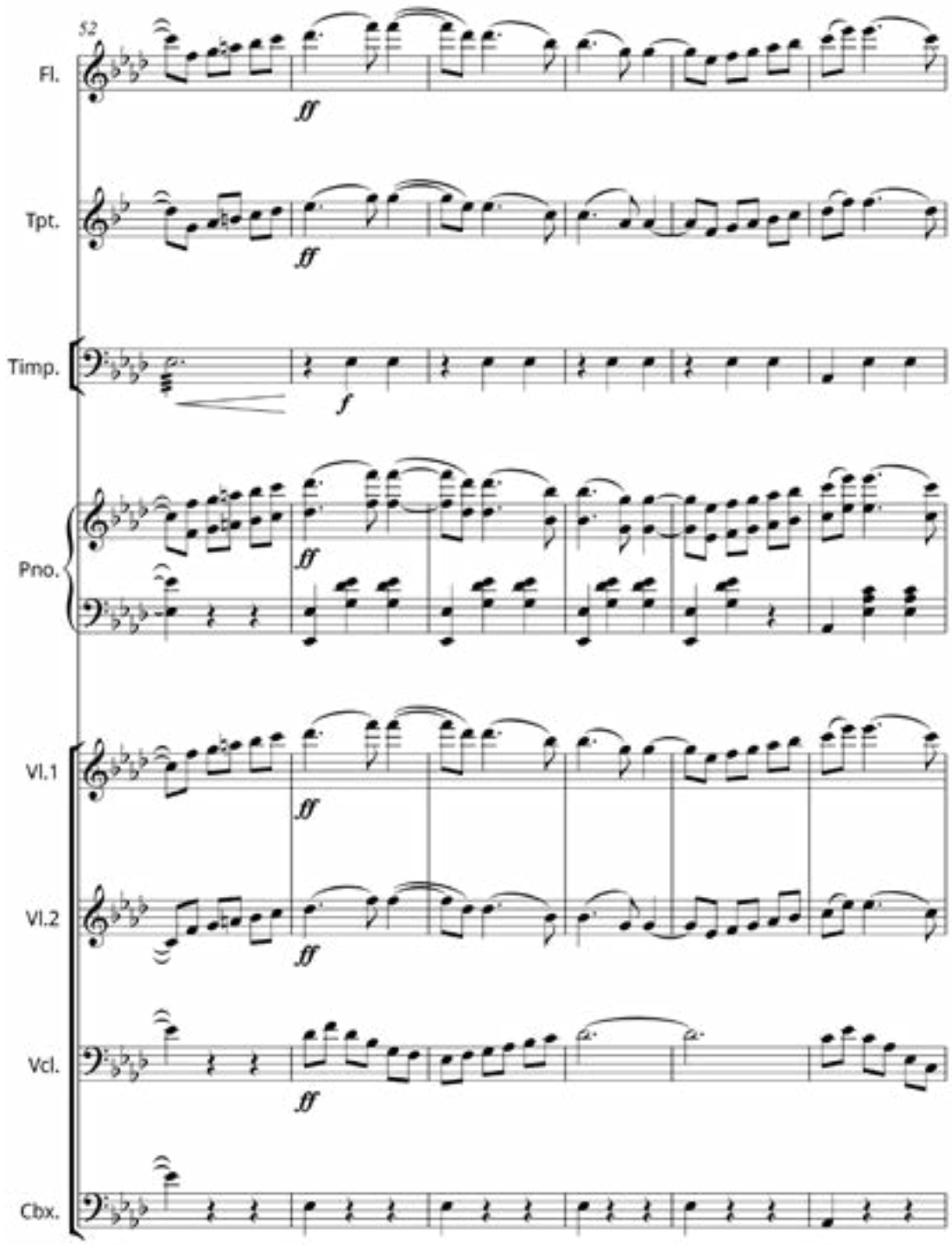

4
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

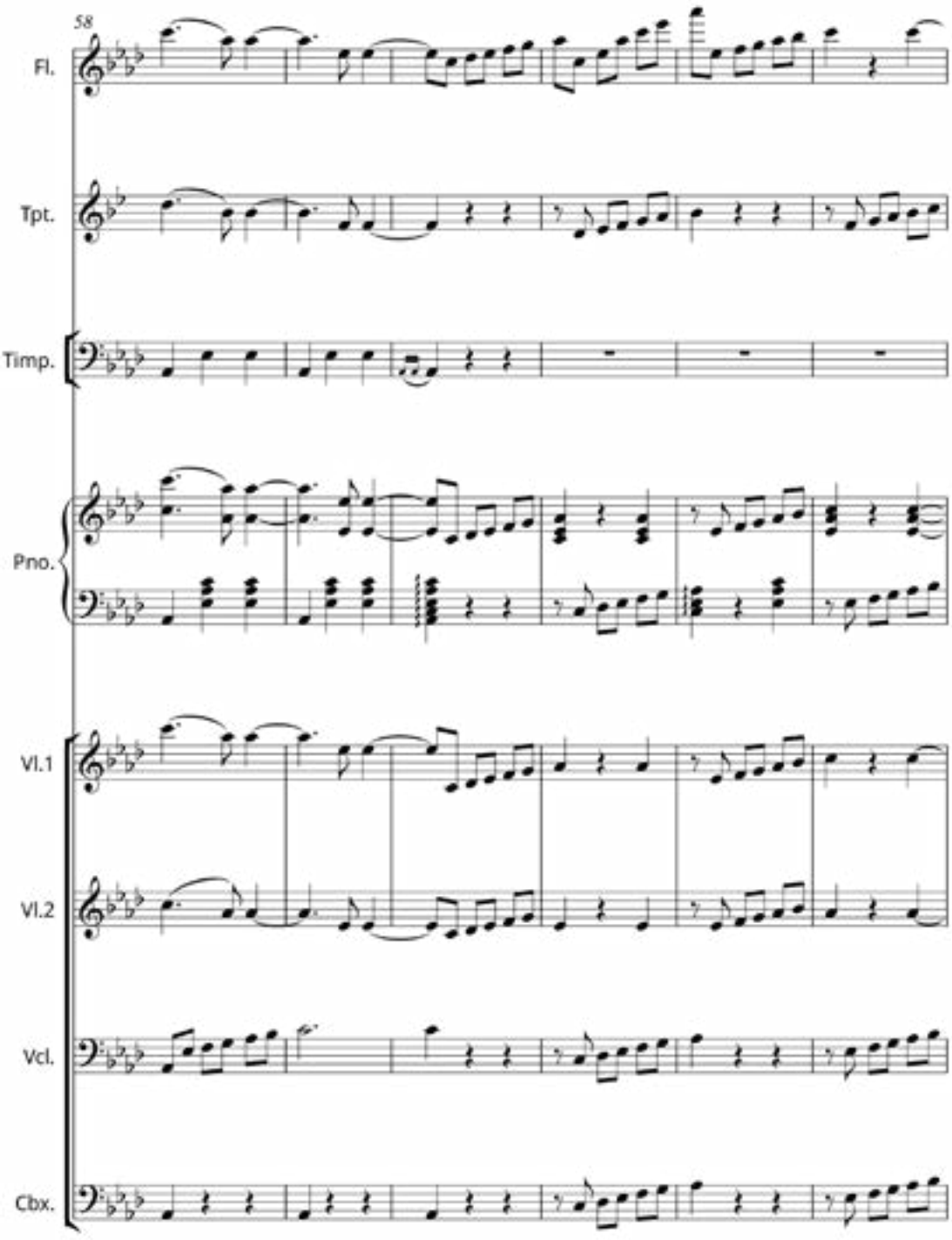

27
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

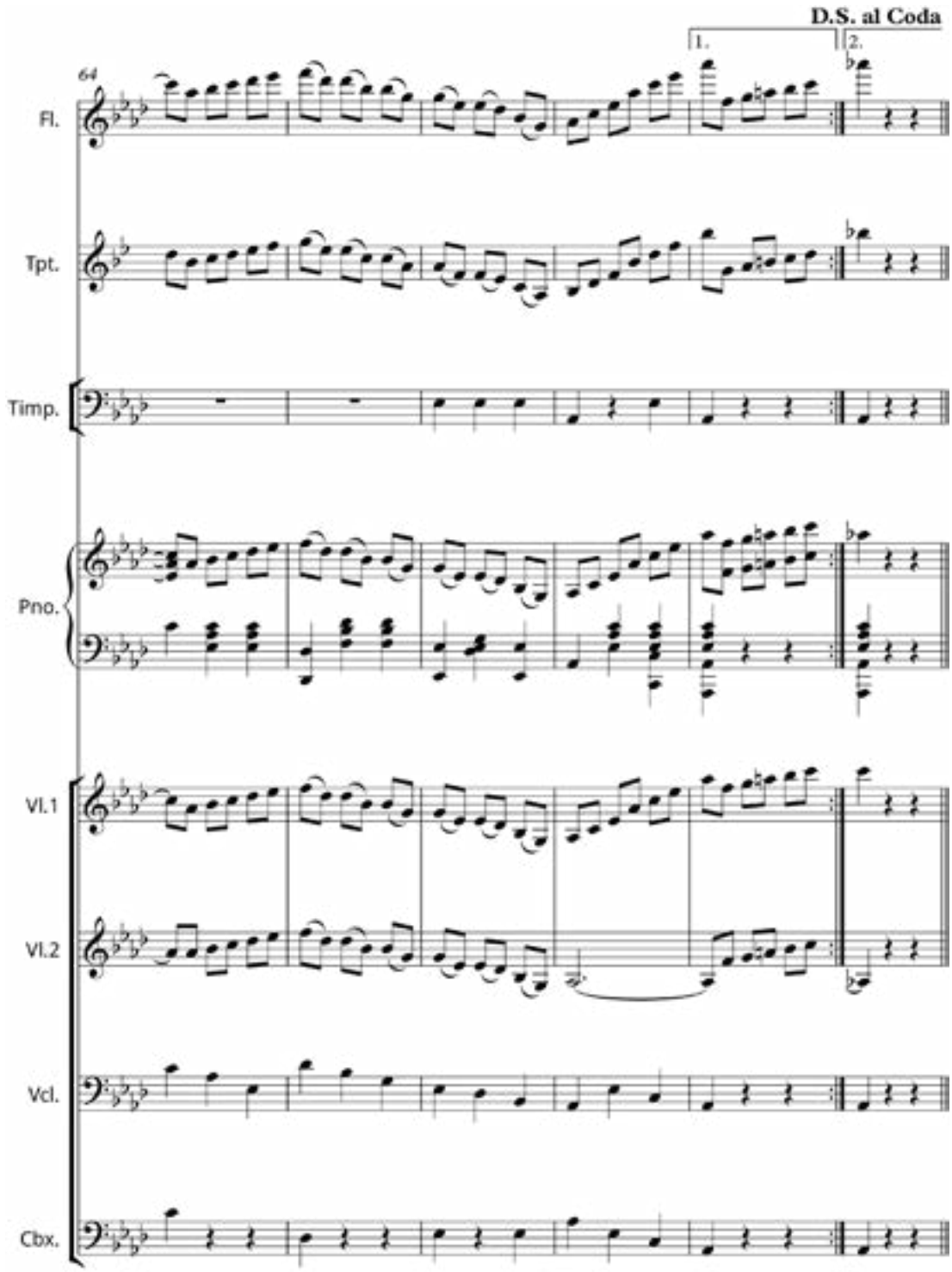

33
To Coda
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
fff
f

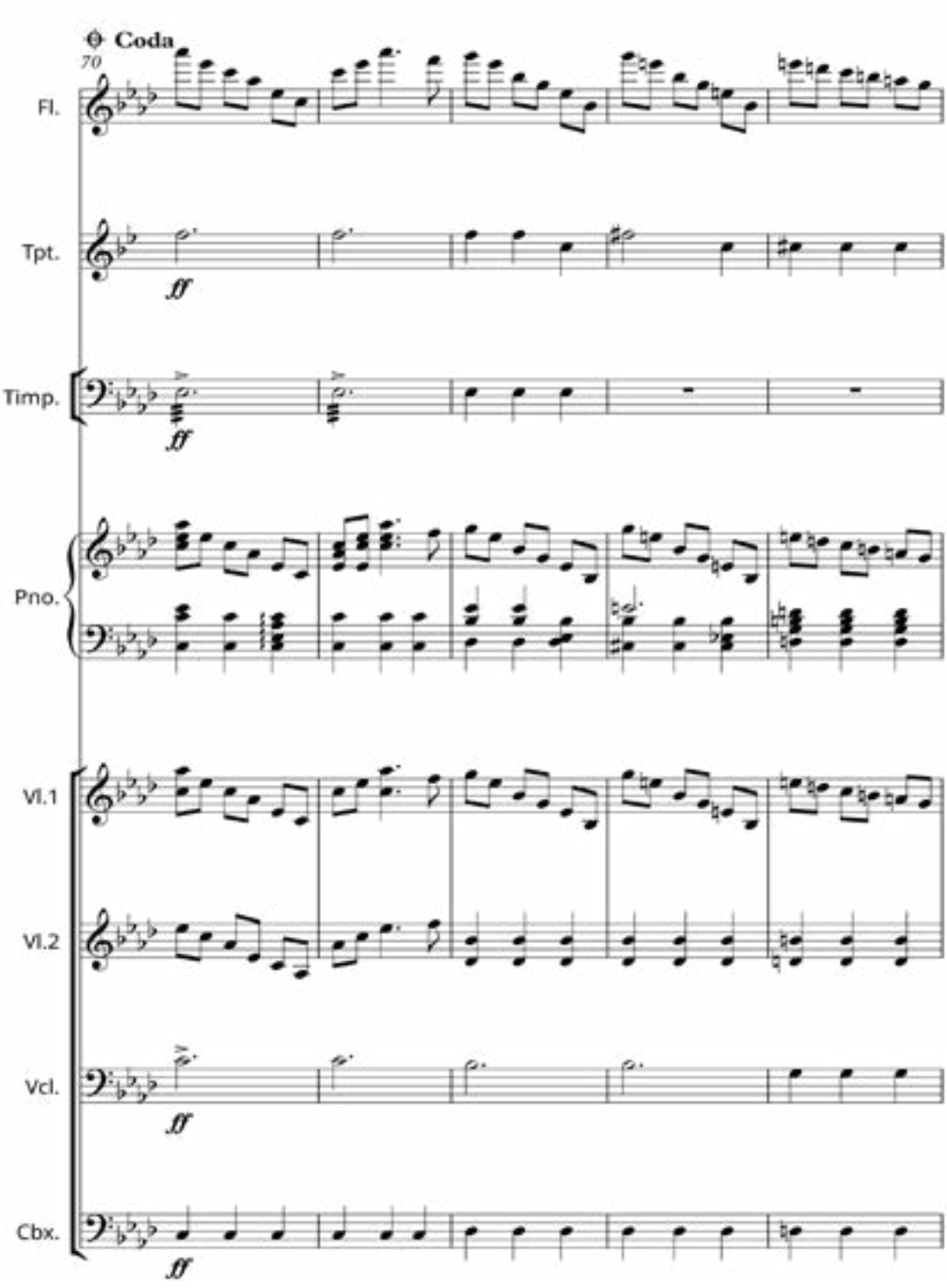

39
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
solo
Cbx.
solo

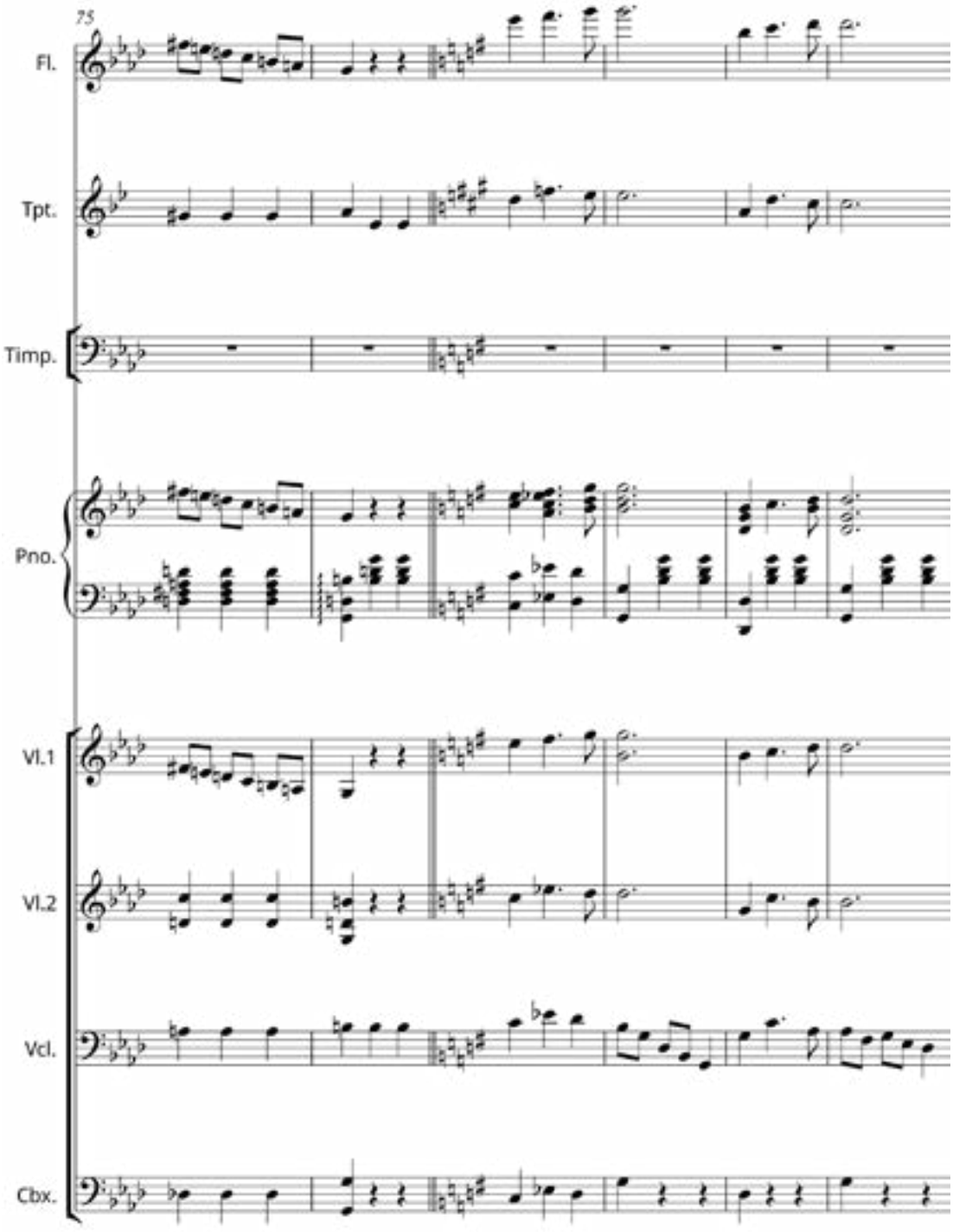

45
Fl.
cresc.
Tpt.
cresc.
Timp.
Pno.
cresc.
Vl.1
mf
cresc.
Vl.2
mf
cresc.
Vcl.
cresc.
Cbx.

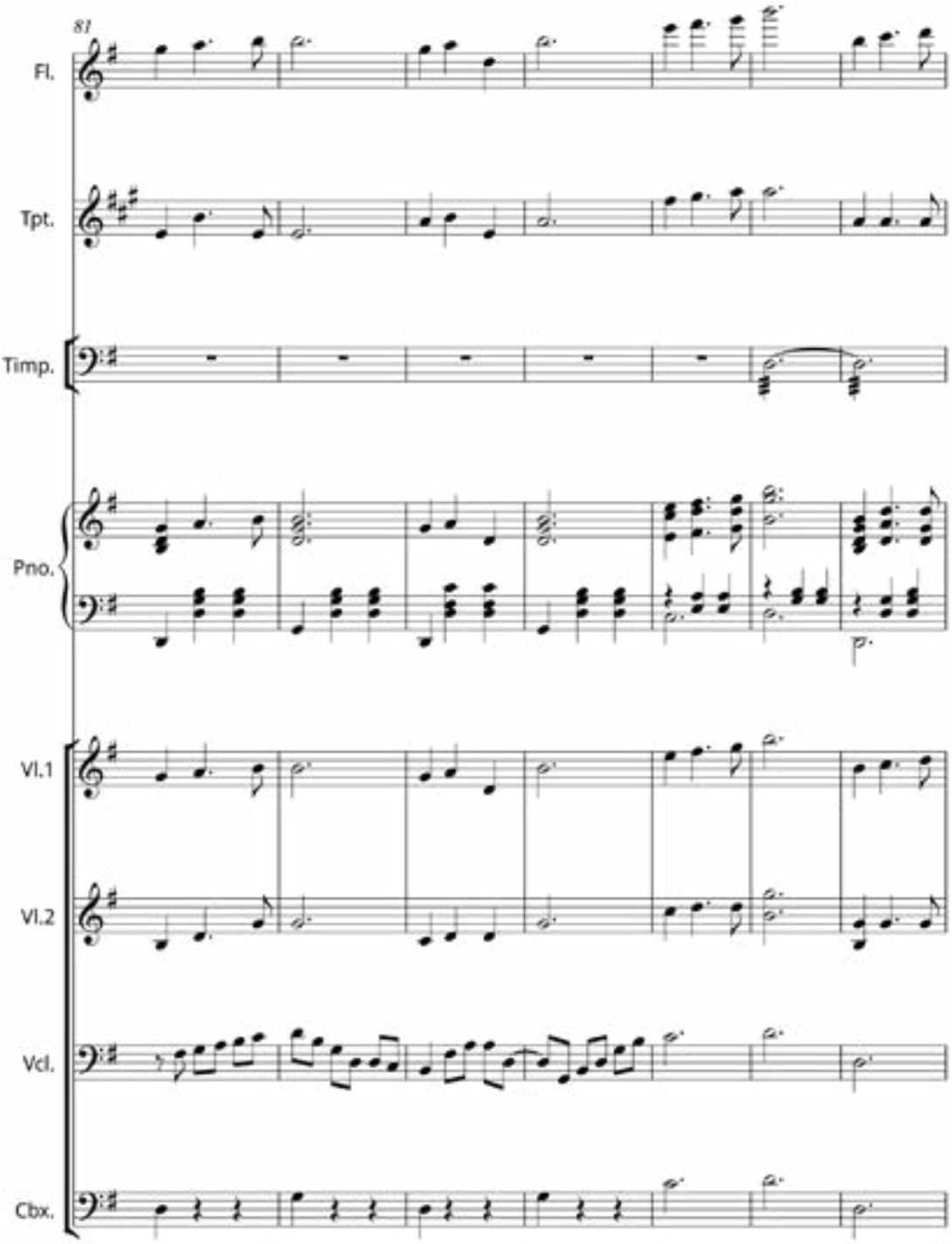

52
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
ff
f

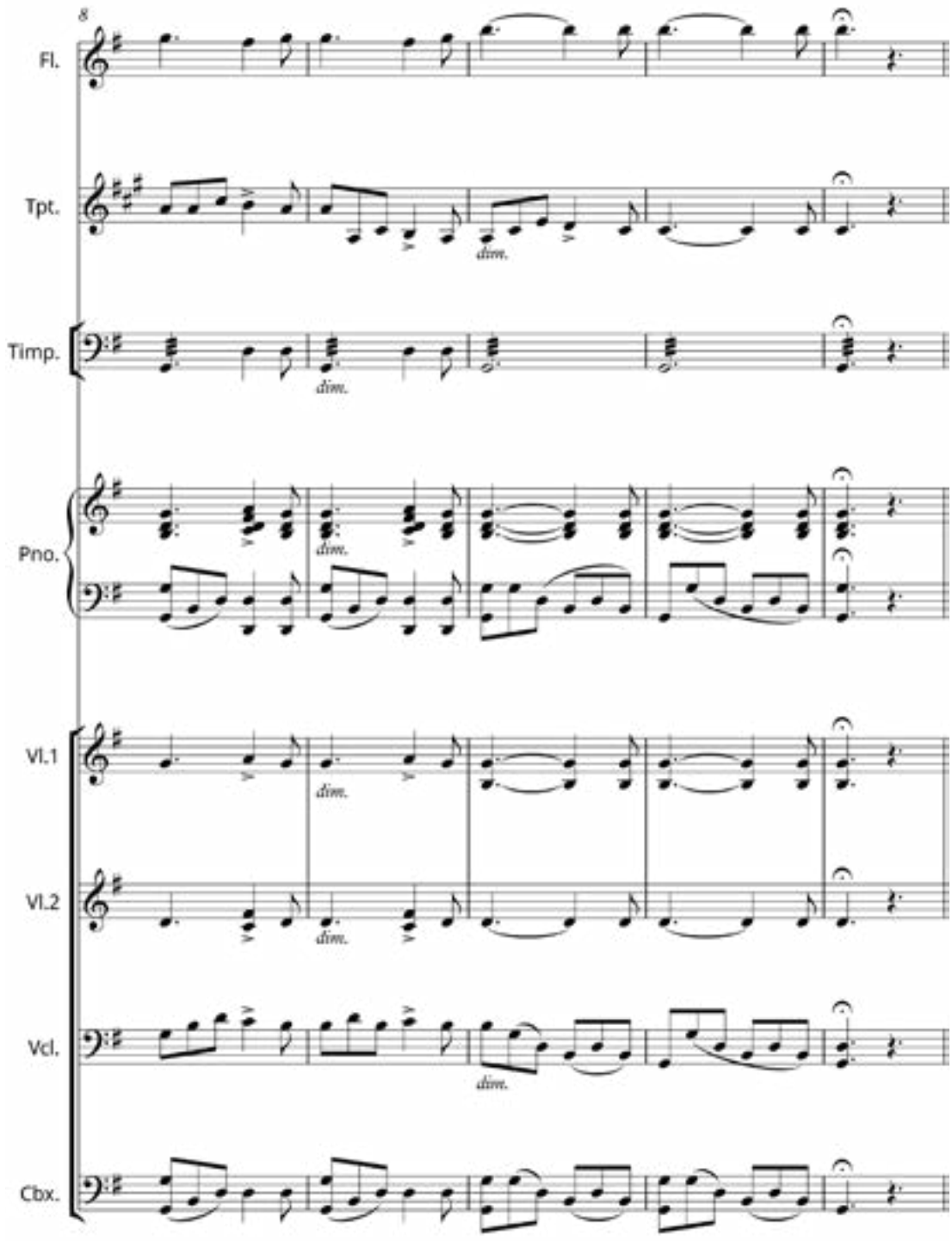

58
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

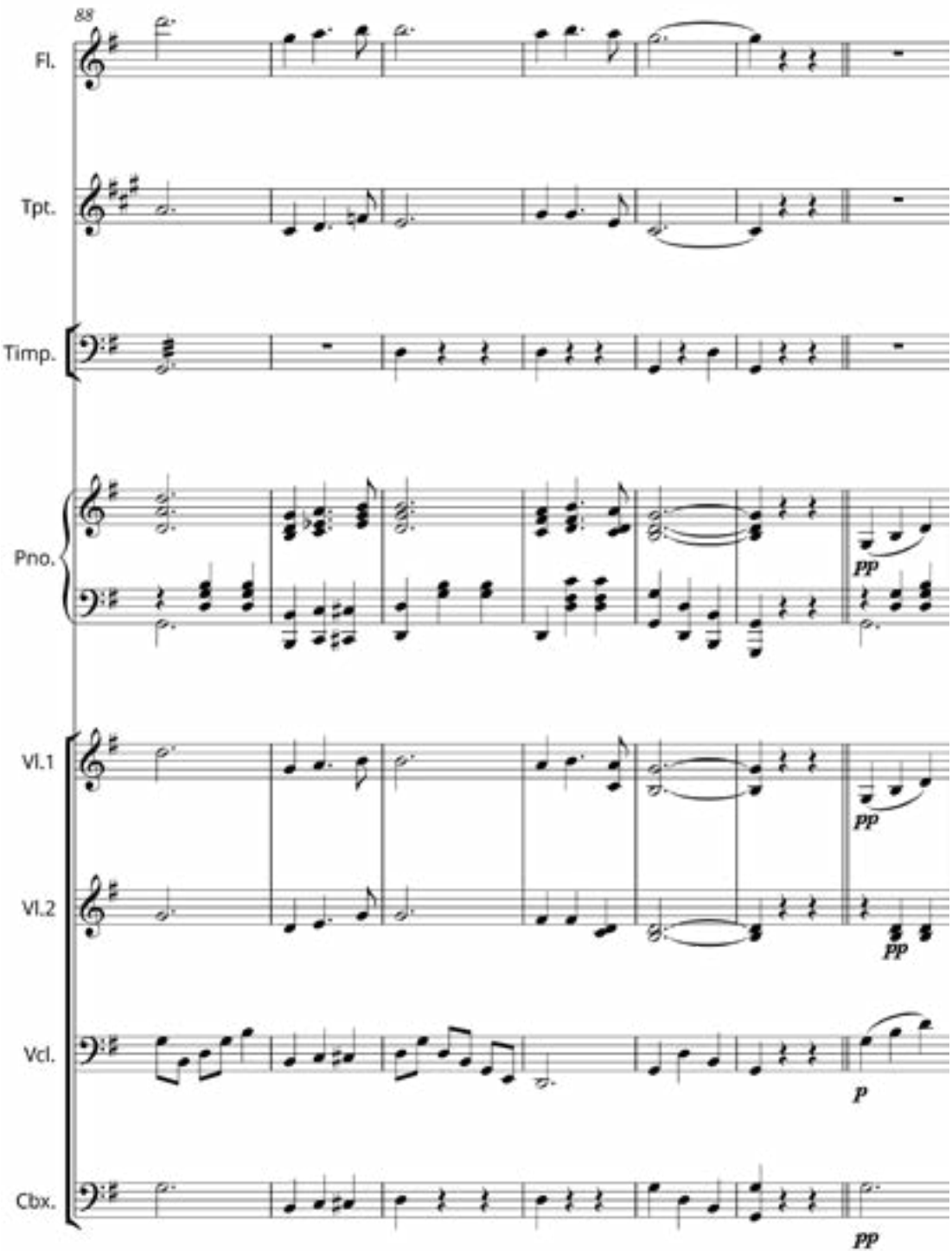

D.S. al Coda
1.
2.
64
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

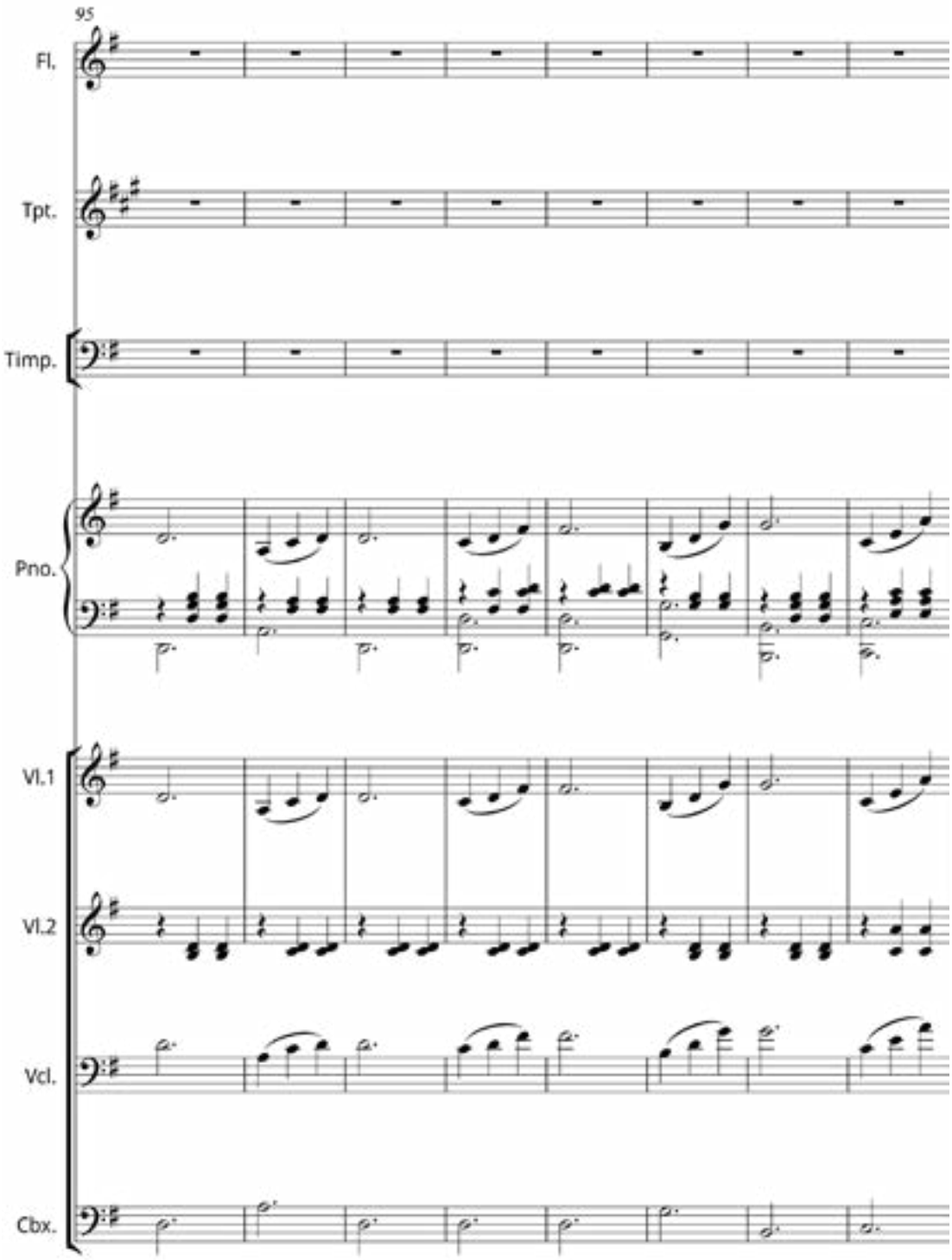

Coda
70
Fl.
Tpt.
ff
Timp.
ff
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
ff
Cbx.
ff

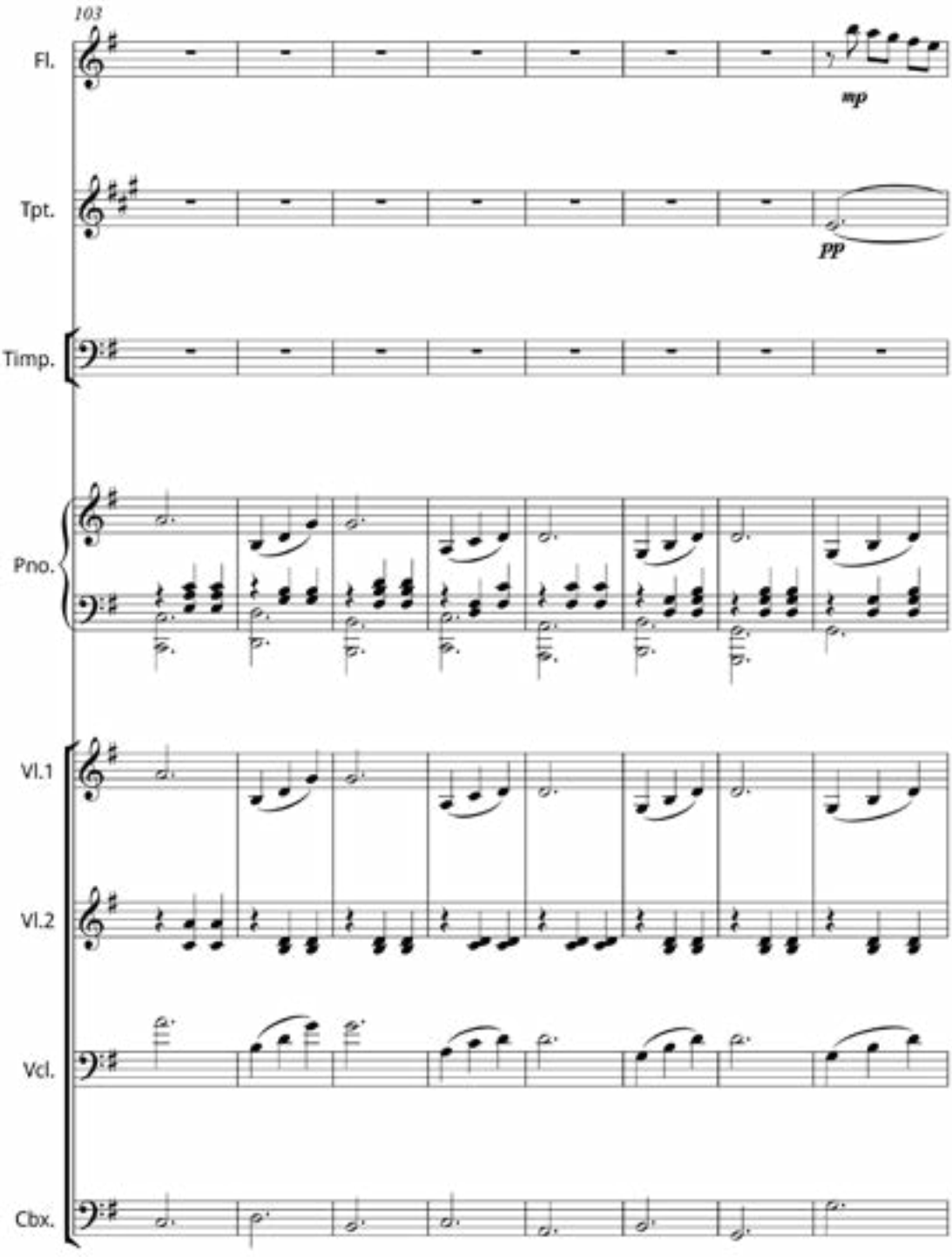

75
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

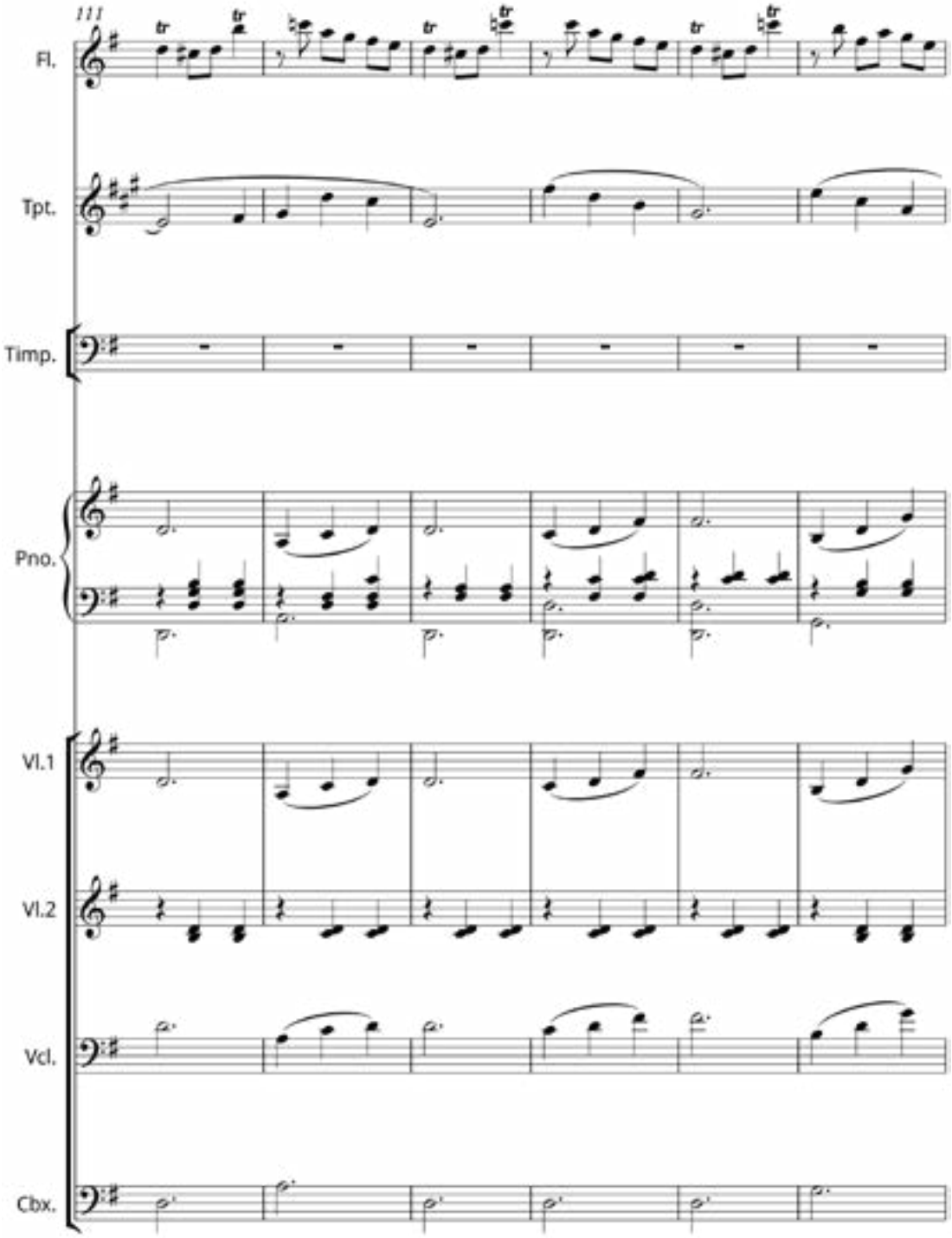

81
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

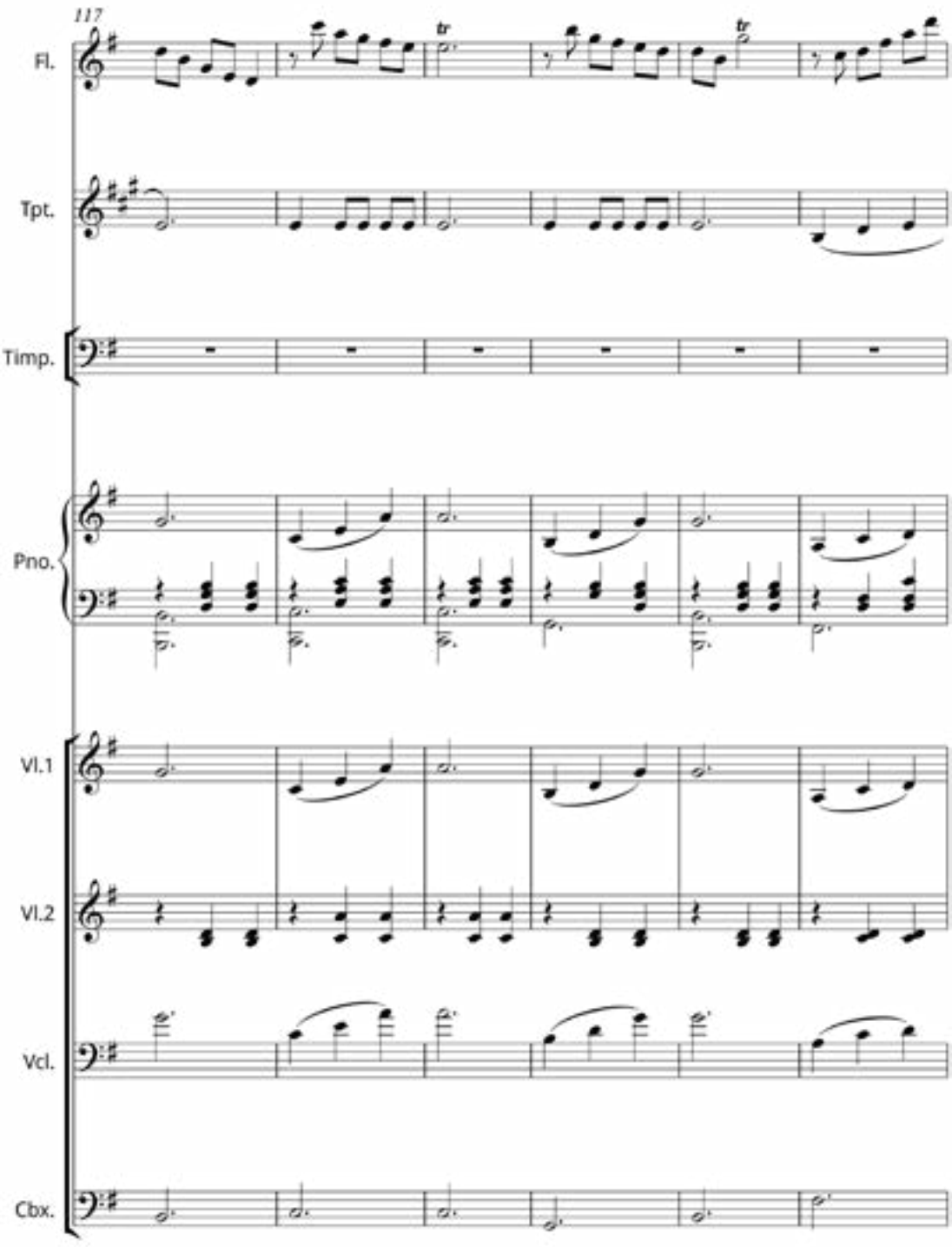

8
Fl.
Tpt.
dim.
Timp.
dim.
Pno.
dim.
Vl.1
dim.
Vl.2
dim.
Vcl.
dim.
Cbx.

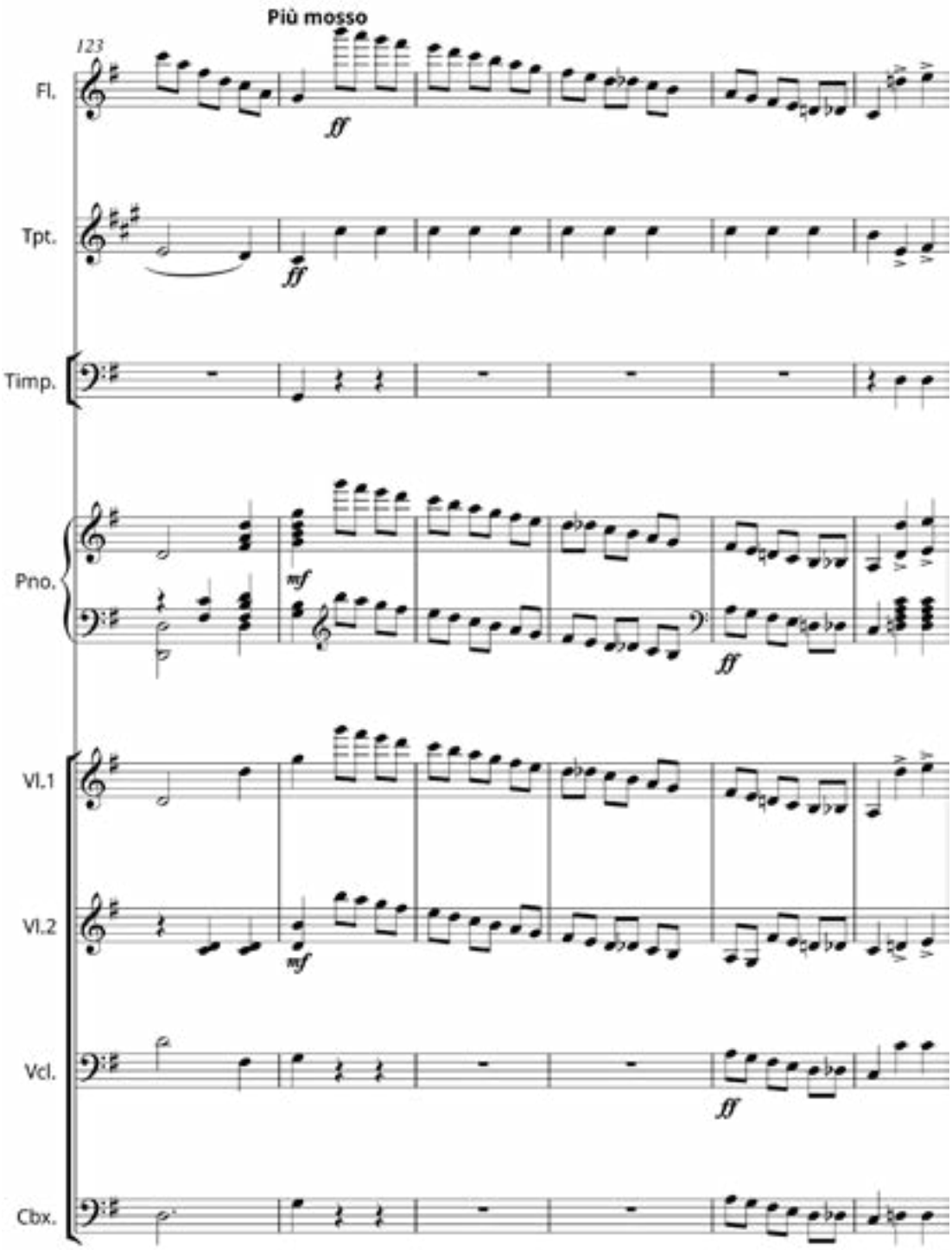

88
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
pp
pp
pp
p
pp

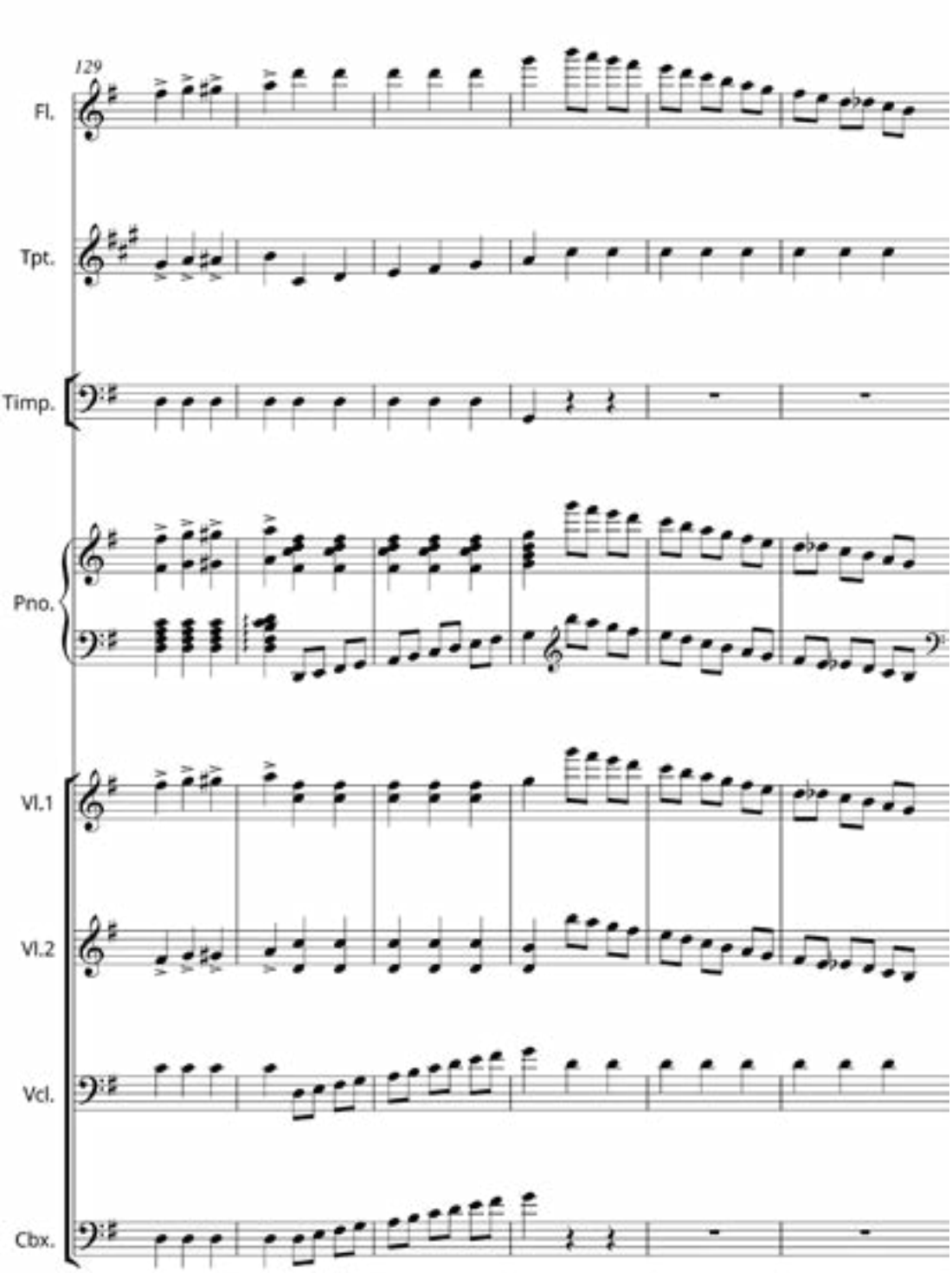

95
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

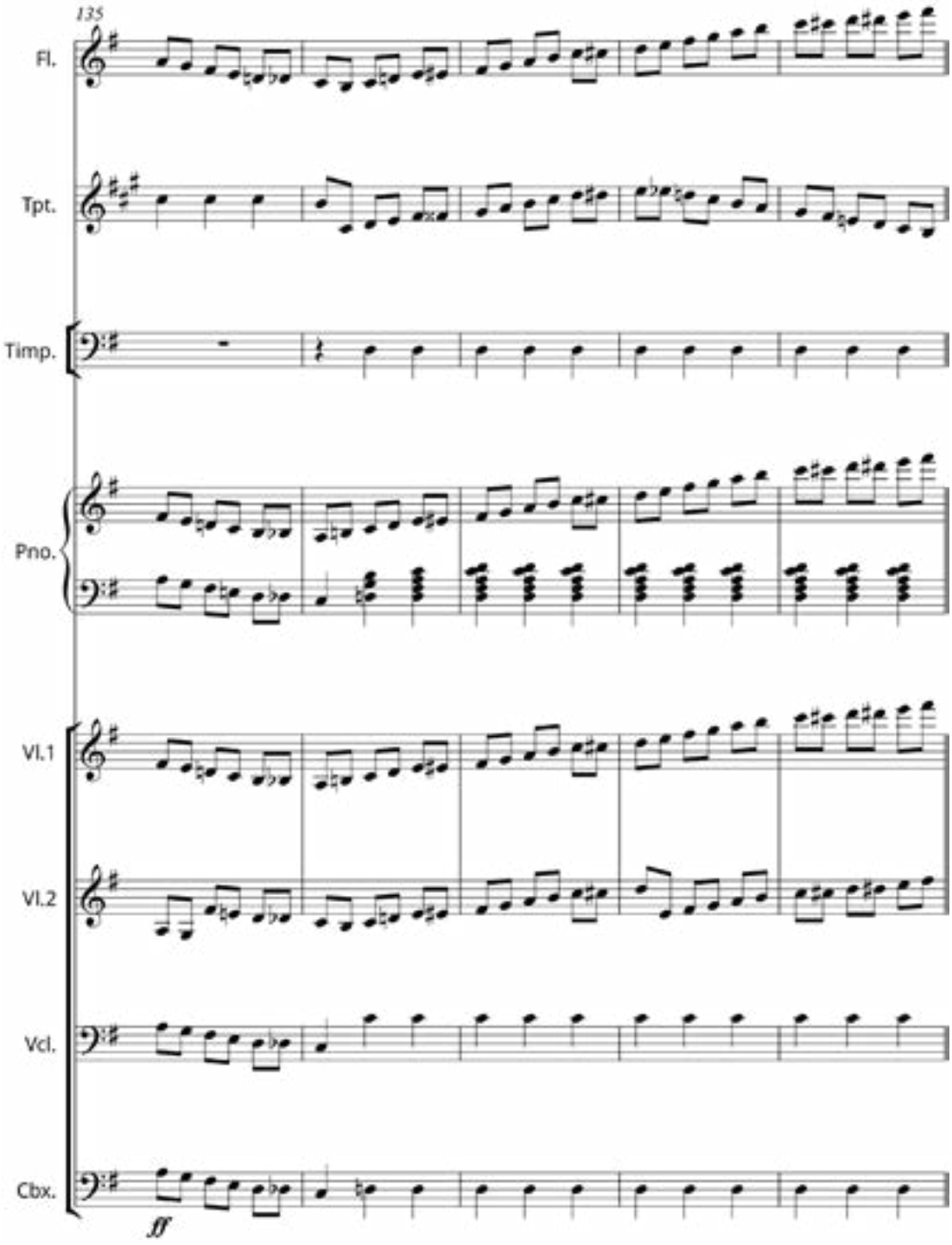

103
Fl.
mp
Tpt.
PP
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

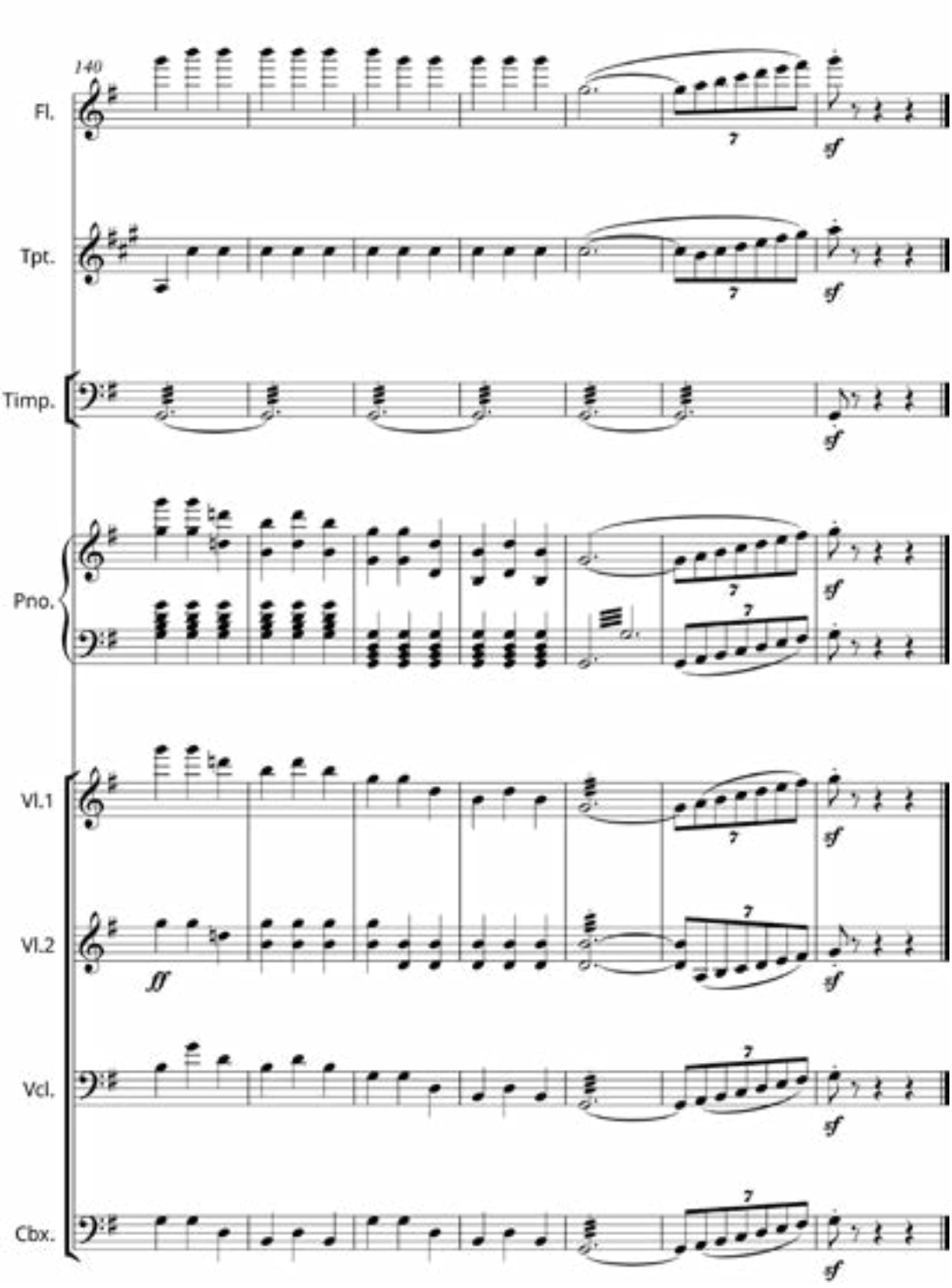

111
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

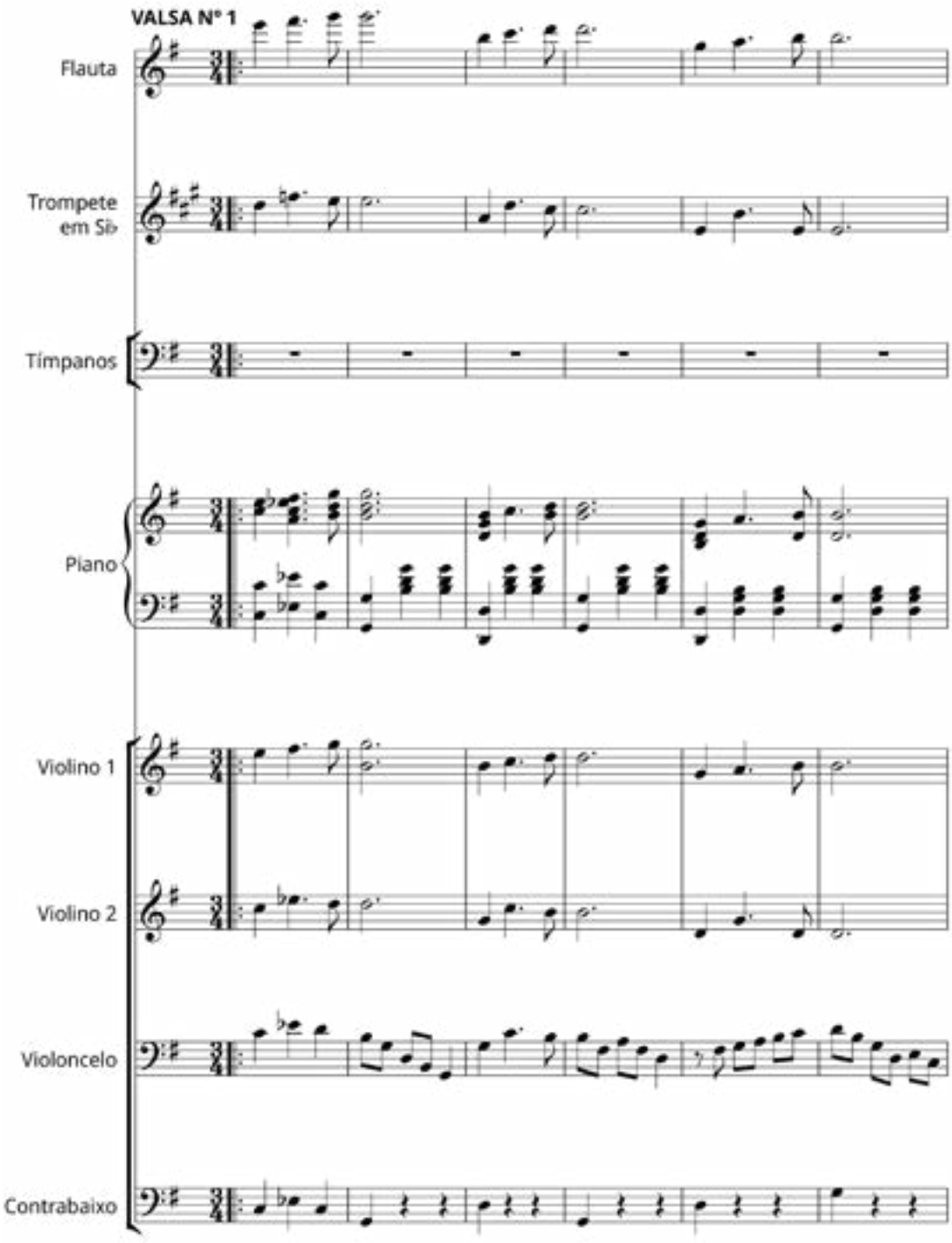

117
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

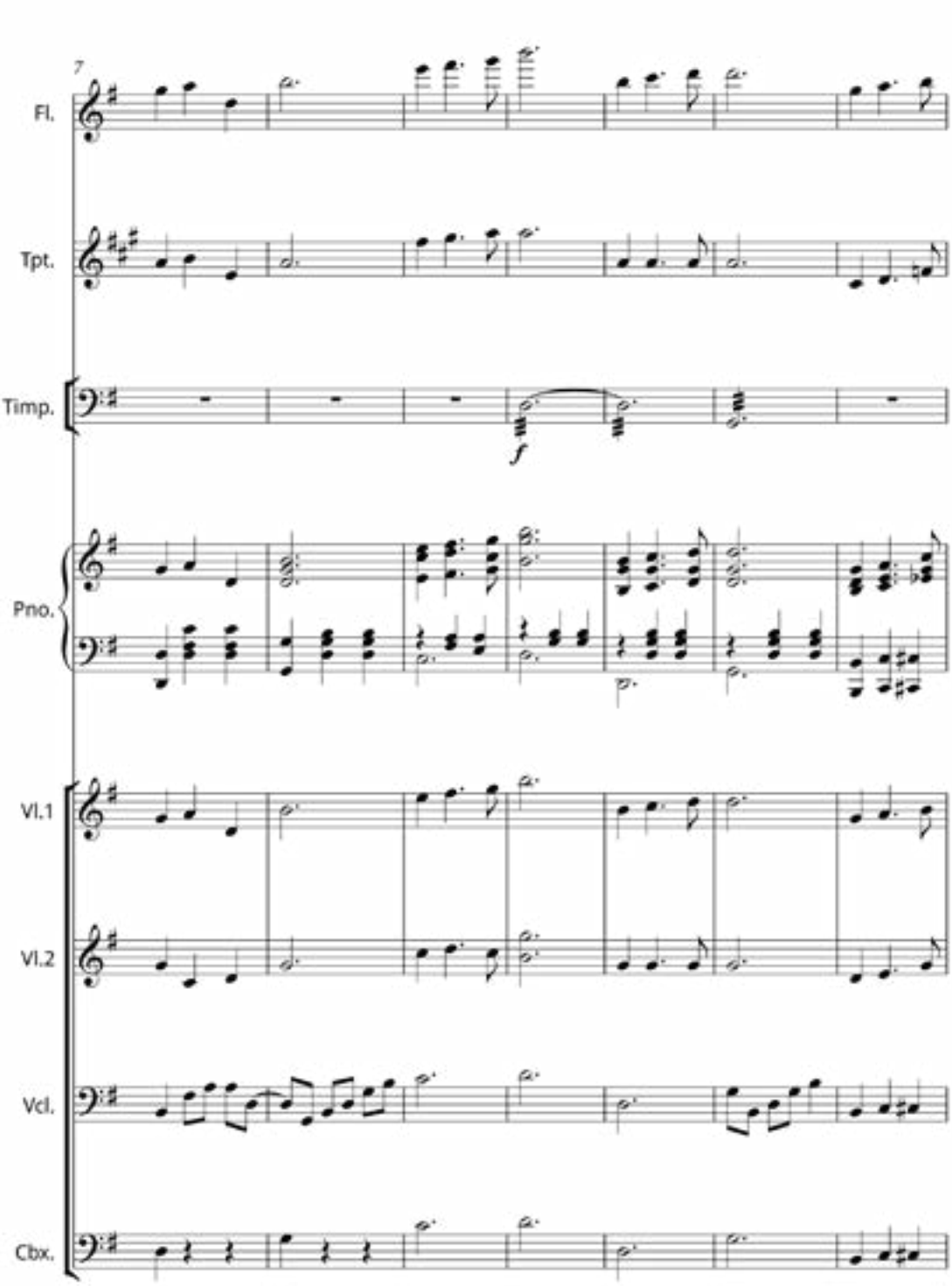

Più mosso
123
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
ff
mf

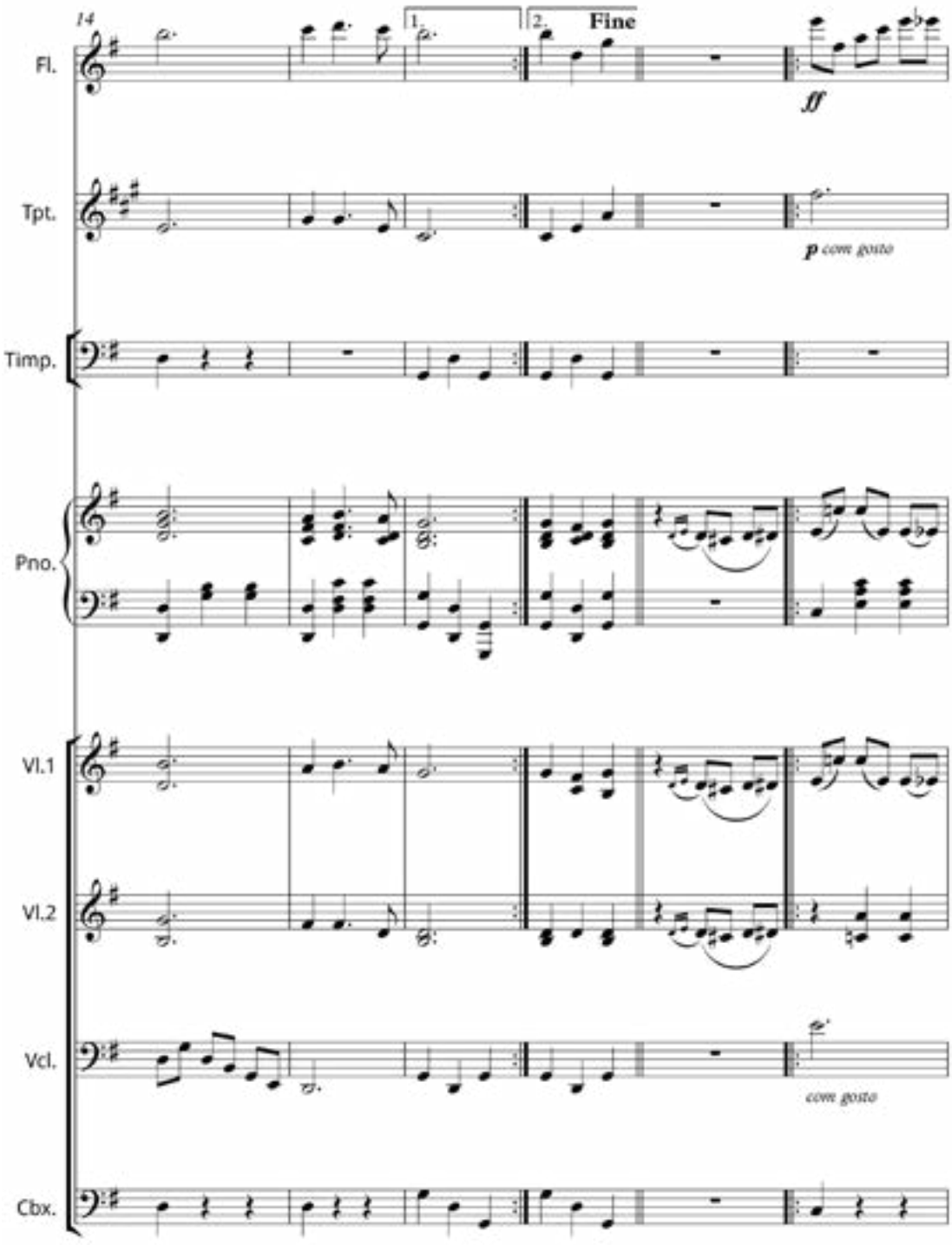

129
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

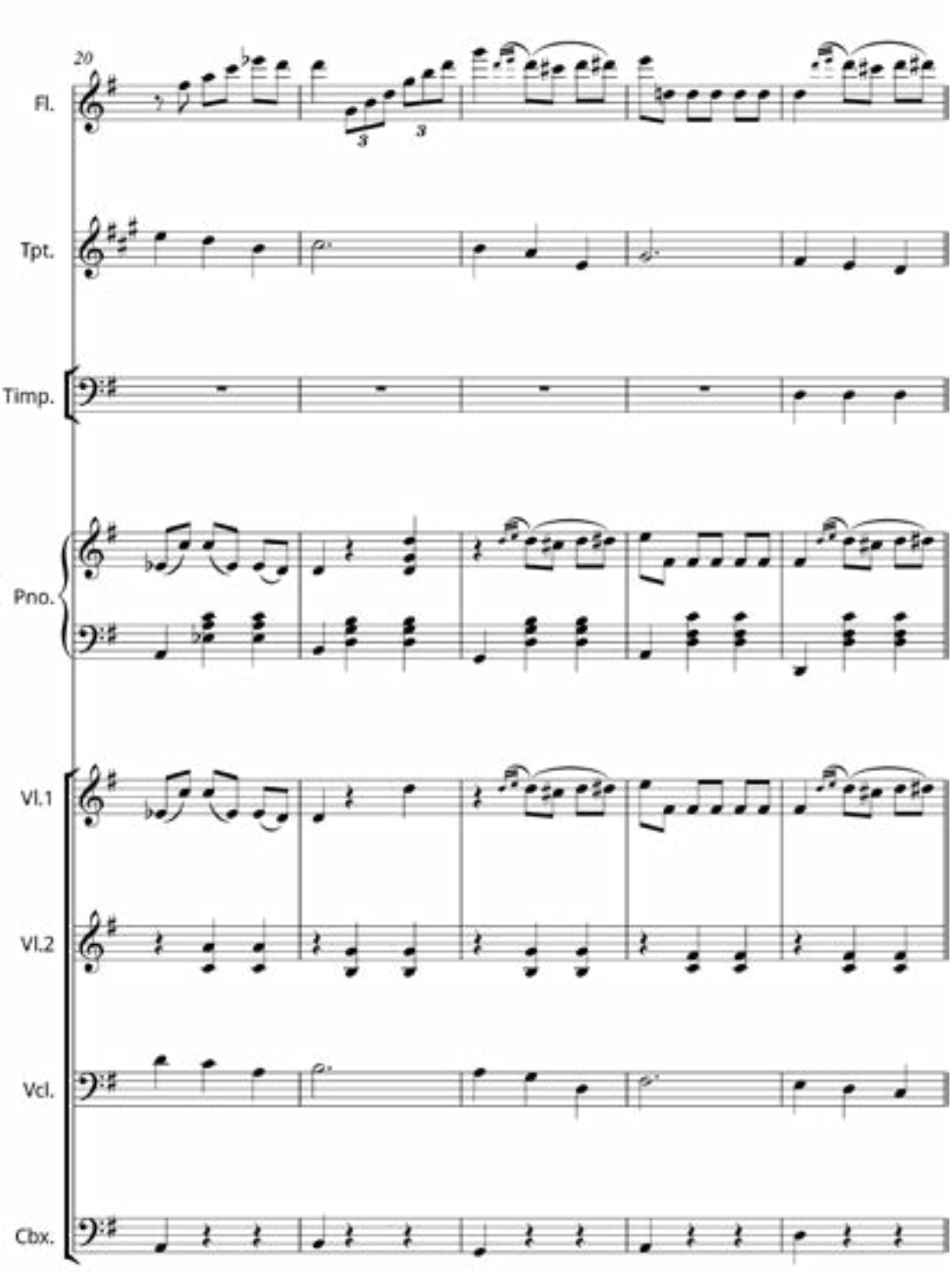

135
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
fff

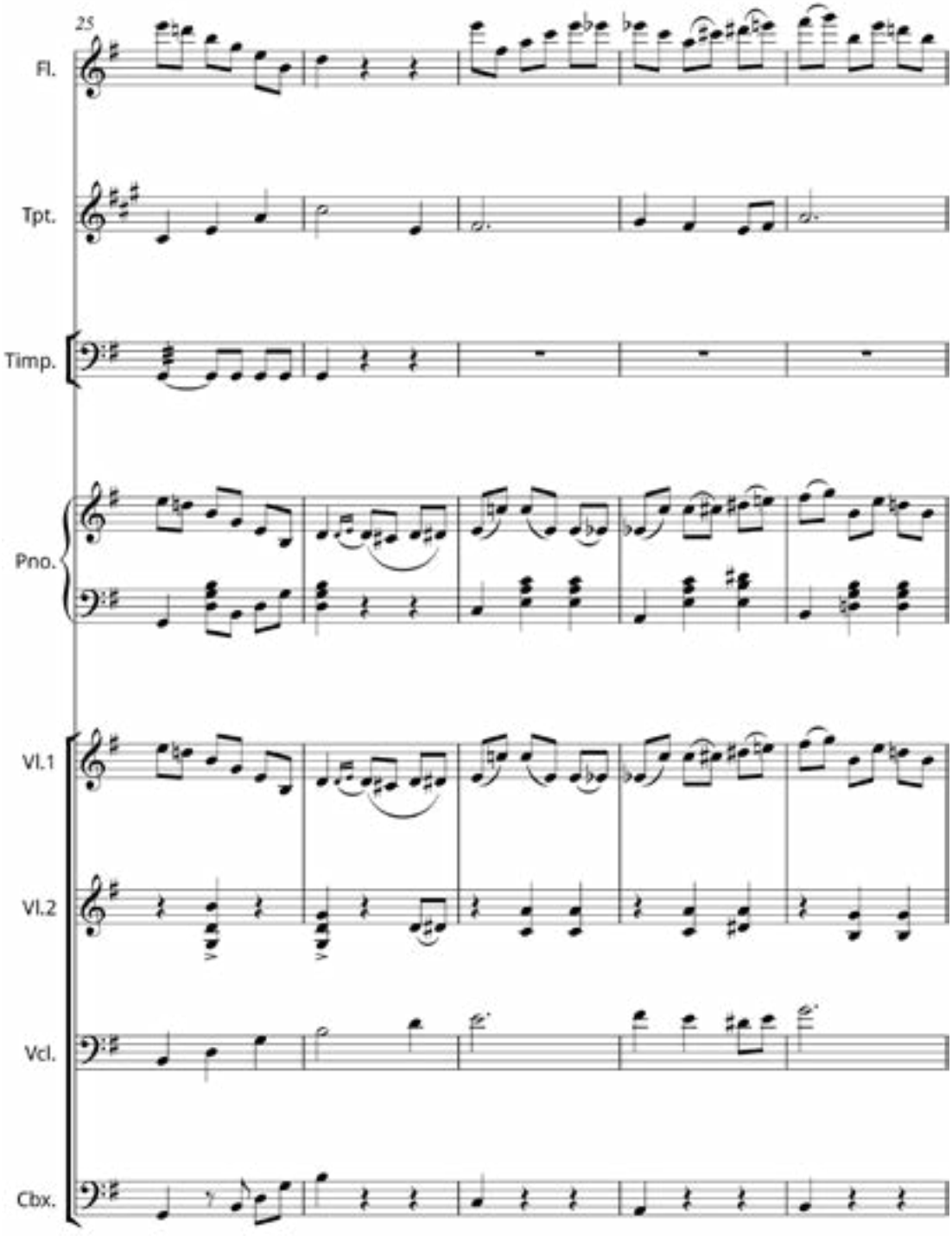

140
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
sf
ff

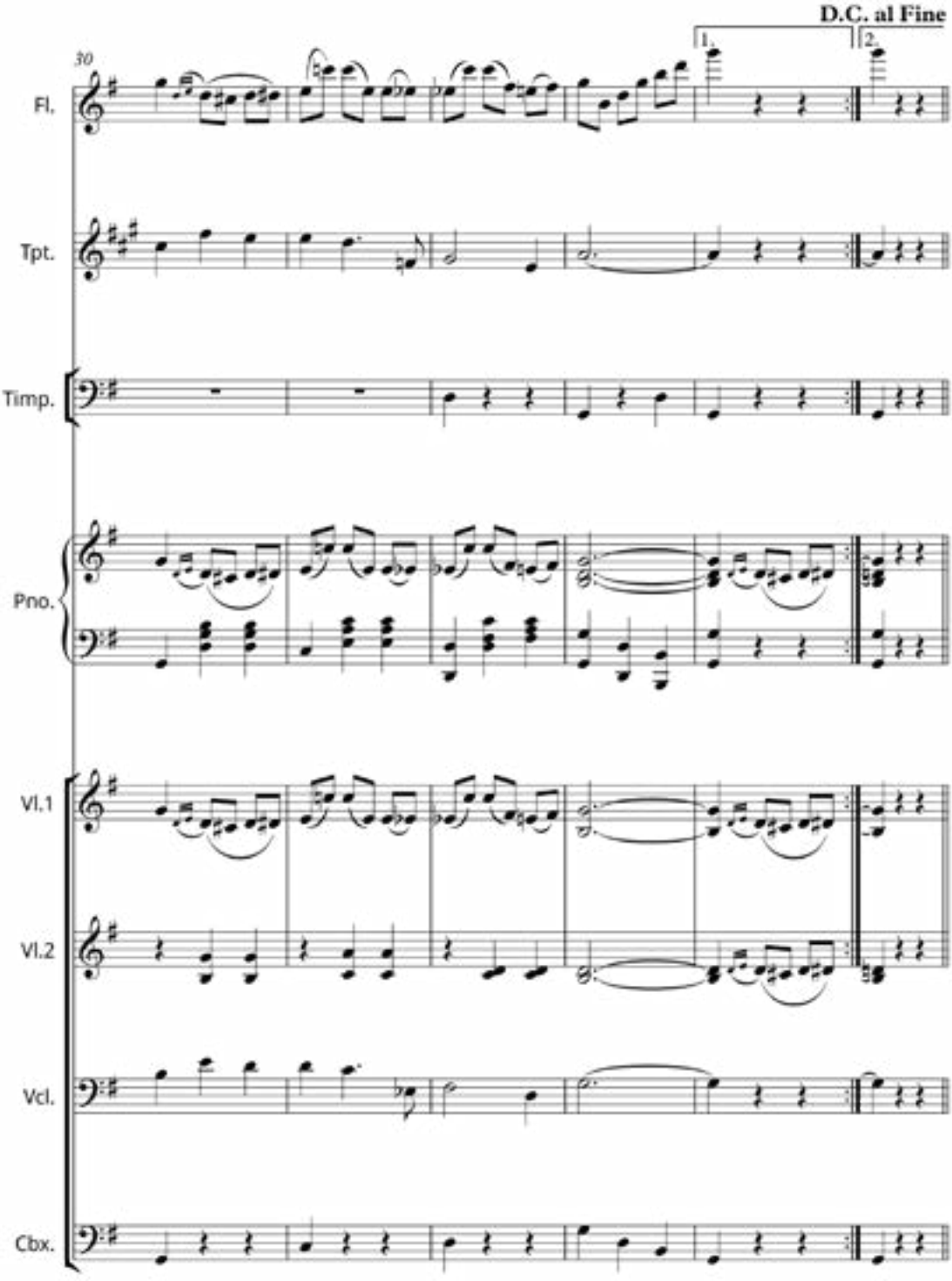

VALSA Nº 1
Flauta
Trompete em Si♭
Tímpanos
Piano
Violino 1
Violino 2
Violoncelo
Contrabaixo

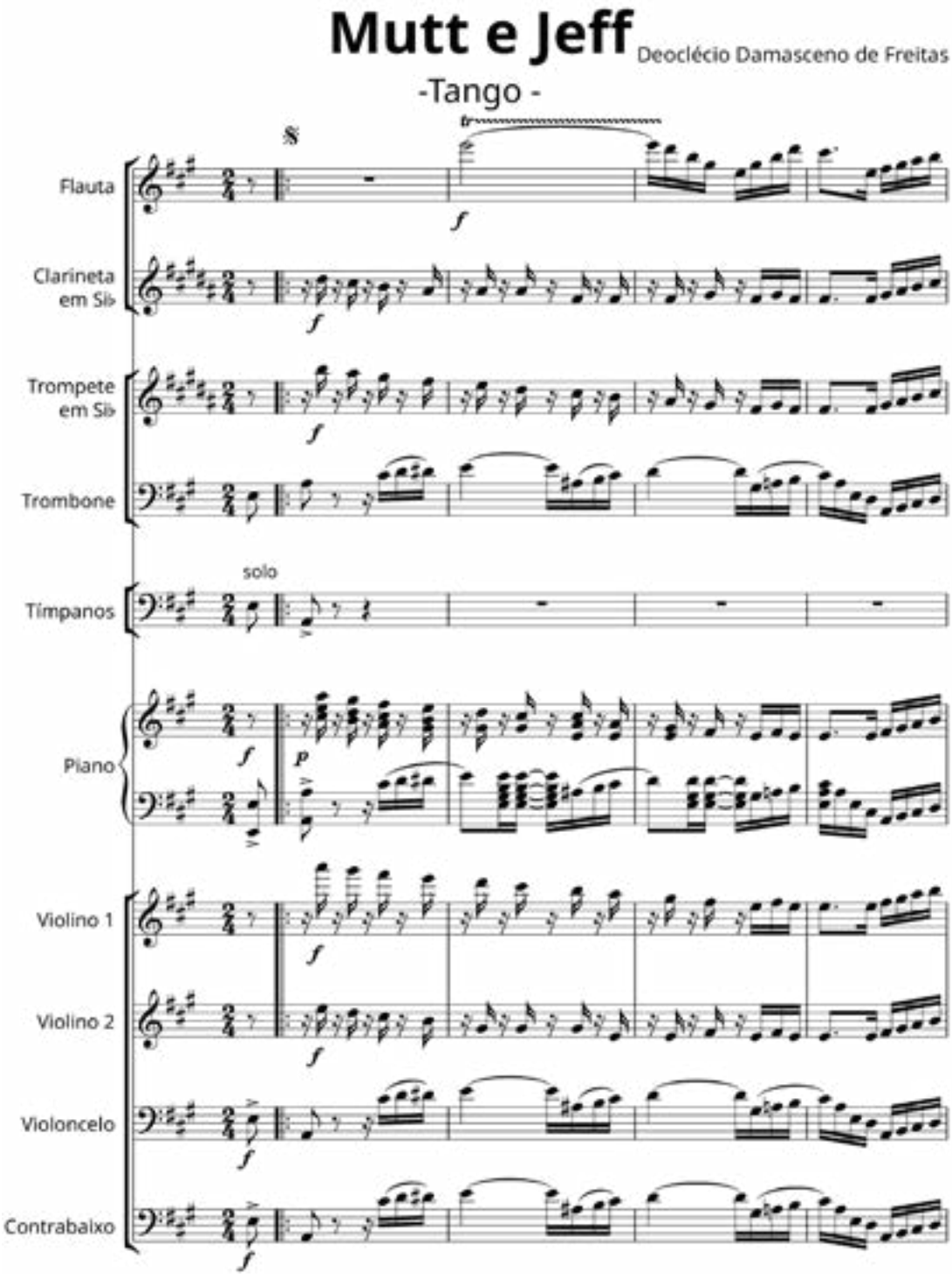

7
Fl.
Tpt.
Timp.
f
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

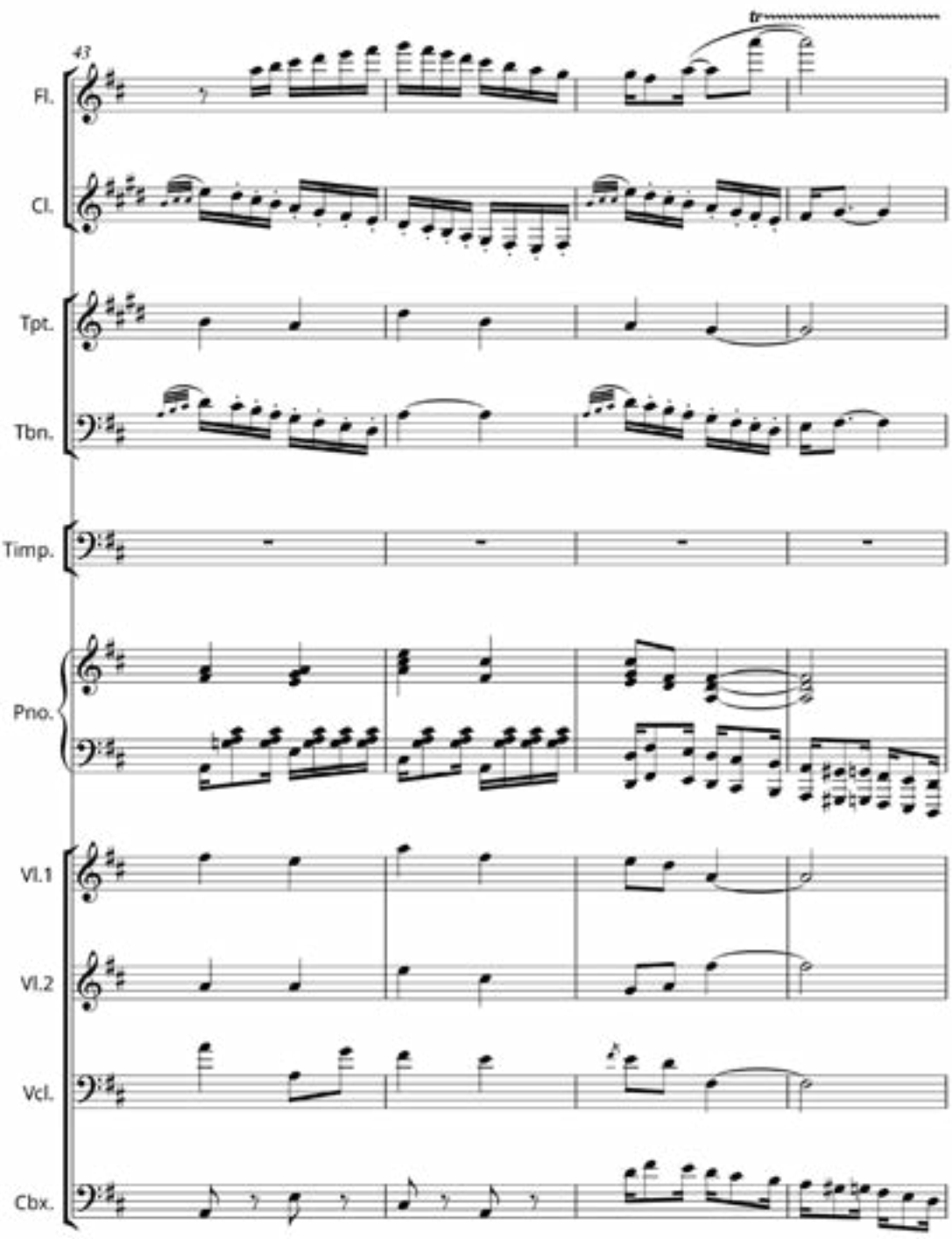

14
1.
2.
Fine
Fl.
ff
Tpt.
p com gosto
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
com gosto
Cbx.

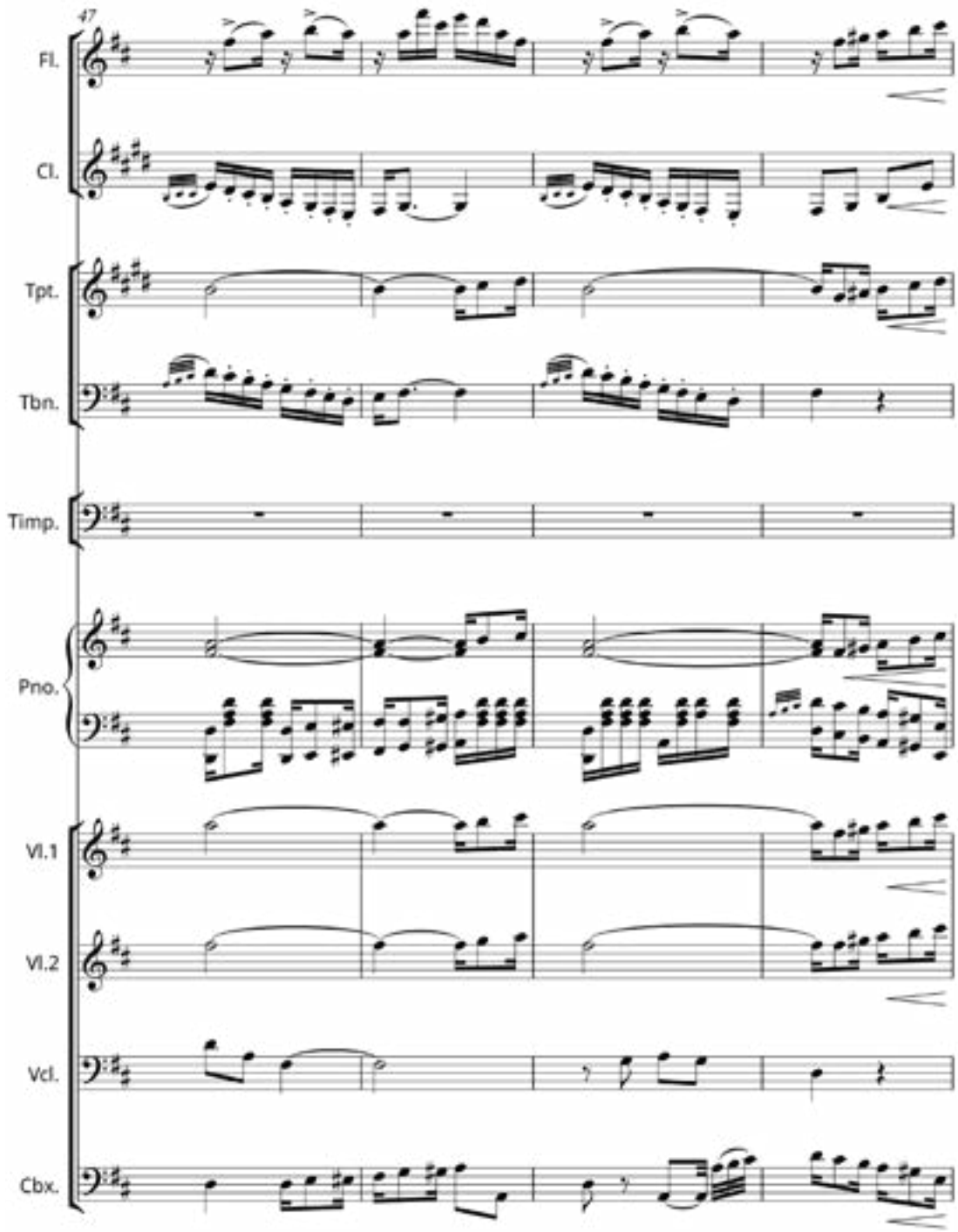

20
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

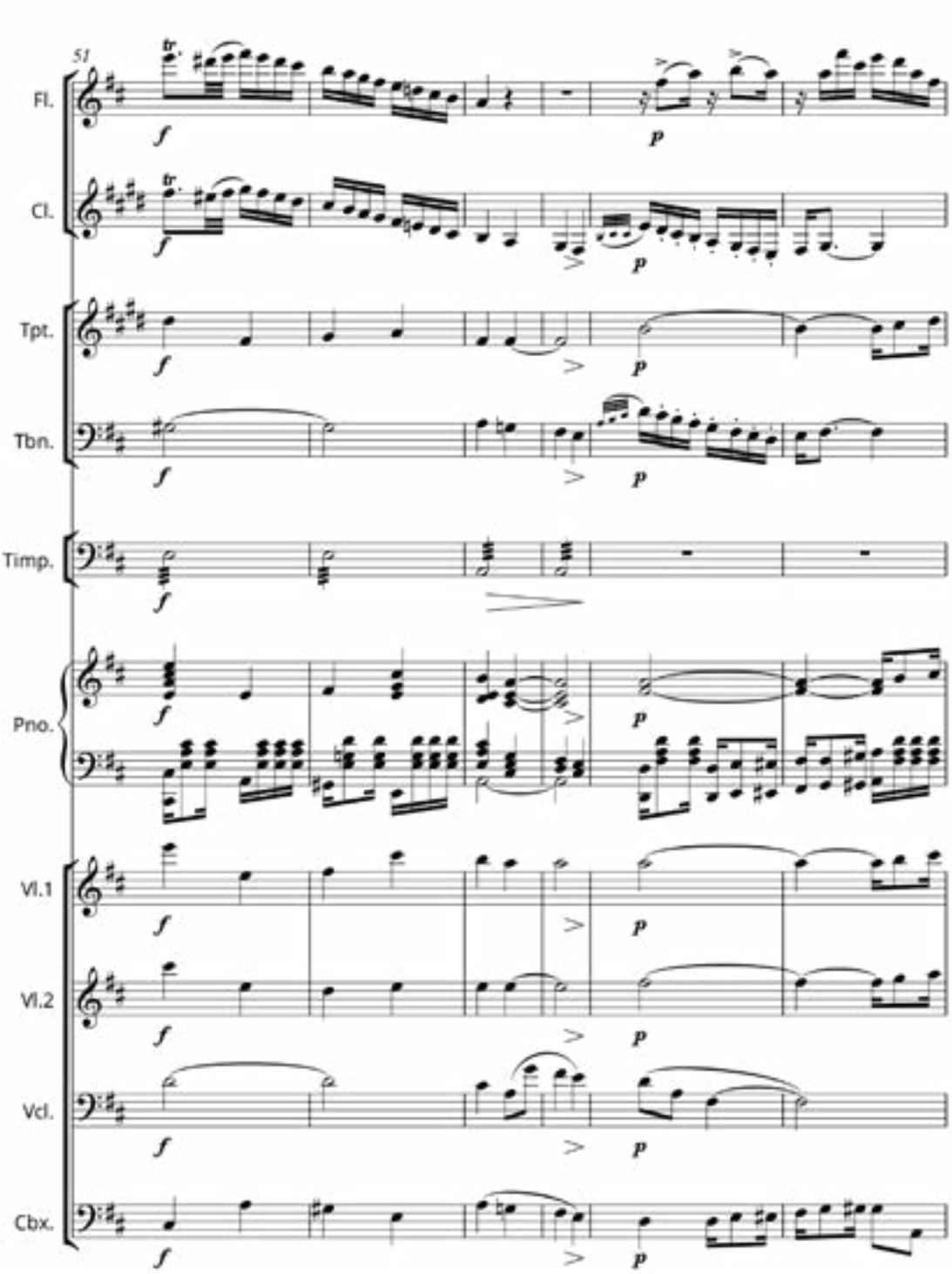

25
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

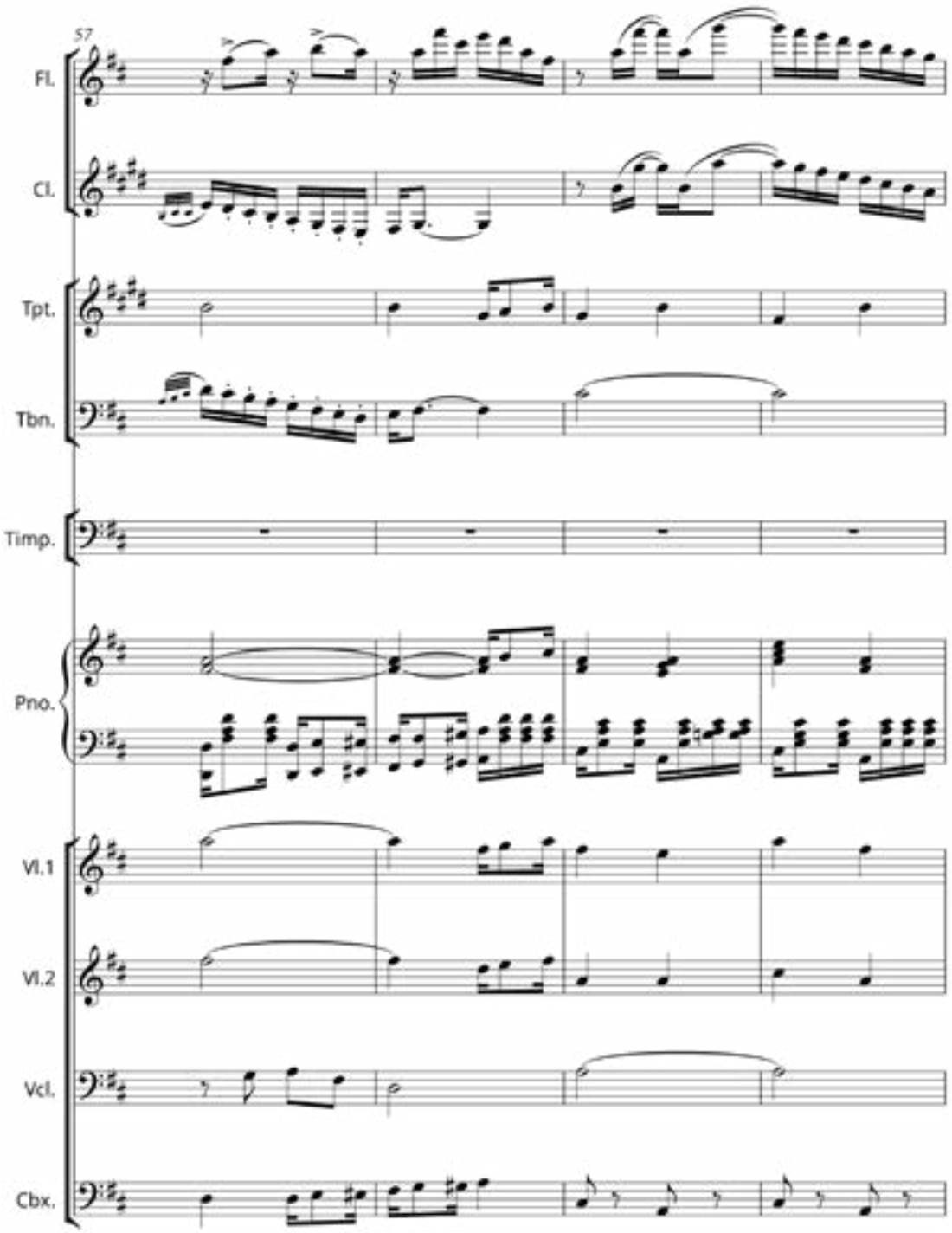

D.C. al Fine
30
1.
2.
Fl.
Tpt.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

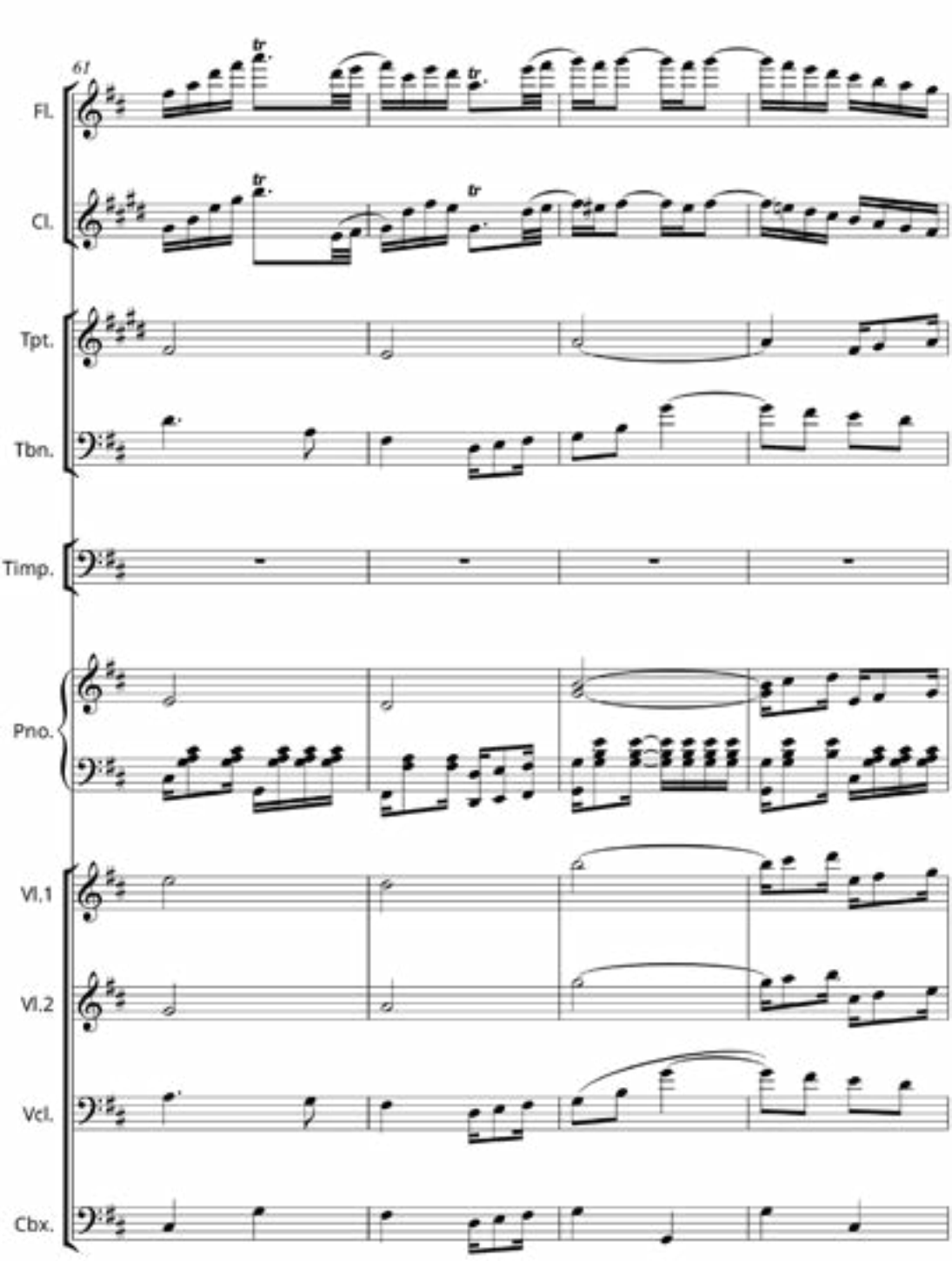

Mutt e Jeff
Deoclécio Damasceno de Freitas
-Tango -
Flauta
Clarineta em Sib
Trompete em Sib
Trombone
Tímpanos
solo
Piano
Violino 1
Violino 2
Violoncelo
Contrabaixo

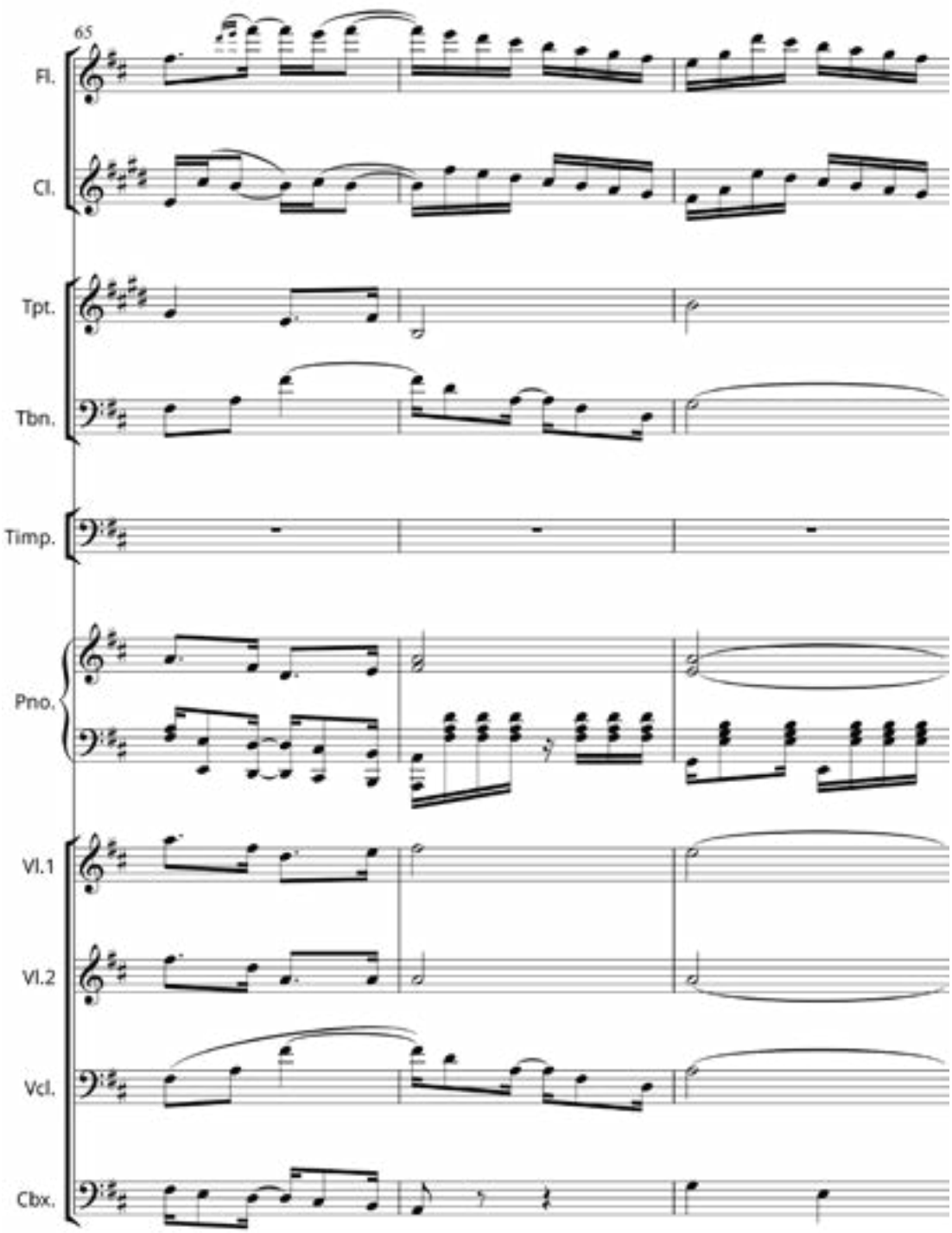

43
tr
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

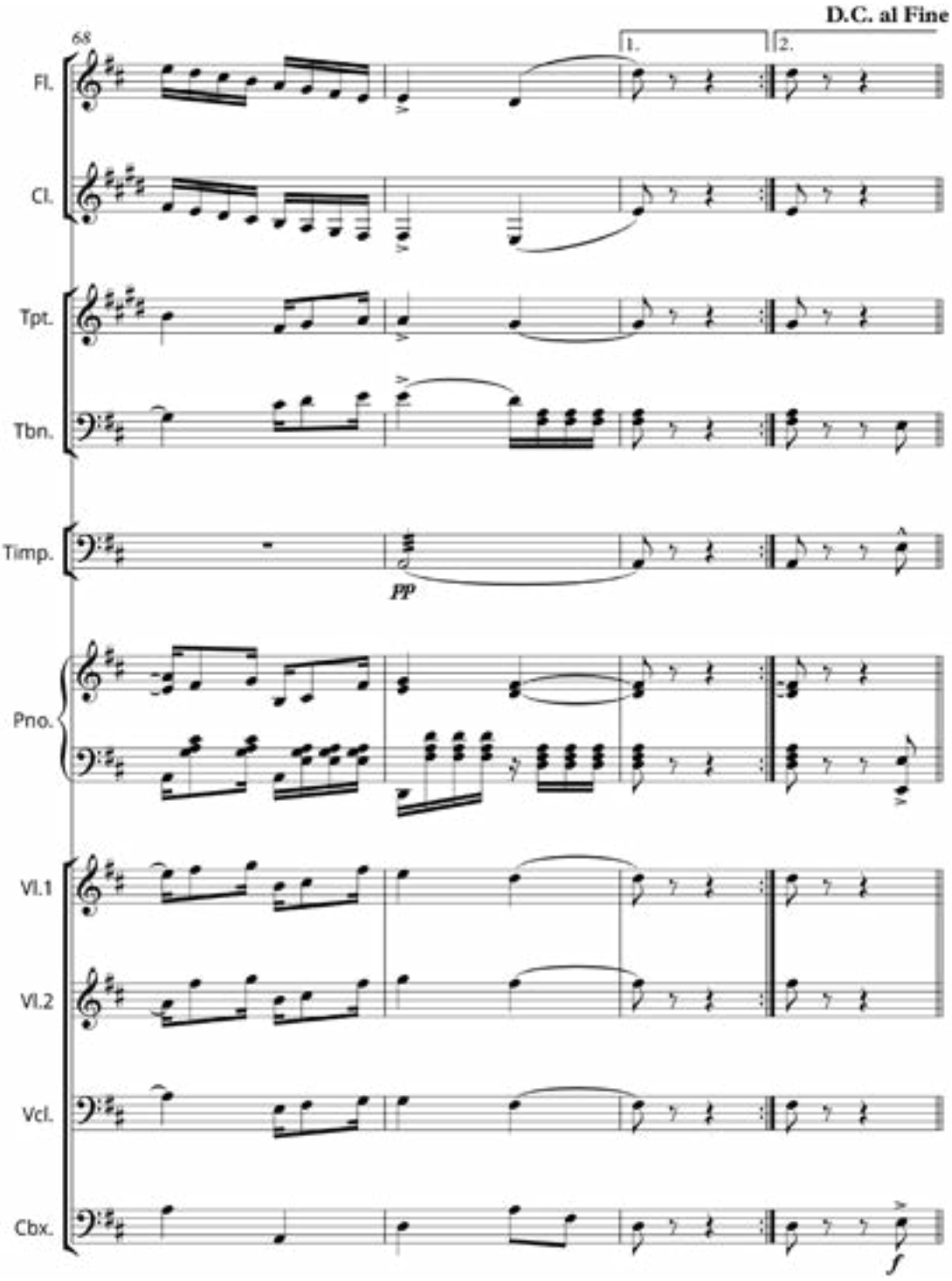

47
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

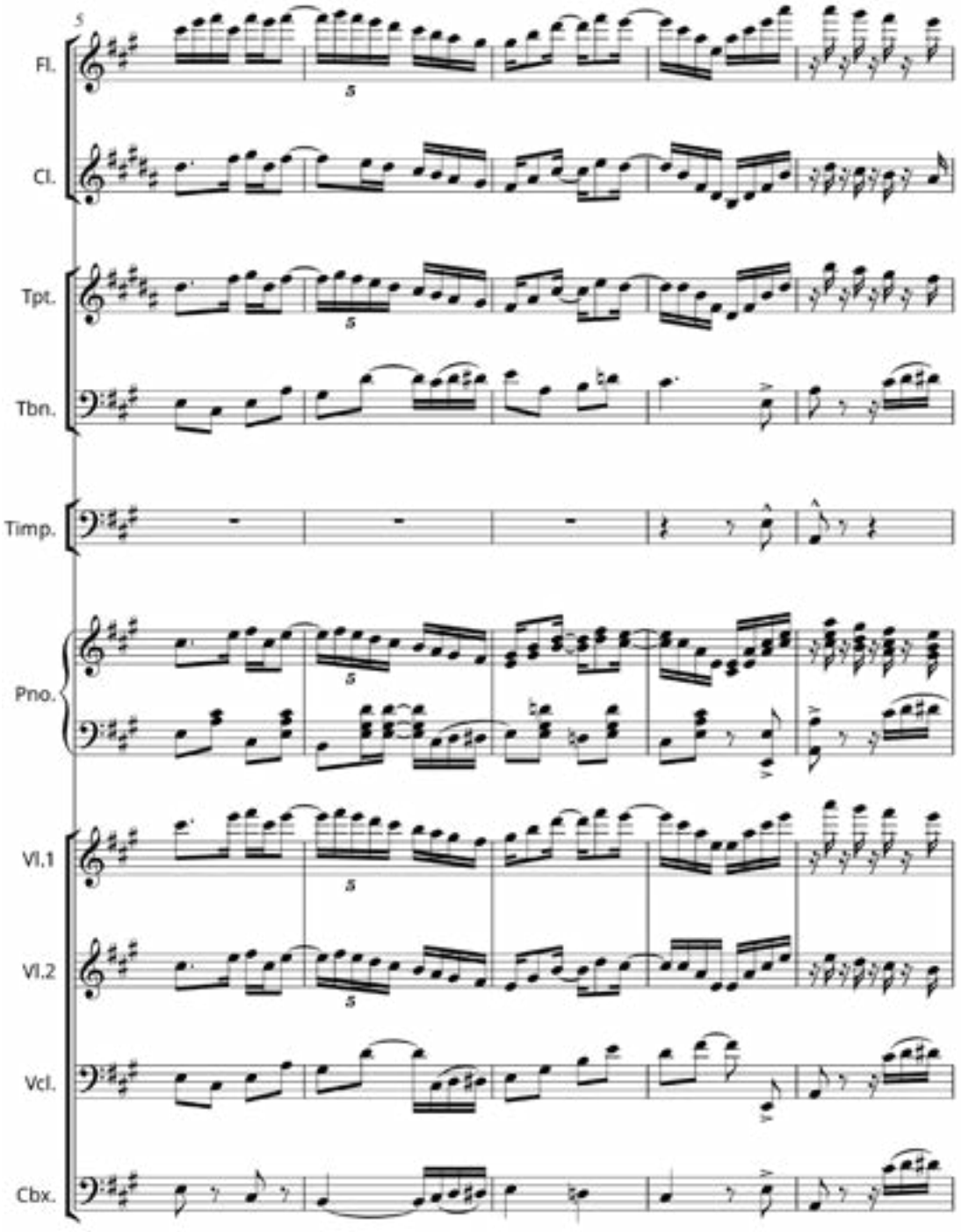

51
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

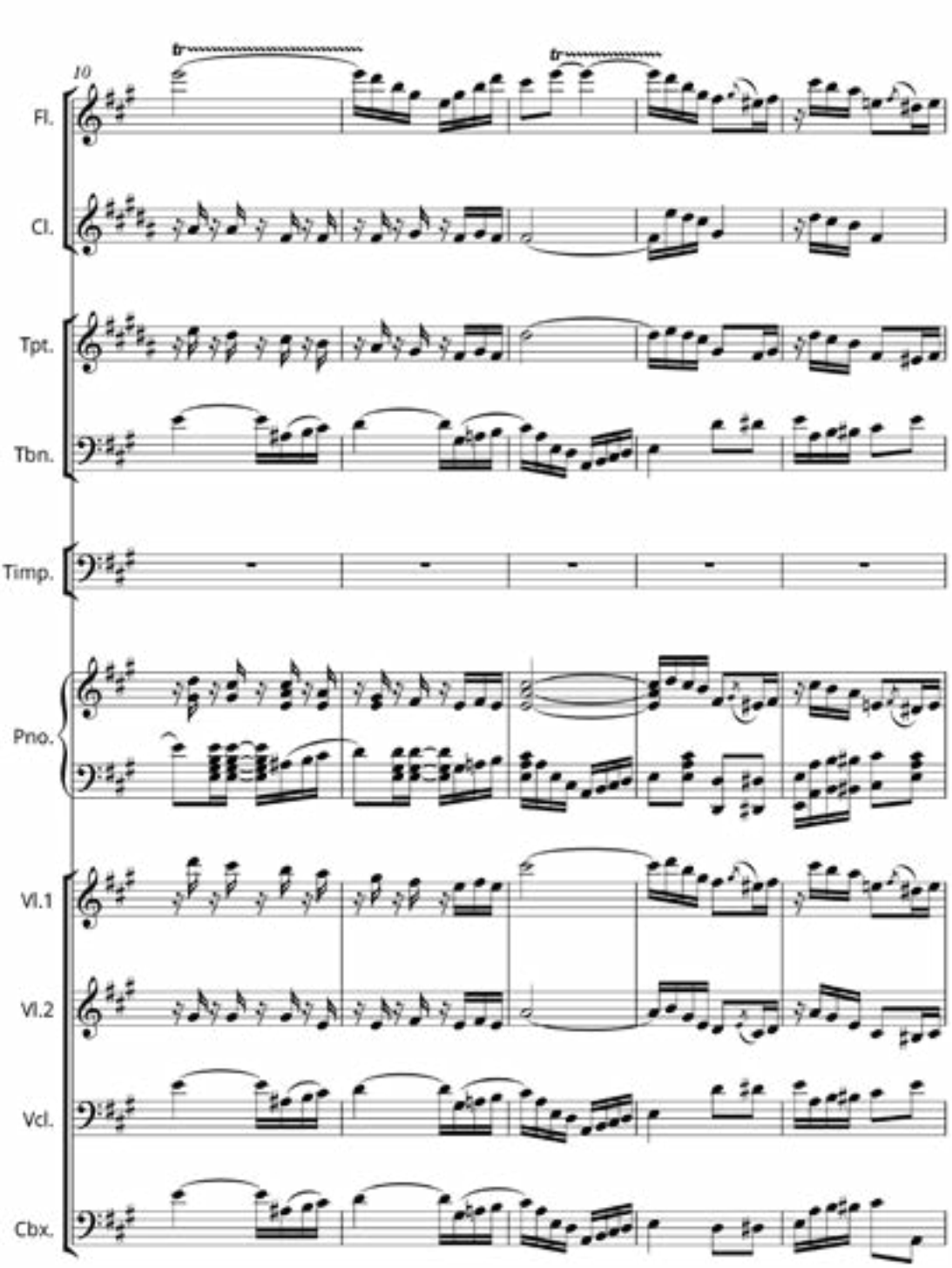

57
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

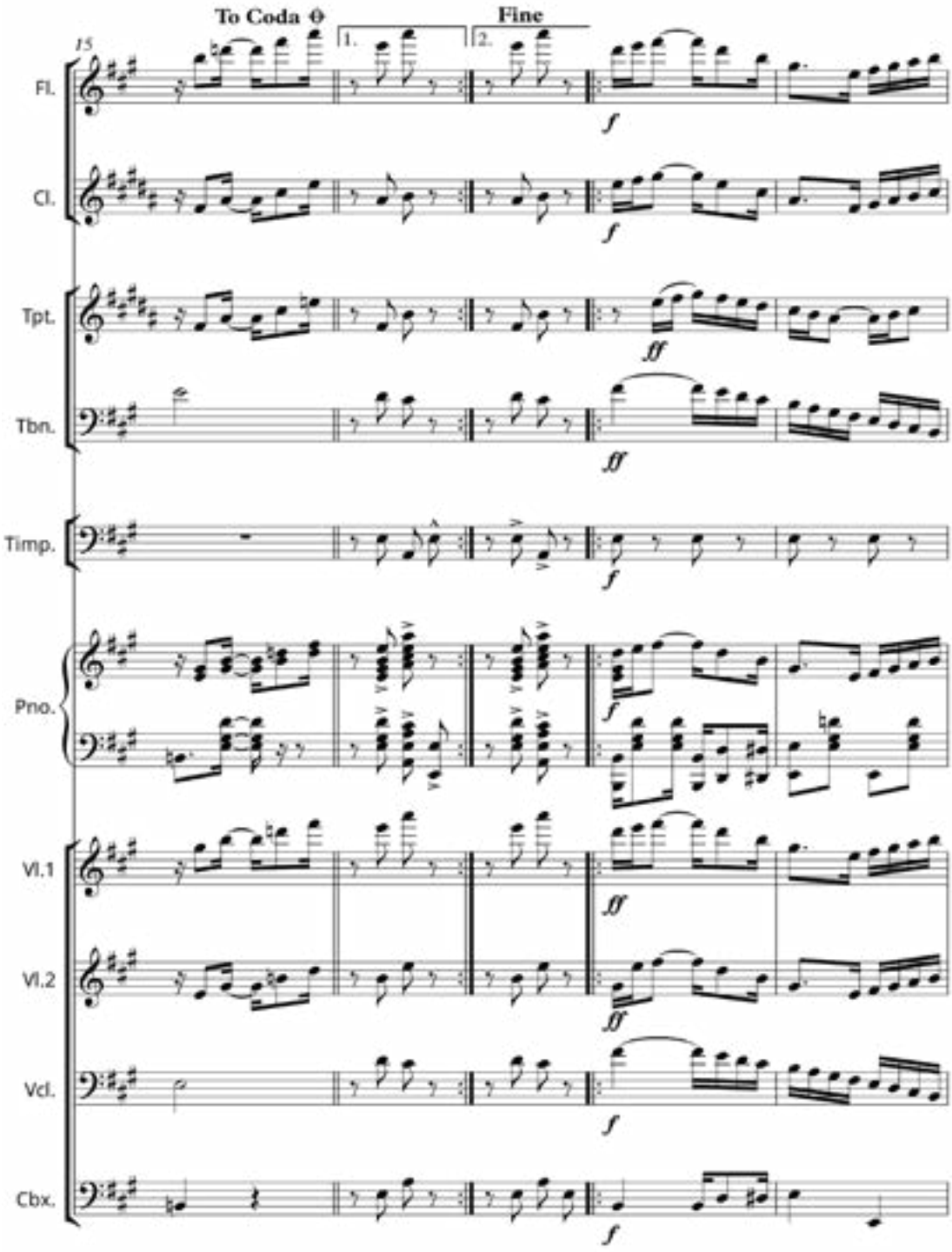

61
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

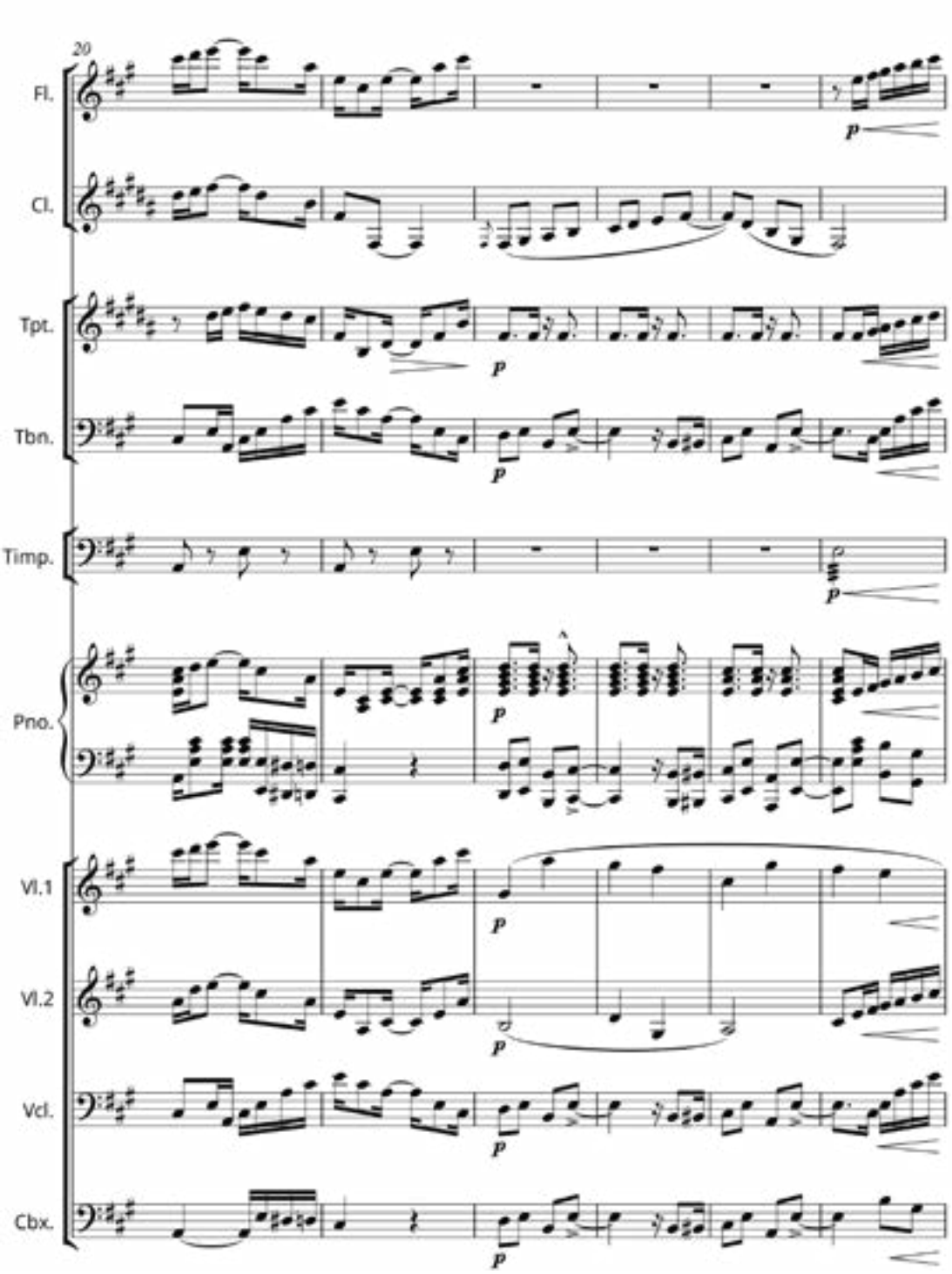

65
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

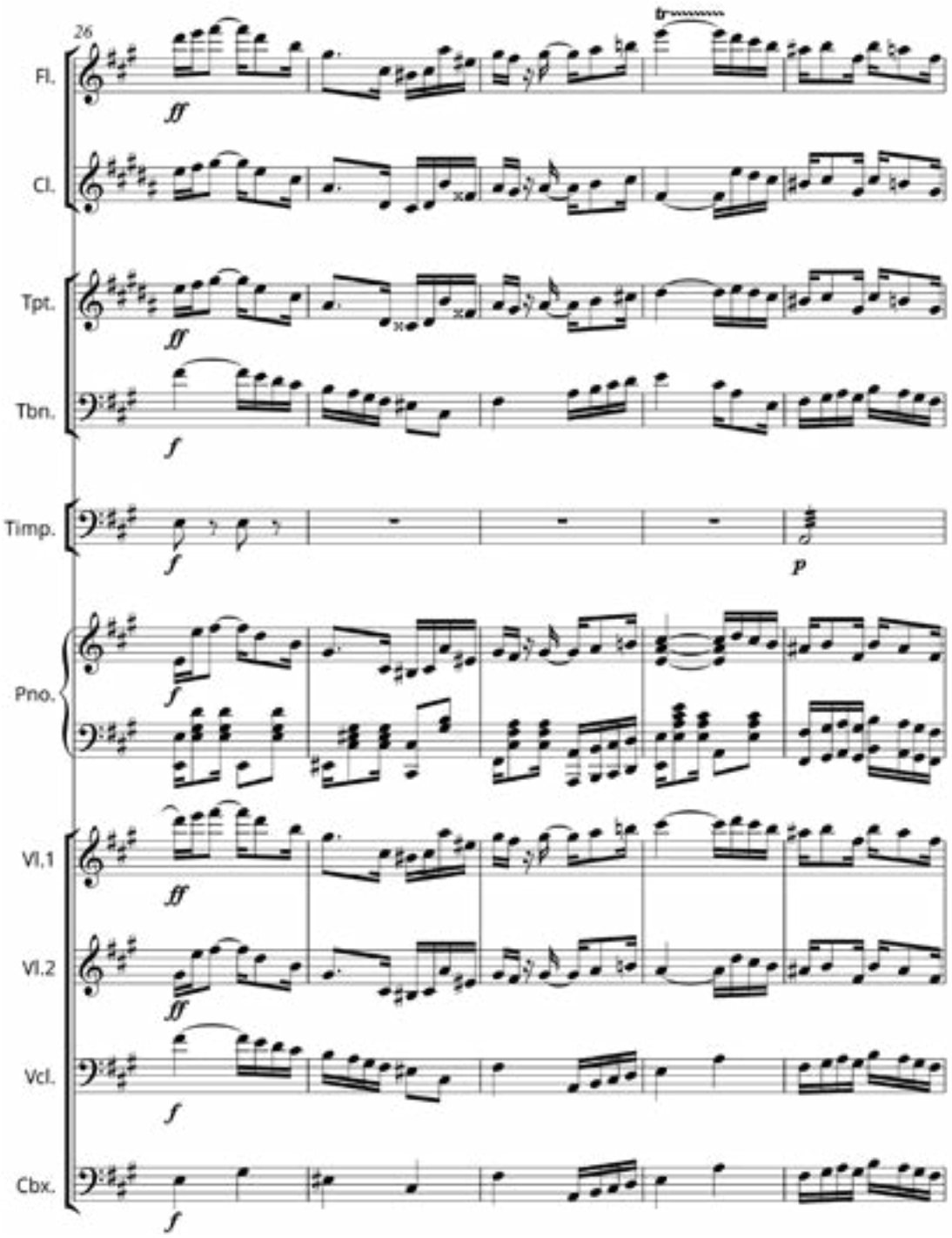

D.C. al Fine
68
1.
2.
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
pp
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
f

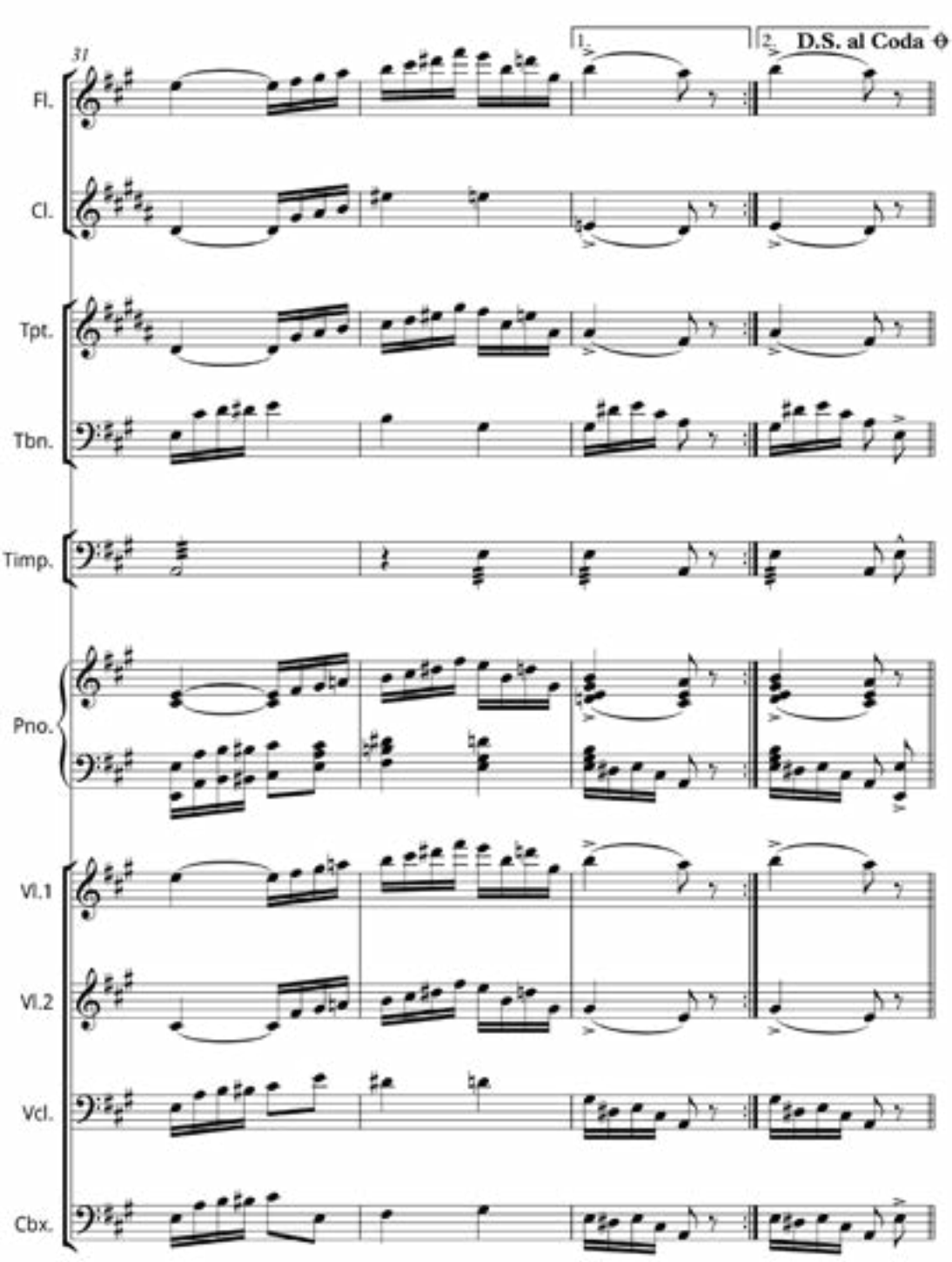

5
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

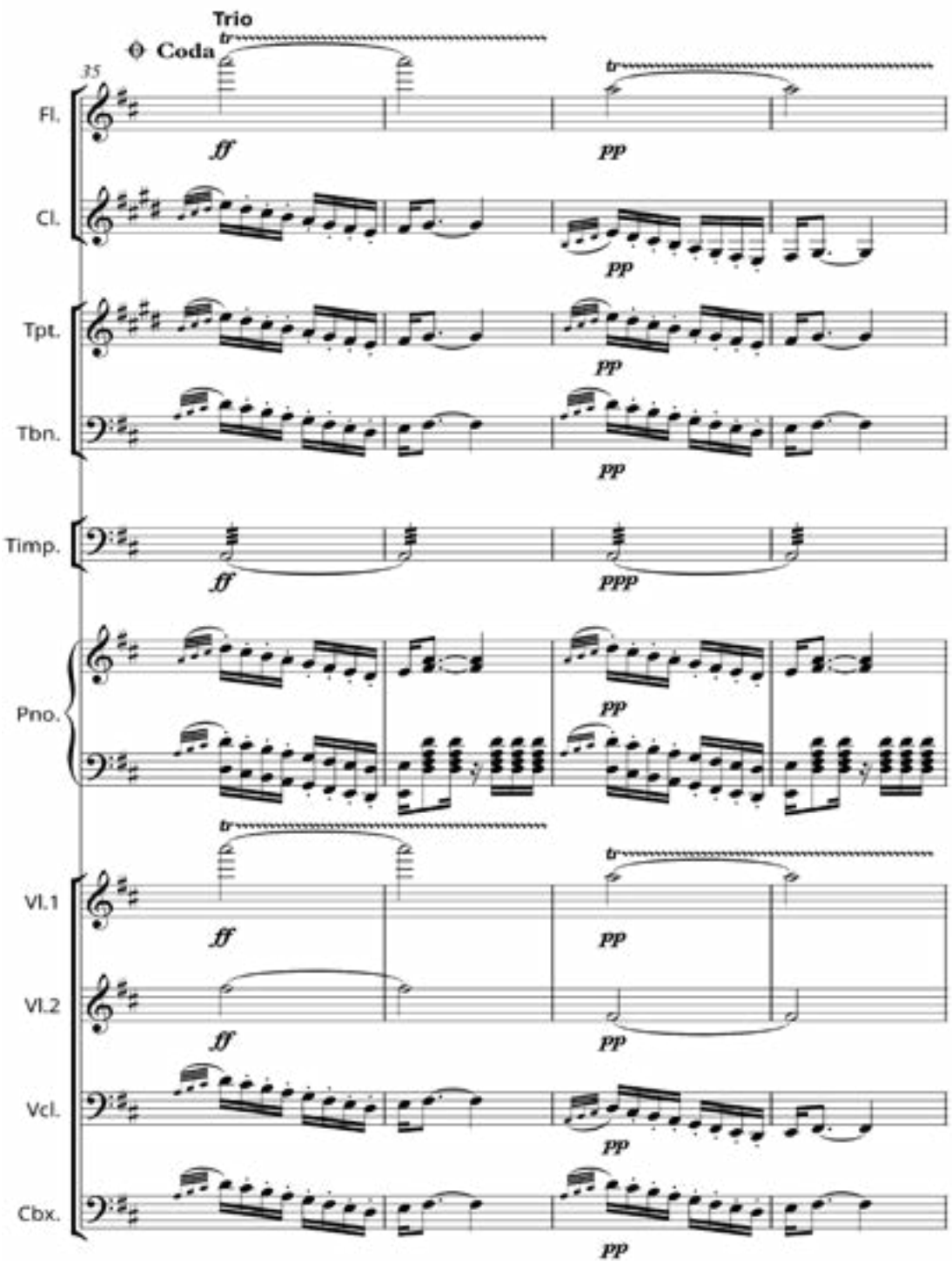

10
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

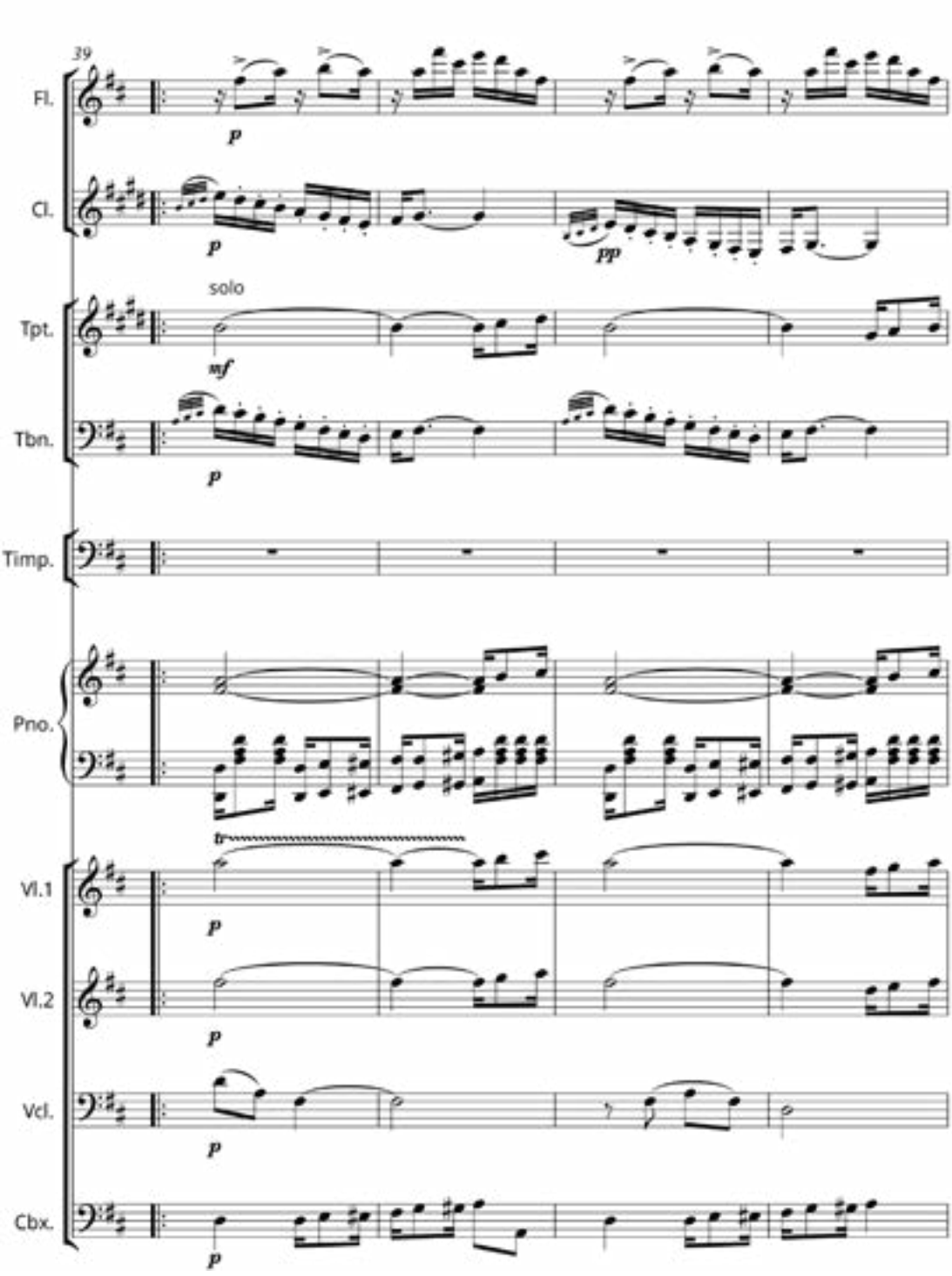

To Coda
Fine
15
1.
2.
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
f
ff


20
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
p


26
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
ff
f
p
tr


31
1.
2.
D.S. al Coda
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

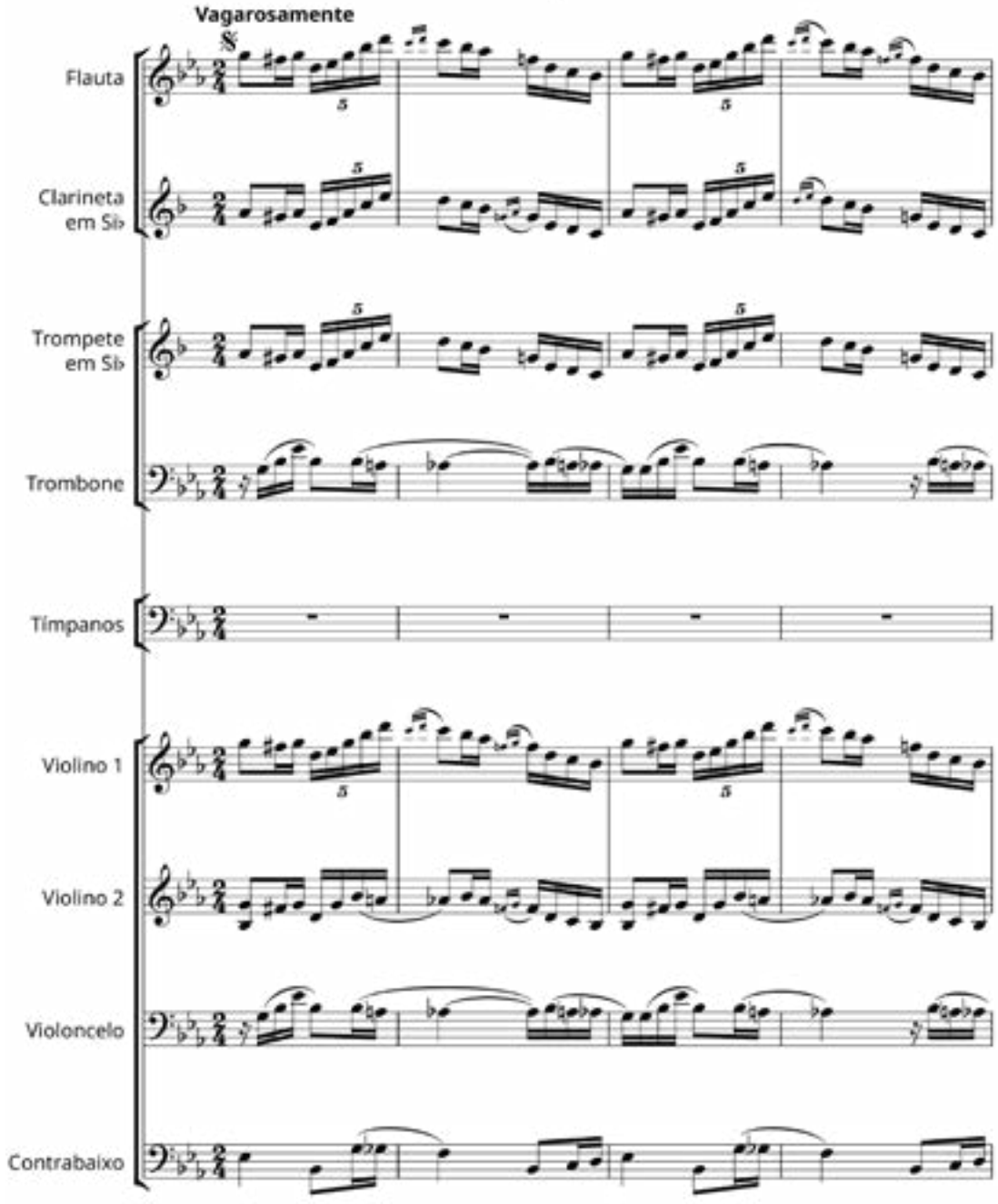

Trio
Coda
35
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
Pno.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
ff
pp
ppp
tr

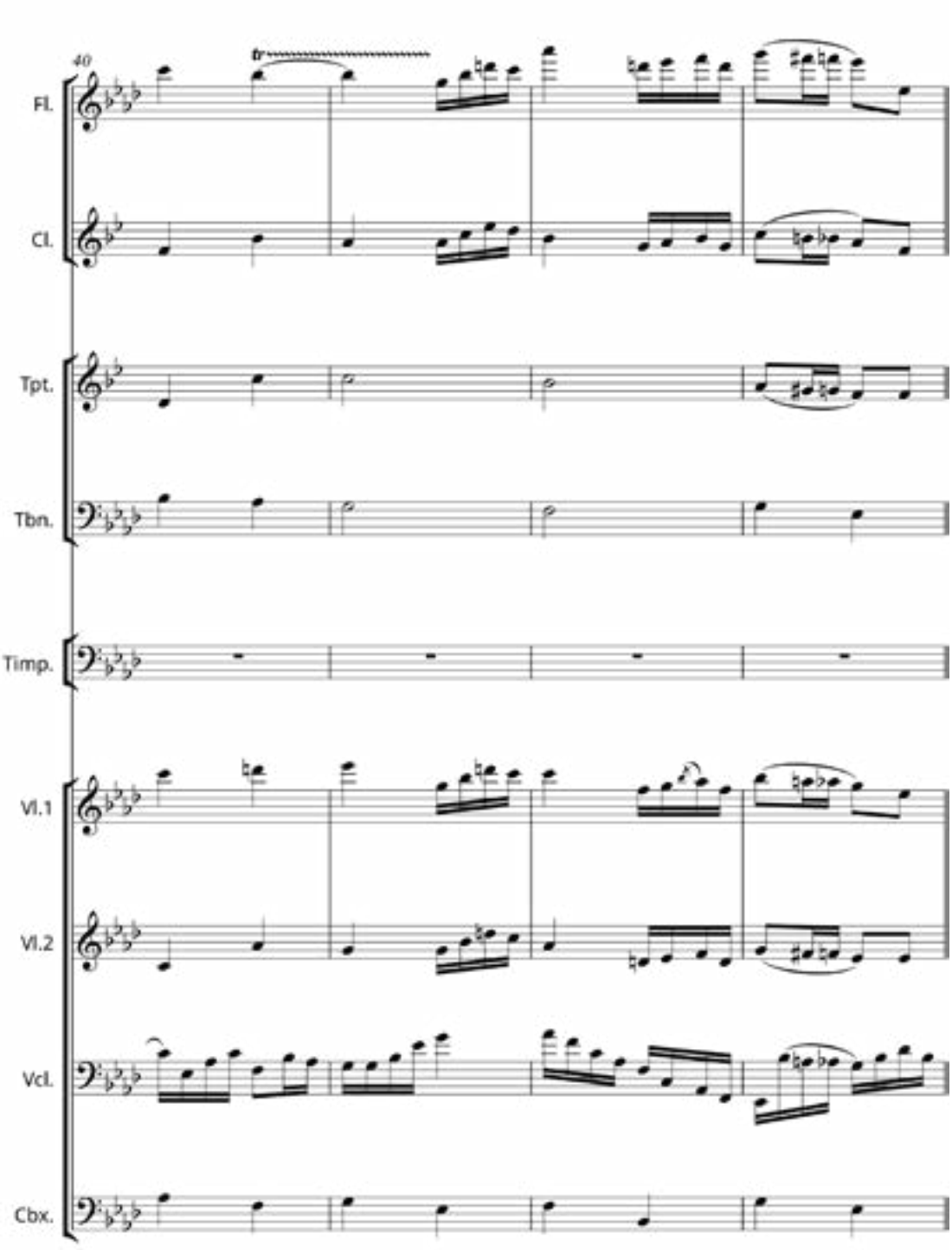

39
Fl.
p
Cl.
p
pp
solo
Tpt.
mf
Tbn.
p
Timp.
Pno.
tr
Vl.1
p
Vl.2
p
Vcl.
p
Cbx.
p

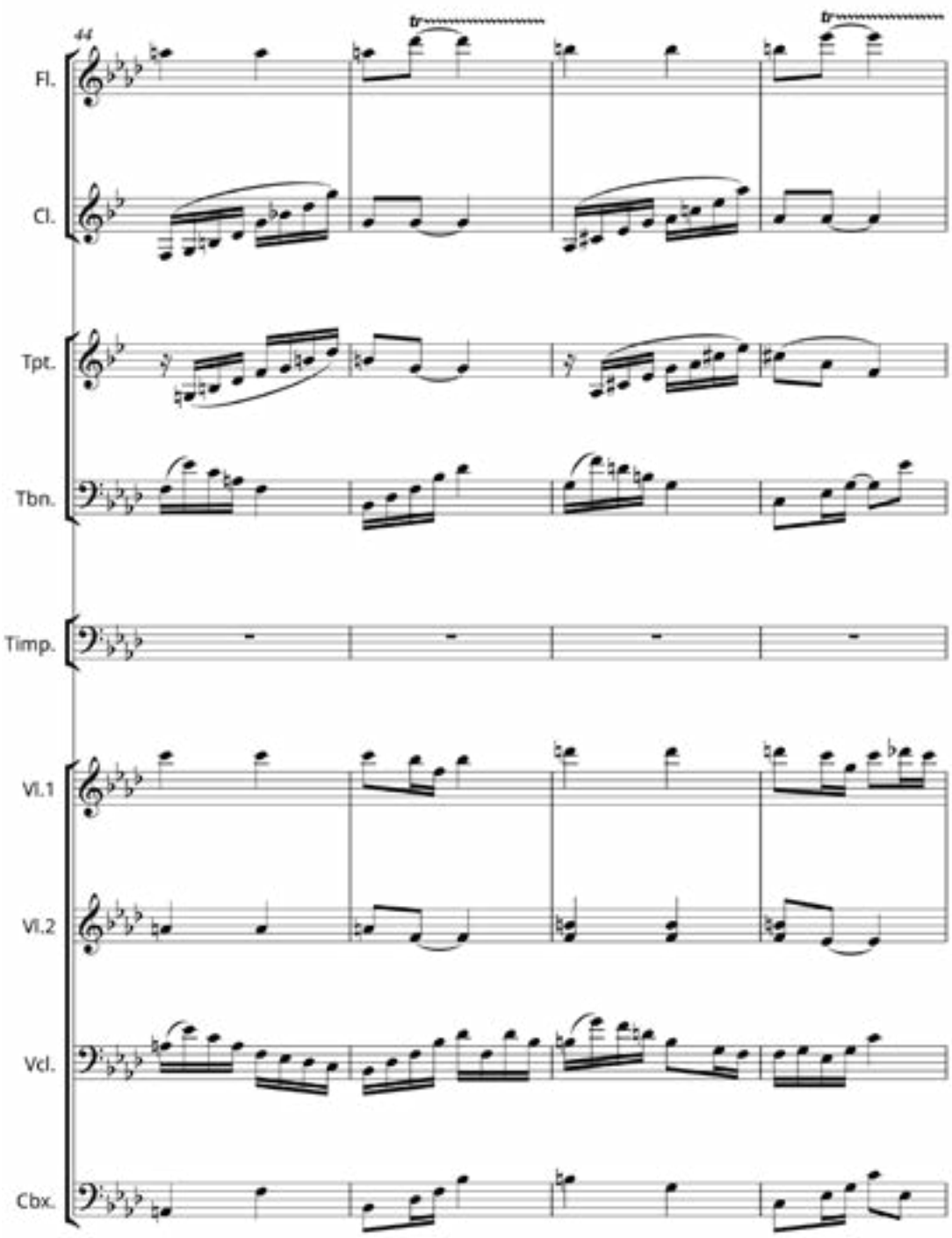
Bijou

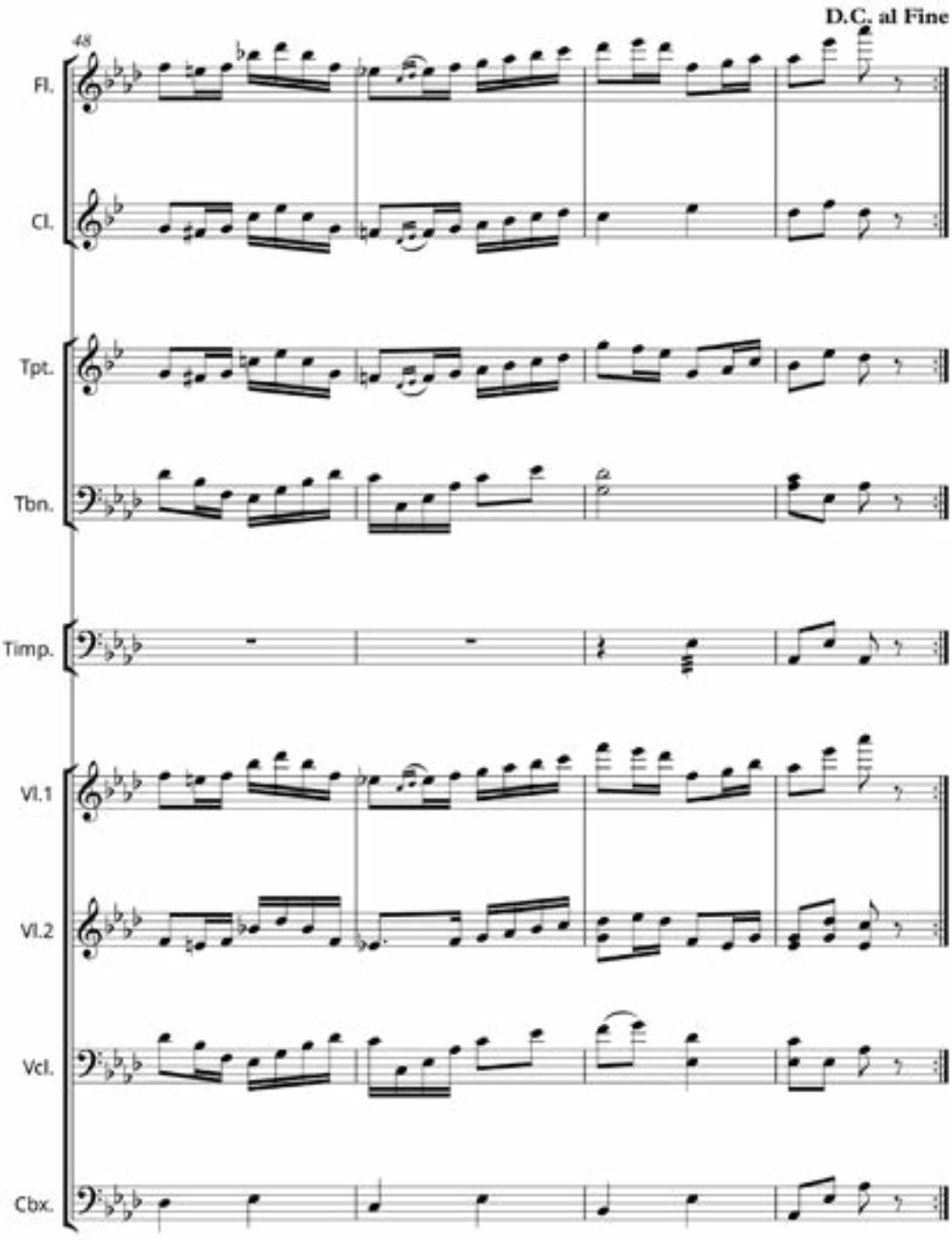
- Polka canção -

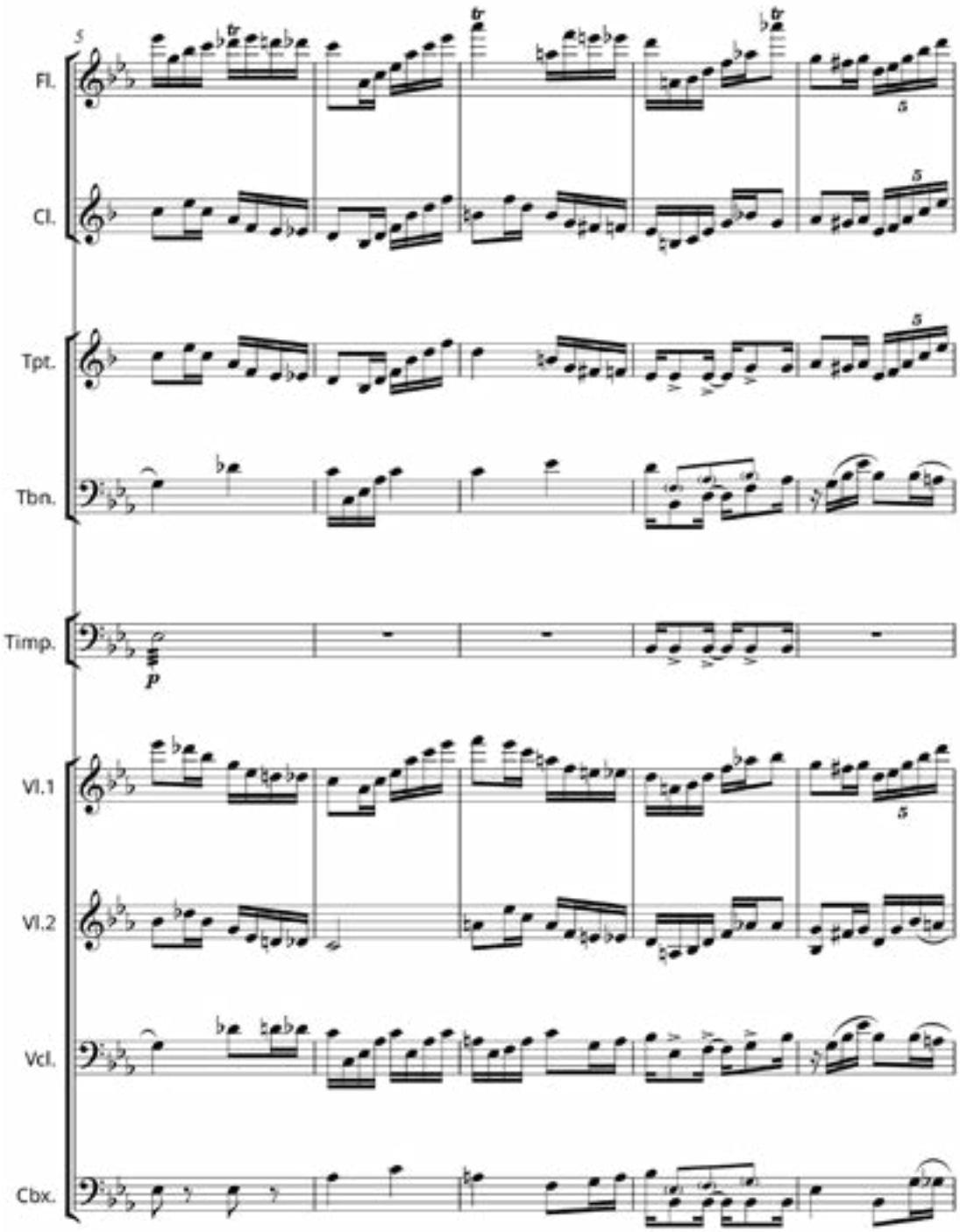
Deoclécio Damasceno de Freitas
Letra: Reynaldo

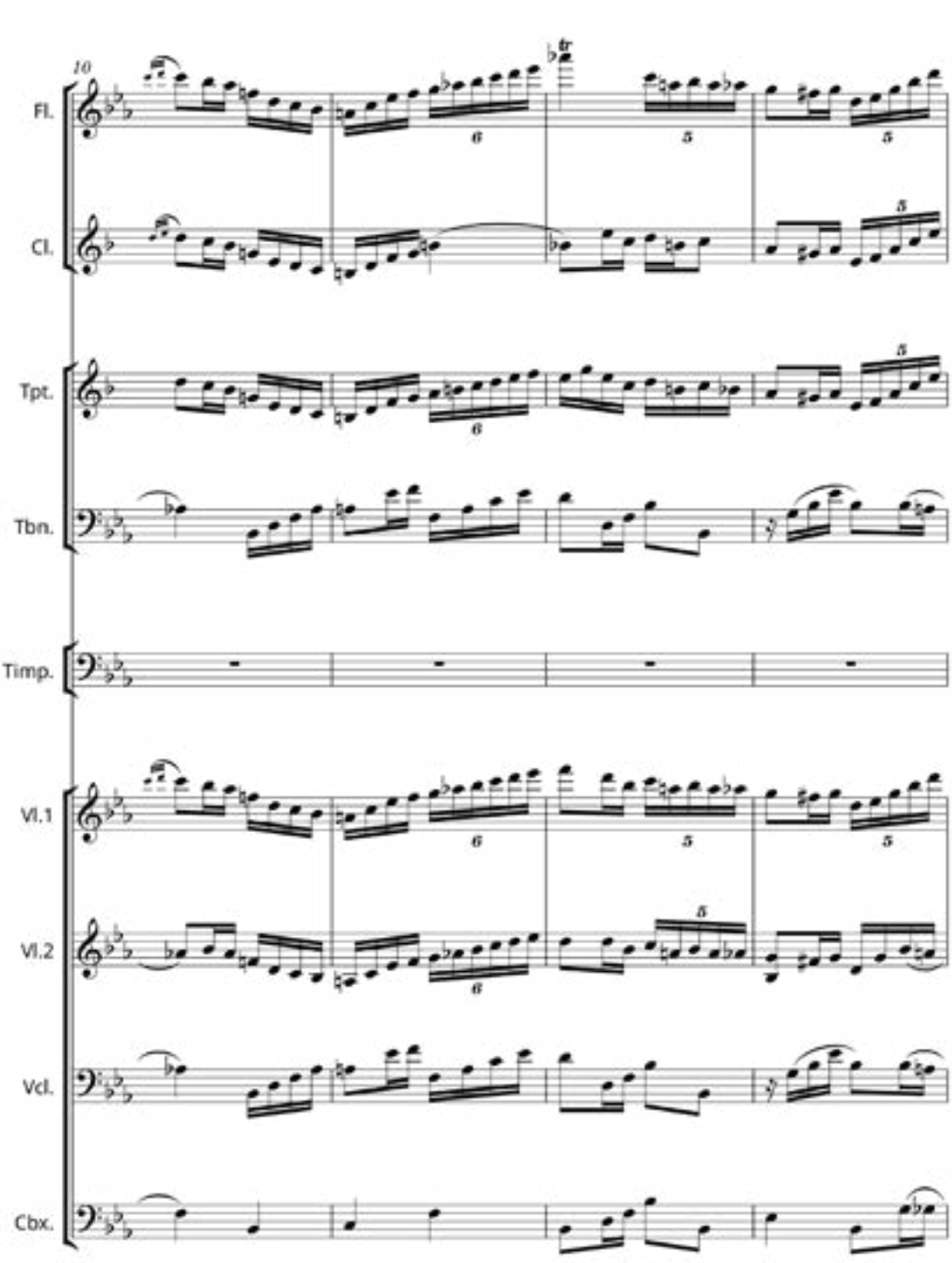


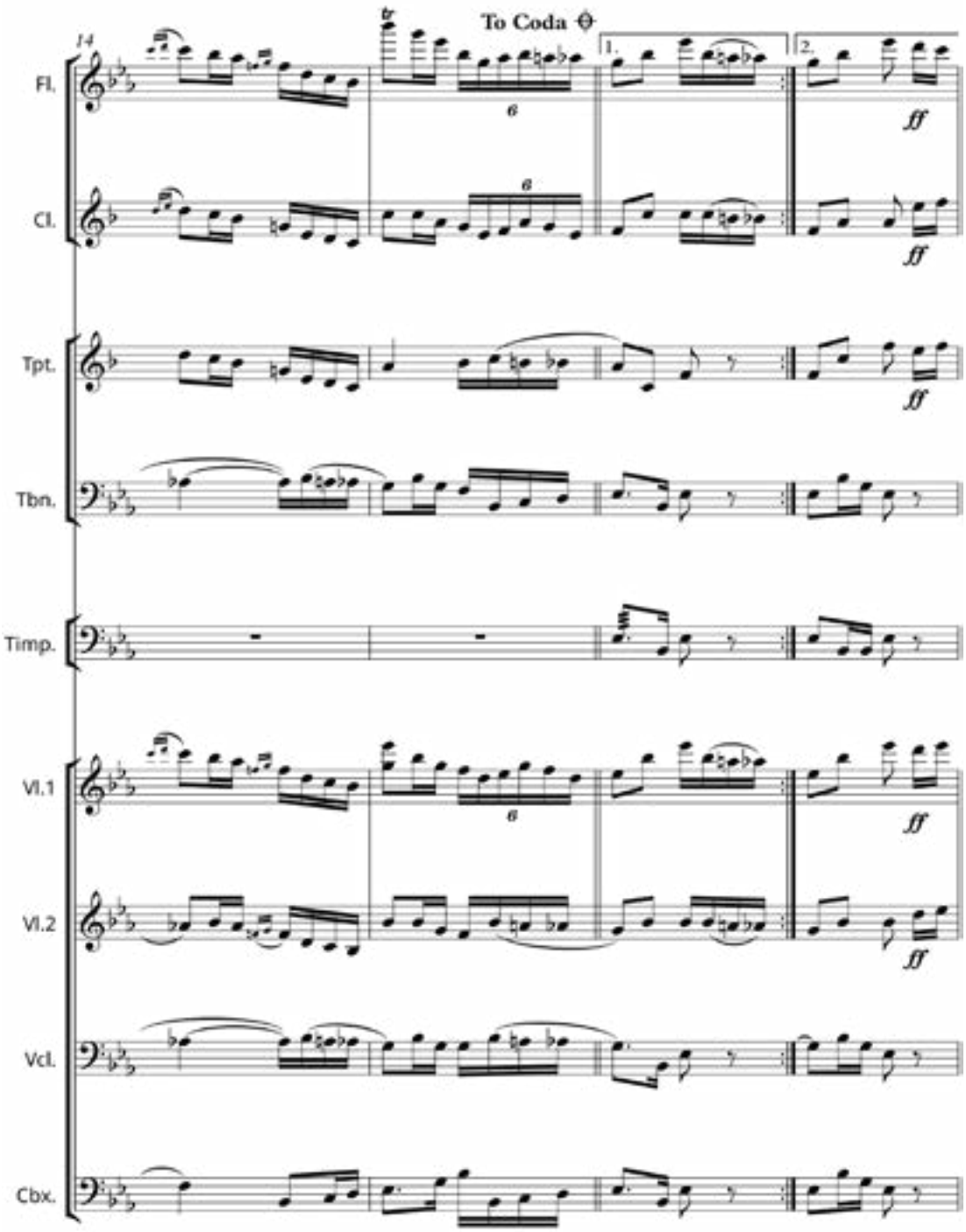

40
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

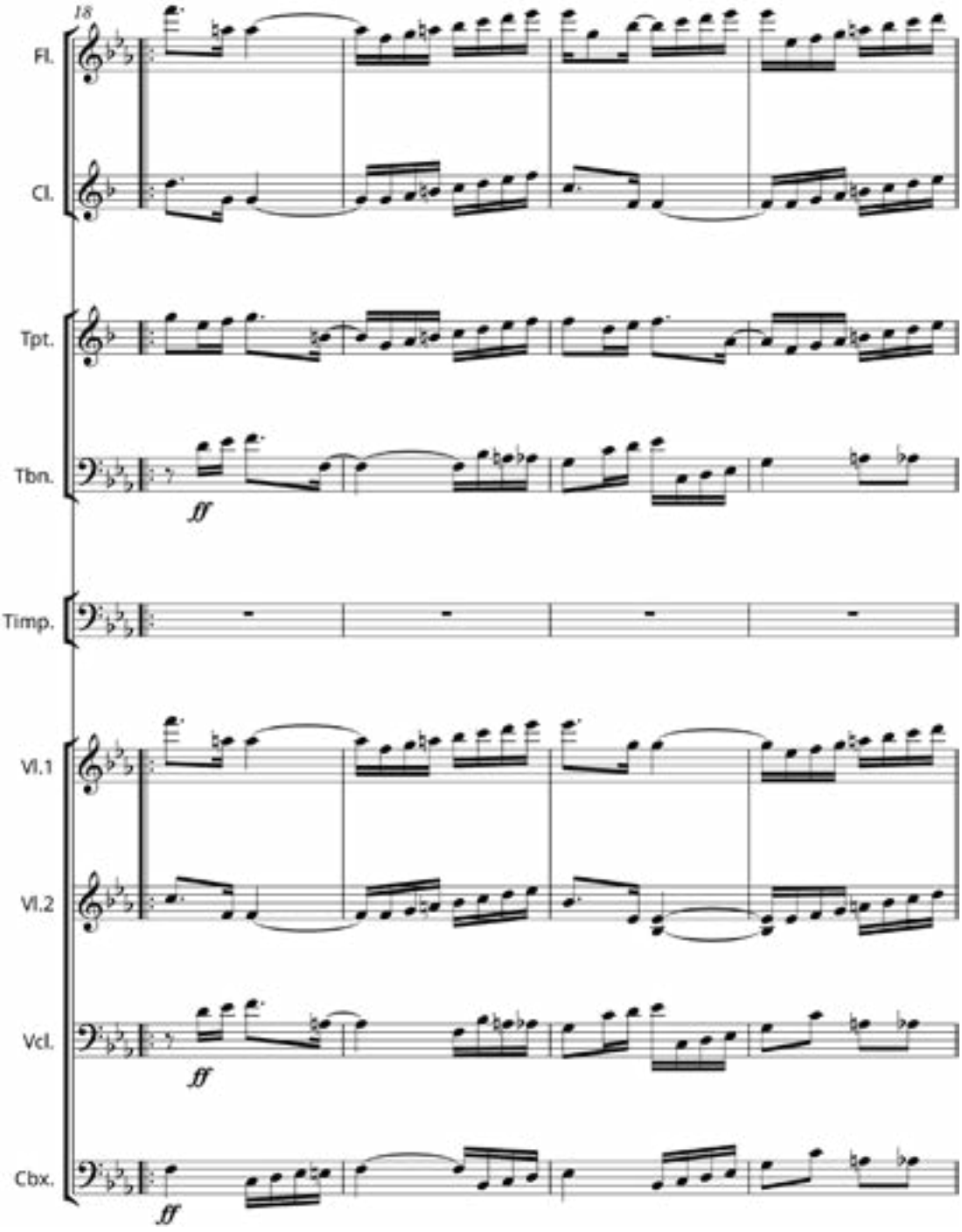

44
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

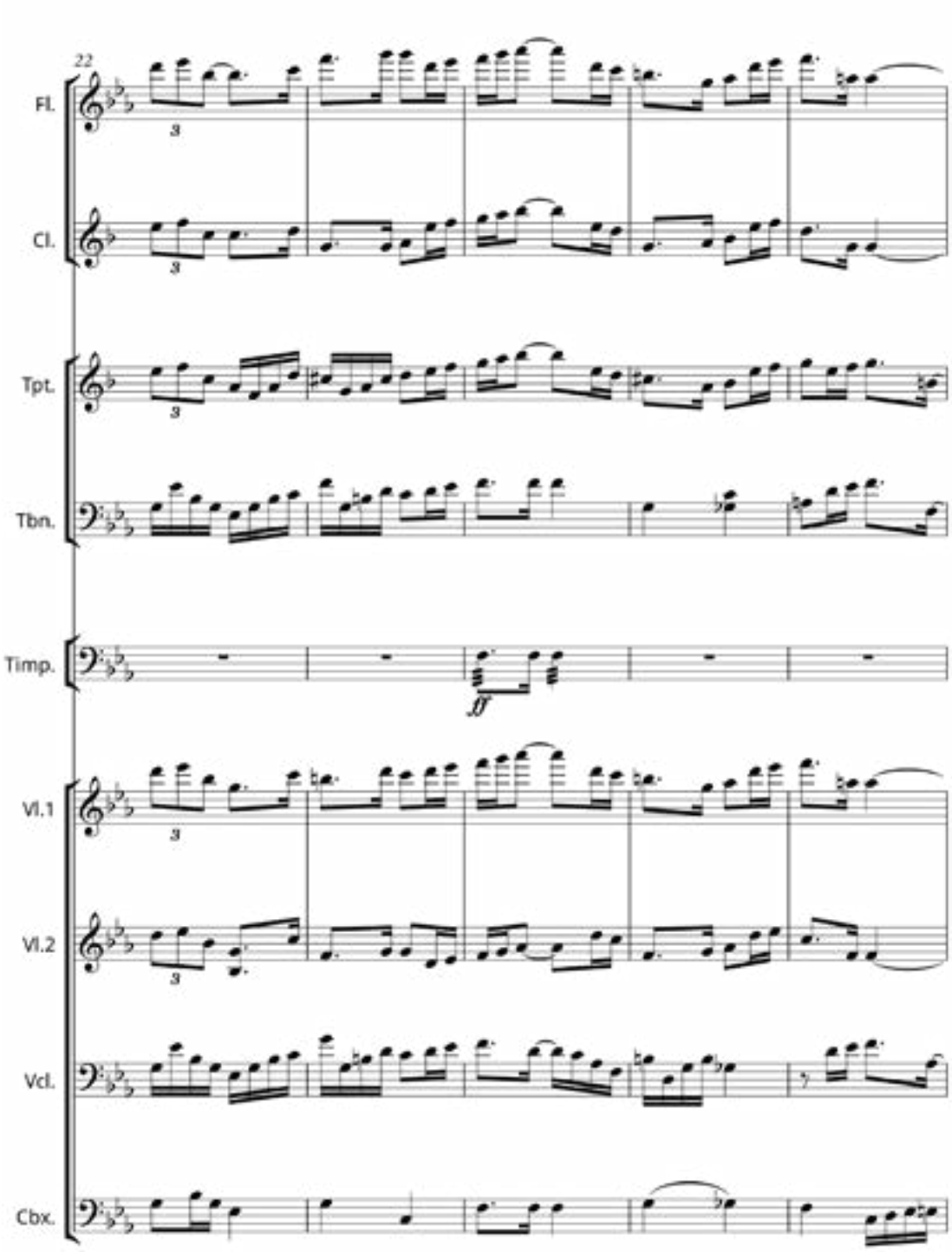

D.C. al Fine
48
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

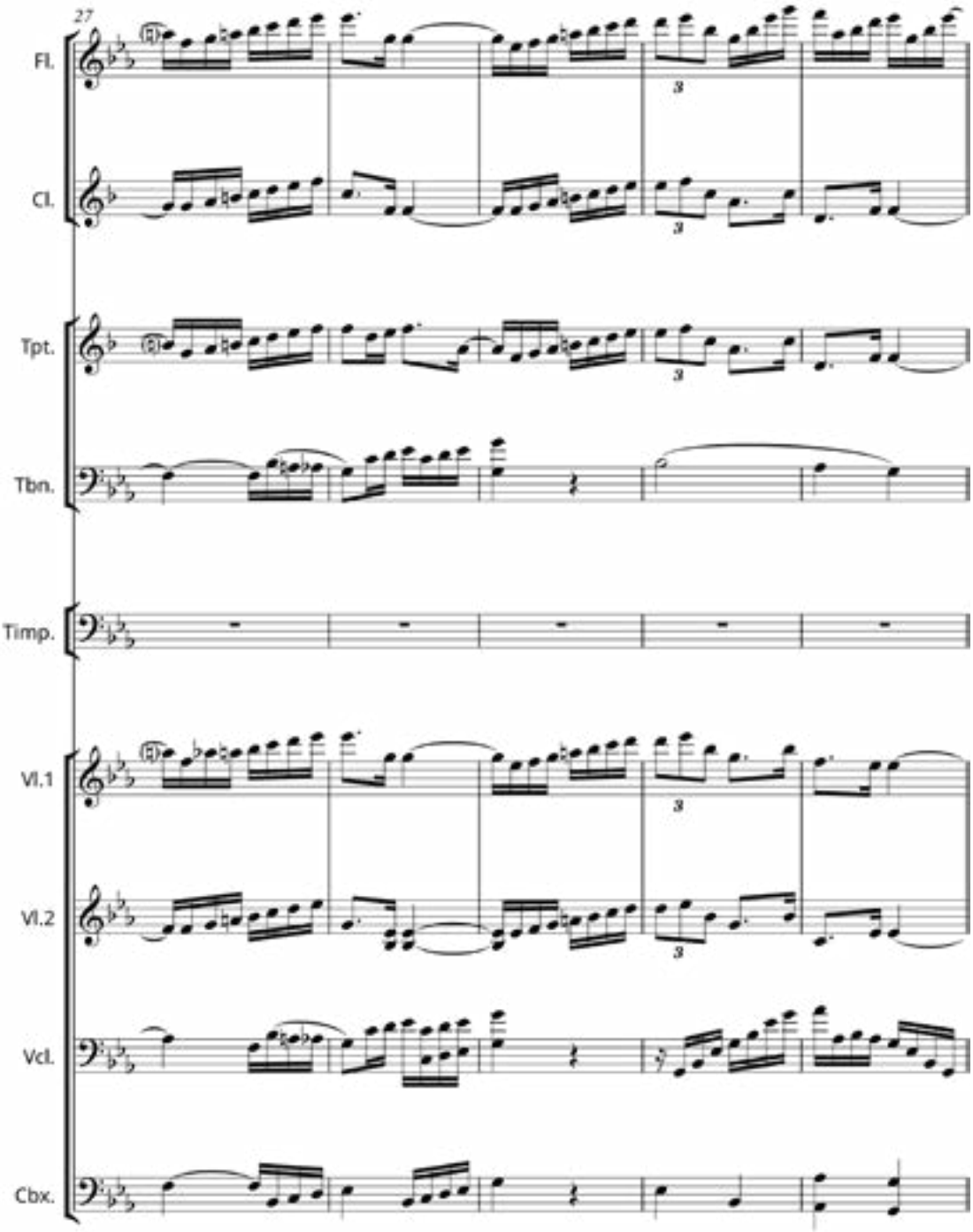

5
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
p
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

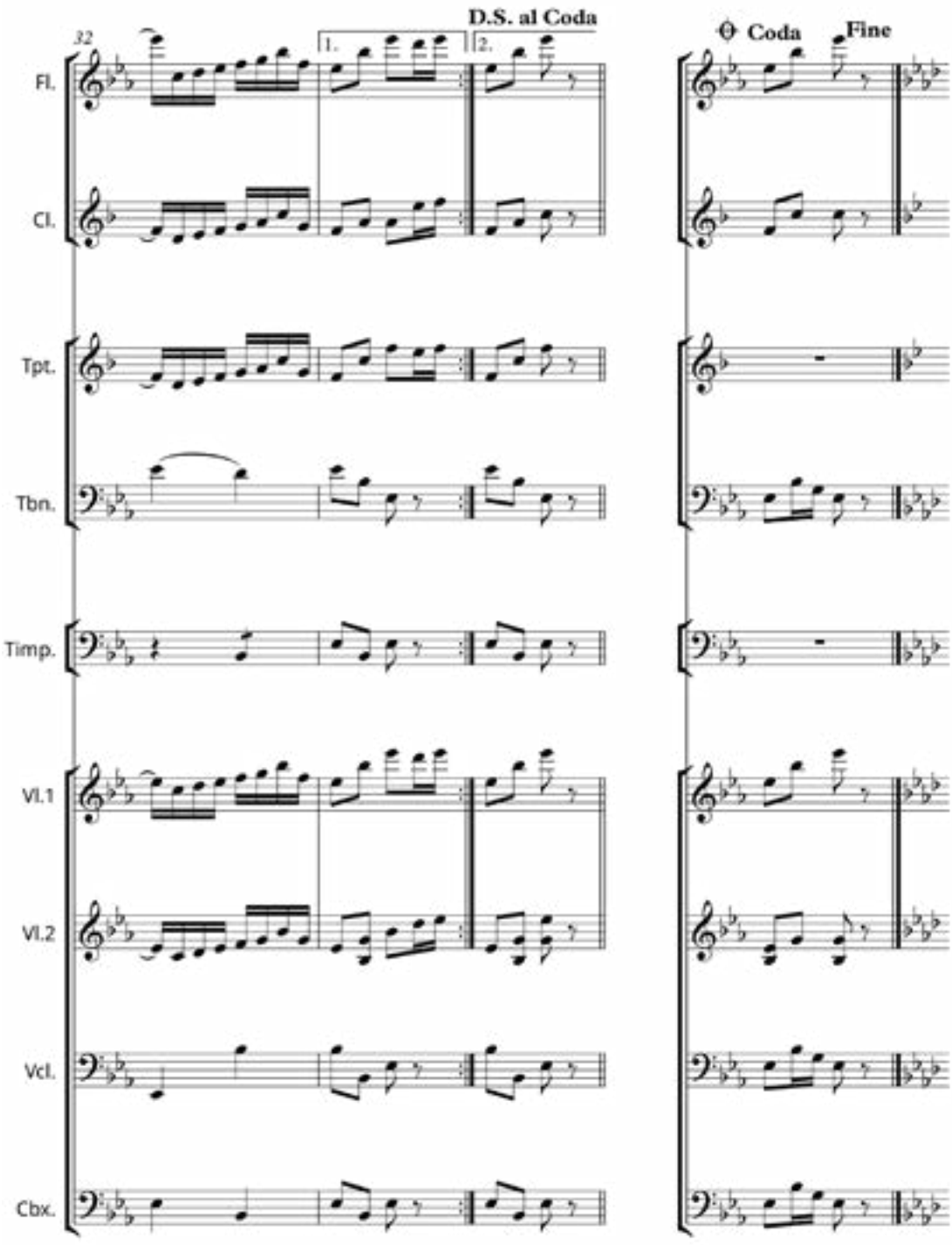

10
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

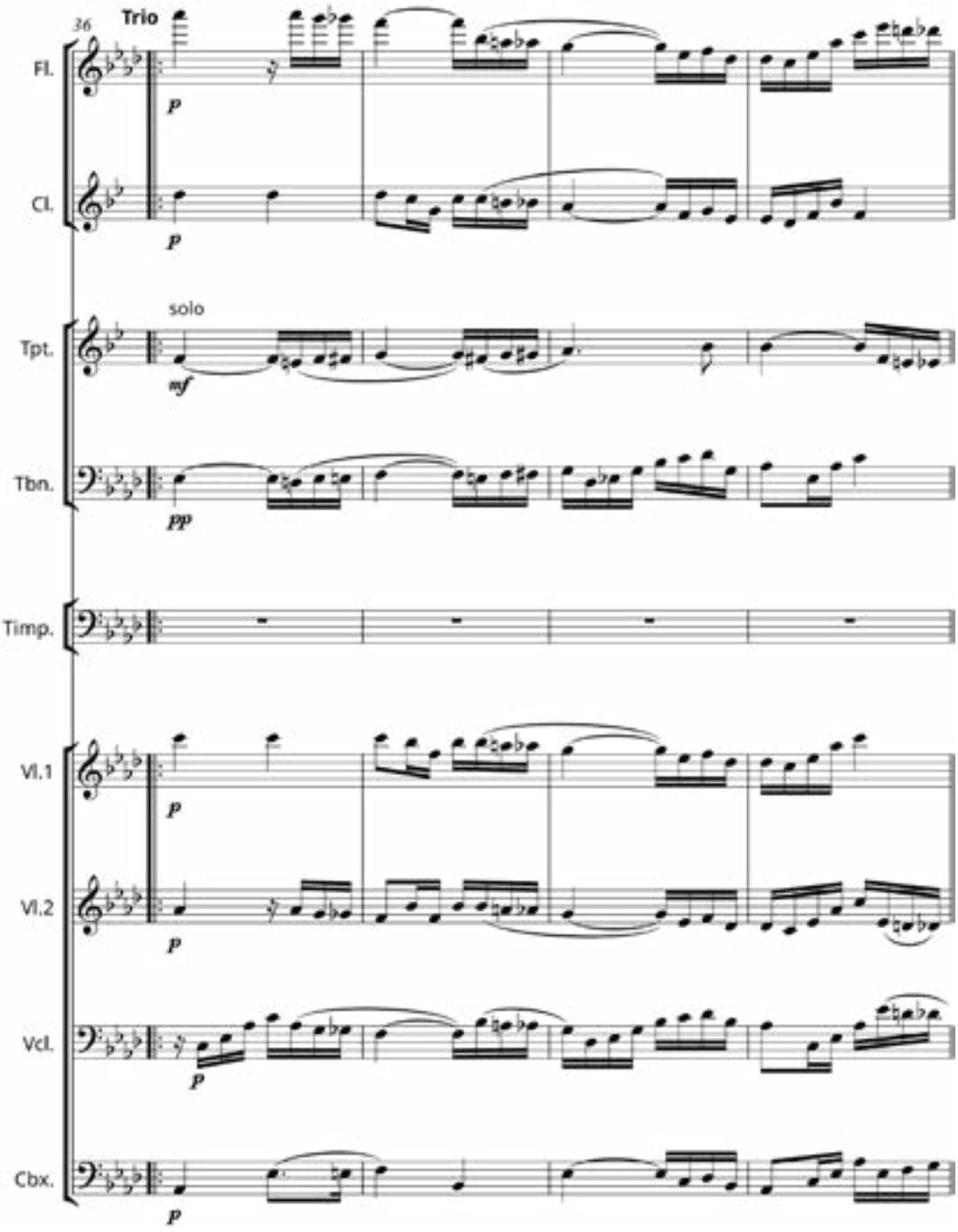

14
To Coda
1.
2.
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
ff


18
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
ff
Timp.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
ff
Cbx.
ff

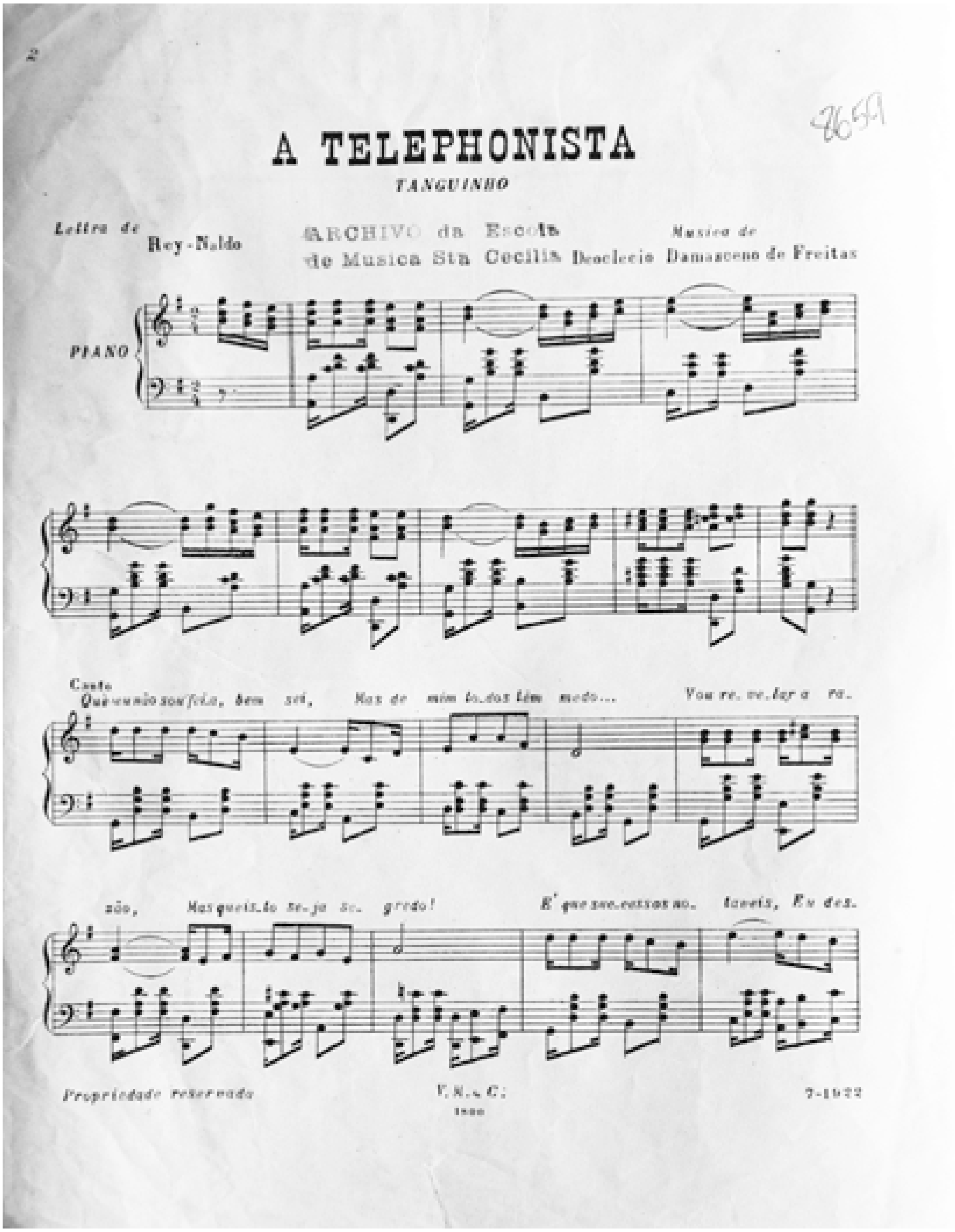

22
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
ff
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.

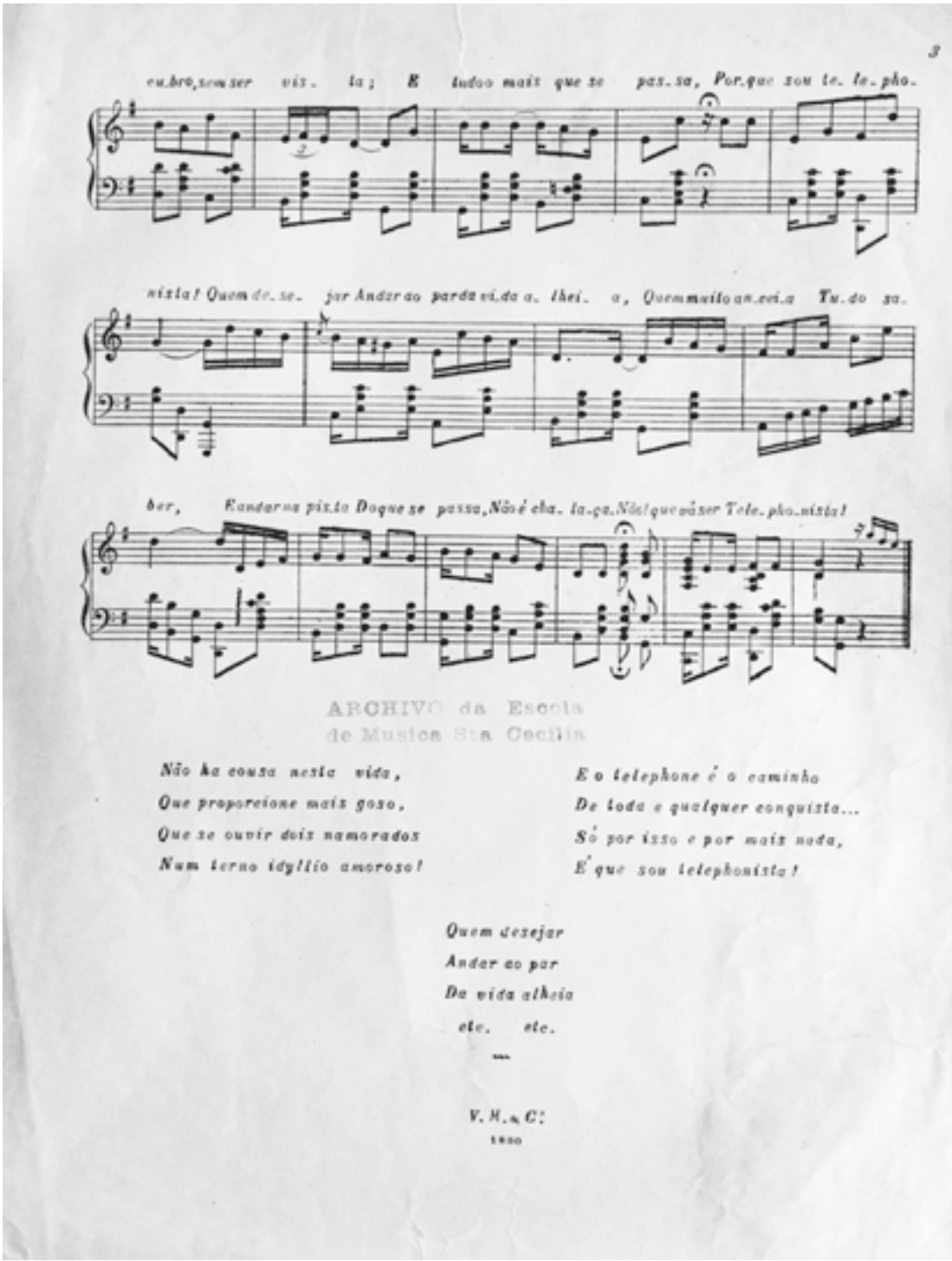

27
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.


32
D.S. al Coda
1.
2.
Coda
Fine
Fl.
Cl.
Tpt.
Tbn.
Timp.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.


36
Trio
Fl.
Cl.
solo
Tpt.
Tbn.
Timp.
Vl.1
Vl.2
Vcl.
Cbx.
p
mf
pp

Telephonista
Tango
MUSICA MODERNA
Piano 2
1º Violino 1º 1
1º Violino 2º 1
Cello 1
Baixo 1
Flauta 1
Clarineta 1
Pistão 1
Trombone 1
ARCHIVO da Escola de Musica S.ta Cecilia
ARCHIVO da Escola de Musica S.ta Cecilia
VIEIRA MACHADO & Cª


2
A TELEPHONISTA
TANGUINHO
Lettra de
Rey-Naldo
ARCHIVO da Escola
de Musica Sta Cecilia
Musica de
Deoclecio Damasceno de Freitas
PIANO
Canto
Propriedade reservada



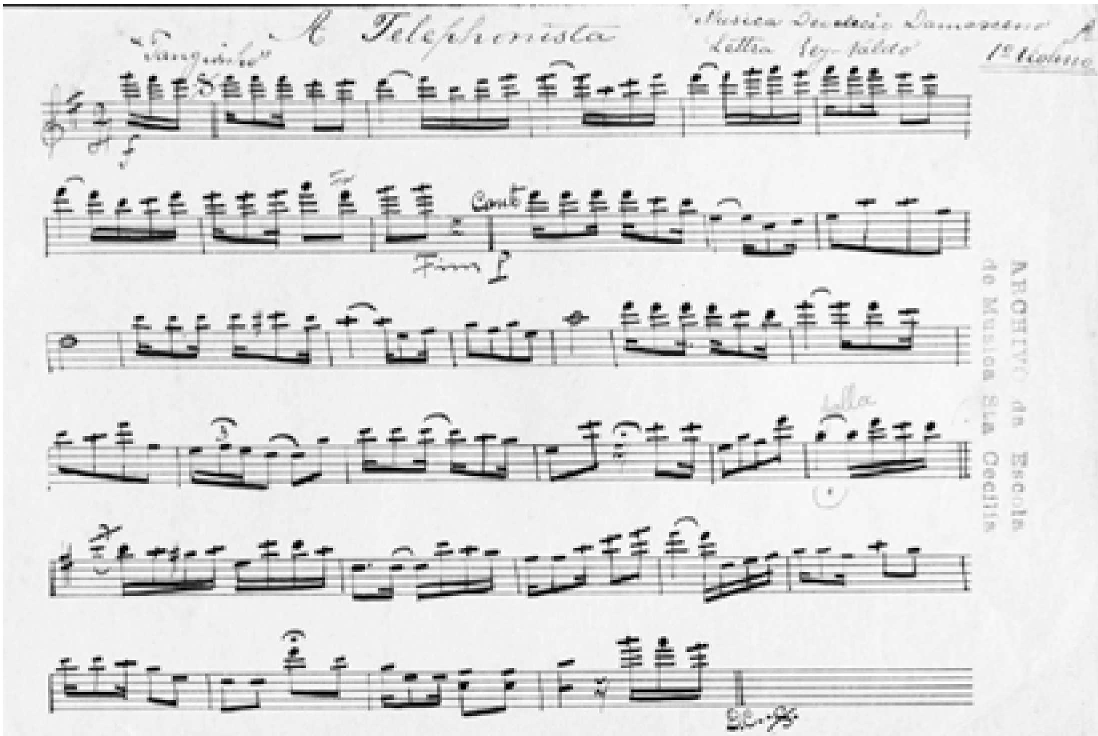
ARCHIVO da Escola
de Musica Sta Cecilia

Não ha cousa nesta vida,
Que proporcione mais goso,
Que se ouvir dois namorados
Num terno idyllio amoroso!

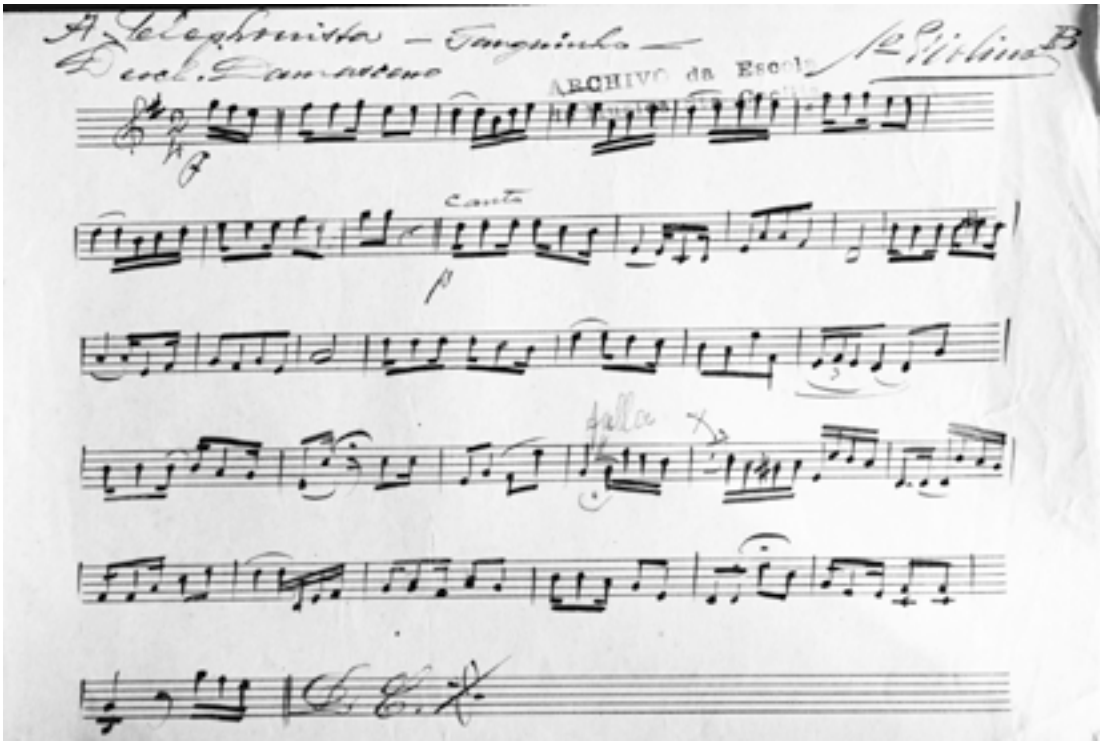
E o telephone é o caminho
De toda e qualquer conquista...
Só por isso e por mais nada,
E' que sou telephonista!

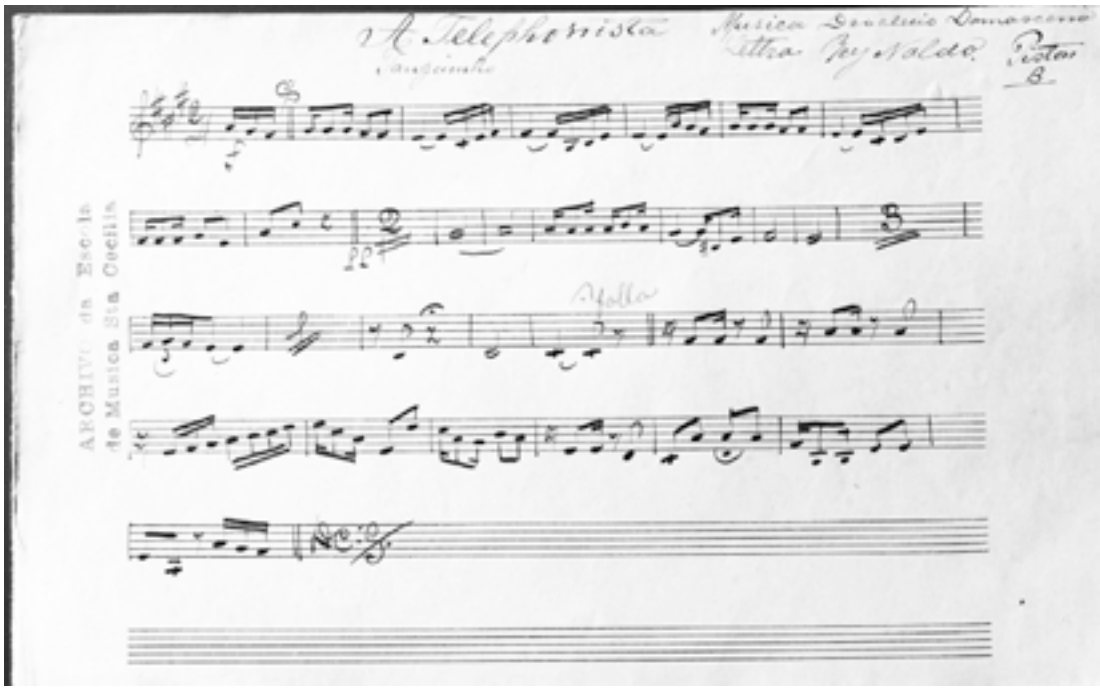
Quem desejar
Andar ao par
Da vida alheia
etc. etc.

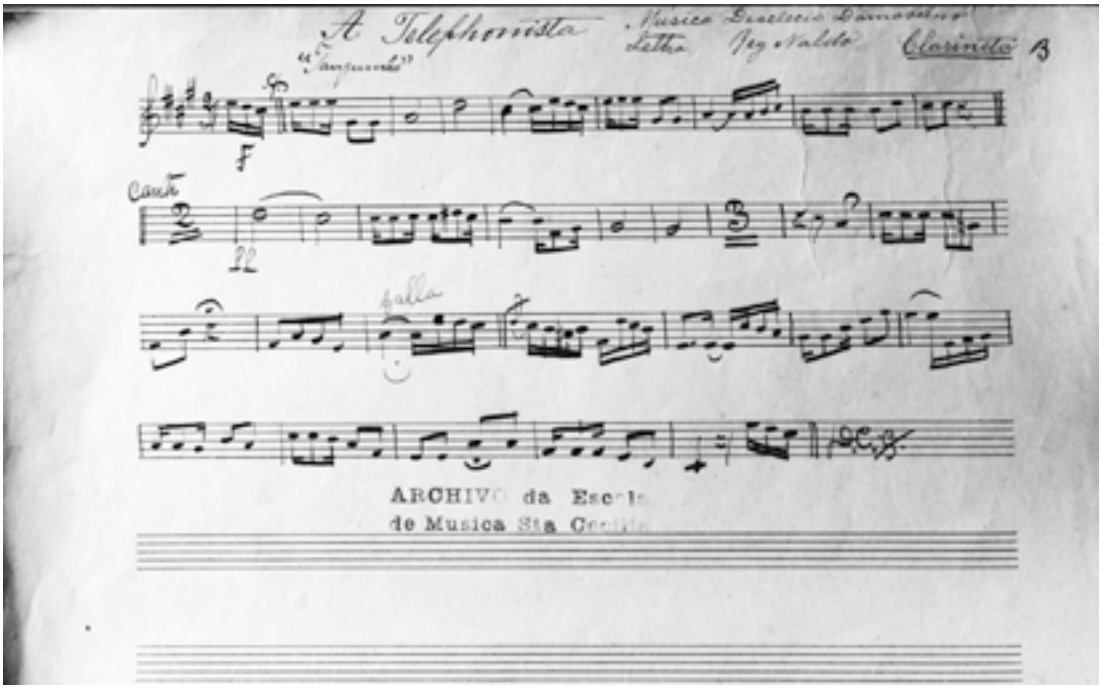
V. M. & C.
1880

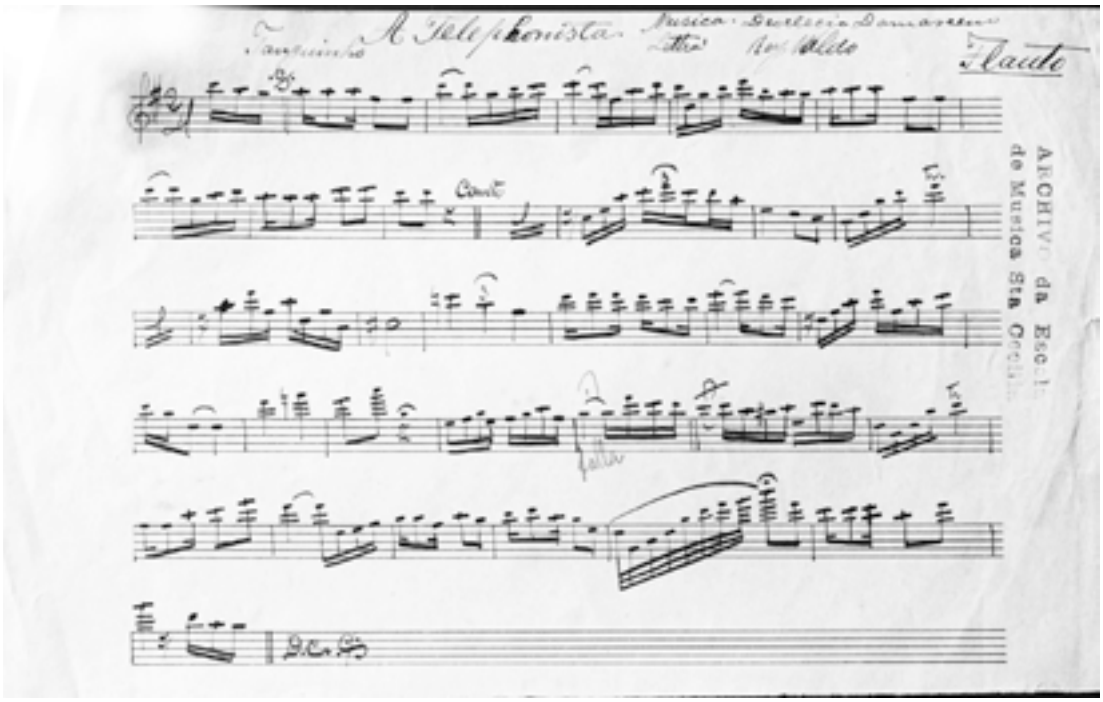

A Telephonista
ARCHIVO da Escola
de Musica Sta Cecilia

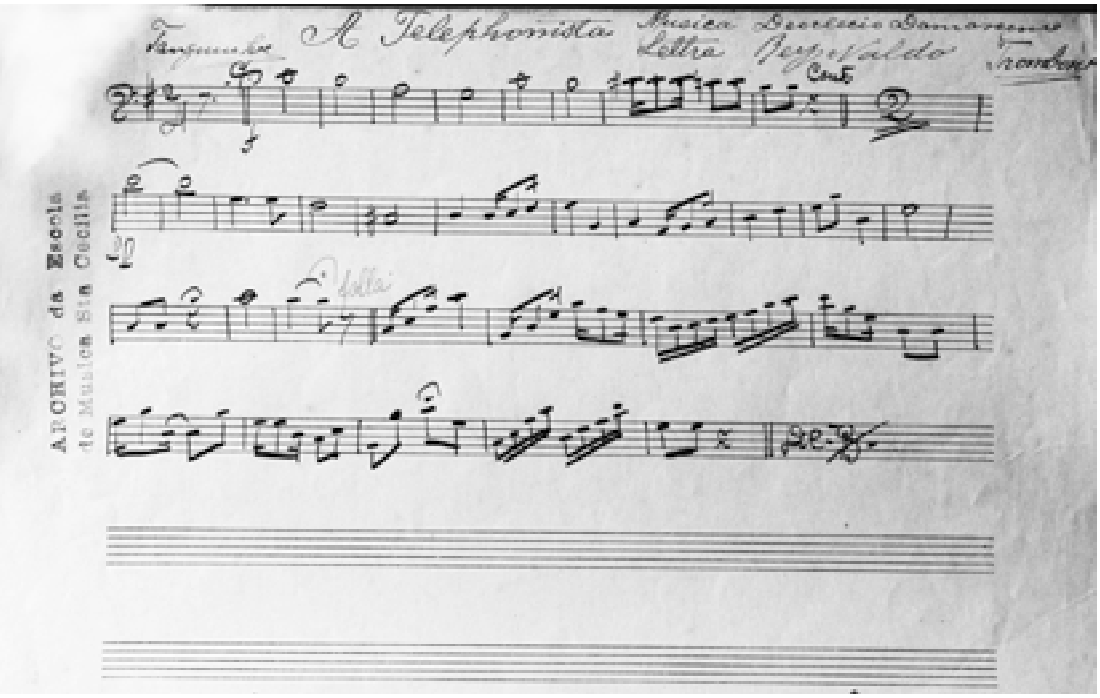
A TELEPHONISTA

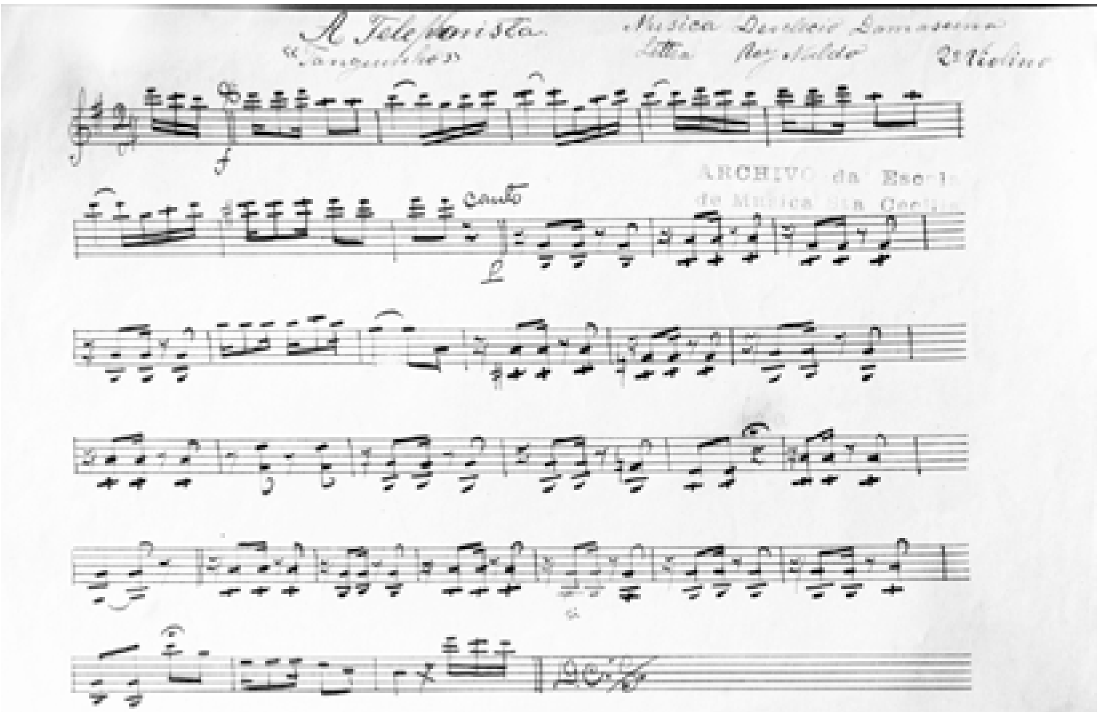


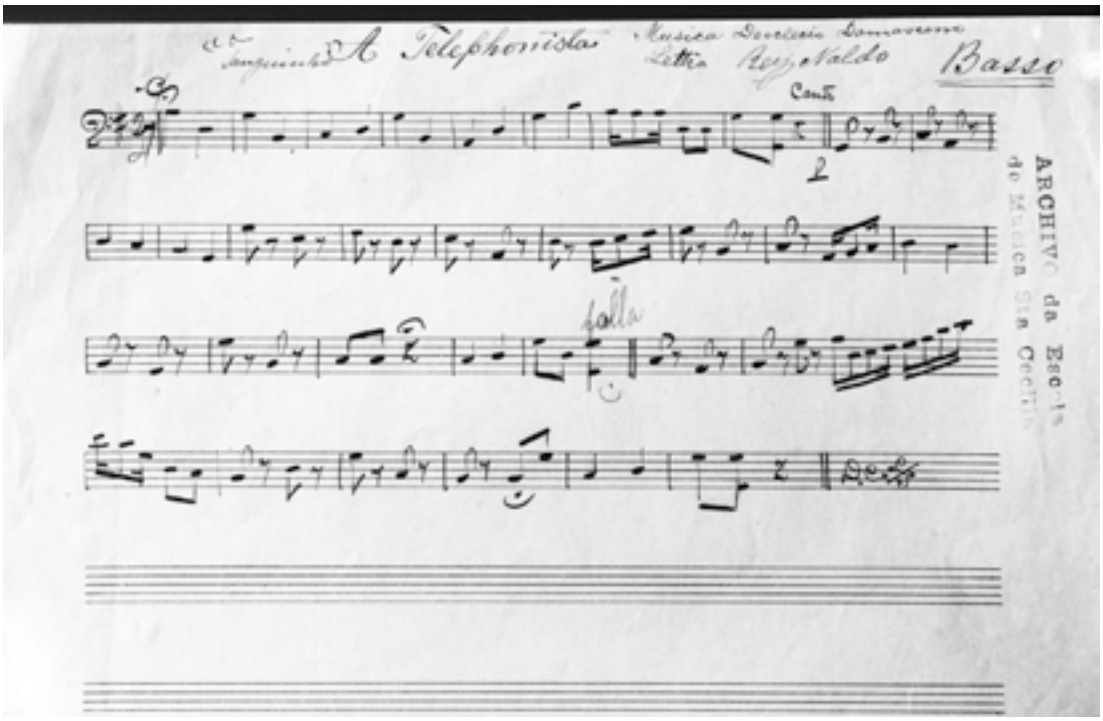

A Telephonista
Musica Deoclecio Damasceno
Letra Ney Naldo
Piston
B
Folla
ARCHIVO da Escola
de Musica Sta Cecilia

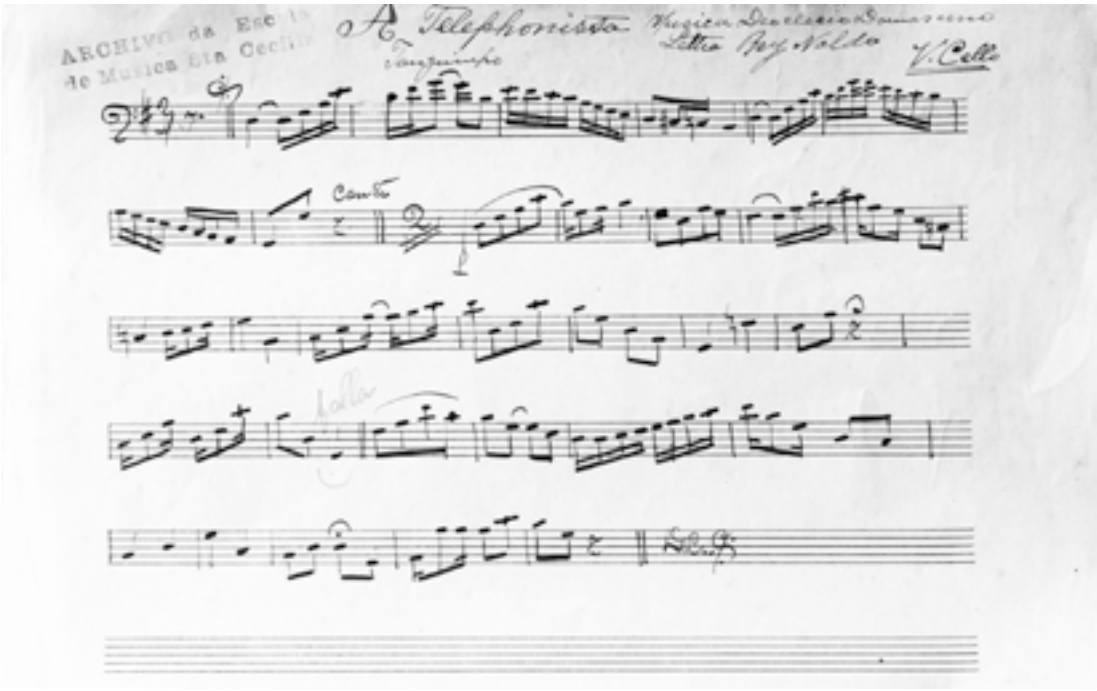

A Telephonista
Clarinete
ARCHIVO da Escola
de Musica Sta Cecilia


A Telephonista
Flauto
ARCHIVO da Esc. I.
de Musica Sta Cecilia


A Telephonista
Musica
Lettra
ARCHIVO da Escola
de Musica Sta Cecilia


A Telephonista
Musica
Canto


A Telephonista
Basso
Canto
falla
ARCHIVO da Escola
de Musica Sta Cecilia


ARCHIVO da Esc
de Musica Sta Cecilia
A Telephonista
V. Cello
Canto

POSFÁCIO

É importante reforçar que a escrita sobre a história do maestro Deoclécio Damasceno de Freitas é um projeto de vida idealizado por Lilian Regina Marcilio Nogueira, neta do maestro. Portanto, sem a potência de vida da Tia Lili, como a chamamos carinhosamente, a memória de um grande nome da música clássica brasileira estaria esquecida e perdida nos arquivos empoeirados da Escola de Música Santa Cecília. Materializar este livro é, também, reverenciar a vida desta mulher, que, ainda hoje, continua atuando como criadora do Espaço Cultural Comunitário Maestro Deoclécio Damasceno de Freitas, no bairro Vila Rica, localizado na periferia de Petrópolis, e compartilhando, por meio da oralidade, a memória de seu avô.

Para tanto, esta obra se apresenta como um enfrentamento ao esquecimento, sobretudo das memórias que foram sistematicamente invisibilizadas e apagadas pelos processos de colonização e das políticas de branqueamento do Brasil. Como aponta Sueli Carneiro (2005), o epistemicídio constitui mais uma política de extermínio do colonialismo e traz, em sua essência, essa perda de memória que corrói os saberes até seu esvaziamento de significado, destruindo conhecimentos e culturas não assimilados pela visão ocidental. Tal apagamento se torna ainda mais evidente quando consideramos o contexto histórico de Petrópolis, que, até a queda do império, foi uma extensão das dinâmicas políticas e sociais da corte. Essa condição consolidou narrativas excludentes, racistas e eurocêntricas, nas quais a potência e atuação de pessoas negras e indígenas foram silenciadas.

Ao tensionar e propor uma nova narrativa sobre a história do maestro Deoclécio, é possível estabelecer diálogos com os marcos legais e educacionais que, nas últimas décadas, tornaram obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena, a partir da Lei nº 10.639/2003 e Lei nº 11.645/2008. Essas legislações reforçam a necessidade de práticas pedagógicas alinhadas a uma educação mais inclusiva e representativa, que apresente aos estudantes pessoas, grupos, culturas, filosofias, arte, literatura e música, entre outros elementos historicamente apagados na história da cultura brasileira, como é, inclusive, o caso de Deoclécio. Dessa forma, essas leis deslocam o eixo de uma educação normativa, pautada em uma visão eurocêntrica, ao exigirem a revisão das relações étnico-raciais

e das múltiplas formas de ensinar e aprender. Em consonância com esse marco, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Brasil, 2004a), desdobradas no Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana (Brasil, 2009), convocam instituições e educadores a repensarem suas narrativas no processo de ensino-aprendizagem.

Esta publicação está inserida no âmbito das políticas públicas de fomento à cultura e foi contemplada pelo Edital de Chamada Pública nº 02/2025 - Literatura do Rio ao RJ, com apoio do Governo do Estado do Rio de Janeiro, por meio da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro. Esse apoio reafirma o papel da Literatura como espaço de reconstrução da memória e criação de novas narrativas.

Assim, o livro Deoclécio Damasceno de Freitas: um maestro negro na cidade imperial reescreve a memória desse grande músico, propondo uma leitura crítica acerca da pluraridade da cultura brasileira e, sobretudo, questionando: que mundos são possíveis quando essas vozes voltam a ocupar o centro da cena?

Barbara Iung
Editora

LISTA DE IMAGENS

Deoclécio e a banda do Cinema Rio Branco 16
Notícia da prisão de Deoclécio 27
Notícia da prisão de Deoclécio 28
Notícia do julgamento de Deoclécio 29
Notícia da soltura de Deoclécio 30
Notícias de “As segadeiras e as respigadeiras” no evento da Sociedade Petropolitana de Ciências e Letras 37
Notícia da reunião para reestruturação da E.M. Santa Cecília 37
Primeira página do estatuto da E. M. Santa Cecília 38
Nota sobre o concurso de melhor Jazz Band 45
Notícia sobre o baile de aniversário do Club Petrópolis 48
Notícia sobre o baile de Réveillon do Club Petrópolis 53
Notícia sobre o baile de Réveillon do Club Petrópolis 54
Primeiro anúncio do concurso de melhor Jazz Band 55
Último anúncio do concurso de melhor Jazz Band 56
JAZZ RIO-PETRÓPOLIS 57
Notícia da Orquestra Paulo Carneiro 59
Notícia da Orquestra Paulo Carneiro 60
Nota sobre o nascimento de Délio Luiz 64
Nota sobre a licença médica de Deoclécio 66
Notícia sobre a morte de Deoclécio 69
Notícia de capa sobre a morte de Deoclécio 70
Homenagem à Deoclécio 71
Notícia sobre a morte de Deoclécio 72
Retrato restaurado de Deoclécio 74
Deoclécio com os estudantes 75
Professores da E.M. Santa Cecília 75
Foto de família 86

Parte da renda obtida com a comercialização deste livro será destinada ao Espaço Cultural Comunitário Maestro Deoclécio Damasceno de Freitas, fortalecendo iniciativas de preservação da memória cultural da cidade de Petrópolis - RJ.

O audiolivro e as partituras desta publicação encontram-se disponíveis:

https://www.rocioproducoes.com.br/maestro-deoclecio

producoesrocio@gmail.com

Impresso na Editora Vozes, 2026.

Miolo em papel Offset 90 g/m² LD.
Capa em Cartão Supremo (C1S) 250 g/m² LD